



FABIO ALEX

A CASA DAS FERAS

Fabio
Alex
2014



A CASA DAS FERAS

As Crônicas Licantrópicas

FABIO ALEX

A **CASA** DAS
FERAS

Todos os direitos reservados
Identifier 2004263783814
Entry date Apr 26, 2020 4:01 PM UTC

O conteúdo deste livro não pode ser reproduzido, copiado, gravado ou transmitido em meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos sem a referida citação e permissão do autor.

fabioalexworld@hotmail.com

Para todos os meus leitores

*E principalmente para Eloá, Leon,
Eduardo, Pedro e Jack*

*“Ainda há pouco, era apenas uma estrela
Uma imensa tocha antes do mergulho
Agora vem à tona
Sua ira é intensa
E você deseja saber se há algo
Que possa acalmá-lo outra vez*

*Os pássaros
A lua cheia e todo o céu leitoso
E todas as formas da natureza
Mostravam a grandeza do mundo
Em lágrimas”*

ZÉ RAMALHO – FORÇA VERDE

Sumário

PRÓLOGO: *Renascimento*

PARTE I: APRENDIZADO NA CASA DAS FERAS

1 - *Violeta é a Cor Mais Bela*

2 - *Deixe a Fera Livre*

3 - *Surpresas*

4 - *Conversa Noturna*

5 - *Aquela Que Espera Na Luz*

6 - *Covil de Vira-Latas*

7 - *Casarão em Luto*

8 - *A História de Flávio e a Bruxa Vermelha*

9 - *Os Andarilhos da Lua*

10 - *Casos de Família*

11 - *Preparativos*

12 - *Um Banquete de Maldade*

13 - *São João das Feras*

PARTE II: NOITE ADENTRO

14 - *Muito São os Seres Que Vagam Na Noite*

15 - *Lilith Masion*

16 - *Os Filhos do Rio*

17 - *Em Meio a Disputa de Monstros*

18 - *Irmãos Ficam Juntos*

19 - *Fatalidades*

20 - *Um Ato de Misericórdia*

PARTE III: CHAMAS DE PAIXÃO E VINGANÇA

21 - *Adeus, Velho Amigo*

22 - *Um Castigo Justo*

[23 - Questões do Passado](#)

[24 - Dançando ao Luar](#)

[25 - Paixões Trágicas](#)

[26 - Aquela Que Comanda As Chamas](#)

[27 - Um Coração Ferido e Rodeado Por Chamas](#)

[28 - A Fera Que Nasce das Cinzas](#)

[29 - A Noite dos Encantados](#)

PRÓLOGO

Renascimento

A febre era tanta que seu corpo inteiro tremia e suava.

Sua visão começava a embaçar, e tudo que via a sua volta ganhava um tom estranho de vermelho. Natâniel disse-lhe algo, mas era impossível escutá-lo com aquela pressão em seus ouvidos, como um apito agudo e ininterrupto que lhe furava o cérebro. Foi então que suas pernas finalmente perderam o pouco das forças que restavam e seu corpo caiu para a frente.

— Natã, leve-o para a mata. Roberto, vá com ele — ordenou a imponente voz de Flávio, caminhando apressado pelo gramado, enquanto os outros dois carregavam o febril corpo de André em direção às árvores.

— O que está acontecendo? — uma mulher perguntou, calma, sem expressão alguma em seu belo rosto. Ao seu lado havia uma criança.

— O garoto vai se transformar. Bianca, pegue a leitoa grande e leve-a até o bosque, e, por favor, tente ser discreta ao máximo, o Casarão está cheio de hóspedes.

— Pode deixar, o bicho não vai ousar dar um guincho sequer sob as minhas mãos — Bianca respondeu, ao mesmo tempo em que mandava que a silenciosa filha voltasse para seu quarto e ficasse lá.

Já André delirava enquanto era carregado, mas sem o medo de antes, confiando que, independente do que acontecesse dali em diante, ele estava em boas mãos, e inicialmente deixou-se se perder no efeito do jogo de luz da lua cheia, que escapava por entre as folhas e galhos, piscando ludicamente em seu rosto. E quando enxergava o céu, esse parecia girar e cintilar com estrelas feitas de diamantes.

O cheiro das plantas, da terra, das árvores, tudo o deliciava, e ele sorriu, sentindo os braços possantes o carregando sem dificuldade. Mas, quando finalmente foi posto com cuidado no chão do bosque, aquela paz subitamente desapareceu, lhe trazendo de volta o pânico.

— André, olhe para mim — Natâniel implorava, os olhos cheios d'água. — Respire fundo, meu amor.

Respirar? Ele não conseguia mais respirar direito, pois só o ato de puxar o ar para seus pulmões causava-lhe uma dor terrível, e infelizmente aquilo era só o começo do processo – de algum modo sabia disso. Sua pele inteira fervia e

formigava, seus ossos estalavam e se alongavam, os músculos sendo dolorosamente esticados, rompendo-se e curando-se ao mesmo tempo. Os sons tornavam-se enlouquecedores de tão altos e os cheiros eram tão fortes que ele sentia vontade de vomitar, e foi isso mesmo o que fez, mas o que jorrou de sua boca foi um bocado de sangue espesso. Seus berros de dor eram ferozes e o medo dava lugar a um ódio descomunal. André queria matar.

Sim, matar, sentir o gosto de outro sangue que não fosse o seu próprio.

— Me ajude a segurá-lo, Roberto! — Natã gritava.

— Nessa forma não daremos conta...

Antes que Roberto terminasse sua frase, André já havia empurrado Natãniel com toda força, fazendo-o rolar entre as folhas secas. E já não era mais o magro e esguio garoto de antes, e sim uma fera grande e poderosa, de pelos castanhos, presas afiadas, garras perigosas e olhos brilhantes amarelados.

A criatura uivou; um som que fez com que todas as criaturas próximas fugissem para seus esconderijos, menos os dois outros homens, claro, que em questão de segundos se transformaram em bestas tão assustadoras quanto, monstros ainda mais altos e de estrutura mais possante.

André não raciocinava mais, não se lembrava mais de si mesmo e nem quem eram aqueles outros. André era apenas uma fera arisca, acuada, salivando de raiva por estar sendo dominado por aqueles dois, arranhando e mordendo quando tinha oportunidade. Ele queria ferir a ambos, lhes estraçalhar os ventres, devorar o sangue e a carne deles! Mas os desgraçados eram tão fortes...

E eis que então Flávio chegou no local. Mais um monstro enorme de pelos escuros, o mais imponente de todos, com luminosos olhos verdes, ordenando que Roberto e Natãniel soltassem o novato e recuassem.

André no instante se colocou de pé, rosnando para seu inimigo novo, demonstrando que não o temia, e nisso avançou para o ataque, mas foi golpeado com tanta força que foi jogado contra o tronco de uma árvore. Mesmo assim voltou a se levantar, desafiador, ainda mais cheio de ódio que antes. E foi então que o líder gritou.

O som foi tão alto, tão atormentador, que André tropeçou, sentindo que a coragem o abandonava. Ele estava paralisado, de joelhos, subjugado pelo brilho dos enormes olhos verdes que o encaravam de cima. Mas foi então que outra coisa lhe chamou a atenção: outra criatura por perto, não como eles, outra coisa, e o cheiro machucava de tão delicioso. Ele precisava saborear aquela presa, ele iria morrer se não tomasse aquele sangue. Mas como sair? Como fazer qualquer coisa quando se estava sendo avaliado por aqueles terríveis olhos verdes?

O líder enfim rosnou baixinho. Aquilo era um consentimento?

A fera jovem enfim se mexeu, saindo de olhos baixos, e logo ganhou velocidade em direção à presa. E como era delicioso correr sobre as quatro patas, fazendo com que terra e folhas subissem no ar, sentindo o vento no focinho, e finalmente a visão da presa. A grande leitoa, a dona daquele cheiro, o som de seu coração acelerando ao saber que estava sendo caçada, a velocidade com que seus cascos dispararam em fuga.

Não demorou a alcançá-la, saltando sobre aquela massa volumosa e mordendo o forte pescoço roliço enquanto ela se debatia e guinchava alto. Era uma presa majestosa, digna de respeito, e ele não a desapontaria. O sangue jorrou delicioso na garganta de André e parecia não ter fim, e com as garras ele rasgou o ventre dela, devorando os órgãos, e tudo era delicioso, adrenalina passeando por cada célula de seu corpo. Até as árvores em volta pareciam participar, saldando o eterno ritual de vida e morte, a natureza cantando a junção de todos aqueles pequenos e grandes elementos, e as estrelas e a majestosa lua cheia louvando a união de todas as coisas belas e cruéis.

PARTE I

APRENDIZADO NA CASA DAS FERAS

*“Hoje quero sentir-me, quando deitar-me nas pedras
Como um lagarto que dorme na incoerência das eras
Sentar-me-ei entre feras e sentirei no seu hálito
A solução das esperas e um sofrimento esquálido”
(Zé Ramalho – Filhos do Câncer)*

Violeta é a Cor Mais Bela

Acordou cedo, com uma disposição incomum e gloriosa, tão grande quanto o seu apetite. Já havia comido consideravelmente no café da manhã feito com tanto carinho pelas apaixonantes senhorinhas Ana e Dolores, mas mesmo assim, André ainda se empenhava em devorar um gostoso pacote de biscoitos de aveia com pedacinhos de amêndoas e chocolate, sentado num banco de madeira no gramado da frente, contemplando, como que pela primeira vez, todos os belos detalhes daquela casa de tirar o fôlego.

Em pensar que agora André poderia morar nesse lugar de sonho. Não que isso já estivesse decidido, e o medo de ser rejeitado pelos outros o devorava por dentro, mas era sempre bom manter o pensamento positivo.

Deus! Olhe para esse lugar! Ele tinha que ser aceito!

As palavras do livro de Natâniel lhe vieram à mente, enquanto observava a casa com paixão: *Era uma construção majestosa, de dois andares, com varandas em cima e em baixo, naquele estilo dos casarões coloniais de antigas fazendas do século XIX. Grossos pilares brancos sustentavam as varandas, com suas mesas e cadeiras de vime. O sentido do nome vinha do violeta claríssimo nas paredes, no violeta chamativo das grades de proteção das varandas, e do jardim que cercava a casa, contendo flores exuberantes.*

Por sinal, precisava devolver o tal livro. Um manuscrito ainda em folhas soltas que Natâniel havia acabado de escrever, como uma forma de desabafo e exorcismo dos próprios demônios. Um documento destinado a ser lido apenas por membros da alcateia, e que havia sido devorado por André nos últimos dias. Mas haveria tempo para fazer isso, para devolver o livro e fazer perguntas, pois agora havia muito mais tempo para tudo, não era mesmo? Isso, pense positivo!

Amassou a embalagem vazia dos biscoitos e arremessou certo numa lata de lixo próxima, relaxou o corpo no banco ainda mais e voltou para a sua contemplação. Depois de ter passado três noites perdendo os sentidos, intercalando com dias de sonolência e mal-estar, finalmente se sentia ele mesmo e melhor do que nunca.

Muito melhor do que nunca, na verdade!

Não eram só os seus sentidos que estavam espantosamente apurados. Seu corpo estava mais rígido e flexível, como se tivesse passado horas intensas na

academia, mas sem o cansaço que isso teria decorrido. Estava musculoso e delineado, não como Natâniel e os outros, que eram enormes, pois André ainda matinha sua natural forma esguia. Mas, comparado ao corpo magricela e com pequenos, mas irritantes, culotes acumuladores de McDonald's que possuía antes, a mudança era de se admirar.

Deslizou as mãos pelos braços e por dentro da camiseta regata, apalpando os músculos do peito e os gomos do abdômen, como se só assim pudesse confirmar o que seus olhos já tinham visto, sentindo com isso uma ligeira excitação entre as pernas.

Mas que coisa idiota! Estava se comportando como um adolescente abobalhado! Respire fundo e volte a admirar o Casarão.

Ah, como amava casas antigas. Veja como aquela era tão poderosa.

Acreditava que casas antigas como aquela possuem personalidades próprias, alimentadas dia à dia por seus moradores e acontecimentos diversos. E tantas coisas aconteceram naquela ali, coisas terríveis e maravilhosas. Juras de amor já haviam sido declaradas sob aquele teto, assim como maldições, e sangue, muito sangue, já mancharam aquelas paredes. O tempo seguiu seu curso, pessoas foram engolidas por ele e outras trazidas para nunca mais partir, a própria função da casa mudou mais de duas vezes, e ainda assim o Casarão Violeta permaneceu de pé, lindo, imponente e misterioso, moradia de vivos e mortos, *e de algo mais*.

Agora era uma espécie de pousada, com suporte para um público pequeno, atraídos pelo romantismo do cenário rural ou pelas curiosas histórias de fantasmas, onde muitas eram invencionices dos próprios hóspedes ávidos por visões do outro mundo.

André teve um súbito arrepio ao se lembrar da vez em que ele mesmo havia sido assombrado naquela casa, da ilusão de chammas espectrais que surgiram do nada e dominaram o quarto em que dormia. Mas no fundo não sabia mais dizer se estava acordado na hora ou se tudo não havia passado de um pesadelo.

De todo modo, tanto faz, o medo havia sido real. Entrementes, nem isso, e nem os perigos pelo qual havia passado há seis meses atrás neste cenário, haviam lhe diminuído a paixão que sentia agora.

Sua vontade era correr para o quarto em que estava hospedado, se debruçar sobre o computador que Natã lhe emprestou e escrever sobre tudo aquilo, sobre como amava aquele lugar, e sobre como o mundo lhe era agora tão diferente, deliciosamente novo e cheio de possibilidades. Chegou até mesmo a se pôr de pé e correr em direção à varanda, cumprimentando a bela Letícia (que particularmente lhe parecia ainda mais deslumbrante naquela manhã, usando um romântico vestidinho branco de verão, com delicados detalhes em renda, que evidenciavam a

pele escura dos esguios braços e pernas, e aquele estiloso cabelo crespo cortado bem baixinho e recém tingido de vermelho).

— Bom dia — ela respondeu, mais por educação do que por prazer, e seus olhos castanhos escuros se estreitaram com desconfiança, antes dela seguir para o que quer que tivesse que fazer.

André se lembrou de mais passagens do livro de Natã, umas que diziam como as moradoras sobreviventes do Casarão Violeta se comportavam como se tivessem feito um pacto de silêncio entre si, fingindo não perceber como eram estranhos aqueles novos moradores que vieram para lá junto com Natâniel. Mas é claro que André não acreditava que as coisas eram tão simples assim. Quem lê a biografia de Natâniel não vai demorar a perceber que aquele melancólico lobisomem tem a mania de tapar o sol com a peneira e achar que está tudo bem, até que tudo inevitavelmente desanda.

André não a conhecia o suficiente para ter alguma opinião melhor embasada, mas era fácil notar que, diferente das alegres senhorinhas que quase nunca saiam da cozinha e que se contentavam com qualquer gesto, desde que este viesse com ternura, aquela Letícia não era tão inocente quanto fingia aparentar. E junto de Madame Valquíria, a grande matriarca daquela curiosa família, talvez soubesse muito mais do que aparentava, sobre aqueles homens que secretamente se transformavam em feras saídas de livros de horror.

Isso tudo só o deixava ainda mais interessado naquele lugar e em seus habitantes. Tinha que escrever sobre o que pensava de todas essas coisas, e podia até mesmo sentir as frases se formando em sua cabeça, além de estar curioso para saber se sua capacidade como escritor tinha sido modificada por aquele seu novo estado.

Será que sua inspiração e escrita teriam o mesmo vigor que sentia explodir por todos os músculos de seu corpo? Tinha que experimentar! Mas antes mesmo de passar pelas portas brancas e duplas da entrada do salão principal, uma voz ecoou em sua mente.

André, venha até o escritório. Estamos esperando por você.

Sim, a voz não havia chegado por meio de sua nova e potente audição, e sim falava dentro de seus pensamentos.

Sacudiu a cabeça, pois ainda precisava se acostumar com aquilo, assim como precisava se acostumar a muitas outras coisas. Era a voz do velho David Grenier, o telepata e braço direito de Flávio Valverde, e foi então que seus pensamentos positivos caíram por terra: Nada estava certo ainda! O seu destino naquela nova vida estava sendo decidido naquele exato momento por todos aqueles lobisomens mais velhos.

Voltou correndo para dentro do Casarão, tão nervoso que tremia, parando rapidamente diante dos espelhos do salão para arrumar o topete do cabelo com as pontas dos dedos.

Encarou a figura esguia de si mesmo e tentou sorrir para afastar o nervosismo. Era um rapaz considerado bonito por muitos, de olhos caramelados e sobrancelhas escuras muito retas, que lhe davam um ar concentrado e inteligente, ou carrancudo quando muito pensativo. O único detalhe estranho na cena talvez fossem os óculos de armação grossa e sem lentes que ele ainda insistia em usar. Pois nos últimos três dias seu problema de miopia havia sido curado milagrosamente, mas André era tão acostumado e gostava tanto daqueles óculos que resolveu lhe arrancar as lentes e continuar usando a armação azul vazia.

Próximo ao espelho, se deparou mais uma vez com outra imagem sua. Na verdade, uma imagem do que ele teria sido. A foto de Isabella. A moça que havia sido o primeiro grande amor de Natãniel e que há mais de vinte e quatro anos havia morrido naquela casa, pelas garras de seu próprio amante.

Ah, como odiava quando Natã teimava em dizer que André era a reencarnação de Isabella. Como o angustiava pensar que o outro o amava apenas por esse motivo; como se só a personagem de Isabella importasse, e não o André sendo apenas André. Mas será que era realmente a reencarnação de uma prostituta trágica?

Se pensasse bem, havia nascido quase um mês depois da morte dela, e além disso havia os sonhos que tinha desde criança, que segundo Natã eram lembranças de Isabella.

Mas que importância tinha isso agora? Isabella era só mais uma vida passada, assim como a vida humana que estava deixando para trás. E ele era apenas André, um lobisomem.

André, se apresse, por favor. David voltou a chama-lo, e dando um último suspiro para o quadro, o jovem subiu as escadas correndo até alcançar a porta do grande escritório, onde parou, respirou fundo e bateu duas vezes antes de entrar.

Seu estômago deu um nó ao entrar no ambiente. Ele já havia estado naquele espaçoso escritório antes, mas naquele momento o cômodo parecia menor e apertado, devido ao número de pessoas que o observavam com seriedade, sentados em sofás e poltronas antigos e luxuosos, assim como eram quase todos os móveis do Casarão.

Toda a alcateia Valverde estava lá, e com exceção do telepata David Grenier, com aquele rosto idoso e sempre simpático, os outros eram todos intimidadores.

Todos lobisomens! Os novos sentidos de André reafirmavam essa percepção que já não lhe era novidade alguma. Só que agora ele conseguia sentir um cheiro

bem específico presente em todos eles, e que André não conseguiria pôr em palavras. Fora aqueles olhos que o desconcertavam. Olhos que transmitiam um misto de selvageria e sofisticação.

Olhou para cada um deles de volta, em forma de respeito. Primeiro para o alfa, Flávio, em seu terno preto de corte impecável, cabelo preto penteado de modo social, barba aparada e lindos olhos verdes. Os olhos mais intimidadores de todos, os olhos de um líder.

Ao lado esquerdo dele estavam os irmãos Ricardo e Roberto, sentados no sofá. Eram tão parecidos que poderiam até se passar por gêmeos, com seus castanhos cabelos cacheados, assim como os olhos, e o rosto liso. Mas Ricardo era mais jovial, sustentando um sorrisinho sarcástico, como se lhe fosse impossível manter a seriedade por muito tempo, enquanto Roberto era tão rígido e sério que chegava a assustar.

Tão sério quanto era Bianca, a única mulher na sala. Aquela sim o assustava. Uma loira alta, de cabelo liso penteados para trás, usando um formal *tailleur* preto. O rosto branco inexpressivo assim como seus olhos azuis acinzentados. Sentada com as pernas e braços cruzados, ao lado do marido Daniel, que era o mais alto e musculoso do grupo, com olhos negros e uma pele ainda mais escura. Esses dois eram o que André menos havia tido contato, e isso o deixou ainda mais tímido naquela situação.

Do lado direito do líder estava David, o idoso de cabelos prateados, olhos azuis e terno branco. Um perfeito cavalheiro à moda antiga, e toda aquela elegância e olhar afetuoso poderia ter deixado André mais tranquilo, se não fosse o fato de saber que David seria capaz de ler tudo o que se passava em sua mente. Não que pretendesse mentir, mas temia pensar em algo indevido que pudesse ser mal compreendido.

— Apenas relaxe, meu rapaz — David sorriu, pedindo para que André se acomodasse em uma cadeira acolchoada que estava mais afastada e de frente para todos eles. E foi isso o que André fez, após olhar para o último membro da alcateia que faltava, o mais importante de todos em seu coração: Natãniel.

O seu Natã, o olhando ainda com mais intensidade que os outros, e a preocupação se tornava evidente em seu rosto quadrado, como se a qualquer momento ele fosse quebrar a solenidade presente e se levantar para abraçá-lo. E como era lindo! Todos eram na verdade, mas Natã o atraía de um modo especial; aquele homem grande, de olhos castanhos e cabelo curto e preto, assim como a barba cheia e bem cuidada. Aquele homem que o amava de uma tal forma que chegava a transbordar no próprio cheiro dele, como um perfume envolvente.

— Bom dia a todos — André disse, a voz quase um sussurro, ainda olhando para seu amado.

— Bom dia, André — Flávio tomou a palavra. — Como você bem sabe, as três primeiras noites de lua cheia já se passaram e sua transformação está completa. Você agora é um lobisomem como nós e precisará decidir o que fará consigo mesmo de hoje em diante.

André engoliu em seco, tentando esconder as mãos que tremiam entre as coxas e os braços da cadeira, enquanto esperava que o alfa continuasse.

— Já faz uma hora que estamos repassando tudo o que aconteceu nos últimos meses com relação a você, Flora e nossa própria alcateia. O chamamos aqui agora porque precisaremos te ouvir. Queremos que nos fale sobre você, sobre sua vida recente, e principalmente sobre o que aconteceu desde que você saiu desta casa pela última vez, voltando de repente seis meses depois com a fera dentro de si. Você disse que Flora foi a responsável, pois então nos conte como foi. Todo detalhe é importante. Só assim poderemos aceitá-lo ou não no meio de nós e decidirmos como poderemos melhor auxiliá-lo independente de qual seja a decisão que tomemos.

— Quase uma entrevista de emprego — André brincou, forçando um sorriso, numa tentativa tola de amenizar o clima, o que não funcionou.

— Que decidirá a sua vida — provocou Ricardo, claramente se divertindo com o nervosismo do novato.

— Somos todos ouvidos, rapaz. Comece — Flávio praticamente ordenou.

André respirou fundo, sentindo a garganta apertar. Se forçou a repensar tudo em sua mente, colocar todos os eventos em uma ordem que lhe parecesse aceitável, mas seus próprios pensamentos pareciam brigar entre si. Pensar em sua vida antes daquilo tudo, e em todos os personagens comuns que faziam parte dela, lhe despertavam emoções que ele buscou evitar desde que havia chegado.

Antigamente, quando a possibilidade de receber o Dom da Fera era apenas um sonho distante, a trivialidade de sua vida comum não lhe parecia ter muito peso em suas decisões. Parecia ser fácil largar tudo, deixar todos aqueles que conhecia para trás e simplesmente não se importar. Agora não tinha tanta certeza, e recapitular essa vida lhe trazia uma espécie de presságio ruim, como se pensar nessas coisas pudesse atrair eventos que destruiriam toda a beleza que o envolvia atualmente.

— Certo... bem, não sei direito como começar... — fez uma pausa, coçando a lateral da cabeça. — Eu... eu conheço Flora menos do que vocês, talvez. O que eu sei é aquilo que li no livro do Natâniel. Antes disso o que eu conhecia era uma mentira, uma personagem.

Ele fez mais uma pausa nervosa, tentando controlar a própria voz.

— Como vocês bem sabem, eu tive um romance com Natâniel durante um bom tempo, mas que não deu certo. Seja devido a nossas brigas ou a crença dele de eu ser a reencarnação de Isabella, ou devido a minha insistência em ser

transformado em um de vocês... ou pelo silêncio dele com relação a esse “mundo da Noite”, como vocês chamam. Tudo o que ele escreveu naquele livro aconteceu. E quando nós terminamos, eu fiz um esforço considerável para voltar a minha vida normal.

“Foi um esforço tremendo, como podem imaginar. Afinal, por mais que Natâniel me mantivesse ignorante a esse mundo de vocês, eu tinha visto coisas que outras pessoas vivem uma vida inteira sem nunca ter conhecimento. Eu namorava um lobisomem, caramba! Uma criatura fantástica e cheia de poderes e habilidades, algo que me fazia crer que milagres eram reais.

Pois, se algo assim podia existir, o que mais não podia?

Voltar a uma vida comum, era voltar a um mundo sem graça, onde nada fazia sentido. Eu caí numa depressão profunda. Teve dias que eu simplesmente não conseguia me levantar da cama. Eu só queria dormir e sonhar que eu tinha aquele mundo de milagres de novo a minha disposição, apenas para acordar e dar de cara com a realidade sem graça, e isso poderia ter sido minha perdição.

Minha família não sabia lidar com isso, e meu melhor amigo, por mais que tentasse, não conseguia compreender o que se passava comigo. Afinal, e espero que isso seja uma prova da minha fidelidade a vocês, eu nunca contei a ele sobre quem realmente era Natâniel. E acho que ele não acreditaria também, mesmo que se esforçasse para tal. Mas felizmente foi o meu lado escritor que me salvou.

Escrever sempre foi a minha salvação.

Escrever, desenhar, criar algo. Dar sentido a todos os pensamentos e imagens malucas que se amontoam em minha cabeça inquieta. Dar sentido àqueles sonhos terríveis que eu tinha com lobisomens. Dar sentido ao amor que eu sentia por Natâniel, e a dor que me devastou quando ele me *abandonou*.”

André se arrependeu de ter usado a palavra “abandonou”, ao ver como os olhos de Natã se fecharam, constrangidos, mas já era tarde demais.

— Dar sentido a minha própria condição humana comum, que eu enxergava como algo limitado e frágil — ele continuou. — Eu não tinha a força de vocês, a imunidade às doenças que vocês possuem, a longevidade. Eu me via à mercê da morte. E o pior não é a morte, mas a vida insignificante que a precedia.

“Mas enfim, não acredito que é do interesse de vocês que eu me demore mais descrevendo essa época, e nem é algo que gosto de fazer...

Oh, me desculpem, eu estou tentando me situar... Bem, é isso, felizmente a arte me salvou, como sempre havia salvado, e eu me reergui; voltei a estudar e entrei na faculdade de artes, voltei a correr atrás de maneiras de publicar minhas histórias assim como todo escritor sofredor nesse país. Conheci Renan e começamos a namorar. Não era o mesmo amor que eu sentia por Natã, não, não

chegava nem perto... mas ele foi bom para mim, se tornou mais um pilar que sustentava a minha vida. Nós até passamos a morar juntos.

Por sinal, o que aconteceu com o carro dele? Eu praticamente roubei o carro do Renan para vir para cá!”

— Não se preocupe. Nós já o devolvemos — Daniel respondeu.

— E até mandamos concertar aquele amassado, viu? — Ricardo disse em tom de deboche.

— Continue, André — Flávio ordenou.

O jovem escritor riu agradecido, tentando não pensar em Renan e no que ele estaria pensando de seu sumiço, e voltou a seu relato:

— E foi então que eu escrevi aquele livro que me colocaria numa tremenda confusão com aqueles malditos vampiros, e me faria conhecer o resto de vocês. O livro em que eu contava toda a minha história com Natâniel, mas mudando nomes e essas coisas... transformando tudo em pura ficção.

“No começo, eu não tinha uma editora, e lancei tudo de modo alternativo e digitalmente, me sentindo feliz com os poucos leitores que eu acumulava por meio das redes sociais. Até que Flora entrou na minha vida. Ou melhor: até que *Clarissa* (o nome fictício que ela usava) leu meu livro digital e decidiu apostar em mim.

Nunca que eu poderia imaginar que Clarissa era um lobisomem, muito menos que era a criadora de Natâniel, e que só estava me usando para um dos seus planos caprichosos e imprevisíveis. E confesso que, apensar de tudo, devo agradecer o que ela fez por mim. Ela me agenciou, gastou do próprio dinheiro para conseguir que editoras conhecessem e dessem uma chance a minha obra. E eu não sei como ela fez, que pauzinhos ela mexeu, mas em menos de um ano o meu livro já estava sendo lançado e ganhando um público considerável.

Meu Deus, e meus leitores? O que vai ser da minha carreira?”

— Foco na história, garoto — disse Bianca, claramente entediada.

— Certo... teve o lançamento do livro, justamente no mesmo dia que reencontrei Natã depois de quatro anos, e também quando aqueles vampiros começaram a me caçar. Tudo isso de uma vez! Um pandemônio só! E depois disso vocês sabem o que aconteceu: Os vampiros me caçavam com a desculpa de que meu livro era uma ameaça ao sigilo do mundo da Noite, quando na verdade era por outros motivos ligados à Flora que eles queriam a minha cabeça. Eu mesmo só entendi esse rolo todo depois que li o livro do Natã.

“Enfim, eu fui trazido para me refugiar aqui no Casarão e ocorreu toda aquela confusão, com aquela galera sendo morta e tal. E depois, quando tudo tinha aparentemente se resolvido, quando estava Natâniel e eu sozinhos neste lugar, Flora me raptou e me levou para o meio do bosque. Natã nos seguiu e teve aquela luta dramática com ela, apenas para no final Flora dizer que não queria me matar,

mas sim me dar aquilo que Natâniel nunca teria coragem de me dar: o Dom da Fera.

Não preciso explicar os sentimentos de Natâniel com relação a esse assunto aqui. Vocês o conhecem. E nisso eu fiquei entre abrir mão da tentação de me tornar um de vocês; um ser superior como acho que são, ou ferir os sentimentos desse homem que tanto me amava.”

E ao dizer isso olhou novamente para Natâniel e viu as lágrimas que se formaram nos olhos dele.

— Mas pelo que ficamos sabendo você negou — disse Flávio.

— Sim, eu neguei. Mas entendam, não foi uma decisão consciente, e confesso até mesmo que me arrependi de tê-la feito. O fato era que eu estava perturbado e cansado daquilo tudo. Cansado de ser um brinquedo tanto de um lado quanto do outro — olhou mais uma vez para Natã, antes de prosseguir. — De um lado tinha Natâniel me protegendo como sempre, sem saber se eu queria realmente ser protegido. Tomando as decisões por mim, me negando o conhecimento das coisas. Julgando saber o que se passava no meu coração. E eu sei que as intenções eram as melhores! Eu o amo por isso, mas aquilo também me irritava. E do outro lado tinha aquela *mulher-monstro* fazendo o mesmo, mas de um modo completamente agressivo e...

“Eu só podia me afastar daquilo tudo ou iria enlouquecer.

Então Flora foi embora, sumiu no mundo, mas aquela frase dela não saía da minha cabeça. A frase que dizia que a única maneira de Natã e eu ficarmos juntos era se eu fosse um lobisomem também, e eu sabia que ela estava certa, e Natã também sabia. Tanto que mais uma vez eu fui expulso desse mundo de vocês para o a trivialidade do meu. Voltei para meu namorado no Paranoá, decidido a escrever e colocar todas aquelas emoções e dores em um novo livro.

Por seis meses eu segui em frente. Por seis meses eu tentei me recuperar, em meio a saudade de Natã e desta casa. Seduzido pelos mistérios da Noite, que eu sabia que nem mesmo havia chegado a arranhar. Elaborando desculpas para explicar a minha súbita ausência para meu namorado, amigos e familiares. E temendo que a qualquer momento um vampiro aparecesse para me pegar.

E foi então que uma noite antes da lua cheia, a coisa toda aconteceu.

Eu estava sozinho em casa, pois Renan tinha ido visitar seus familiares que me odeiam e só voltaria no dia seguinte. Estava chovendo bastante em Brasília, o que acabou causando uma queda de energia.

Lá estava eu, lendo à luz de velas, enquanto tomava uma garrafa de café. Logo desisti do livro e me entreguei ao que eu buscava tentar evitar a todo custo: pensar em vocês.

Em minha mente eu me afundava nesse misto de sentimentos. Pois, não nego o horror, não nego o medo pelo que passei. Durante noites seguidas eu tive pesadelos que me faziam acordar apenas para continuar com medo, já que eu sabia que aqueles horrores eram reais. Eu sabia que monstros vagavam lá fora, e que se eles me quisessem, não teriam trancas ou portas que me protegeriam. Mas me era impossível, e ainda é, negar a maravilha que vocês são.

Podem rir, se quiserem. Podem me achar um tolo romântico, mas eu vejo beleza no que vocês são. Eu vejo milagre! Eu vejo criaturas poderosas, magníficas, e infinitamente superiores ao que eu sou... ao que eu era.

Esses eram os sentimentos conflitantes. Sentimentos que eu havia sentido desde que vi Natâniel se transformar pela primeira vez, ou quem sabe até antes disso. Sentimentos que sempre voltam para me assombrar, e cada vez maiores. Era como se lá fora, nas sombras daquela chuva torrencial, a Noite me chamasse.

Me lembro que eu estava lá, olhando pela janela e sentindo tudo isso. Meu apartamento é no segundo andar, e por isso eu conseguia ver a rua lá fora, por cima do muro. A chuva cintilando na escuridão quando os faróis dos carros passavam. Então um clarão de relâmpago iluminou o céu de repente, e nesses poucos segundos eu jurei ter visto uma silhueta humana agachada sobre o muro do condomínio.

Levei um susto, claro, mas pensei que era apenas uma ilusão de ótica, alimentada pelas minhas lembranças. O estrondo do trovão veio logo em seguida, e meu cachorro começou a latir feito um louco.

Fui até o quarto para acalmá-lo. Cães se estressam com barulhos altos, mas Saruman (sim, esse é o nome dele; um vira-lata de porte médio e pelo preto com partes acobreadas) é ainda mais medroso que o normal. Mas quando cheguei lá, tudo ficou estranhamente em silêncio, a vidraça da varanda estava aberta e a chuva entrava dentro do quarto, molhando o piso e sacudindo as cortinas. Senti um arrepio no mesmo instante, e por mais que meu consciente teimasse em dizer que poderia ter sido eu quem havia deixado a vidraça da varanda aberta, eu não conseguia parar de pensar naquelas cenas de filmes de terror, onde uma janela aberta significa que o assassino já está dentro da casa.

— Saru — eu chamei, pois não via o cachorro, mas ouvi um discreto ganido em resposta. O medo me envolvia, e eu virei o rosto lentamente para o outro lado do quarto, para o espaço escuro entre a cama e o guarda-roupa, onde alguém, ou *alguma coisa*, segurava o meu cachorro.

— Que bichinho mais simpático — a coisa disse, acariciando a cabeça do animal, e ele parecia estar gostando, mas a tranquilidade do cachorro não amenizou o meu medo.

Eu conhecia aquela voz. Conhecia a bela forma feminina atlética que se colocou de pé, com a pele negra e nua se camuflando nas sombras, onde apenas o brilho assustador dos olhos amarelos ganhava destaque, fazendo meu corpo inteiro paralisar. Eu sentia meu próprio coração retumbando em meus ouvidos.

— Olá, André — disse ela, dando um passo à frente.

Um relâmpago iluminou o ambiente, e como se isso tivesse devolvido os movimentos do meu corpo, disparei correndo para fora do quarto, mas antes mesmo que eu conseguisse voltar para a sala, Flora já havia me alcançado e me derrubado com um simples empurrão.

Caí de boca no chão e senti o gosto de sangue quando meus dentes feririam a parte interna de meus lábios. Dei um gemido de dor, tendo dificuldades de me levantar, principalmente quando o pé dela pressionou as minhas costas.

— Não tente dificultar as coisas, meu querido — disse ela, com aquele mesmo timbre de voz que eu já havia escutado antes em Natâniel; um animal predador que sabe usar palavras humanas.

O cachorro, percebendo minha situação, começou a latir para ela, mas com um único rosnado Flora fez o coitado correr de volta para o quarto. Nisso ela afrouxou um pouco a pressão do pé e eu consegui me levantar, na mesma hora agarrando um abajur próximo e acertando com toda força a cabeça da invasora. Mas Flora nem mesmo se mexeu, e me agarrou pelo braço e me lançou contra a estantes de livros como se eu fosse feito de espuma.

Bati as costas com tanta força que perdi o ar, sentindo uma fígada ainda maior na lombar, enquanto alguns livros despencavam sobre minha cabeça. A dor era tanta que eu não conseguia nem mesmo gritar. Meus instintos queriam que eu comesse a berrar por ajuda, que talvez um dos vizinhos pudesse me escutar, mas eu sabia que nada adiantaria. Eu era um simples humano, sozinho contra uma das feras mais poderosas que eu tive a oportunidade de ver em ação. Flora poderia me partir ao meio com um simples golpe.

— Flora... Flora, por favor... — eu clamava pateticamente, cuspiendo sangue. Talvez eu teria uma chance se eu clamasse pela racionalidade dela, ou pelos sentimentos que eu acreditava que ela ainda sentia por Natâniel. Sim, eu acreditava nisso. Afinal, ela não havia me oferecido o Dom da Fera justamente para que Natã e eu pudéssemos ficar juntos? Talvez ela só estivesse se sentindo ultrajada porque eu havia “negado” a oferta daquela vez.

— *Xiiiiiiiiii*. Vai ser rápido, meu pequeno. Não vai doer quase nada — disse ela, se ajoelhando ao meu lado e me puxando para seu colo.

— Flora... Não, Flora... por favor, não...

Senti seus seios fartos contra minha cabeça, os braços rígidos me envolvendo com força. Era quase maternal o modo no qual ela me prendia a si. Sua língua

passeou pelo sangue que escorria dos meus lábios, e depois sua boca se fechou na minha, num beijo de sangue.

— Tão doce — ela sussurrou, e seu rosto, sendo iluminado pela parca luz que vinha da janela, me pareceu tranquilo, até mesmo contemplativo. Aquele belo rosto de traços fortes, boca carnuda, cabelo crespo curtinho e penetrantes olhos amarelos. Mas então ela começou a se transformar. Senti seu corpo crescer em volta de mim, os músculos avolumando, os pelos grossos cobrindo tudo, e a face perdendo seus traços humanos para ganhar um focinho intimidador, com enormes presas brancas.

Consegui dar um berro finalmente, quando ela abocanhou meu ombro esquerdo. Sua pata de dedos longos cobriu minha boca para abafar o som, e seus dentes cravaram em meu braço, arrancando um naco considerável de carne. Eu chorava e tinha meus gritos sufocados tanto pelos dedos dela, quanto pela chuva e trovões do lado de fora. Então veio uma terceira mordida, dessa vez com delicadeza, em meu pescoço, e senti a pressão da bocarra dela sugando meu sangue com vigor.

Clamei mentalmente por ajuda, mas não chamei por nenhum deus, e sim por Natâniel, por Flávio, por qualquer um daqueles que haviam me salvado antes. De todo modo, eu sabia que estava perdido. Ninguém viria me ajudar. Eu começava a perder os meus sentidos enquanto o sangue se esvaia de meu corpo. A Noite finalmente tinha vindo cobrar o preço por eu ter espionado os seus segredos.

Eu não conseguia enxergar mais nada, e todos os meus outros sentidos pareciam estar entrando em dormência. A morte finalmente chegaria e acabaria com aquele horror, pensei. Mas foi então que senti aquele líquido expeço e quente escorrendo para minha boca e garganta. Era tão bom, tão forte, causando um calor crescente dentro de mim, assim como espasmos de prazer. E um apetite voraz me possuiu! Eu mordi e mastiguei aquele pulso peludo contra meus lábios, suguei o sangue e mastiguei pequenos pedaços de carne, enquanto ouvia a fera rosar prazerosa.

Na medida que aquelas substâncias iam chegando ao meu estômago, eu comecei a queimar de dentro para fora, e ondas de prazer tão poderosas explodiam por todos os meus músculos, me deixando sem ar.

A fera me empurrou de volta para o chão e para longe. Eu queria mais, claro! Eu queria beber daquela fonte para sempre. Estendi os braços pedindo mais, mas então outro espasmo violento me atacou, junto de um calor ainda maior. Cada pedacinho de mim estava queimando!

Ah, e o prazer? Um prazer indescritível, assim como a dor!

Meu pênis latejava dentro do short, e minhas pernas e braços convulsionavam. Um som agudo apitava em meus ouvidos e os relâmpagos cegavam meus olhos e...

De repente, tudo parou.

Eu olhava para a sala da minha casa como se a visse pela primeira vez. Vocês conhecem a sensação, claro. Natã também descreveu algo parecido no livro dele. Minha visão era outra; enxergando detalhes na escuridão que eu nunca teria conseguido antes. Os cheiros me invadiam de todos os lados, e os sons me chegavam com tanta clareza que me espantavam.

Não sei quanto tempo fiquei deitado sobre aquela poça de sangue. Só sei que em dado momento a energia voltou e a lâmpada da sala acendeu, me cegando por alguns segundos. Meu cachorro tomou coragem para se aproximar e lambeu o sangue do meu rosto, me despertando.

Nisso me sentei e o abracei, me perdendo no cheiro do pelo dele, na textura gostosa ao tato. Seus carinhosos olhos caramelados me encaravam com preocupação. E foi só então que voltei a notar a figura de Flora voltando do quarto, não mais a fera, mas sim a negra de corpo escultural, cobrindo-se com uma espécie de casaco de chuva preto que ela devia ter largado no quarto assim que entrou pela minha janela.

— Como se sente? — ela perguntou, sorrindo para mim.

Não consegui responder. Eu olhava para meu ombro e braço, tateando meu pescoço em busca de ferimentos e descobrindo a pele intacta. Não havia nenhum sinal de mordida. E foi só então que me dei conta do que aquilo poderia significar, do que ela tinha feito comigo.

— Sim, André, é isso mesmo — disse Flora, compreendendo a minha expressão de espanto. — Seja bem-vindo a Noite.

— Flora, espere! — exclamei, vendo que ela se dirigia a porta de saída. Se ela tinha mesmo me transformado, então não podia me deixar daquele jeito.

— Não precisa me agradecer, André. Você agora possui o Dom da Fera, então use-o bem — ela abriu a porta, mas antes de sair, deu uma última olhada para mim e disse: — Não se esqueça da lua.

Me levantei para correr atrás dela, mas fiquei tonto e acabei caindo. Gritei seu nome e fiquei de pé de novo. Até mesmo o simples ato de correr era estranho, pois minha visão parecia ter uma noção maior de profundidade, o que acabava por me confundir, e eu sempre dava um passo maior do que devia e esbarrava em algum móvel ou objeto. Saí para o hall e desci as escadas, encontrando a porta magnética ainda se fechando.

Não havia ninguém na entrada do prédio e nem na rua adiante. Fiquei parado na frente do portão, com a chuva forte lavando o sangue da minha camisa rasgada, e gritei o nome dela uma última vez, mas a única resposta que obtive foi a de um vizinho mandando que eu me calasse.

Voltei para o meu apartamento, onde Saruman me observava, intrigado, talvez percebendo a mudança que ocorria, mas diferente do que Natâniel disse sobre o comportamento dos cães em seu livro, ele não me renegou, pelo contrário, veio lambe a água da chuva em meu rosto e minhas lágrimas, quando eu simplesmente caí no choro.

Sim, nem eu mesmo teria esperado por essa reação, mas foi o que fiz. Chorei e chorei, encolhido no sofá e olhando para a bagunça que estava a sala, com os livros sobre a poça do meu sangue, que o cachorro estranhamente agora evitava se aproximar.”

“Acordei com a luz do sol ardendo em minhas pestanas, e muito provavelmente eu teria encarado tudo aquilo como um sonho bizarro, dos muitos que normalmente eu andava tendo, se não fossem as evidências na casa e os meus sentidos ampliados.

Eram duas horas da tarde. De todo modo, decidi pôr a minha cabeça no lugar antes de pensar no que eu faria em seguida, e o modo que encontrei foi me comportar fingindo que aquele era só mais um dia comum. Fiz café e comi quase que um bolo inteiro – a fome era enorme, e acabei me lembrando do tanto que Natâniel comia quando fazia as refeições. Troquei a água do cachorro e coloquei comida. Depois arrumei os móveis bagunçados no lugar, assim como os livros, e limpei o sangue do chão e todo o piso do apartamento.

Só então tomei um banho e averigui meu corpo inteiro, sem achar nenhuma mudança física, a não ser que minha pele parecia mais viçosa e hidratada, mas aquilo podia ser só impressão minha.

Vesti uma roupa e me sentei na cozinha com uma xícara de café na mão, pensando nas minhas possibilidades. Eu não tinha o número de telefone de nenhum de vocês, nem mesmo um e-mail e nem nada do tipo. Os números que uma vez Natâniel havia me dado eu preferi manter anotado em uma agenda que eu não sabia mais onde tinha ido parar.

Por sorte me lembrei que o Casarão Violeta era uma pousada e fiz uma busca pela internet, mas quando enfim encontrei, a ligação nunca era completada.

Ou era isso, ou eu estava voltando a ficar tão nervoso que até mesmo errava a discagem dos números... enfim, foi só então que me dei conta; ocasionalmente parei meus olhos sobre um grande calendário que eu tenho na cozinha e vi o símbolo da lua cheia.

Não se esqueça da lua, me lembrei de Flora dizer.

— Meu deus, é hoje — eu me espantei, pois Natâniel havia me contado aquele detalhe, de que eram as três primeiras luas cheias que desencadeavam a transformação, e que nessas primeiras noites, enquanto não se conseguisse

controlar a fera interior, o lobisomem se tornava uma besta selvagem e sem consciência de seus atos.

Eu fiquei desesperado! Tanto que não tentei ligar novamente, só coloquei mais água e mais comida para o cachorro, sabendo que Renan chegaria a noite e que Saruman ficaria bem. Enfieí umas roupas de qualquer jeito numa mala e praticamente roubei o carro do meu namorado que estava na garagem, sem nem me lembrar de levar minha carteira de motorista, e vim direto para cá.

Não foi fácil vir de Brasília para o interior de Goiás. Passei quatro horas para chegar aqui, pois me perdi umas três vezes e parei muitas outras vezes para perguntar onde era a bendita cidadezinha de Santa Sofia, meu único ponto de referência. Para completar, meu celular foi perdendo a carga e acabou desligando.

E quando a noite foi se aproximando, mais desesperado eu fiquei, e além disso veio a febre; meu corpo inteiro começou a tremer e minha vista embaçar. Quase causei alguns acidentes, mas por sorte só bati em uma árvore quando já estava aqui perto e tentava fazer uma curva fechada.

Para finalizar, a única coisa que me lembro bem foi de ter chegado no gramado no Casarão Violeta, e antes mesmo de eu gritar por ajuda, todos vocês já estavam lá. E desse momento, até a manhã de hoje, minha vida se resumiu a perder a consciência de noite e dormir quase que todo o dia seguinte.

E é isso, eu acho.”

Fez-se silêncio no escritório por um tempo considerável, e André se sentiu ainda mais desconfortável, pois todos ainda o avaliavam como se tentassem descobrir algum segredo que ele estivesse escondendo. Apenas David sorria, e Natâniel o olhava como se fosse culpado por tudo aquilo que lhe acontecera.

Ah, era bem típico mesmo de Natã, se culpar por tudo.

— O rapaz falou a verdade — disse David, de repente, dando uma bebericada no copo de whisky que tinha em mãos, e essas palavras causaram certo alívio em André.

— Alguém tem algum comentário ou pergunta para ele? — Flávio perguntou para os outros lobisomens.

A intimidadora Bianca, que estudava cada movimento do novato com uma desconfiança maior do que os demais, trocou a posição das pernas e se inclinou ligeiramente na direção de André, de modo quase ameaçador, antes de perguntar:

— O seu relacionamento com Flora, é só esse mesmo? O quanto você a conhece e se importa com ela?

— *Relacionamento?* Eu... eu nem mesmo sou amigo dela! Nem mesmo quando ela fingia ser Clarissa, eu quase não tinha contato com ela. Era

praticamente tudo pela internet e tal... eu a vi poucas vezes — André gaguejou. — E como assim, eu me *importar com ela*? Eu morro de medo dessa mulher.

— Diz como se não tivesse desejado o Dom da Fera e a odiasse por ela tê-lo dado — Ricardo comentou.

André se sacudiu de aflição na cadeira.

— Não, pelo contrário! Eu sempre desejei o dom, mas isso não muda o ato em si. Foi horrível! Não era assim que eu queria que tivesse acontecido. Foi um estupro, assim como foi com Natã... — André disse e olhou para seu amado, temendo ter dito algo errado, mas o outro não pareceu se importar e apenas concordou com um gesto de cabeça. — De todo modo, seja como for, estou feliz pelo que sou agora.

— Por enquanto — Natâniel comentou baixinho, para si mesmo.

Bianca não parecia muito convencida.

— Então, se caso você for aceito entre nós e acontecer dessa Flora surgir novamente, você não nos trairá? — ela perguntou.

— Claro que não! Eu nunca faria isso! Eu não sinto nada por ela, eu já disse!

André não havia sido cem por cento verdadeiro em sua resposta, pois no fundo, apesar de tudo, sentia uma tremenda atração pelo mistério de Flora, um fascínio pelo poder e imprevisibilidade que a temida lobisomem emanava. Mas sabia o quanto alguns ali a odiavam e temeu que tal informação pudesse lhe ser prejudicial. Sendo assim, olhou sem graça para o telepata, mas este se manteve calado e sorrindo — talvez o entendesse, ou apenas não se importava com tal detalhe.

Flávio limpou a garganta e pousou as mãos nos braços da poltrona, antes de enfim falar:

— Sendo assim, ouça-me bem, André Lobo, pois tentarei ser o claro que posso — e fez uma pausa dramática, para se certificar que o jovem estava realmente prestando atenção, enquanto os olhos verdes emanavam aquela autoridade nata. — Você não foi transformado por nenhum dos membros desta alcateia, e independente dos laços emocionais que você tenha com algum membro da Valverde, nós não temos nenhuma obrigação para com você, e nem você para conosco.

André sentiu um aperto no estômago e um nó na garganta. Então era isso? Ele seria expulso e obrigado a procurar sua criadora insensível, ou se virar sozinho? Se preparou para suplicar, mas o alfa ainda não tinha terminado.

— Mas, como alguns aqui se importam com você — Flávio continuou, olhando para Natâniel, David, e até mesmo para Ricardo, que sorriu e deu uma piscadela para André. — Podemos sim aceitá-lo como membro de nossa alcateia, desde que você...

— Sim, eu aceito! — André quase gritou, com lágrimas lhe subindo aos olhos.
— Eu aceito qualquer coisa, eu prometo!

— Se acalme, menino, e escute — rosnou Roberto.

— Ouça com atenção e faça a sua escolha, André — Flávio voltou a falar. — Se escolher sair daqui por conta própria, nós o explicaremos quais são as leis da Noite e poderemos lhe dar dicas para sobreviver nela por si só, mas se decidir ser um de nós, além das leis da Noite, também estará sob as leis da alcateia.

— Eu aceito!

— Então entende que deverá total obediência a mim, como seu alfa, assim como terá que se comprometer também com seus irmãos de alcateia?

— Sim, eu entendo! Eu aceito! Preciso assinar algo, ou só preciso dizer isso formalmente? *Eu, André Lobo, me comprometo a ser o melhor e mais obediente membro da alcateia Valverde que já existiu* — disse André, se levantando e ponto a mão direita no peito.

Ricardo deu uma gargalhada, e David e Daniel também riram.

— Muito bem. Alguém aqui é contra? — Flávio perguntou, mas como ninguém se manifestou, nem mesmo a desconfiada Bianca e o carrancudo Roberto, ele continuou: — Sendo assim, seja bem-vindo a Alcateia Valverde, André.

Deixe a Fera Livre

A maioria dos membros saíram da sala para resolver quaisquer que fossem suas obrigações naquele dia, mas a reunião ainda não havia acabado para André. Após o jovem escritor fazer a escolha de ser parte da alcateia e obedecer às leis da mesma, Flávio, Natâniel e David permaneceram com ele na sala de reuniões para explicar pelo menos o básico sobre as Leis da Noite e as leis da própria alcateia Valverde.

Os detalhes poderiam ficar para depois, pois o novato tiraria suas dúvidas com o tempo, à medida que elas fossem surgindo. Sendo assim, Flávio disse por alto que as Leis da Noite eram um conjunto de regras criadas pelos humanos da Geneoziz (uma antiga organização de homens e mulheres conhecedores e participantes da Noite) para proteger os interesses tanto dos seres de raça sobrenaturais, quanto da própria sociedade humana comum.

Tais regras foram acordadas e postas severamente em prática pelas nações de raças da Noite mais poderosas do mundo e testemunhado pelas quatro Senhoras Elementais.

As principais Leis da Noite são:

- 1. Todas as raças sobrenaturais pensantes e influentes no planeta, sejam elas transmorfas ou semi-encantadas fazem parte da sociedade denominada “A Noite”.*
- 2. A Noite deve manter a sociedade humana comum ignorante a sua existência.*
- 3. É tolerado que indivíduos da Noite revelem sua natureza a humanos comuns com que tenham intimidade, desde que se certifiquem que estes não possam revelar a existência da Noite de um modo que a sociedade humana comum passe a acreditar nela.*
- 4. Qualquer crime ou ato que ameace as leis da Noite, ou que cause ofensas entre as espécies, deve ser retratado aos superiores da Geneoziz.*
- 5. Todas as raças da Noite possuem o direito de manter suas próprias leis, hierarquias, crenças e cultura, desde que essas não infrinjam as*

outras leis da Noite.

6. *Cada grande raça da Noite tem o dever de manter os indivíduos de sua espécie, sejam esses solitários ou pertencentes a um grupo, obedientes às leis da Noite. Assim como são responsáveis pelo controle, contenção, correção ou destruição dos mesmos.*

André mais uma vez se lembrou de quando um clã de vampiros o caçou com a desculpa de seu livro ser uma ameaça à Noite, e pensou nos maus lençóis que estaria se a publicação trouxesse realmente provas da existência de lobisomens. Ao mesmo tempo, todos aqueles outros nomes e títulos, como “Geneoziz” e “Senhoras Elementais”, só faziam seu cérebro fervilhar de curiosidade. O mundo da Noite era muito mais vasto e complexo do que ele inicialmente imaginava, e era impossível não pensar nas outras criaturas, além de vampiros e lobisomens, que vagavam pelas sombras do planeta.

Será que teria a oportunidade de conhecê-las?

Ah, que Natã se preparasse para aguentar suas futuras enxurradas de perguntas, pois elas pareciam não ter fim.

— Já as leis da alcateia, é algo que diz respeito puramente a nós — disse Flávio, caminhando pela sala e se servindo de mais um copo de whisky. — Cada alcateia pode ter as suas próprias leis e tradições, mas geralmente as regras principais são sempre as mesmas.

Leis da Alcateia Valverde:

- *Todos os lobisomens devem prezar as necessidades da alcateia na frente das suas próprias.*
- *O lobisomem mais forte deve proteger o mais fraco, assim como aqueles não-lobisomens que são acolhidos pela alcateia.*
- *O alfa deve prezar sempre pelo bem maior da sua alcateia, e por isso a alcateia deve completa obediência a seu alfa.*
- *Qualquer ato que possa arriscar a segurança da alcateia, ou ir contra suas regras e tradições, deve ser antes discutida com o alfa.*
- *O alfa pode sim ser questionado, mas nunca desrespeitado.*
- *A alcateia possui seus ritos de iniciação e de passagem, assim como festivais próprios e em conjunto com outras alcateias, prezando o fortalecimento do coletivo e de toda a nação licantrópica, e todo membro deve se dedicar a tais eventos.*
- *Em hipótese alguma um lobisomem deve dar o Dom da Fera para um humano sem o consentimento de seu alfa.*

- *Nenhum lobisomem novato deve caçar sozinho, assim como nunca deve estar sozinho nas noites de lua cheia para que suas ações não sejam controladas pela bestialidade da fera interior.*
- *Os lobisomens mais velhos devem ensinar os mais novos a controlar sua própria bestialidade.*
- *O inimigo de um membro da alcateia, é inimigo de toda a alcateia.”*

André anotava tudo em seu pequeno caderno de desenho que sempre levava no bolso, ao mesmo tempo em que tentava disfarçar a excitação e a felicidade que o envolvia por fazer parte daquele novo mundo. Sustentava um semblante de seriedade, para quem sabe mostrar assim à Flávio o quanto estava comprometido com a sua decisão.

Enquanto isso, tentava ignorar a presença silenciosa de Natâniel na sala. Não, aquele não era o momento de se obrigar a encarar o lindo rosto másculo e melancólico de seu amado, com aqueles dramáticos olhos escuros, pois sabia que na primeira oportunidade, Natã começaria sua ladainha de lamentos e preocupações.

— Eu me lembro que, segundo o livro de Natã, vocês possuem uma empresa, — André comentou, ainda de olho em suas anotações — um império envolvido em todo tipo de coisas... de montadoras de carros à causas ambientais, algo assim. Corporação Valverde! Era esse o nome!

— Isso mesmo.

— E eu terei que fazer parte disso também? Eu terei que trabalhar em algum setor desse império, já que pelo que entendi eu serei meio que sustentado por vocês... não que esse seja o meu desejo... Por sinal, eu ainda posso continuar escrevendo?

— Uma coisa de cada vez — Flávio respondeu, fazendo um sinal com a mão. — Ainda teremos que discutir com calma e cuidado o que você fará com sua antiga vida de humano comum. Já com relação a corporação, nenhum de nós realmente trabalha mais lá. A Valverde é um império antigo, sendo passado de alfa para alfa e acumulando fortuna ao longo do tempo, ao ponto da empresa sobreviver por conta própria. De modo resumido: ainda temos total controle do império, assim como acesso a maior parte de sua fortuna. Nós decidimos certas mudanças e se devem investir nisto ou naquilo, mas são os humanos que trabalham, não nós. Nosso comprometimento é com os assuntos da Noite, e você será apresentado a esses assuntos no seu devido tempo.

— Certo — disse André, satisfeito com a resposta, já que não dava a mínima para essa área corporativa da Valverde.

— Mais alguma pergunta?

— Quando será minha iniciação? Você tinha dito algo sobre isso... e... eu tenho que te chamar de senhor? Meu alfa? Algo assim?

Flávio sorriu.

— Não necessito dessas formalidades. Somos todos irmãos aqui. Mas sobre sua iniciação: Ainda não é o momento. Lembre-se que você está em período de observação — disse, o encarando com uma calculada severidade. — Passe mais uma semana no Casarão. Conheça seus moradores, aprenda tudo o que precisar com Natâniel e com os outros. Telefone para seus amigos e familiares e bole uma boa desculpa para tranquilizá-los sobre seu desaparecimento.

André engoliu em seco. Então ainda não era realmente um membro da alcateia? Ainda estava sendo testado? Suspirou, desapontado, mas logo em seguida resolveu respirar fundo e reerguer a cabeça. Ele passaria naquele teste sim, tinha certeza.

Flávio enfim o dispensou, e quase que no mesmo instante, Dolores bateu na porta do escritório, fingindo esboçar raiva em seu doce rosto enrugado, para exigir que eles descessem logo para almoçar, pois Ana já estava requentando as panelas.

E quase que automaticamente o estômago de André protestou ao ouvir aquilo. Já eram quase três horas da tarde, e além disso, desde que havia sido transformado parecia que um portal dimensional havia se aberto em seu estômago, deixando-o sempre com fome.

Tirando Natã, Flávio, David e ele, todo o resto, inclusive o único casal hospedado no Casarão, já haviam comido, mas mesmo assim a pesada mesa de madeira antiga ainda exibia um verdadeiro banquete aos olhos de André, que comeu de dar gosto às orgulhosas cozinheiras. E enquanto isso, Natâniel, entre uma conversa e outra com David e Flávio, ainda mantinha os olhos no novato.

André o encarou de volta em dado momento, e sorriu, como se dissesse que estava tudo bem, que estava mesmo feliz, e ao sentir mais uma vez aquele calor amoroso que emanava dos olhos do outro, o escritor pensou no que representava aquela atual situação entre ambos.

Agora André era um lobisomem como seu amado, e não um frágil humano que necessitava sempre ser protegido como antes. Será que Flora estava realmente certa e agora eles finalmente poderiam viver aquela relação de um modo que nunca a tinham vivido?

Seu celular vibrou em seu bolso, junto do apito da mensagem de texto, lhe causando um incômodo imediato. Aquela era a sua vida humana exigindo sua atenção; seus assuntos pendentes e que ele fingia irresponsavelmente ignorar. Devia ser Luís, ou Renan, e a preocupação deles já devia ter se transformado em raiva, principalmente a de seu namorado.

Namorado... ainda seria mesmo o seu namorado? Se perguntou, olhando para o perfil de Natâniel.

Terminou o almoço, agradeceu as senhorinhas e saiu da cozinha. Inicialmente sua ideia era subir as escadas para o quarto, se debruçar sobre o computador e escrever acerca daquele dia (e quem sabe mandar algum e-mail para seus amigos, algo com poucas palavras só para tentar acalmá-los), mas, ao chegar no belo salão, onde a vitrola assombrada de Madame Valquíria havia começado a tocar, provavelmente sozinha, um disco de Zé Ramalho, uma brisa perfumada entrou pela janela, soprando em seu rosto e o convidando para sair.

Ele foi para o quintal e continuou andando em direção ao bosque. Não era só do jardim que vinha aqueles cheiros tão convidativos, mas sim de todo o mundo lá fora; da mata exuberante e dos seres que se escondiam nela, e que os novos ouvidos apurados de André podiam se concentrar e captar com nitidez.

Era como se a natureza fosse uma presença inteligente que o seduzia, e finalmente ele só começava a entender o sentimento que Natâniel muitas vezes havia tentado explicar, pois era a primeira vez que se aproximava do bosque estando consciente, sem o controle bestial da lua cheia atormentando os seus sentidos.

Caminhava mata adentro como se sonhasse, como se seus pés estivessem sob o efeito de um encanto e se movessem por si só. O farfalhar dos galhos das árvores, o canto dos inúmeros pássaros, os zumbidos dos insetos e movimentos dos pequenos mamíferos e répteis nos arbustos – tudo isso era música, era uma voz sem palavras que o chamava com doçura, fazendo seu coração retumbar emocionado e sua pele se arrepiar. Sua vontade era a de arrancar a roupa e se deitar sobre aquele chão de terra e folhas secas. Abraçar aquele chão, e depois correr. Sim, correr, correr e correr!

De repente sentiu uma físgada nos braços, e para seu espanto viu que pelos grossos haviam crescido em suas mãos e antebraços, e seus dedos se alongavam, assim como unhas negras que nasciam dolorosamente por baixo de suas unhas humanas. Meu Deus, ele estava se transformando! Mas ainda era de dia!

Se desesperou e deu um grito quando suas costelas estalaram e uma dor lancinante lhe subiu pelo tronco.

Merda! Merda! Merda! Em qual direção deveria ir, antes que fosse tarde demais? Sua mente fértil transbordava de prováveis desgraças que poderiam decorrer daquela situação, mas o que mais temia era se transformar e perder os sentidos, como nas noites anteriores, e quem sabe fazer alguma idiotice e por isso ser expulso da alcateia. E foi então que sentiu braços muscuroso o agarrando por trás e o prendendo com força.

— Respire fundo! O segredo está na respiração. Respire junto comigo — disse a voz grossa em seus ouvidos, e ele conhecia aquela voz, assim como conhecia intimamente aqueles braços que o sustentavam, e obedeceu, enchendo os pulmões, mesmo com a dor que os queimava por dentro.

— Natã, não foi minha culpa — disse, entre um gemido e outro de dor. A prioridade era evitar maus entendidos.

— Eu sei, só continue respirando — Natâniel respondeu, beijando o topo da cabeça de seu amado, enquanto André enchia e esvaziava os pulmões ao mesmo tempo que ele.

A pressão carinhosa do corpo de Natâniel no seu fez toda a diferença, como quando eles transavam e o corpo de André se submetia deliciado as vontades do outro. E logo sentiu seus ossos voltando para o lugar e seus músculos relaxando. Suas mãos eram novamente mãos humanas, e os pelos castanhos e grossos, assim como as unhas negras, se soltavam de sua pele e se desintegravam no ar como se nunca tivessem existido.

— Me desculpa — foi a primeira coisa que disse, quando a dor parou.

— Eu sei que não foi culpa sua — disse Natâniel, sendo mais amoroso na pressão de seu abraço, e com os lábios encostados a orelha direita de André. — Nesses primeiros dias você vai sentir esses impulsos e seu corpo vai querer se transformar, na maioria das vezes só parcialmente, como se ele estivesse se acostumando. A *magia* do Dom da Fera, se é que podemos usar essa palavra, ainda está agindo em seu corpo, deixando-o mais forte e seus sentidos mais alertas. Você não perderá a consciência como nas últimas noites, não será um risco real para ninguém. Então relaxe, ainda temos mais um mês até a próxima lua cheia.

— Será que eu ainda vou demorar muito para aprender a me controlar na lua cheia?

— Isso varia de lobisomem para lobisomem, mas eu estarei ao seu lado para ajudar, assim como todos os outros estarão. E com o tempo você poderá se transformar tão rápido que a dor não será mais um problema. Hoje mesmo, na calada da noite, vamos assumir a forma de fera e correremos por essa mata.

André se virou e o puxou para um beijo de agradecimento, longo e apaixonado, que despertou o desejo de ambos.

— Natã, eu sei que está preocupado comigo — André sussurrou, ainda de olhos fechados, esfregando carinhosamente a lateral do rosto na barba áspera do amante. — Eu sei que você não queria que isso acontecesse, e mesmo após ter lido as suas memórias, eu não consigo entender bem o que você sente sobre isso, mas eu quero que você saiba que eu estou bem. Que apesar de tudo eu estou feliz.

Natâniel não disse nada, mas não era necessário, pois seus olhos descrentes praticamente diziam “por enquanto você está bem, mas só por enquanto”. E talvez

ele estivesse certo, mas André precisaria descobrir por si mesmo, e de todo modo, o que estava feito não tinha mais volta.

— Minha preocupação agora são os outros, os que fazem parte da minha vida antiga e que esperam respostas para as perguntas que eu deixei — disse André, descansando a testa no peito dele.

— Vamos dar um jeito nisso também. Sempre podemos iludir os humanos comuns de várias formas, mas... — Natâniel fez uma pausa, como se estivesse envergonhado de fazer aquela pergunta. — E Renan? Vocês são muito próximos e ele deve estar sofrendo a sua ausência, e com todo esse mistério...

— Eu sei. Mas nem tive coragem de responder as mensagens dele ainda.

— Responda qualquer coisa. Apenas diga que você está bem.

— Eu irei.

— Faça agora. Não protele mais isso, por favor.

André ia protestar, mas sabia que Natâniel estava certo. Imaginou o rosto de Renan devastado pela tristeza, e a culpa o tomou de vez. Renan não merecia aquele silêncio. E nisso pegou o celular e, sem ler as mensagens do namorado, escreveu: “Desculpe o silêncio, mas quero avisar que estou bem e em segurança. Eu logo te explicarei tudo”.

— Essa mensagem não vai adiantar nada — disse, ao enviar o texto.

— Mas já é alguma coisa. E faça o mesmo com seu amigo Luís.

— Pode deixar...

Ambos ficaram calados e abraçados, escutando os sons do bosque, e André teve vontade de perguntar se Natã estava com ciúmes, mas sabia que era uma pergunta tola. André não poderia mais ficar com Renan. Não poderia manter a velha relação e aquele segredo ao mesmo tempo. Mas sim outra dúvida nascia, vindo de mansinho e reticente, como se a própria dúvida soubesse o incômodo que poderia causar: Como seria sua relação com Natâniel de agora em diante? Serem da mesma espécie resolveria tudo? Apagaria todas as mágoas do passado?

Bem, esqueça isso, pelo menos por agora — pensou. Uma coisa de cada vez. Afinal, não devia comprometer aquela felicidade, aquele momento sublime; ali, com aquele homem que tanto o amava, rodeado por todos aqueles sons e cheiros. Em comunhão com todas as coisas.

Movido por um impulso súbito, começou a tirar a camisa, enquanto se aprofundava cada vez mais no bosque.

— O que pensa que está fazendo? — Natâniel perguntou.

— Pra quê esperar a noite chegar? Não tem quase nenhum hóspede no Casarão e todos os outros estão ocupados com alguma coisa — André respondeu, tirando o short e a cueca e juntando tudo embaixo de uma árvore. — Vamos fazer isso agora!

— Não, não, não...

— Natã, por favor! Está de dia e nem é mais lua cheia, você mesmo disse! E além disso essa mata é enorme e você está comigo — pediu com jeitinho, desfivelando a calça do outro. Mas então se curvou com a violenta pontada de dor nas costelas.

Sim, estava acontecendo de novo, e doía pra caralho, mas ao mesmo tempo tinha uma espécie estranha de prazer, difícil de ser descrita. E naquele caldeirão de dor e prazer, André começou a correr mata adentro, sem mesmo esperar pelo outro, sentindo seu corpo inteiro se transformando de modo desigual e desengonçado.

Um rosnado soou de repente ao seu lado, mas era apenas Natâniel que o havia alcançado, em sua forma de fera monstruosa e imponente, incentivando-o a vencer a dor e se entregar. Deixar a fera livre, mas dessa vez sob o total controle da mente racional.

André deu um último grito de dor e caiu de quatro, mas ao alcançar o chão já não era mais humano, e os dois lobisomens, o grande de pelo negro, e o menor de pelos castanhos, partiram em disparada.

Um estrondo na noite. Madeira e vidro se partindo, acompanhado de gritos, além daqueles sons ferozes que fizeram seu sangue congelar. Letícia sabia o que era, sabia que era melhor não se levantar e olhar.

Não importava quantos anos se passassem, não importava o quanto ela estivesse bem consigo mesma, pois uma noite ou outra aquela lembrança em forma de pesadelo voltaria. E por isso ela não saiu do lugar, não correu para as escadas do Casarão, onde as outras meninas se reuniam em pânico apenas para serem destroçadas pelas duas monstruosidades que lutavam entre si. Não iria até lá para ver suas amigas sendo mortas, para ver o sangue de Isabella espirrando em seu rosto. Não, ela ficaria na cama, bem quietinha, tentando abafar os soluços, na espera que enfim acordasse. Aquilo era só o maldito pesadelo e nada mais podia ser feito.

Mas então fez-se um silêncio intimidador, e o próprio Casarão parecia sentir isso em cada centímetro de suas paredes e pilastras. Algo estava vindo pegá-la, caminhando pelo corredor lentamente e em direção ao seu quarto. Ela podia ouvir os passos, a respiração selvagem do monstro que caçava. A qualquer momento a criatura a encontraria.

De repente notou que não estava sozinha, que uma silhueta misteriosa estava ao seu lado na cama, e aquilo só intensificou seu medo, pois era algo inédito no

repetido sonho. Não precisou se virar para saber quem era, já que imediatamente reconheceu a voz feminina dizer:

— São as bestas do inferno! O demônio veio cobrar pelos nossos pecados!

— Não, isso é um sonho... é só um sonho — ela respondeu, finalmente encarando o rosto pálido da mulher ao seu lado.

— Não é um sonho, é um alerta. Deixe o fogo de Deus nos purificar — disse a mulher, sorrindo, antes de explodir em chamas.

As labaredas de fogo se espalharam por todo o quarto, consumindo as paredes, os móveis e os lençóis da cama, enquanto a mulher gargalhava. Uma verdadeira tocha humana dançando em círculos.

Leticia não gritou ao acordar do pesadelo. Se sentou e acendeu a luz do abajur ao lado da cama apenas para ter certeza que estava mesmo desperta, ao ponto de afastar as cobertas para olhar o próprio corpo suado, pois ainda sentia sua pele arder.

Mas não tinha fogo nenhum. Seu quarto estava intacto, assim como seu corpo. Havia sido apenas mais um elemento horrível para compor aquele maldito pesadelo. Mas então, por que não se acalmava, como lhe era de costume? Por que a sensação de segurança não vinha? Nem mesmo a bela visão do corpo musculoso de Ricardo, dormindo profundamente ao seu lado, amenizava seus sentidos de alerta.

Se levantou, se servindo de um pouco de água da jarra que sempre deixava no quarto e andou até a janela próxima para sentir a brisa da madrugada refrescando a pele sob o fino tecido da camisola branca. As três antigas marcas de arranhões profundos em suas costas, feitas na noite em que aquelas bestas invadiram o Casarão, ardiam como sempre acontecia após aquele pesadelo, mas ela já não ligava mais para esse detalhe.

Olhou pela janela. Nenhum fantasma lá fora, nem mesmo a patética visão espectral do espírito de Tio Epitáfio praguejando mudo para as janelas do quarto de Madame Valquíria. Nenhum som da vitrola tocado sozinha vindo do andar de baixo, assim como nenhum som do fantasma de Maria Évelim cantando no sótão. Todas as assombrações do Casarão Violeta talvez dormissem assim como os vivos.

Mas o que ela procurava realmente ver ou escutar? Por que buscava se preocupar com a presença dos mortos, quando já havia se acostumado a eles depois de tantos anos?

— Fran — sussurrou para as trevas, mas não ouve resposta alguma, e se sentiu uma tola. Pois Franciele não estava naquela casa.

Franciele, uma das damas do Casarão Violeta que não sobreviveu as tragédias do mesmo; a moça que enlouqueceu após a visão daquelas feras terríveis e se entregou a um fanatismo religioso insano que sempre fora latente nas sombras de

seu coração. Franciele, que ateou fogo no quarto em que dormia e a si mesma, levando outra das meninas junto, enquanto clamava pelo fogo purificador de Deus.

Não, Fran não era mais um dos fantasmas do Casarão Violeta. Sua alma tinha ido para um outro lugar. A presença dela em seu pesadelo havia sido apenas uma lembrança, só isso. Mesmo assim, Letícia rezou uma *Ave Maria* para sua finada amiga, aonde quer que ela estivesse, ao mesmo tempo em que pedia perdão mentalmente.

Ah, mas já não bastava aquelas lembranças ruins? Então para quê recordar justamente uma das que mais se arrependia, sendo que existiam tantas outras tão boas? Ela amou Franciele, assim como amou Isabella; elas foram suas melhores amigas.

Se lembrou de quando chegou ao Casarão, quando este ainda era um prostíbulo de luxo comandado por Madame Valquíria, por volta de trinta anos atrás. Letícia, assim como quase todas as meninas que lá foram morar, viera de uma família desestruturada. Sua mãe, que também era da prostituição, tinha mais filhos do que capacidade para os alimentar, e seu envolvimento com homens cruéis e as drogas só pioravam ainda mais as coisas. E foi sua própria mãe quem a ensinou a ganhar dinheiro com o corpo, quando Letícia não tinha nem quatorze anos direito.

Mas que escolha teria? O que uma menina sem estudos e que vivia no lixo, junto de outros seis irmãos mais novos poderia fazer para não morrer de fome?

O jeito foi usar a sua beleza, a única arma que Deus lhe havia dado, sonhando que um dia um daqueles velhos gringos que cruzavam o oceano para conhecer a fama das “mulatas do Rio de Janeiro” se apaixonasse perdidamente por ela. Mas não tardou a Letícia perceber que aqueles homens brancos sempre veriam a cor de sua pele apenas como um objeto para satisfazer seus desejos “exóticos”, e nada mais.

O que será que teria acontecido a seus irmãos? Desde que resolveu fugir do Rio e dos problemas que cercavam a mãe, nunca mais os tinha visto. Mesmo depois de todo aquele tempo, e mesmo que não se lembrasse mais como eram seus rostos, às vezes se pegava pensando neles. Será que teriam tido a mesma sorte que ela?

Sim, sorte, pois não teve coisa melhor na sua vida do que ter conhecido Madame Valquíria, e tal situação havia ocorrido numas das piores noites de sua vida.

Letícia estava se virando em Goiânia já fazia alguns meses, e tinha dado o azar de ter pego um cliente maldito. O filho da puta a havia estuprado, espancado e levado todo o pouco dinheiro que ela tinha, a abandonando numa ruela suja, junto dos ratos. Não era a primeira vez que uma coisa daquelas acontecia, e naquela

noite Letícia sentia nos ossos e na carne machucada a conhecida revolta e vontade de terminar com tudo, mesmo sabendo que sua alma de guerreira sobrevivente nunca permitiria fazer tal coisa.

Mancava e sangrava por uma calçada escura quando uma caminhonete cor-de-rosa emparelhou ao lado. Ela nem mesmo olhou para o motorista, achando se tratar de mais um homem em busca de seus serviços. Naquela noite sentia ódio de qualquer um que tivesse um pinto entre as pernas. Mas foi uma voz de mulher cheia de autoridade que veio de lá, perguntando como ela estava e se queria ajuda.

A imagem da primeira vez que havia visto Madame Valquíria nunca mais saíria de sua mente. Era uma visão e tanto aquela mulher no volante, usando um vestido roxo brilhante e de ombreiras largas que cintilava quase tanto quanto o volumoso cabelo vermelho. Usava joias pesadas com exuberância. Aqueles olhos desafiadores emoldurados pela maquiagem pesada. Letícia gostava de brincar consigo mesma, dizendo que tal momento foi como ser uma católica fervorosa diante da aparição de um santo. Pois, alguma coisa dentro de Letícia se aqueceu ao ver aquela mulher poderosa em sua caminhonete chamativa, e que a fez confiar totalmente nela, aceitando sua ajuda, relatando entre lágrimas toda a desgraça daquela noite e de noites anteriores, chegando ao ponto de chorar no colo dela enquanto Valquíria lhe pagava uma refeição numa lanchonete. E toda aquela noite lhe parecia agora tão peculiar, tão fantasiosa, que ela poderia ter imaginado tudo aquilo. Mas não, não foi fantasia, foi a sua salvação.

O trabalho que Madame Valquíria a ofereceu ainda era ligado ao uso do corpo, mas com a diferença que as meninas do Casarão Violeta eram tratadas como valiosas obras de arte. Nenhum homem, nem mesmo o coronel mais poderoso das redondezas de Santa Sofia, teria a ousadia de levantar a mão contra uma das protegidas de Valquíria, ou a desrespeitá-las de alguma forma. A matriarca do Casarão Violeta era muito influente e conhecia muitos segredos comprometedores para prejudicar a vida de quem resolvesse lhe bater de frente.

É claro que Letícia aceitou. O que era a sujeira do cortiço que dormia comparado a beleza majestosa do Casarão Violeta?

Se apaixonou pelo lugar perdidamente e decidiu que faria de tudo para nunca sair de lá, se empenhando em ser o verdadeiro braço direito de Madame Valquíria, e assim o era até hoje.

Saudade de todas as meninas que fez amizade no Casarão. Aqueles rostos que ela recordava com exatidão, principalmente do de Isabella e Franciele. Ah, como se amaram e se divertiram juntas, compartilhando segredos e sonhos. E as apresentações sensuais que faziam aos clientes? Verdadeiros espetáculos, com Franciele tocando seu violino enquanto Isabella e Letícia dançavam em vestidos de

tecido tão fino que revelavam tentadoramente suas belas formas aos olhos masculinos apaixonados.

E em pensar que uma amizade tão bonita tivesse sido prejudicada pelo ciúmes e orgulho... Ah, se Isabella não tivesse feito aquilo! Ah, e se Letícia não tivesse sido tão tola a ponto de ajudá-la a trair Franciele...e então, enquanto ainda olhava para as sombras do quintal, estranhou o fato de ainda se importar com esse ocorrido, sendo que outras coisas muito piores surgiram depois.

As cicatrizes nas suas costas se arrepiaram ao lembrar dos monstros que certa noite invadiram o salão do Casarão, derrubando portas e móveis enquanto lutavam entre si, e matando quem encontravam no caminho. Madame Valquíria atirando inutilmente com sua arma de fogo, enquanto Isabella e outras meninas morriam nas escadas, seus membros decepados e entranhas se espalhando pelos degraus.

Aquilo sim era o verdadeiro horror! O horror que ultrapassava as leis da realidade. Aqueles monstros... e quase tão pior foi a loucura que tomou conta de Franciele depois, fazendo-a atear fogo a si mesma.

Mas a loucura não morreu com Franciele. A loucura ainda permaneceu no controle do Casarão por muito tempo, gravada nas paredes daquela casa e na mente de seus moradores como as cicatrizes nas costas de Letícia, ou no rosto de Valquíria, onde um dos olhos havia sido arrancado da órbita.

Por quanto tempo Valquíria e ela, assim como as irmãs Ana e Dolores estiveram sob o efeito da loucura decorrida de tal horror? Por quantos anos Valquíria se sentou naquelas escadas, com seu tapa olho e arma em punho na espera de que as feras do inferno pudessem voltar? Por quantos anos ela, Letícia, foi acometida por crises de pânico que a incapacitavam?

Mais de vinte anos se passaram até que Natâniel voltasse, praticamente ressurgido dos mortos, pois as moradoras sobreviventes do Casarão Violeta acreditavam que ele havia sido devorado pelas bestas malignas. O pacato e acanhado Natâniel, que havia sido resgatado das estradas tortuosas da vida pela benevolente matriarca do Casarão para trabalhar como segurança de suas meninas. O belo e misterioso jovem rústico que se apaixonou em segredo por Isabella.

E em pensar que na época Isabella lhe confidenciou que estava tentada a fugir com ele, mas se recusou, só para depois ser destroçada por monstros.

O retorno de Natâniel foi a salvação de todas elas. Foi ele quem comprou o Casarão a pedido de Valquíria e o transformou naquela pousada tão requisitada por jovens casais e por curiosos que vinham atrás da fama assombrada do local. Foi Natâniel quem deu um novo rumo para a vida de todas elas, deixando aquele novo empreendimento para que elas mesmas pudessem administrar como quisessem. Ele devolveu a sanidade delas! E o mais espantoso não foi ver que o bendito havia voltado sofisticado e cheio da grana, mas sim que não havia envelhecido nada.

Quarenta e seis anos, mas aquele rosto e corpo musculoso não aparentavam ter muito mais de vinte e cinco.

E com Natâniel veio os outros, o grupo Valverde, do qual ele fazia parte, ou o “clube dos pedaços de mal caminho” como Valquíria e ela gostavam de brincar. Todos homens lindos e sofisticados, com músculos dignos daqueles modelos das capas dos romances vagabundos que Ana adorava ler. Mesmo a única mulher do grupo, a tal Bianca, era uma beldade de parar o trânsito, o que fazia Letícia pensar se a beleza não era um requisito básico para poder se juntar àquele seleto grupo, pois até mesmo o idoso David Grenier tinha seu charme.

Mas tirando a aparência e os acolhedores e educados modos, eram pessoas estranhas e ainda mais misteriosas que Natâniel. Sempre estavam viajando e discutindo a portas fechadas. Vinham sempre com presentes e demonstrações de carinho para com todas elas, mas nunca revelavam demais sobre si, e eram tão bons nisso que Letícia havia se acostumado a esse jeito peculiar, e em pouco tempo aquelas beldades e as sobreviventes do Casarão Violeta se tornaram uma verdadeira família.

Natal, Ano Novo e outras datas especiais eram sempre comemoradas com todos juntos, com muita emoção e fartura. Até mesmo o Dia das Mães era comemorado, e todas elas ganhavam presentes, mesmo que nunca tenham dado vida a ninguém. Era um plano infalível, na verdade, pois eles a sufocavam com tanto amor que nenhuma delas mais se preocupava com os mistérios que os cercavam.

Letícia tinha certas suspeitas, e por vezes se pegava imaginando todo o tipo de coisas, mas não os temia. Na verdade, passou a amá-los verdadeiramente, tanto que um deles estava justamente dormindo em sua cama naquele exato momento.

Um pouco mais calma, Letícia moveu sua atenção das sombras do quintal para o homem em seu colchão, dormindo feito uma criança. Um belo exemplar masculino, com aquele corpo de deliciosos músculos definidos e bronzeados. Com aquele cabelo castanho cacheado que lhe emprestava um tom jovial de menino que cresceu rápido demais, evidenciado pelo sorriso maroto que ele sempre exibía quando acordado.

Que sorte tinha, pensou, por ter aquela beleza toda a sua disposição. Ou talvez não fosse esse o caso, já que ela própria, chegando aos cinquenta, continuava mais atraente que muita novinha atual. Ainda tinha o rosto belo, de boca carnuda e sobrancelhas finas e arqueadas, e possuía o corpo curvilíneo, de quadris largos e cintura fina, mesmo que seus pequenos seios e musculatura já não fossem mais tão rígidos como antes. Ainda virava a cabeça de homens e mulheres na rua, ao passear com seus vestidos justos, saltos altos e exibindo o exuberante cabelo crespo cortado bem curto e tingido de loiro ou vermelho (como agora).

Há quanto tempo estavam dormindo juntos? Um ano? Dois anos? Não tinha mais certeza. A sensação era que ele sempre esteve junto dela e que os horrores do passado pertenciam a uma outra vida.

Diferente do irmão Roberto, e da tal Bianca, que eram mais carrancudos e os mais fechados do grupo, Ricardo era sorridente e sociável, e por parecer ser mais íntimo de Natâniel, foi o que mais rápido foi acolhido entre as sobreviventes do Casarão Violeta. Quando não estava ausente nas inúmeras e misteriosas viagens com os outros membros da Valverde, passava horas na cozinha conversando com Ana e Dolores, no jardim batendo um papo descontraído com os empregados, ou caminhando pelas trilhas do bosque enquanto cantarolava e sorria para os pássaros e árvores, usando apenas um short esportivo e chinelos de dedo. E foi numa dessas muitas andanças pelas trilhas que eles ficaram mais próximos.

Por vezes, Letícia desconfiava se Ricardo não era como Natã, sendo mais velho do que sua aparência dizia, como se todos os membros da Valverde pertencessem a mesma raça longeva. Pois, por mais que ele falasse ou se movesse como um garoto de vinte e poucos anos, exibia uma certa sabedoria que normalmente pertencia a homens mais velhos. Ele parecia ter viajado pelo mundo todo e podia entender e complementar qualquer assunto que ela se dispusesse a conversar. A soma disso só aumentava o poder de sedução dele, e foi impossível resistir as investidas por muito tempo.

A relação de ambos não era algo rotulado, e nem mesmo ela se importava com isso. Sentia falta quando ele viajava, mas Letícia não era do tipo que se preocupava com pensamentos enciumados, e nem mesmo tinha medo de perdê-lo para outra. O importante era aproveitar o amor que ele estivesse disposto a lhe dar e receber, fosse pelo tempo que tivesse que ser.

Ela voltou para a cama, sentindo seu próprio desejo aflorar, se deitando ao lado daquele corpo nu parcialmente descoberto pelos lençóis. Acariciou o rosto liso dele e depois o peito, arranhando delicadamente os pequenos mamilos e os gomos impressionantes do abdômen.

Delicadamente, mas sem medo de acordá-lo. Na verdade, era isso o que queria; ele bem desperto e a sua disposição. Por isso, sentiu os efeitos que seu toque causava naquele corpo com uma deliciosa pontada de prazer entre as pernas. Sentiu a temperatura daquela pele, que sempre parecia mais alta que o normal, e a respiração dele começar a mudar, até que ele deu um gemido preguiçoso e abriu os olhos castanhos.

— Boa noite — disse ele, cheio de manha e dando aquele sorriso que só atiçava ainda mais o desejo de Letícia. O sexo dele também estava desperto e duro sob os lençóis. Ambos entrando em sintonia, ambos latejando e querendo devorar um ao outro, enquanto se beijavam com intensidade.

Sim, era isso o que ela queria. Aquelas mãos fortes apertando com voracidade seus quadris e sua bunda. Aquele corpo de um deus pagão a fazendo se sentir mais jovem que nunca e afastando de uma só vez as sensações providas do pesadelo. Espantando os horrores das feras sedentas por sangue e das impiedosas chamas de Franciele.

Surpresas

Ainda naquela noite, após a primeira corrida na forma de fera consciente, André quase deixou para lá de novo, e foi necessário que mais uma vez Natã lhe pressionasse a ligar para seu amigo Luís, e permaneceu de braços cruzados, ao lado de André, pelo menos enquanto se certificava que o jovem tinha começado a chamada no celular.

Já André entendia como estava sendo irresponsável e até mesmo insensível àquelas pessoas que o amavam e que não poderiam saber nada sobre sua nova vida, mas era tão fácil se esquecer deles naquele momento. E sim, aquilo não era nada legal. Luís e Renan não mereciam serem tratados daquele modo. Ele se envergonhava disso, mas estava impossível se concentrar naquelas responsabilidades, como se seu novo cotidiano fosse um sonho bom e vívido, e Renan e Luís fossem vozes do mundo desperto, chamando-o de volta para a crueza insípida da realidade.

De todo modo, com Luís era relativamente mais fácil. Seu amigo se mostrou completamente preocupado ao telefone, é claro, obrigando André a ouvir aquele sermão nascido da mistura de preocupação, alívio e ódio, mas o jovem escritor e lobisomem novato reconhecia que merecia ouvir cada uma daquelas palavras duras e concordar com elas, ao mesmo tempo que sabia que também era a melhor forma de acalmar seu amigo.

— Você tem razão, me desculpe — disse, após Luís retomar o fôlego.

— Ah, você se desculpa, é? Eu não quero saber se você se desculpa, caralho! Você sabe a preocupação que me deu? E Renan ligou mais cedo pra mim falando que você tinha mandado uma mensagem, e que ele estava todo desconfiado...

— Posso imaginar.

— Não, André, você não *pode imaginar* porra nenhuma, se não, não faria o que fez. Você não sabe o esforço que eu fiz para que Renan não alertasse a sua família ou a polícia, porque de algum modo eu já sabia o que tinha acontecido. Por sinal, não é a primeira vez que você faz isso! Deixa eu adivinhar qual o problema: *Natãniel e a tal casa assombrada*.

André ficou mudo.

— Me responde, merda! — Luís esbravejou. — Não foi pelo mesmo motivo que você também sumiu há uns seis meses atrás?

— Sim... é... é isso mesmo.

— Claro, e como da outra vez você também não vai poder me explicar direito, mas prometerá que falará comigo pessoalmente, não é?

— Luís, me desculpa, eu sei...

— Olha, André, você decide logo o que você quer da porra da sua vida! Você quase morreu por causa desse cara uma vez, e eu nunca consegui entender o porquê, já que toda essa merda é envolvida na porra de um mistério sem fim — ele tomou fôlego, mas logo voltou a esbravejar. — E a merda maior é que esses seus problemas sempre sobram para mim! Então, foda-se! Resolva essa merda de uma vez! Assuma logo que está com Natâniel e pronto! Renan não merece isso! Ele está sofrendo muito! Nem trabalhando direito está! Será que você é tão insensível assim? O que está acontecendo com você?

André sentiu vontade de chorar na hora, mais uma vez ficando mudo, e Natâniel ao seu lado percebeu isso, tocando-lhe o ombro com delicadeza. Luís também se calou, e era certo que assim como ele estava com lágrimas nos olhos.

— Luís, eu te amo — André disse por fim.

— Vai tentar me amolecer agora?

— Não, só tô dizendo a verdade. Eu te amo, meu amigo, e sinto muito por tudo. Eu sei o quanto estou sendo idiota. Me perdoe — disse, a voz embargada. — E eu sei também que não tenho mais o direito de pedir nada, mas confie em mim mais um pouquinho. Eu estou bem e vou resolver isso tudo, eu prometo. Só preciso de mais um tempo.

André ouviu o amigo suspirar mais uma vez.

— Eu também te amo, seu merda.

— Olha, eu prometo que resolverei tudo — repetiu, enquanto sorria entre lágrimas.

— É bom mesmo. Só não me deixe mais sem notícias.

Como esperado, manter sua promessa se tornou cada vez mais difícil, pois era irresistível que sua atenção não se perdesse por completo naquele novo mundo.

Durante a semana de lua minguante que se seguiu, Natâniel e ele davam uma escapada para o bosque da propriedade. Às vezes Ricardo ou o próprio Flávio se juntavam as noites de corrida, e nunca André havia se sentido tão feliz, tão poderoso e fazendo parte de algo realmente importante.

Com a ajuda deles, adaptar-se a transformação ficou cada vez mais fácil e rápido, tão rápido que a dor do processo se tornou algo suportável e corriqueiro. E quando ele se lembrava do livro de Natâniel e pensava o quanto tinha sido diferente para seu amado, toda aquela preocupação do outro fazia sentido. Natã teve que aprender tudo aquilo sozinho, lentamente e com mais erros do que

acertos. André não, André era um privilegiado por fazer parte de uma alcateia como aquela.

Era incrível saber que agora possuía uma longevidade que o faria alcançar duzentos anos ou mais, além do fato de que era necessário uma outra criatura, tão poderosa quanto, para matá-lo, já que até ferimentos mais graves eram facilmente curados quando se mudava de forma.

“Prata é bobagem e superstição. O único modo de nos matar é nos decapitando, arrancando nossos corações ou esmagando nossos cérebros, e isso é difícil até mesmo para os vampiros mais antigos”, disse Natã. “Lembre-se também que, mesmo na forma humana, sua força não é mais a mesma. Você aprenderá a controlá-la totalmente, mas por enquanto é *muito importante* que você fique atento aos seus movimentos. Por precaução, não ponha nenhuma força ao apertar a mão de um humano. Deixe que o humano o abraça, não o contrário, pois você pode machucá-los sem querer.”

Além de seus novos atributos físicos, a mudança maior foi no comportamento de André. Ele, que sempre foi tímido e reservado, parecia enfim ter perdido o receio das pessoas, e o próprio Natãniel se espantava ao ver o amante todo simpático e falador com os moradores do Casarão, completamente à vontade, como se aquele sempre tivesse sido o seu habitat natural.

O melhor de tudo era a ausência de medo. André sempre dizia ser uma criatura noturna; sua vida inteira preferiu ficar acordado até tarde, pois nas sombras e quietude da noite é que gostava de escrever, desenhar, ou apenas ficar só consigo mesmo. Quantas vezes nessas inúmeras madrugadas ele desejou simplesmente sair pela porta de casa para a noite e caminhar por onde desejasse, contemplando a beleza das estrelas e em como tudo ganhava um tom soturno e até mesmo místico. Mas para André, assim como para a grande maioria dos humanos comuns, e principalmente para os que fazem parte de uma minoria discriminada, o medo estava sempre presente, principalmente em locais urbanos onde a violência se multiplica desenfreada.

Deste modo, que maravilhoso era sair sem medo no meio da noite, fosse para correr em forma de uma fera assustadora, ou simplesmente caminhar como homem sob as estrelas. O bosque, com sua mata fechada, espinhos, ribanceiras, cobras e insetos venenosos, e tudo mais que era perigoso ao humano comum, não ofereciam perigo a ele.

No fim das corridas, voltava a forma humana e caminhava descalço e seguro de cada movimento, fosse entre pedregulhos, galhos espinhentos ou rochas pontudas. Os olhos enxergando perfeitamente na escuridão. Qualquer possível ferimento, qualquer picada de um bicho peçonhento, não importava. André olhava para o pequeno ferimento que pouco depois se curaria milagrosamente, e ria

deliciado com isso. Ele havia nascido para aquela vida, pensava, ao mesmo tempo em que imaginava como seria andar sem medo pelas ruas mais escuras e perigosas das cidades.

E nesses momentos, quando tinha apenas a companhia de Natâniel, tudo se tornava ainda mais perfeito. Ambos nus em meio a vegetação e o céu estrelado, os olhos cintilando naquela cor amarelada feroz, gemendo e rosnando selvagemmente enquanto seus corpos fortes e quentes se entrelaçavam numa dança erótica. E até mesmo o sexo tinha melhorado, pois antes Natâniel controlava cada movimento seu para não ferir o frágil corpo humano de André. Agora não, pois ambos eram seres poderosos e podiam se entregar a violência do desejo como gostavam.

Na mata, o amor de ambos era a extensão de uma força antiga e soberana presente em todas as coisas sob o céu estrelado.

Penso que incrível deve ter sido — ele escreveu no notebook após um desses gloriosos momentos — quando o mundo inteiro era praticamente isso: bosques, selvas, florestas e campinas sem fim, onde os lobisomens antigos corriam em matilhas como reis soberanos, causando terror e admiração nos corações dos homens. Uma verdadeira força da natureza que não poderia ser contida, sendo naturalmente temida e respeitada por todos os outros seres selvagens, mas em comunhão com os mesmos.

Isso me faz questionar de onde viemos. A grande e inevitável pergunta que todos os seres fazem. Qual teria sido a nossa origem?

Na primeira oportunidade me lembrarei de perguntar à Flávio sobre os lobisomens da antiguidade, já que Natâniel parece nunca ter se interessado muito pelo assunto.

Já durante o dia, o Casarão Violeta e seus moradores, vivos e mortos, eram outra fonte de interesse irresistível para André.

Aquela construção só reforçava o quanto ele amava casas grandes e antigas, e acreditava que tal paixão havia nascido e sido alimentada dos filmes e livros que fizeram parte de sua infância e vida adulta.

Ora, a cultura pop é cheia de casas incríveis e com personalidade, principalmente as assombradas – as preferidas de André. E poderia relembrar de muitas casas que marcaram sua imaginação e sonhos: *A Família Addams*, ou as casas belas e agourentas de *Burnt Offerings* e de *A Mulher de Preto*, ou o elegante Ramallete de *Os Maias*. Da casa de *A Hora das Bruxas* de Anne Rice à linda mansão assombrada daquele filme ruim *A Casa Amaldiçoada*, com Catherine Zeta-Jones. Quando criança seu sonho era morar no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, que não

tinha lá uma casa tão majestosa, mas em compensação era rodeada de seres mágicos.

Que sonho pensar que agora podia chamar aquele lindo Casarão Violeta, com seus jardins e pilastras de mármore, de lar.

Natã havia resolvido abandonar de vez o seu saudoso quartinho nos fundos do Casarão, para ocupar junto com André um dos grandes quartos do segundo andar, e parecia não ter uma única vez que André não reparava em algum detalhe interessante na decoração luxuosa do ambiente, quando subia ou descia aquelas escadas. Mas não era só a riqueza dos detalhes em cada móvel ou ornamento de gesso nas paredes e nos corrimões e varandas, mas sim o fator principal: seus fantasmas.

Sim, as aparições do Casarão Violeta eram famosas, e a curiosidade de André estava sedenta por conhecê-las a fundo. Por isso passava horas na cozinha ouvindo Ana e Dolores contando sobre como a vitrola tocava sozinha, ou sobre hóspedes que acordaram ouvindo uma música alta, e quando foram conferir viram pessoas dançando ao som do velho jukebox no salão, só para essas pessoas sumirem num piscar de olhos, junto da música.

Ajudava Madame Valquíria a cuidar do jardim, só para ouvir a mesma falar sobre o espírito de Velho Epitácio que costumava aparecer de noite no quintal, levantando o punho em direção a janela do quarto dela, e mexendo a boca como se estivesse xingando, mas sem produzir som algum.

André conhecia muitas daquelas histórias, pois elas foram descritas em detalhes (alguns bem macabros) na biografia de Natâniel, mas ouvir as mesmas vindo das bocas daquelas mulheres era ainda mais interessante.

Falando em Madame Valquíria, a imponente matriarca do Casarão, era sempre impressionante de se olhar. Pela postura forte e aparência conservada, ficava difícil deduzir, mas ele julgava que Valquíria teria uns sessenta anos, ou mais. Uma mulher que exalava um ar de comando, sem perder a descontração. Sempre sorridente e perfumada, exibindo muitas joias e o cabelo ruivo em um penteado volumoso e laqueado em forma de capacete. Seu único olho, já que o outro não existia mais e o local era escondido por um tapa-olho, examinava as pessoas como se enxergassem o interior delas. Uma mulher que havia sobrevivido a muita coisa, e por vezes parecia que ainda sobreviveria a todos eles.

Ela era simpática com André, e quando ela comentou “então, o moleque escritor se tornou mais um dos Valverde”, ele soube que Flávio ou Natã já tinha explicado a ela que o Casarão ganhara um novo morador. Mas o quanto ela sabia sobre os membros da Valverde? André se perguntava, e na dúvida se mantinha calado e sorria.

Outro comportamento curioso de Valquíria para com André, era como por vezes ela o observava em total silêncio, como se o rosto dele a fizesse se recordar de algo ou de alguém. Isso o desconcertava completamente e ele nunca sabia o que fazer na hora, se limitando a baixar os olhos ou iniciar uma conversa com outra pessoa que estivesse por perto. Mas, quando logo em seguida Valquíria caminhava até o salão e ficava diante do retrato de Isabella, tudo começava a fazer sentido à André. Pois, se ele era mesmo a reencarnação daquela moça, quem seria mais capaz do que Madame Valquíria para reconhecer os possíveis sinais?

De todo modo, Isabella era um assunto que nunca o agradava, e por isso ele sempre preferia ignorar e se afastar.

Já com relação a bela Letícia, André nunca conseguia uma proximidade maior. Ela continuava sempre educada para com ele, mas o tratava como qualquer outro hóspede passageiro, não como alguém “da família”. Talvez o tempo os aproximaria, pensou, e tempo ele tinha um bocado agora.

Mas a personagem mais enigmática do Casarão não era uma sobrevivente, e sim a única criança no local. A pequena Lua; uma menininha calada e que sempre fugia da presença de André, a não ser quando outras pessoas estavam por perto, mas nestes momentos ela permanecia calada, encarando-o com seus grandes olhos cor de mel. Até mesmo quando ele a observava, da janela do quarto, sair com sua mochila para ir à escola pública da cidadezinha de Santa Sofia, ela parecia sentir o olhar dele e o encarava de volta, cheia de desconfiança.

Cria de lobisomens, claro. E André não precisava saber que os pais da criança eram Bianca e Daniel para deduzir isso. Sentia o cheiro específico e indescritível por baixo do perfume que ela usava.

A primeira conversa entre ambos ocorreu quando ele menos esperava, e na presença dos mortos.

Ocorreu naquela manhã de sexta-feira, após responder vagamente mais um e-mail de Luís, que relatava o quanto seu ex-namorado (pois já era ex em sua cabeça) tinha passado da tristeza para a fúria total e ameaçava jogar todas as coisas de André fora. Outro e-mail veio da editora que havia publicado seu livro, apenas para acertarem alguns detalhes dos direitos autorais, nada demais. Depois disso, enquanto Natâniel ainda dormia preguiçosamente, ele fechou o notebook e saiu para o corredor, torcendo para que Flávio, que havia acabado de voltar de São Paulo junto dos outros lobisomens, pudesse ter um tempinho com ele.

Desde que Natã havia lhe dito que era costume entre as alcateias que os lobisomens mais velhos contassem suas histórias de vida para os mais novos, André estava louco para saber tudo de cada um deles, e o alfa seria o primeiro.

Mas foi então, ainda no meio do corredor, que uma música começou a tocar de repente, fazendo-o estacar. Não, não era uma simples música. Era uma pessoa cantando ali por perto. A voz feminina e melodiosa entoando alguma canção religiosa... sim, algo sobre a Virgem Maria. André já havia sido forçado pela família a fazer crisma e conhecia aquela música. Mas de onde vinha?

Girou o corpo e apurou sua poderosa audição. Que estranho. Era um som esquisito, pois não se propagava como normalmente os sons se propagam, vibrando pelo ambiente. E vinha lá do final do longo corredor, lá onde existia a pequena escada que ele nunca havia subido, e que levava para o sótão. Se estivesse certo, finalmente estaria vivenciando um evento fantasmagórico naquela casa.

Caminhou até a escadinha e subiu os poucos degraus até a pequena porta do sótão, mas, ao pôr a mão na maçaneta, simplesmente ficou paralisado e sentiu medo.

Oh, como assim medo? Era um lobisomem, caramba! Por que estava sentindo medo? Ele se questionou, se enfurecendo consigo mesmo, mas não podia negar o arrepio que tomou conta de seu corpo, a sensação de perigo do desconhecido, e de repente lembrou da noite, há uns seis meses atrás, quando ele estava dormindo no Casarão a primeira vez e acordou diante de uma assombração que ateava fogo em si mesma...

Não, mas aquilo havia sido só um sonho.

Mesmo assim, respirou fundo, girou a maçaneta e entrou. A voz ainda cantarolava lá dentro, em meio as inúmeras caixas e objetos antigos cobertos por lençóis empoeirados, ficando mais alta a medida que ele se aproximava. Quase tão alta quanto o barulho das batidas de seu coração retumbando em seus ouvidos. E havia um outro som, o de madeira rangendo de modo ritmado.

Era um sótão grande e escuro, onde a única luz vinha de uma pequena janela no fim do ambiente, mas felizmente aquilo não era mais problema para a visão aprimorada de André.

Ele estava suando, e além disso o medo causava outras reações em seu novo corpo, fazendo-o tremer, e os dedos das mãos estalarem e se alongarem. Será que não era melhor voltar? Não devia correr o risco de se transformar dentro do Casarão, mas a música estava tão perto, vinha de detrás da pilha de caixotes, e sua curiosidade era ainda mais forte que o medo. Mas quando ele deu a volta na pilha, a cantoria cessou, e apenas uma velha cadeira de balanço se movia, como se alguém tivesse acabado de se levantar.

O coração de André estava para sair pela boca, ao mesmo tempo que uma excitação lhe dominava. Sim, ele lembrava da história. Não seria aquele o fantasma da pobre Tia Évelim, a tia de Madame Valquíria, o fantasma pacífico que cantarolava no sótão?

— Tia Évelim, você está aí? — André perguntou, tão fascinado por aquela situação que nem notava os pelos que começavam a brotar em seu rosto e nas costas dos braços, nem as garras tomando o lugar de suas unhas.

Nenhuma resposta. Só o som repetitivo da cadeira de balanço ainda se movendo cada vez mais lento.

E foi então que uma figura pequena e magra surgiu de detrás de um velho guarda-roupa. Olhos luminosos se destacando no escuro.

— Cuidado — a coisa disse, e André deu um berro de susto, se jogando para trás e caindo de costas sobre uma caixa de livros velhos. Aquilo desencadeou ainda mais sua transformação, rasgando parte de sua camiseta quando os músculos dos ombros se alongaram e encorparam. Ele rosnou para a aparição, mas então se deu conta que não era fantasma nenhum.

— Meu Deus... é você — disse, sentindo alívio imediato, e gemendo com a dor aguda de seus ossos e músculos voltando para o lugar.

A pequena Lua saiu das sombras para a área iluminada pela janela.

— Cuidado, — ela repetiu, com calma — você vai se transformar.

— Então... então era você quem estava cantando? — perguntou, ainda recuperando o fôlego.

— Não, era a mulher morta que às vezes se balança naquela cadeira. Eu só estava escutando ela cantar, mas você a interrompeu — ela disse, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Sua voz era baixa, arrastada e meio rouca, o que fez André pensar num filhotinho de cachorro que havia aprendido a falar.

A medida que foi se acalmando e notando, para sua surpresa, que ela não fugiria dele como das outras vezes, André observou com atenção aquela curiosa criatura. Sabia que tinha por volta dos doze anos, mas por vezes parecia ter até menos, por ser baixinha e magrinha como um espeto, de rosto delicado e grandes olhos dourados. Tinha puxado os trejeitos silenciosos e intimidadores da mãe, assim como os cabelos loiros, só que diferente de Bianca que tinha o cabelo liso, o de Lua era bem cacheado e volumoso (o que sempre fazia André se lembrar da cantora Shakira no vídeo de La Tortura). Já do pai ela tinha herdado os traços negros, no nariz mais largo e na boca carnuda e sensual. Só que não era tão escura quanto Daniel, e sua pele possuía um tom mais claro de caramelo.

Era uma criança inegavelmente bonita, de pés descalços e vestidinho branco, e seria considerada uma coisinha graciosa se não fosse aquela mania de vagar pela casa feito um bicho arisco, dando a impressão de que a qualquer momento ia cravar os dentes em alguém que se aproximasse demais. O que fez André pensar se todos os filhotes de lobisomens eram daquele jeito.

— Você a viu, a fantasma? — ele perguntou, se pondo de pé, e feliz por finalmente está tendo a chance de falar com a criança. Que lindos olhos de brilho

dourado ela tinha. Que tipo de fera ela seria quando enfim conseguisse se transformar?

— Sim, já vi todos eles — ela respondeu, ainda imóvel e sem nenhuma expressão discernível em seu belo rosto. — Mas é preciso saber se aproximar deles. Os mortos são tímidos.

André voltou a olhar para a cadeira de balanço que então estava imóvel. Mesmo que fascinado, sendo um humano comum ou um lobisomem, não importa, os vivos sempre temem os mortos, em um nível ou outro.

— Você costuma conversar com eles?

— Na verdade não. Não mais — disse ela, finalmente se movendo e chegando mais perto dele. — Eu busquei estudá-los no começo, naquela vã esperança de que eles pudessem trazer revelações do outro lado, mas os mortos não sabem de nada. Pelo menos estes não. Estão presos em um comportamento específico e repetitivo, sempre fazendo as mesmas coisas que faziam quando vivos. Na maioria das vezes nem notam a nossa presença.

Quanto mais ele a estudava, mais interessante a menina o parecia. Natâniel já havia comentado o quão peculiar Lua poderia parecer. Uma criança normalmente calada, vagando pela propriedade como se espionasse todo mundo, até que de repente abria a boca e começava os assuntos mais inesperados para uma criança de pouco mais de doze anos.

— Ainda não fomos devidamente apresentados. Seu nome é Lua, não é? Eu sou André.

— Eu sei. André Lobo, o escritor.

— Achei que você não ia muito com a minha cara — disse André, mais para manter a atenção da menina do que por curiosidade, enquanto estapeava a bermuda para retirar a poeira que havia grudado quando ele caiu.

— Não era isso. Você só não me parecia interessante o suficiente.

— E agora pareço?

— Não — ela disse, parecendo meio entediada. — Mas Tio Natã falou que você agora faz parte da alcateia, e a alcateia é família, querendo ou não. Além disso, ele o ama, então quem sabe deve ter algo de interessante em você no fim das contas.

André riu com a sinceridade crua dela.

— Eu li seu livro, — Lua continuou, andando em volta dele — e realmente não faz sentido nenhum que os vampiros o tenham caçado por escrevê-lo.

— Mas, você gostou?

— Sim. Não é a melhor coisa que li na vida, mas você leva jeito. Só acho estranho o modo como você romantiza o sofrimento. E falando nisso, eu comecei a

ler a biografia de Tio Natã também e cheguei a mesma conclusão: vocês se merecem. Ambos encontram beleza no sofrimento e auto sacrifício.

André riu novamente.

— Quem sabe quando se apaixonar a primeira vez, você mude um pouco de ideia?

— Não conte com isso — disse ela, dando as costas e se preparando para sair do recinto.

— Ei, Lua! Espero mesmo que nos tornemos amigos.

A menina se virou e deu um rápido sorriso sem mostrar os dentes, antes de desaparecer pelas escadas tão furtivamente quanto havia aparecido. André ficou mais alguns minutos no sótão, ainda rindo do encontro. Ele não era do tipo que gostava de crianças, por mais que essas por algum motivo estranho se interessassem por ele, mas havia gostado de Lua.

A cadeira de balanço voltou a se mover discretamente, e André sentiu novos arrepios.

— Foi um prazer conhecer você também, Tia Évelim.

O céu noturno de Brasília estava exuberante como de costume, mesmo com a timidez das estrelas. A lua minguante transmitia certo romantismo, enfeitando o firmamento, que ostentava um roxo escuro e emprestava um tom rosado às nuvens volumosas. Se tivesse com sua câmera tentaria registrar aquela maravilha de céu para mostrar a sua filha Lua quando voltasse para casa. Mas infelizmente não era naquela beleza toda que ele precisava focar sua atenção agora, e sim em algo completamente oposto.

Num imundo e antigo galpão fechado no setor industrial do SIA, em meio a pilhas de sacos de cimento endurecido e de tijolos velhos, um cadáver de morador de rua ainda estava fresco. O peito do homem havia sido estraçalhado, com as costelas projetadas para fora feito garras brancas de um monstro. Pulmões e coração não se encontravam lá, provavelmente devorados, assim como a carne do pescoço. Os intestinos estavam espalhados de qualquer jeito em volta do corpo, e nas coxas se encontravam mais lacerações (certamente eram mordidas), assim como na região pélvica onde anteriormente teriam existido os órgãos sexuais.

Além do cheiro de lixo, morte, de fezes e urina no local, era o sangue que se sobressaía e atingia com força o olfato de Daniel, lembrando-lhe que já fazia um bom tempo que não caçava junto de sua alcateia. Mas ele não desejava aquele sangue e nem aquela carne, pois assim como a maioria dos lobisomens, ele preferia suas presas vivas.

Ajeitou o bonito chapéu de vaqueiro feito de couro de jacaré, que com os anos havia se tornado sua marca, e pensou em Lua novamente. Sua menininha estava chegando naquela fase importante onde descobriria seus dons e a fera interior, onde teria sua primeira caçada e... ah, ele estava divagando mais uma vez. Que hora mais absurda para pensar em Lua. Foque na visão medonha do morto, pois aquele caso era mais urgente. “Volte para a Terra, cabeça de vento” diria sua esposa, daquele jeito seco e direto dela.

Fazia calor, principalmente por baixo de seu elegante terno preto, mas ele já estava acostumado aquelas vestimentas em qualquer temperatura. Terno e gravata pretos eram o uniforme dos Valverde, como costumava brincar.

— Ele não parece ter sido morto aqui — disse, por fim, enquanto se abaixava e olhava as marcas de sangue no piso sujo e empoeirado. Já era experiente em decifrar aqueles pequenos enigmas mesmo antes de receber o Dom da Fera, quando ainda lutava contra a vergonha brasileira que foi a ditadura militar. O cheiro do assassino também ainda podia ser sentido no local, tão efêmero que até mesmo um poderoso olfato como o dele poderia deixar passar despercebido.

— Sim, é o que os rastros de sangue indicam. Devem tê-lo matado em outro lugar e se alimentado dele somente aqui. E não creio ter sido muito longe — disse a mulher ao seu lado, e que mulher.

Albertina, a alfa da alcateia Lamannara, era a criatura mais sensual que Daniel já havia visto. Dona de um belo rosto de traços marcantes: sobrancelhas arqueadas e escuras assim como os olhos de cílios longos, nariz pequeno e boca carnuda pintada de vermelho. Seu cabelo era preto e liso, quase chegando a cintura. O brincalhão Roberto já havia comentado uma vez com seus irmãos da Valverde que achava a alfa uma sócia da atriz Monica Bellucci, e cada vez que Daniel olhava para ela, mais concordava com isso. Até mesmo o corpo tinha as formas voluptuosas da atriz na época do chocante filme *Irreversible*, e para melhorar a coisa toda, ela usava um terninho vinho sobre um justo vestido preto, exibindo as desconcertantes pernas que naquele momento, enquanto Daniel permanecia abaixado, estavam bem ao lado de seu rosto, com aquelas coxas grossas e as panturrilhas lindamente flexionadas pelos saltos altos.

A italiana sabia o desejo que despertava nos outros, e parecia gostar disso. Era proposital o modo penetrante que o encarava e por vezes se aproximava demais dele. O apetite sexual de Albertina era algo famoso na Noite; praticamente todos os homens da Valverde já haviam sido “devorados” por ela, mas, por mais que Daniel adorasse pensar no assunto, preferia manter seus desejos trancafiados para não despertar a fúria de sua amada Bianca, que escondia em sua aparente frieza um ciúme assombroso. Além disso, havia assuntos mais urgentes, como o fato daquele corpo mutilado.

Foco, Daniel, foco!

— Tudo indica que é um licantropo mesmo. Você disse que essa já é a terceira morte? — Daniel perguntou, voltando sua atenção para as tripas espalhadas do pobre coitado.

— Semana passada encontraram mais dois mendigos destroçados, não muito longe daqui. A sorte é que a Geneoziz sempre intercepta essas chamadas da polícia e chegam antes e abafam tudo, mas já estão nos pressionando para resolver o caso, por isso liguei para Flávio — ela respondeu.

Lamannara, era o nome da atual alcateia de Brasília, e era composta por Albertina e outras três fêmeas. Com exceção de uma, todas eram de origem italiana, descendentes de uma das mais antigas alcateias europeias. Por meio de acordos entre os grupos, Flávio permitiu que Albertina residisse e controlasse o centro-oeste do país (um de seus territórios), mas que funcionasse como um braço direito da Valverde, e vassala da mesma. Em troca, além do território, ela poderia contar com o apoio da Valverde sempre que precisasse.

— Vamos nos livrar desse corpo logo. Como é que vocês fazem aqui? — Daniel perguntou.

— Temos um crematório no subsolo da mansão — ela respondeu, se referindo a bela mansão moderna e de paredes de vidro que elas moravam, e que ficava as margens do lago.

— Pode deixar comigo — disse uma terceira pessoa que acabava de entrar no galpão. Seu nome era Pietra, prima de Albertina.

Daniel era o mais alto dos Valverde, com quase dois metros de altura, mas aquela mulher não ficava muito atrás. Pietra era branca, de cabelo castanho escuro cortado na altura do queixo, olhos azuis e traços que lhe davam uma aparência meio masculinizada, principalmente devido a compleição física mais musculosa, muito alta, com pouco seios e de ombros largos. Usava jeans, jaqueta de couro e botas pesadas, e vinha carregando um daqueles sacos pretos para recolher o morto.

Daniel se afastou enquanto a outra começava seu trabalho, se forçando a encarar o rosto provocador de Albertina, ao mesmo tempo que evitava a visão de seu escandaloso decote.

— Pietra pode levar o corpo, mas acho que é bom não perdermos tempo e começarmos a tentar rastrear o culpado. Se for mesmo um lobisomem, é bem capaz que seja um novato, muito provavelmente um solitário que não conhece as leis da Noite.

— Vou ligar para Leone e Catarina. Elas estarão aqui num instante. Catarina é nossa novata, mas pode levar o corpo para a mansão, enquanto o resto de nós começará a caçada — Albertina disse, tirando um pequeno celular do bolso do terninho.

Mas antes que ela começasse a discagem, Pietra, que ainda segurava pedaços ensanguentados do defunto nas mãos enluvadas, se ergueu de repente e farejou.

— Vocês sentiram isso?

— Senti e ouvi — respondeu Daniel, atento.

— Lá em cima — Albertina sussurrou, já tirando o terninho e largando os *scarpins* pretos na poeira, pronta para tirar o vestido se fosse necessário se transformar.

Alguma coisa caminhava desajeitada sobre os longos andaimes do galpão, fazendo a poeira se desprender das plataformas. Devia ter acabado de chegar, e pelo jeito que se movia não notava a presença dos três, o que só reforçava a teoria de que fosse um lobisomem jovem e desorientado, ainda descobrindo suas próprias capacidades.

Albertina fez um sinal e se escondeu atrás de uma pilha de tijolos. Daniel e Pietra também se esconderam, prontos para surpreender a coisa. E já para se precaver, Daniel retirou o paletó, desfez a gravata e começou a desabotoar a camisa, e ao seu lado, Pietra fazia o mesmo.

A fera misteriosa saltou da plataforma para perto do corpo, onde parte já estava depositada dentro do saco preto, o que a deixou desconfiada, mas para a surpresa dos outros três, a fera não era um lobisomem.

Em tempos atuais, era raro encontrar um ser daquele, mas não era a primeira vez que Daniel via uma abominação como aquela; uma coisa deformada, meio fera e meio homem, algo que havia estacionado desigualmente no meio da transformação, sem poder se tornar um lobisomem completo e sem poder voltar a forma humana. As pernas eram meio atrofiadas e sem pelos, o braço esquerdo era humano, enquanto o direito era musculoso e peludo. Seus dentes se projetavam de forma estranha, como se tivessem rasgado a carne da própria face bestial e deformada.

— Vira-lata! — Daniel gritou, dando um salto e se transformando ainda no ar. As duas fêmeas fizeram o mesmo, pois ambas conheciam o significado de *vira-latas*, também chamados de *abominações* ou *carniceiros*, e um ser daquele tinha que ser destruído sem qualquer questionamento.

A aberração rosnou de volta, exibindo suas presas tortas, mas perigosas. Em menor número não era tão ameaçador, mas mesmo com sua deformidade, a coisa podia ser tão veloz ou forte quanto um lobisomem.

A fera Pietra mirou um potente golpe, mas o vira-lata desviou com habilidade. O instinto de sobrevivência naquelas coisas costumam ser sua grande arma, e num salto veloz escalou as costas da fêmea, pronto para lhe abocanhar na jugular.

Antecipando o movimento do inimigo, Daniel avançou, agarrando o vira-lata por uma das pernas atrofiadas e o derrubando. Mas nem a coisa triscou no chão e já

saltou de novo, dessa vez sobre Daniel, cravando os dentes em seu ombro.

Daniel rugiu com a dor, mas ao invés de se libertar da criatura, a segurou com força, pois logo em seguida a lobisomem Albertina chegou por trás do vira-lata e enfiou as garras embaixo do seu maxilar. Daniel segurou com mais força e Albertina puxou com violência, arrancando a cabeça da criatura dos ombros.

Sangue jorrou do buraco no pescoço, banhando ambas as feras, e as duas se sacudiram como cães molhados, sentindo asco. Queriam o mínimo de contato com os fluidos daquela abominação decapitada.

Daniel se distanciou alguns passos e voltou a forma humana, caminhando até onde havia deixado o terno, em busca do celular. Aquela investigação havia tido um elemento surpresa bem mais desagradável, e Flávio devia ser atualizado o mais rápido possível.

Vira-latas não costumam surgir do nada.

A experiência com a assombração e a conversa com Lua não foram as únicas surpresas daquele dia. Quando a noite chegou, pouco depois do jantar, enquanto se preparava para a corrida noturna com Natâniel, André resolveu conferir seus e-mails e redes sociais, encontrando uma mensagem de sua irmã mais velha no *Facebook*. Ela não sabia dos problemas entre o irmão e o namorado, e parecia nem mesmo saber que ele não estava em Brasília.

Aline era a irmã que ele menos tinha intimidade, e levando em conta que André quase não tinha proximidade suficiente com ninguém da família, aquilo queria dizer muita coisa. De todo modo, no próximo fim de semana teria um churrasco para comemorar o aniversário de seu pai, e Aline era a que sempre fazia questão de reunir toda a família nos eventos, independente se estes se odiassem ou não.

André suspirou. Aquele suspiro que sempre dava quando se via diante de algo desagradável e de que não podia fugir. Não que desgostasse de todos eles. Na verdade, os amava, cada um a seu modo, mesmo que eles não o compreendessem e o julgassem pelas “escolhas que tomou na vida”. O grande problema é que André sempre se sentia pisando em ovos quando estava diante deles, não vendo a hora de tudo acabar e poder voltar para seu mundo normal. E seu mundo normal não existia mais.

Decidiu que responderia depois, mesmo que em sua mente já pensasse numa justificativa para não ir. Dizia a si mesmo que era um jovem lobisomem em aprendizado e que não estava pronto para se enturmar no mundo humano comum

por enquanto. Entrementes, aquilo ele discutiria com Flávio e Natã antes de decidir o que fazer.

E foi então que Natâniel entrou apressado no quarto.

— Mudança de planos. Roberto vai cuidar do seu treinamento hoje — disse ele, passando direto por André e retirando uma mala pequena do guarda-roupa e colocando nela algumas poucas peças.

— Por quê? O que aconteceu?

— Surgiu um probleminha em Brasília, mas não se preocupe. Roberto é meio bruto e impaciente, mas pode ser um professor melhor que eu — Natã respondeu, sem nem olhar direito para o amante, fechando a mala e saindo do quarto.

André quase correu atrás dele, seguindo-o enquanto este descia as escadas. Além da confusão da cena, odiava receber respostas misteriosas de Natâniel, ainda mais agora que eram da mesma raça, da mesma alcateia, e mistérios não deveriam mais ser necessário.

— Mas o que tá acontecendo em Brasília?

— Daniel acabou de nos ligar de lá. Parece que temos vira-latas vagando na capital?

— Cachorros?

Natâniel não respondeu, indo se encontrar com o resto da alcateia que se reunia em frente as portas duplas do Casarão. Até mesmo Lua estava lá, ao lado da mãe, que aparentava ser a mais séria e preocupada do grupo, e lançou um olhar rápido em sua direção. André também notou que as outras mulheres do Casarão, assim como dois empregados, se distanciavam da cena, para dar privacidade ao grupo. Apenas Letícia ainda observava, mas mantendo uma certa distância, e André conseguiu ouvi-la sussurrar para si mesma: “Mais uma missão misteriosa”.

O escritor ia voltar a insistir nas perguntas, mas notou que Flávio dizia algo e preferiu direcionar sua atenção para o alfa.

— ...e nisso teremos uma vantagem, pois a alcateia de Albertina já está fechando o perímetro e não deve demorar até termos uma possível localização. — Flávio dizia, em um volume baixo para que os humanos comuns nas proximidades não escutassem, mas que era claramente audível aos licantropo. — Sendo assim, vamos de carro e nos encontramos com eles no local marcado.

— Todos nós vamos? — Ricardo perguntou.

— Não — o alfa respondeu. — O Casarão Violeta agora é nosso território e sempre deverá ficar um membro experiente aqui. Roberto vai ficar com os jovens dessa vez. David, você também não será necessário. As mentes dos vira-latas são confusas demais para serem rastreadas, e além disso você precisa... descansar mais.

O velho David apenas concordou com um gesto de cabeça, já Roberto não pareceu muito feliz com a missão que lhe foi imposta, mas André não tinha

certeza, já que a cara fechada era uma expressão natural daquele lobisomem.

— Vai ficar de babá, mano — provocou Ricardo, bagunçando o cabelo cacheado do irmão, que apenas o olhou com desprezo.

— E Ricardo, — o alfa chamou a atenção do irmão brincalhão — você vai conosco, mas saiba de antemão que ficará nos bastidores, pois se for quem estamos pensando...

— Eu sei, eu sei, chefe — disse Ricardo, perdendo um pouco do sorriso.

Uma das grandes BMW pretas já aguardava na frente do Casarão, e o grupo foi até o veículo. Ricardo e Flávio colocavam as últimas coisas no porta-malas, enquanto Bianca fazia algumas recomendações à filha. Já Natâniel deu um beijo rápido em André e já foi abrindo a porta do motorista.

— Natã, não me deixa no escuro — André insistiu. — O que são esses vira-latas?

— É meio que uma “raça” da Noite, mas não dá para explicar agora. Me desculpe, meu amor, estamos com pressa. Pergunte à Roberto, ele pode te explicar tudo.

André olhou para a cara de poucos amigos de Roberto e não teve tanta certeza, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Flávio sentou no banco do carona e Bianca e Ricardo entraram pelas portas de trás. Natâniel mandou um beijo antes de pisar no acelerador e a BMW desaparecer nas sombras das árvores que cercavam a entrada principal do Casarão Violeta.

O jovem lobisomem se sentiu completamente ignorado, e respirou fundo antes de tomar coragem de abordar o carrancudo Roberto, que já estava voltando para dentro da casa.

— Roberto...

— Esperem os dois aí. Eu só vou trocar de roupa e os levo para o bosque — o outro respondeu, sem nem mesmo olhar para trás, e só então André notou que a silenciosa Lua ainda estava ao seu lado.

Então a arisca menina também correria junto com eles? Isso era algo novo. Mas antes que ele puxasse assunto, a garota o respondeu primeiro, com aquela voz baixa e rouca:

— Vira-latas são lobisomens defeituosos. Uma versão nossa que deu errado. São chamados também de carniceiros, ou de abominações. Eu nunca vi um, então não me pergunte os detalhes da aparência deles.

André ficou surpreso, pois em sua mente fértil já desenhava uma criatura completamente diferente dos lobisomens, e em dado momento tinha achado até mesmo que seria um apelido ofensivo para vampiros.

— Mas como assim, defeituosos?

— Bem, em algum momento da história da Noite, algum idiota teve a brilhante ideia de tentar criar um híbrido de licantropo com vampiro — ela começou, se sentando em um dos degraus da varanda da entrada. — A experiência consistia em fazer com que a cobaia ingerisse sangue vampírico durante o processo em que recebia o Dom da Fera, e o resultado foi um desastre, claro. O coitado se torna um lobisomem atrofiado e de vida curta, como se a metamorfose fosse um câncer que o matasse pouco a pouco. Não consegue sequer voltar a forma humana e a própria sanidade do mesmo é abalada, se tornando mais besta do que gente, fiéis apenas a seus criadores.

— Que treco mais bizarro! — André exclamou, pondo sua imaginação para trabalhar. — E nisso esses vira-latas se tornaram uma espécie de nova raça sobrenatural?

— Não, eles só são um defeito. Meu pai me contou que esses carniceiros eram usados pelos bebedores de sangue, há muitos séculos, nas inúmeras guerras entre os seres da Noite, como meros soldados descartáveis, assim como também para guardar seus locais de sono diurno. Os vira-latas não gostam da luz do sol, pois são meio cegos na claridade, mas pelo menos não queimam durante o dia.

— Mas... para os vampiros fazerem um vira-lata, eles precisariam de um lobisomem, certo? Que tipo de lobisomem se submeteria a isso?

— Um lobisomem podia ser preso e usado contra a própria vontade. E também existem exemplos de idiotas em qualquer raça, André. Não só vampiros criaram vira-latas, mas alguns lobisomens fizeram o mesmo, sendo que tal ato sempre foi visto como uma ofensa aos próprios licantropos — Lua respondeu, dando seu discreto sorriso irônico. — De todo modo, após a implementação das Leis da Noite, a criação de vira-latas tornou-se proibida e um dos piores crimes, e por isso essas aberrações são muito raras de serem vistas hoje em dia.

André se sentou ao lado da garota, totalmente imerso na conversa.

— E agora aparecem esses bichos em Brasília. Parece que alguém quebrou as regras... — comentou ele, pensativo.

— Como eu disse; vira-latas são vistos como coisas abomináveis para nossa raça — a menina continuou. — Qualquer lobisomem que se preze deve destruir esses seres sem pestanejar, e é para isso que nossa alcateia foi para lá. Hoje é noite de caça.

Conversa Noturna

O chacareiro Eder e sua mulher iriam viajar de férias no próximo mês, e se elas não fossem cancelar as possíveis hospedagens naquele período, então era melhor contratar um faz-tudo provisório, dizia Madame Valquíria, mas Letícia não prestava atenção. Ela ainda estava pensando em Ricardo, em como eles se despediram rápido há alguns minutos, quando os Valverdes saíram em mais uma de suas missões misteriosas.

Ambas estavam sentadas à grande mesa da cozinha, enquanto Ana preparava um chá e Dolores se balançava na sua cadeira de balanço preferida e escutava de olhos fechados as antigas modas sertanejas na rádio. O velho David também estava lá, e dessa vez olhava diretamente para ela, dando-lhe a sensação de que lia seus pensamentos em segredo. Na verdade, Letícia acreditava realmente que o velho era capaz de tal coisa, mesmo que nunca tivesse tido isso a ninguém.

Será então que ele percebia as preocupações e desconfianças dela? Ela pensou, irritada, e como se tivesse mesmo ouvido, David virou o rosto educadamente para o outro lado. E nisso Letícia se arrependeu da rudeza em seus pensamentos, pois o velho lhe parecia meio triste e mais pensativo do que de costume naquela noite.

Na verdade, de uns dias para cá ele estava assim, meio murcho. Normalmente era sempre falante, e conseguia dominar o rumo das conversas, contando coisas interessantes que havia visto em suas inúmeras viagens, ou complementando os assuntos de qualquer um com informações curiosas.

O que será que estava acontecendo com o velho David?

De todo modo, não ligou mais para ele, voltando a se lembrar da recente partida de Ricardo e de inúmeras outras situações misteriosas que envolviam os Valverde. A questão era: por que só agora, depois de todos esses anos, aquilo realmente a incomodava? Pouco importava o que eles faziam. Afinal, não estavam todas bem, ela e as outras, na proteção e luxo daquele Casarão? Então por que, de uma hora para outra, se deixar ser levada por desconfianças, quando na verdade deveria se sentir feliz e grata?

A única resposta que encontrava não tinha fundamento algum: Eram os sonhos que a estavam deixando naquele estado de nervos, os sonhos com Franciele e os monstros. Era só fechar os olhos que sonhava com Franciele, e de algum modo

que não conseguia entender, ao acordar, sempre relacionava seus sonhos com os mistérios dos Valverde, e tal sensação persistia pelo resto do dia.

Mas não era só isso o que a estava atormentando, pois havia voltado a pensar com frequência numa tarde quente de janeiro, quando era jovem e Franciele lhe confidenciara um segredo. Ah, Franciele estava tão feliz, literalmente dançando de alegria e suspirando de paixão, com aquele olhar sonhador e cheio de expectativa. E daí veio a traição, quando os atos de Isabella causaram todos aqueles eventos terríveis...

— Letícia, em que mundo você está, mulher? — Valquíria lhe chamou atenção, e de repente todos na cozinha estavam olhando para ela.

Letícia sacudiu a cabeça e forçou um sorriso.

— Me desculpa, Val. Eu não ando dormindo direito.

— Ricardo não lhe anda dando descanso? — brincou a amiga, dando uma piscadela com seu único olho, e a outras riram, até mesmo David riu discretamente.

— Não é isso. Eu ando tendo uns sonhos estranhos com Franciele.

De repente um silêncio estranho pairou no ambiente, onde apenas a música de Milionário e José Rico ainda tocava baixinho no velho aparelho de rádio.

Não era a intenção de Letícia falar sobre os sonhos, mas as palavras praticamente haviam escapado e agora era tarde demais. Não importava quanto tempo houvesse se passado, aquele assunto mexia profundamente com todas elas.

Dolores voltou a se balançar em sua cadeira, sem nem mesmo abrir os olhos. Valquíria baixou o olho para a xícara de chá, assim como Ana, que a servia, e David voltou a sondá-la com o olhar de antes.

— Também andei sonhando com Franciele, mas sempre acordo sem me lembrar como foi o sonho. Apenas sei que ela estava nele — disse Valquíria, fazendo uma pausa para dar um gole na xícara. — De todo modo, eu sempre sonho com os que morreram, então não ligo muito para isso. Apenas rezo um pai nosso e uma ave maria diante da imagem de Santa Bárbara e volto a dormir.

— Talvez seja isso — disse Dolores, finalmente abrindo os olhos. — Quando o falecido aparece muito nos nossos sonhos é porque tá pedindo reza.

— Sim, vamos rezar um terço para Franciele — Ana complementou, animada, como se tivessem realmente encontrado a resposta para o enigma.

— Não sou muito de reza, mas participarei — Letícia concordou, sendo contagiada. — E você, David?

O velho piscou ligeiramente confuso, como se tivesse novamente se perdido em lembranças, mas acabou dando seu simpático sorriso de sempre.

— Contem comigo sim. Ainda tenho resquícios católicos, — disse ele — e o prazer maior é sempre acompanhá-las.

Daí em diante, Dolores e Ana começaram a discutir qual seria o melhor dia para realizar a leitura do terço, enquanto David conversava paralelamente com Valquíria sobre a origem do culto a Santa Bárbara e seu posterior sincretismo com as religiões afro-brasileiras e a divindade Iansã. Mas Letícia não estava interessada em nenhuma daquelas conversas, e aproveitou para se distanciar, caminhando pelo corredor em direção ao salão.

As portas duplas estavam abertas. Isso queria dizer que Roberto, junto do tal escritor e a pequena Lua ainda não tinham chegado da caminhada noturna. Outro comportamento estranho dos Valverde era aquela necessidade de caminhadas misteriosas no meio da noite. Isso lá era hora de passear pela trilha do bosque?

Virou as costas para o salão e começou a subir as escadas. O que precisava era de um bom banho quente e dormir, de preferência sem sonhos, e se fosse o caso, rezaria um terço inteiro para Franciele antes de se deitar. Mas foi então que se assustou, quase tropeçando em um dos degraus, quando jurou ter visto de relance uma pessoa no fim das escadas.

Só que não tinha ninguém lá.

Respirou fundo e voltou a subir.

Não havia tido uma noite, desde o término da lua cheia, que ele não havia corrido com Natâniel pelo bosque, mas naquela noite os planos de Roberto foram outros, o que, apesar de tudo, se tornou uma surpresa até agradável, que ajudou a desviar um poucos seus pensamentos de Natâniel e da tal missão dos vira-latas. Lua também estava junto, o que deixou a coisa ainda mais interessante.

— A lição de hoje não é aprender a se acostumar a transformação, mas sim aprender a controlar os impulsos de transformação — disse Roberto, após os três caminharem para fora da trilha do bosque até uma pequena clareira. — Além disso, vocês precisam aprender a se defender — e sem que ninguém esperasse, o carrancudo lobisomem deu uma rasteira em André, que caiu de bunda no chão de grama e folhas secas.

O escritor se levantou, com indignação no olhar, mas antes que proferisse qualquer palavra, foi empurrado com força e caiu de costas.

— O que você está fazendo? — André rosnou, entredentes.

— Irritando vocês — Roberto respondeu, se movendo de repente para dar a mesma rasteira em Lua, mas a menina magricela saltou agilmente para trás, com os grandes olhos caramelados ganhando aquele brilho sobrenatural.

— Você tá conseguindo — disse André, se erguendo num pulo, só para levar um chute no meio do peito que o lançou por uns dois metros. A dor se espalhou

aguda, lhe tirando o ar, junto da raiva que fez suas presas se alongarem, seus olhos ganharem o mesmo brilho amarelado diabólico que ele via em Lua, e sua pele formigou com os pelos começando a crescer.

— Contenha a raiva. Contenha a transformação. Trabalhe sua respiração — Roberto dizia, andando em volta do novato.

André tentava obedecer, buscando respirar fundo, mesmo ao sentir os pulmões queimando e os ossos estalando, exigindo mentalmente que seu corpo o obedecesse e se mantivesse na forma humana. Mas quando se sentia mais calmo, Roberto o chutava ou o empurrava de novo e toda a raiva e dor voltavam, até que por fim André não foi mais capaz de se segurar e teve que tirar o short e a camiseta às pressas para não os estragar ao assumir a forma completa de lobisomem.

Roberto não se intimidou com a fera que rosnava ameaçadora, e apenas ordenou que voltasse a forma humana e se vestisse novamente, comentando que André até havia conseguido resistir por um tempo considerável para um novato.

Já Lua, que diziam não poder se transformar ainda, apenas observava a tudo atentamente, e André de repente morreu de vergonha de se ver nu na frente da criança, vestindo a roupa o mais rápido que pode. Lua riu dos movimentos dele, e era óbvio que a menina não ligava para a nudez dele ou de qualquer outro. Ela havia nascido em uma alcateia e lobisomens viviam ficando nus de um modo natural.

André se sentiu mais sem graça por notar ainda possuir aquele traço de moralidade.

Em seguida, Roberto começou a ensinar uns movimentos simples de autodefesa, e dessa vez Lua participou com entusiasmo. Quando na forma de lobisomens eles lutariam de outro modo, mas nem sempre seria necessário ou adequado se transformar, e por isso era bom que pudessem usar o que sua forma humana aprimorada podia proporcionar.

Roberto ensinou como era fácil usar a própria força sobre-humana para dominar o inimigo ou apenas para jogá-lo para longe, e mais uma vez André ficou maravilhado com a própria força, e ainda mais espantado quando treinou os movimentos com Lua. A pequena e magricela menina conseguiu derrubá-lo com uma velocidade assustadora.

Por fim, depois de quase duas horas de treino, os três voltaram suados e sujos de terra para casa. André já se sentia mais próximo de ambos, mesmo que nunca conseguisse puxar assunto com Roberto. Sua vontade era perguntar sobre tudo, sobre como era a sensação de caçar um humano, de saber como ele e o irmão haviam sido transformados, saber sobre os tais vira-latas e como os outros estariam se saindo contra a tal ameaça, mas assim que olhava para o belo rosto de boca rígida e semblante fechado, perdia completamente a coragem.

Quando entraram no Casarão, cada um foi para seus respectivos quartos e chuveiros. André se sentia deliciado com o ligeiro cansaço que dominava seus membros, e o que mais desejava era poder deitar na confortável cama de casal, mas assim que o fez, o sono não veio. Ele não conseguia parar de pensar em Natâniel e nos vira-latas. Queria ligar para seu amado e perguntar se estava tudo bem, mas sabia que isso não era uma boa ideia. Além disso, todos, e o próprio Natã, falaram sobre a missão sem muito alarde, como se fosse apenas um problema corriqueiro que precisavam resolver e...

Para o inferno! Ele estava preocupado sim! E se essas abominações forem mais perigosas do que lhe foi pintado? Não dormiria enquanto não tivesse notícias dos outros.

Se enrolou num roupão preto e saiu do quarto, resolvendo que desceria para beber um copo d'água ou talvez apenas caminhar até que o cansaço o vencesse. Quem sabe teria mais uma experiência fantasmagórica pelo caminho – pensamento este que fez com que seus pelos da nuca se eriçassem. Mas ao descer as escadas e passar pelo salão, a única presença que encontrou na madrugada escura e silenciosa do Casarão Violeta foi David Grenier.

O velho também usava um confortável roupão e facilmente poderia ser confundido com um fantasma, ali no escuro, sentado em uma poltrona, enquanto bebericava uma taça de vinho, iluminado apenas pela luz do poste do quintal que entrava pelas grandes janelas. E de repente o lado tímido de André temeu se aproximar do idoso, sem querer incomodá-lo, por mais que desejasse uma companhia. Mas para seu prazer, foi David quem puxou assunto:

— Preocupado com os outros?

— Sim, e não consigo dormir — André disse, se aproximando com cautela. — Se importa se eu ficar aqui com o senhor?

— Seria um prazer, mas só se dividir essa garrafa de vinho comigo — David respondeu, dando seu sorriso amável.

— Melhor ainda — respondeu, se sentando na cadeira de frente ao outro.

David o serviu no escuro mesmo, sem nem mesmo sugerir que a luz do abajur próximo fosse ligada. Parecia estar gostando da escuridão, e André também estava, mesmo porque seus olhos aprimorados conseguiam enxergar perfeitamente o outro.

— Alguma notícia deles? — André perguntou.

— Não, mas ainda é cedo para isso.

— Esses bichos... esses vira-latas, eles são muito perigosos?

David fez uma pausa antes de responder:

— A Noite é tão perigosa quanto fascinante, André. Cheia de belezas e horrores. Lembre-se sempre disso — os olhos azuis dele faiscaram seriedade no escuro, mas como que para amenizar sua resposta, complementou: — Tenha em

mente que não é a primeira vez que a alcateia encara tais perigos. Já houve perigos maiores. Ainda não é momento para nos preocuparmos.

Era sempre encantador observar David. Deveria ter sido um homem muito bonito quando jovem, e era outro tipo de beleza que possuía agora. E em pensar que já estava com mais de noventa anos. A benevolência e uma sabedoria profunda pareciam envolvê-lo, trazendo-lhe uma beleza própria, transcendendo os padrões, que só era evidenciada pelas inúmeras rugas em volta dos profundos olhos azuis e do cabelo prateado.

André provou o vinho e se agradeu.

— O senhor me pareceu Natãniel agora. Ele gosta de me lembrar o quanto eu estou iludido com os prazeres de ser um lobisomem. E talvez eu esteja, e realmente acredito que logo eu perceberei o quanto essa nossa vida pode ser sombria, mas... — fez uma pausa, e ao ver que David prestava atenção, as palavras começaram a fluir com mais tranquilidade. — Eu nunca me senti tão vivo em toda a minha vida.

— Posso imaginar.

— Falo sério, David. Eu vivia apavorado e receoso em minha vida humana. Completamente deslocado. A sensação é que eu vivia constantemente numa jaula invisível e que eu tinha a chave para sair dela, mas eu era tão frágil que morria de medo de fazê-lo.

— Eu não estou duvidando de você, André.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, e André se viu pensando na mensagem da irmã o convidando para o aniversário do pai. Se lembrou de Renan e das palavras duras e verdadeiras de Luís ao telefone. André poderia ter fugido da jaula invisível, mas ela ainda estava em seu encalço, na forma de todos aqueles que ele amava e que de algum modo deveria deixar para trás.

— A difícil missão de se desapegar daqueles que ficam para trás — disse David, de repente, obviamente lendo seus pensamentos. — Esse é o primeiro preço que se paga ao receber o Dom da Fera. Será doloroso, mas você conseguirá.

— Confesso que venho tentando ignorar essa questão.

— Natural, ainda mais com os prazeres que você está usufruindo agora. Só que se lembre que não está sozinho, André. Você tem toda uma alcateia para lhe auxiliar, e tem a mim também.

— Eu sei — André sorriu, emocionado. — Comparado com a história de Natãniel, eu sou um puta privilegiado.

— Isso é verdade. Fico feliz que reconheça os próprios privilégios — David se serviu de mais um pouco de vinho. — E falando em histórias, Natãniel ou os outros te contaram sobre a tradição dos relatos?

— A tradição em que os novatos escutam as histórias de vida dos membros mais velhos?

— Sim, saiba que é até mesmo um direito do novato. Pelas experiências dos mais velhos, o lobisomem jovem pode extrair grande sabedoria e usá-la em seu próprio caminho na Noite.

André deu um grande sorriso de satisfação ao ouvir aquilo.

— Um *direito* meu? Natâniel bem sabe que eu posso ser uma irritante máquina de fazer perguntas. Agora eles estão ferrados comigo.

David riu junto, dessa vez enchendo a taça do jovem, mas logo em seguida seu sorriso desapareceu, e uma evidente, mesmo que discreta, tristeza dominou as rugas e os olhos azuis, o que fez André pensar na possibilidade do velho o estar escondendo algo.

— O senhor está bem? — André perguntou.

— Não se preocupe comigo, rapaz, e também não estou escondendo nada de você — David forçou um sorriso, mas André não se convenceu.

— Sendo assim, outra coisa o preocupa então. Sei que não é da minha conta, mas saiba que gosto do senhor, e que se eu puder ser de ajuda...

— Agradeço por isso, André, e saiba que também gosto de você. Você e Lua são o frescor de novos tempos que essa alcateia precisa — a voz dele estava ligeiramente embargada, o que significava que o vinho estava fazendo efeito, e isso também deixava o seu sotaque francês mais evidente. — Mas não estou preocupado, é só... como posso dizer... creio que ando apenas dominado pelo saudosismo melancólico que surge na terceira idade.

André se debruçou para se servir de mais vinho. Aceitava aquela resposta, mas ao mesmo tempo uma outra, que já havia lhe surgido antes, voltou a sua mente:

— David... — começou, sendo interrompido pela timidez.

— Sim, sinta-se à vontade em me perguntar qualquer coisa.

— O senhor está há muito tempo com a Alcateia, não é mesmo?

— Sim.

— E eles nunca lhe ofereceram o Dom da Fera?

— Algumas vezes, principalmente Flávio, mas não é o meu desejo.

— Mas como assim? — André perguntou, se exaltando sem querer. — O senhor não gostaria de viver mais e com saúde inabalável? Ainda mais o senhor que está...

— Velho?

— Me desculpe — André ruborizou.

— Claro que não me ofendeu, pare com essa bobagem. Sim, eu estou muito velho e me orgulho disso, mesmo com minhas limitações, dores, ossos fracos e uma crescente melancolia, mas é assim que pretendo ficar até chegar a minha hora — David respondeu, mantendo a simpatia.

André não conseguia imaginar o que levaria uma pessoa a negar o Dom da Fera, ao mesmo tempo que pensava se não era justamente pelas limitações da idade que Flávio não havia requisitado a presença de David na caça aos vira-latas, mas tardou de afastar esses pensamentos antes que o telepata os ouvisse, o que se mostrou ineficaz.

— Já falei para não ter receio de me perguntar nada, André. E sim, Flávio não me disse, mas foi justamente por isso que ele não me levou na missão: por eu estar velho e fraco. Além disso... — fez uma pausa, e sua expressão se tornou mais sombria.

O jovem esperou com educação, mas o idoso não voltou a falar, perdendo-se completamente em pensamentos misteriosos, e André desejou ser um telepata também, pois de repente se viu angustiado, contaminado pelo silêncio melancólico do outro.

Ver o sempre simpático David naquela expressão sombria o feria de um modo que nem mesmo ele imaginava ser possível. Tinha que falar algo, ou talvez fazer com que o outro falasse, e por isso tomou uma decisão ousada.

— David, mesmo não sendo um lobisomem, acredito que o senhor faz parte da alcateia Valverde, não é mesmo? Sendo assim, eu poderia usar o meu *direito* de novato para pedir que o senhor me contasse sua história? — disse, dando um sorriso provocador, mas ao notar o modo sombrio com que o outro o avaliava, se arrependeu.

David se ajeitou na cadeira, ainda em silêncio.

— Ou talvez não seja o momento certo mesmo... — André começou a se desculpar, mas o velho fez um gesto pedindo silêncio.

— Pare com essas desculpas tolas e me escute, rapaz, — David começou, de modo lento e concentrado — pois vou lhe contar minha história sim, ou pelo menos o que acho ser o mais importante, e espero responder a sua dúvida sobre o porquê não desejo o Dom da Fera.

A HISTÓRIA DE DAVID GRENIER

Eu nasci em 1920, em Paris, sendo o último filho da aristocrática e anteriormente prestigiada, mas então decadente, família Grenier.

Éramos descendentes de príncipes, segundo o pouco que me lembro de minha mãe dizer, mas isso eu só confirmaria anos depois, pois há algumas gerações a família Grenier começou a decair financeiramente de modo vertiginoso, sendo completamente arrasada com a Primeira Grande Guerra.

Meu avô havia se enforcado em seu escritório, sem saber lidar com o fim inevitável de seu império. Meu pai já havia morrido poucos anos antes em um acidente, e meu tio era um beerrão idiota que mais ajudou com a derrocada do que qualquer outra desventura. Já outros membros da família estavam mais interessados em abocanhar o que pudessem da tragédia, feito urubus.

Era como se o destino tivesse inexoravelmente determinado o fim dos Grenier, e nenhuma outra força na terra conseguiria impedir.

Em resumo, eu não tinha nem mesmo dois anos quando minha mãe e mais um punhado de velhas senhoras doentes foram despejadas da suntuosa mansão dos Grenier, se mudando para um pequeno casebre alugado em um dos bairros mais pobres de Paris, onde aprenderam a trabalhar nas cruéis fábricas de tecido para ter o que comer. E com o tempo, até mesmo a mansão deixou de existir, sendo demolida para a construção de mais indústrias, deixando o céu ainda mais cinzento com as nuvens negras de fumaça que subiam de suas inúmeras chaminés.

Mas nada disso alguma vez me importou de fato, a não ser a nível de curiosidade, pois eu não possuo recordações da casa de meus pais, e os relatos de eras gloriosas dos Grenier que minha mãe me contava ao lado de uma minúscula chaminé, enquanto me ensinava a ler e escrever, me pareciam mais sonhos tolos, uma fantasia distante e que talvez nem mesmo tenha existido. O que eu conhecia de fato eram as ruas sujas e sombrias, com as pessoas nas sarjetas morrendo de frio e fome, as prostitutas de pouca saúde, que por vezes disputavam o lixo com os ratos e cães magricelas. Me lembro do cheiro de podridão e de fumaça, e de como aprendi a me virar em meio a adversidade.

Não há muito o que contar sobre minha infância. Como qualquer outro jovem criado na pobreza, fiz o possível para sobreviver, fosse trabalhando nos ofícios mais árduos e desumanos, fosse praticando pequenas ilegalidades. E se os rumos seguissem dessa forma, era bem possível que eu trilhasse por caminhos cada vez mais sombrios, se eu não tivesse tropeçando na Noite no meio do caminho, o que mudou tudo.

Mas antes que eu prossiga, é importante que eu fale sobre minha capacidade telepática. Acredito ter nascido com esse dom, e mais tarde, quando estudei sobre meus antepassados, descobri que outros haviam tido capacidades semelhantes. Um bisavô meu, por exemplo, ganhou fama de sempre descobrir quando alguém escondia algo dele, ou buscava enganá-lo de algum modo, e que assim como descendentes anteriores, grande parte das conquistas que enriqueceram cada vez mais a família Grenier foi graças a essa capacidade. Alguns relatos sobre este meu bisavô podem ser encontrados nos arquivos da Geneoziz, na ala sobre Humanos Excepcionais, e não se preocupe, André, pois logo falarei mais sobre o que é a Geneoziz e qual a sua função.

O que quero dizer é que por meio desses arquivos, e de pesquisas que eu mesmo fiz posteriormente, ficou claro que a minha telepatia havia sido herdada, e que muito raramente um Grenier demonstrou ter uma capacidade telepática no nível da minha ou da de meu bisavô. Minha mãe mesmo possuía uma leve telepatia, algo no nível mais empático, percebendo mais as emoções dos que a cercavam do que propriamente ler os pensamentos, e a mesma me contou histórias sobre um primo que tinha a capacidade de mover pequenos objetos com a força da mente.

No mais, é importante ressaltar que, aparentemente, nenhum deles tinha conhecimento ou envolvimento com a Noite, e independente de suas capacidades paranormais, viviam basicamente como humanos comuns.

Já os meus dons surgiram aos poucos. Lembro que ainda criança eu tinha essas sensações, *intuition* – como eu chamava, de quando estavam me mentindo, ou do que estavam sentindo, e com o tempo eu comecei a ouvir palavras ou frases mentais intercortadas. Isso me foi de grande ajuda para sobreviver nas ruas. E graças ao crescimento moderado desse poder, não tive a infelicidade de sofrer com ele. Diferente de outros casos de telepatia que tomei conhecimento, não fui acometido por surtos onde eu ouvia todas as mentes da cidade ao mesmo tempo. Não enlouqueci e nem temi o meu poder, e nem mesmo os outros me temiam, mesmo que muitas vezes eu os desconcertasse sem querer.

Quanto mais eu crescia, mais forte o poder ficava, e com facilidade eu aprendia a focalizá-lo, bloqueá-lo, ou expandi-lo ao ponto de me tornar o rastreador competente que fui para essa alcateia.

De todo modo, até os meus dezesseis anos eu nunca usei a telepatia de modo mais inteligente. Penso que se minha mãe e eu tivéssemos sido mais gananciosos e mais criativos, teríamos saído da pobreza. Mas foi só quando minha mãe morreu, em 1936, após sofrer lentamente de tuberculose, e eu cair em um longo luto, foi que eu resolvi me rebelar contra a minha própria realidade.

Eu disse a mim mesmo que não morreria como ela e que sairia daquela precariedade de uma forma ou de outra. E foi assim que eu comecei a usar os meus dons para ganhar dinheiro, fingindo ser um misterioso médium que conversava com os mortos. Usei os últimos trocados que eu possuía para comprar roupas mais apresentáveis, mesmo que tal risco pudesse significar uns bons dias de fome, e montei uma pequena tenda em uma movimentada rua de comerciantes.

Além de, modéstia à parte, eu ter sido um jovem muito bonito que atraía facilmente a atenção de quem passava, era fácil ludibriar meus clientes. Afinal, as pessoas geralmente procuram o sobrenatural desejando o conforto, e não o conhecimento, e para isso eu só precisava ler suas mentes em busca daquilo que

apenas o finado poderia ter dito, ou apenas dizendo aquilo que a pessoa desejava ouvir para acalmar seu coração, ou para inspirá-lo.

Com o tempo minha fama foi crescendo, assim como meus lucros. Mães sofridas buscando saber se o filho morto estava no céu, homens querendo saber se seus antepassados o apoiariam em inusitadas empreitadas, senhoras desejando saber se estavam sendo traídas...

Com o tempo eu já podia alugar um lugar muito melhor para dormir, com uma cama seca e comida quente, na companhia de uma bela e competente mulher da noite, até que em dado momento um rico e impressionável empresário contratou os meus serviços.

Ele desconfiava que estava sendo traído por um de seus sócios, e só foi necessário que ele me colocasse dentro de seu escritório, próximo a sala de reuniões onde se encontravam os suspeitos, para que “os espíritos me revelassem a verdade”.

Tão grato ele ficou que dali em diante não conseguia mais fazer um acordo ou iniciar um novo projeto se eu não estivesse ao seu lado para “consultar o além”. E se eu sentia pena em enganá-lo, assim como a outras pessoas? Não. Eu posso até mesmo justificar os meus atos, André, dizendo que nunca mentia nas informações, e que de um modo ou de outro eu sempre ajudava os meus clientes.

Mas a pessoa que mais marcou a minha vida foi uma jovem mulher chamada Justine Chermont. Ela passava casualmente em frente à minha barraca quando a vi pela primeira vez, uma bela e delicada mulher, de pele muito branca e cabelos negros e ondulados. Se vestia muito bem também, e claramente me parecia ser uma mulher com boas condições financeiras. A abordei assim como abordava qualquer cliente novo, e seu nome eu tirei de seus próprios pensamentos, o que causou uma inesperada reação nela, que no mesmo instante trancou sua mente para mim.

Claro que algumas pessoas possuem a mente naturalmente mais complicadas de serem lidas do que outras, mas era a primeira vez que eu me deparava com uma mente que se fechava completa e intencionalmente. Por mais que eu forçasse minha capacidade, eu tinha apenas o silêncio como resposta, enquanto ela me encarava de modo assustado e até mesmo ameaçador, se afastando de mim o mais rápido possível.

Aquilo me deixou tão intrigado que me vi fascinado por ela, mesmo que a tenha visto apenas uma única vez, e quando eu tinha tempo, caminhava pelas ruas de Paris a procurando, e até em meus sonhos eu vi seu lindo rosto branco, com aqueles enigmáticos olhos castanhos e amendoados. E as vezes me pergunto se naquele ligeiro instante em que li seus pensamentos, eu não tinha captado algo mais, um vislumbre da futura importância que ela teria para mim.

Mas os dias se passaram e eu não a encontrei mais. Nem mesmo encontrei alguém que conhecesse alguma moça chamada Justine Chermont, e além disso minha cabeça estava voltada para a execução de novos planos, já que naquele mesmo ano de 1939, eu finalmente havia conseguido juntar dinheiro suficiente para comprar um imóvel em um bairro elegante; uma pequena loja que me servia de dormitório no andar de cima. E no andar de baixo eu montei minha pequena casa exotérica, onde eu vendia todo tipo de quinquilharia mística e livros sobre o oculto, além dos meus próprios serviços.

E assim minha clientela cresceu e se tornou mais elitista, e minha vida ainda mais confortável. Contratei professores particulares e me empenhei na formação que eles podiam me oferecer, e graças a minha recente paixão pela leitura, eu aprendia cada vez mais rápido, além de um interesse crescente por Arte.

Só voltei a encontrar Justine Chermont anos depois, e durante esse tempo ela se tornou uma espécie de personagem mítica particular e reconfortante que eu me pegava a imaginar naquela época sombria do início da Segunda Grande Guerra.

Ora, assim que derrotou a Polônia, Hitler deu início a seus planos de invadir a Europa Ocidental, e em abril de 1940 ocupou a Noruega e a Dinamarca. A França e a Inglaterra enviaram tropas para impedir esse ataque, mas fracassaram. E é claro, assim como qualquer outro francês, eu estava apavorado, principalmente porque a minha amada Paris foi ocupada pelos nazistas no mês seguinte.

Foi uma época de trevas, como pode bem imaginar. Cheguei até mesmo a fechar as portas de minha loja durante um bom tempo, apenas para reabri-la como se fosse uma simples livraria, temendo que, no pior dos resultados, meu conteúdo místico pudesse ser um problema com a constante supervisão da Gestapo.

Mas não quero falar mais sobre isso, não quero falar dos horrores desses anos, de judeus conhecidos meus sendo deportados do país para hediondos campos de concentração, não quero falar dos levantes, das guerras, das mortes que cheguei a ver de perto...

Eu sobrevivi a isso tudo, vi a grande guerra chegar ao fim, quando os norte-americanos desnecessariamente ceifaram todas aquelas vidas em Hiroshima e Nagasaki...

Enfim, deixe-me me adiantar para o que importa: Justine Chermont, e como a reencontrei apenas em 1955.

Com o fim da guerra, voltei a usar meus dons e meus estudos na História da Arte para prosperar, me tornando um negociador de obras de arte, e durante uma noite em que eu voltava meio embriagado de uma famosa exposição, alegre por ter feito acordos que me renderiam um bom lucro, fui seguido até em casa por uma criatura da Noite. E eu não sabia que estava sendo seguido e espionado todas as noites já fazia algum tempo.

Ora, pessoas com uma capacidade telepática como a minha são muito raras e de extrema valia para as raças da Noite, uma hora ou outra algum deles teria me notado, e foi um vampiro que me alcançou primeiro.

Era um bebedor de sangue jovem, mas era forte e rápido o suficiente para me atacar assim que destranquei a porta da minha loja, me agarrando e me forçando a entrar dentro daquele espaço fechado em uma questão de segundos. Fui arremessado com violência contra alguns móveis antigos, atordoadado, pois nem mesmo entendia que fenômeno era aquele que me agredia, até que ergui os olhos e vi o indivíduo.

Nunca me esquecerei de sua aparência, pois foi a primeira criatura da Noite que eu vi. Era um homem muito magro e de altura mediana, usando roupas escuras, com um longo casaco preto meio esfarrapado, que entrava em total contraste com sua pele branca. Tinha um cabelo ondulado e despenteado, na altura dos ombros, e olhos negros que mais pareciam duas ônix cintilando no escuro. Você já os viu, André, e sabe como a aparência sobrenatural dos vampiros é fantasmagórica, com aquela pele pálida quase brilhando nas sombras, causando-nos um misto de terror e encanto ao mesmo tempo.

O mais intimidador em seu rosto jovem era o seu sorriso, com os caninos protuberantes e tão brancos quanto sua pele. Me pus de pé e corri até uma pequena escrivaninha, onde eu guardava uma pistola, mas antes que eu alcançasse a gaveta, a criatura me agarrou pelos ombros e cravou os dentes em meu pescoço.

Fui tomado por tal pavor que nem mesmo consegui gritar. Eu o chutava e tentava puxar seu cabelo ou golpeá-lo na cabeça, mas era como esmurrar uma parede, enquanto a dor aguda em meu pescoço se intensificava e meu sangue era bombeado para dentro de sua boca.

Ele gemia guloso, me segurando de modo quase romântico, e logo comecei a sentir minha força se esvaír, mas foi neste momento que ele me atirou de volta ao chão.

— Seu sabor não é tão bom quanto eu imaginava. E não tente gritar por ajuda ou fazer qualquer ato heroico, *monsieur* Grenier, pois como pôde ver na prática, seria uma perda de tempo. O melhor é que me escute com atenção — ele disse, indo se sentar em uma das poltronas da loja, me encarando como se eu fosse algo divertido. E enquanto isso eu lancei meu poder, lhe invadindo a mente, percebendo que não era tão fácil quanto invadir a mente dos humanos. Mesmo assim eu soube o que ele era, e o nome do monstro mitológico que o definia.

Levei os dedos aos pequenos furos na garganta e senti meu próprio sangue que manchava meu colarinho.

— Sim, nós existimos, *monsieur* — disse ele, claramente se divertindo com o meu espanto. — O mundo é muito mais assombroso do que essa sua

impressionante capacidade de ler a mente alheia, e é justamente graças a esse seu dom que não morrerá hoje. Seu destino é a Noite, *monsieur* David.

Me surpreendi com aquela resposta. Ele era capaz de ler a minha mente também, e por vezes parecia que falava diretamente dentro de minha cabeça. Eu nunca tinha sentido tanto medo na minha vida. Mas foi então que ele se levantou, apreensivo, movendo os cintilantes olhos negros pelo ambiente escuro, como se detectasse um inimigo à espreita. Eu fiz o mesmo, notando algumas outras mentes do lado de fora da loja, e elas de certo modo sabiam o que estava acontecendo dentro da casa.

— Desgraçados — o vampiro resmungou, exibindo as presas na direção por onde havíamos entrado, e naquele mesmo instante a porta se abriu, e o que entrou me foi uma surpresa ainda maior do que a criatura sobrenatural: Justine Chermont.

Eu a reconheci no mesmo instante, e sua visão em um elegante casaco vermelho me era tão sobrenatural quanto o vampiro na sala.

— Esse humano está sob a proteção da Geneoziz. Afaste-se e deixe-o sob os meus cuidados — ela disse, encarando o homem.

— Mentirosa! Ele nem mesmo sabe quem vocês são. Você não tem o direito de me impedir de caçar...

— Vai querer ensinar as Leis da Noite para mim, vampiro?

— Não fique no meu caminho, mulher — rosnou ele, se movendo tão rápido na direção dela que eu nem mesmo vi seu movimento, voltando a enxergá-lo só no segundo seguinte, quando uma força invisível o atirou para trás. Essa força havia sido lançada por Justine, de algum modo eu sabia disso.

— O local está cercado, vampiro, e eu não sou a geneozista com quem você deve se preocupar. Vá embora e não cause ainda mais problemas ao seu clã.

O bebedor de sangue mostrou as presas, e quando eu achei que ele investiria contra Justine mais uma vez, o vampiro fugiu, atravessando o vidro de uma das janelas e desaparecendo na noite.

Justine respirou aliviada, como se só então deixasse transparecer todo o receio que havia escondido com maestria, além do cansaço, pois arremessar o homem com o poder da mente parecia ter lhe custado considerável energia.

— Não se preocupe, *monsieur*, você está seguro agora — ela me disse, enquanto eu a olhava aparvalhado.

Após todos aqueles anos, continuava bela e graciosa. Além disso, tinha um jeito puramente prático em seus movimentos que a deixava ainda mais interessante. No mesmo instante, dois homens entraram e um deles começou a tratar do ferimento no meu pescoço.

— O que são vocês? O que está acontecendo? — perguntei, sentindo o retorno da confusão e do medo, que haviam sido ofuscados pela entrada repentina de

Justine. Mas assim que comecei a fazer perguntas exaltadas, senti uma agulha em meu braço e rapidamente adormeci.

Acordei em minha cama no segundo andar, já era dia, e uma bandeja de bronze com café da manhã tinha acabado de ser colocada ao meu lado. As janelas estavam abertas, com a brisa levantando as cortinas brancas de seda, e em meio a tudo isso se encontrava Justine sentada em uma cadeira de espaldar reto, me observando, como se tivesse passado a noite inteira de prontidão, e talvez tivesse sido isso mesmo.

— Bom dia, *monsieur* Grenier. Nos perdoe pela injeção, mas acredite, foi melhor assim — disse ela. Ainda usava o mesmo casaco vermelho da noite anterior, a destacando do resto do cenário.

Eu pisquei repetidamente ao olhar para ela, ainda preso naquela sensação entre o sonho e o acordar, sem saber se a visão dela era real ou não. Mas então levei a mão ao pescoço e senti o curativo sobre o ferimento, e a lembrança do ataque me voltou, me deixando rígido, como se a qualquer momento o inimigo fosse investir contra mim novamente.

— Você está em segurança, não se preocupe. Sei que está confuso e assustado, mas eu estou aqui para tranquiliza-lo e explicar-lhe tudo. Meu nome é Justine...

— Justine Chermont. Eu sei, eu me lembro da senhorita — falei, me endireitando e me atendo ao cenário em volta, me certificando que eu estava realmente no meu quarto.

— Depois de todo esse tempo? — ela sorriu.

Me era espantoso como a simples presença daquela mulher, pessoa estranha que eu só conhecia o nome, mexia profundamente comigo. Depois de todos aqueles anos, ela havia se tornado uma personagem de fábula pessoal, algo que eu poderia ter inventado para ajudar a mim mesmo nos anos sombrios. De todo modo, devido a situação, me era impossível baixar a guarda, e com minha mente, captei outras pessoas presentes na casa e me perguntei quem seriam.

— São homens contratados para concertar a janela que foi danificada ontem. Não se preocupe, nós estamos arcando com o custo — ela respondeu, e foi então que notei que ela havia acabado de responder uma pergunta que fiz apenas em meus pensamentos.

— A senhorita... a senhorita é como eu? — perguntei.

— Ambos somos *humanos excepcionais*, mas não, não sou como você. Minha capacidade de ler pensamentos é muito precária, no máximo consigo compreender algumas palavras, ou intenções. Aprendi também a mover objetos com a mente, mas não gosto de fazer isso porque me exige muito energia. O meu forte mesmo é sentir as emoções. Sou o que chamam de médium empática — ela foi até mesinha

onde estava a bandeja de comida e mordeu um biscoito. — É melhor que coma alguma coisa, *monsieur*.

Eu me sentei na beirada da cama e deixei que ela me servisse de uma xícara de café. Minha cabeça doía e eu sentia meu corpo ainda fraco, além de que parte de mim estava indignado por ter aqueles estranhos em minha casa, por mais que meu coração acelerasse com a beleza daquela misteriosa mulher. Entrementes, minha sede por respostas era maior que o medo ou a desconfiança, e se Justine estava disposta a me explicar tudo, eu deveria aproveitar a oportunidade.

— A senhorita disse *nós*. O que são vocês? E, pelo bom Deus, o que era aquele homem que me atacou? Aquele homem, ele... — comecei a me exaltar e quase derrubei o café quente em mim mesmo.

— Respire fundo e tente relaxar. Eu já lhe disse que está em segurança. Deixe que eu lhe explique — ela fez uma pausa, puxando a cadeira para mais perto de mim. — Eu trabalho para a Geneoziz, uma organização global que acolhe e ajuda pessoas como nós, humanos excepcionais.

— Uma organização secreta?

— Para a maior parte da população mundial sim... — ela fez mais uma pausa, como se estivesse confusa com os próprios pensamentos. — Veja bem, somos uma organização muito complexa para explicar rapidamente, mas saiba que somos antigos, muito discretos, e estudamos fenômenos, pessoas e seres sobrenaturais como o que esteve aqui na noite passada. E creia, por mais piegas que lhe pareça: somos benéficos. Tudo o que fazemos é para adquirir conhecimento e dar um sentido produtivo ao mesmo, para o bem da humanidade.

Decidi deixar que apenas ela falasse, por mais estranha que aquela conversa toda me parecesse, e Justine me explicou que estava de olho em mim, mas em segredo, desde nosso repentino encontro antes da guerra. Como citei antes, a Geneoziz havia estudado secretamente os meus antepassados que demonstraram considerável capacidade telepática, mas por mais que os Grenier possuíssem um arquivo próprio na biblioteca dos geneozistas, nós não éramos estudados com grande interesse, tanto que eles nem haviam se dado ao trabalho de procurar saber o que havia ocorrido com a minha família depois que a mesma faliu completamente, ainda mais porque os eventos da Primeira Guerra lhes havia trazido preocupações maiores.

Justine disse que maior ainda que sua capacidade empática, era como conseguia trancar a própria mente de qualquer um, e quando eu, um completo estranho, havia facilmente conseguido derrubar essa barreira e roubado seu verdadeiro nome, ela ficou verdadeiramente espantada. Desde então, sem que eu soubesse, ela e um pequeno grupo de estudiosos me acompanharam de perto, do

jeito que podiam, já que a guerra havia eclodido. Não demorou muito e eles pesquisaram meu passado e descobrindo que eu era o último Grenier vivo.

Ela me explicou vagamente o conceito da Noite. Que existia essa sociedade escondida em meio a sociedade comum, até mesmo manipulando-a. Que sob as sombras deste mundo, existiam humanos excepcionais com espantosas capacidades, médiuns, bruxas, e seres que nem mesmo humanos eram, e alguns talvez mais antigos que a própria humanidade. Normalmente, a maioria dos humanos excepcionais vive a vida inteira sem ter conhecimento da Noite, mas quando os dons desses humanos são grandes o suficiente para chamar a atenção da Noite, os mesmos podem entrar em enrascadas, pois seres como o que havia me atacado poderiam decidir me usar para seus fins pessoais.

Quando ela me disse que o homem era um vampiro, eu ri. Sim, André, eu ri. Não importava se eu mesmo havia visto o ser, sentido suas presas na minha garganta e meu sangue sendo roubado de mim. Não importava que eu mesmo tivesse meus poderes. Ouvir aquela bela e inteligente mulher usar a palavra vinda de lendas tolas de aldeões supersticiosos e de romances baratos, me fez perder toda a seriedade. Mesmo assim ela insistiu, disse que o mundo era povoado por seres tão fantásticos e perigosos como aquele, e que alguns deles estavam de olhos em mim.

Como hoje sabemos, André, os grandes clãs de vampiros sempre visam poderosos telepatas, pois as capacidades de ler mentes dos próprios vampiros são muito limitadas. Na história da Noite, houve épocas em que humanos excepcionais foram escravizados por vampiros e outras criaturas. Telepatas eram obrigados a arrancar as verdades das mentes dos possíveis traidores dos clãs, ou protegiam as mentes dos mesmos de possíveis ataques. Você leu a história de Natâniel, você já me viu em ação nessa alcateia e entende o que estou falando, mas na época não tinha como eu ter esse entendimento. Muita coisa que Justine me dizia era deveras absurda, e ao captar minha descrença, ela se sentou na cama, ao meu lado e pegou minha mão.

— Preste atenção, *monsieur* — disse ela, olhando e meus olhos. — Não peço que acredite em tudo o que eu disser agora, pois sei muito bem que isso exige tempo, mas quero que entenda a possível gravidade da sua atual situação. Sua capacidade telepática é enorme, e talvez nem tenha sido desabrochada o suficiente, e por isso um clã de vampiros locais está de olho em você.

Senti meu sangue correr mais rápidos nas veias com o toque de sua mão na minha.

— O vampiro tinha razão, eu menti — ela continuou. — Você não está sob a proteção da Geneoziz, e nós não tínhamos o direito de impedir que o vampiro seguisse a própria natureza.

— Seguir a própria natureza seria sugar completamente o meu sangue? — contestei, sendo sarcástico.

— Sim, *monsieur*, mas me ouça. Esse vampiro, ou outros, irão voltar, e não poderei fazer nada, a não ser que você mesmo aceite a nossa proteção, que se apresente na nossa sede parisiense e peça santuário. Entende o que eu digo? Eu me preocupo com você, e acredito que podemos ajudá-lo a desenvolver ainda mais suas capacidades. Essa é a única forma de protegê-lo.

Eu ri novamente, mas foi mais uma reação ao nervosismo do que qualquer outra coisa. Mais uma vez senti a dor da mordida. Mais uma vez vi os olhos escuros e cintilantes do vampiro na minha memória, vi a brancura sobrenatural de sua pele, e estremeci. E ainda assim eu não tinha uma resposta para Justine. Aquilo tudo era tão irreal e confuso.

— Façamos o seguinte, *monsieur* Grenier. Apenas venha comigo hoje e seja meu convidado. Conheça a nossa sede e alguns de nossos membros. Conheça o diretor geneozista de Paris. Conversaremos enquanto fazemos nossas refeições. Use a segurança de nossos aposentos para compreender melhor e refletir. Aceite, por favor, pela sua segurança.

Que outra opção eu teria além de aceitar? O medo e a curiosidade me impulsionavam a seguir aquela mulher, além do encanto que ela exercia sobre mim. E foi naquele mesmo dia que entrei em um antigo e imponente prédio gótico, praticamente ao lado da Catedral de Notre Dame, onde homens e mulheres, jovens e velhos caminhavam atarefados, e a maioria se vestia com pesadas roupas escuras, o que me fez pensar em monges católicos. Enquanto caminhávamos pelos iluminados e luxuosos aposentos, passando por vastas bibliotecas onde inúmeras pessoas liam e transcreviam textos antigos, Justine enfim me apresentou ao diretor geneozista de Paris, e esse encontro foi o elemento final que fez minha vida mudar de rumo mais uma vez.

Vou tentar ser mais sucinto, André: Naquele dia eu me apaixonei pelo que o diretor e Justine me mostraram da organização. Me apaixonei pelo estilo de vida luxuoso e catedrático daquelas pessoas. Desde que eu havia usado meus dons para sair da pobreza, como narrei, eu era um verdadeiro devorador de livros e amante de História, principalmente de História da Arte, e aquele templo de cultura me afetava de modo quase religioso. Sim, eu queria ler todos aqueles livros. Sim, eu queria estudar sobre meus antepassados e aprender a desenvolver os meus poderes. E se eu havia me tornado um alvo para monstros que vagam nas trevas, então que eu soubesse me defender.

E foi assim que me tornei um geneozista.

Mas é claro que só a superfície da organização me foi apresentada naqueles primeiros dias, e minha visão da Geneoziz era até mesmo inocente. Inicialmente, eu não podia sair na rua à noite, a não ser que acompanhado de outros membros, e durante a maior parte do período diurno eu lia sobre minha família, me juntava a outros telepatas e aprendia a usar minhas capacidades de modo que nem mesmo eu havia imaginado. Estudar, mesmo que só teoricamente sobre, vampiros, lobisomens e afins me causavam enorme espanto. O mundo me parecia cada vez maior e a vida com muito mais possibilidades. Você conhece a sensação, André.

E o melhor de tudo: eu ficava cada vez mais próximo de Justine.

Ela era apenas um ano mais velha do que eu, o que me deixou surpreso, já que aparentava ser bem mais jovem. Era filha de um finado geneozista, e ainda criança corria pelos corredores daquele prédio. Devido a isso havia aprendido a encarar tudo aquilo com naturalidade. Sua mãe estava muito doente, e por mais que fosse tratada por excelentes médicos e até mesmo alguns geneozistas com dons de cura, terminaria por morrer naquele mesmo ano. E eu não quero aparentar ser grato pela morte daquela senhora, mas isso só me deixou ainda mais próximo de Justine, que a qualquer momento podia recorrer a mim para chorar, e como bem pode imaginar, com o passar dos anos acabamos nos amando ao ponto de nos casarmos.

Mas deixe-me voltar a tentar explicar o que é essa organização, e neste momento peço que tenha ainda mais paciência. Assim como eu naquela época, você não conseguirá absorver a complexidade do universo da Noite de uma só vez. Apenas me escute com atenção e depois você terá todo o tempo do mundo para tirar dúvidas comigo ou com os outros membros de nossa alcateia.

Há muito, *muuuuito* tempo atrás, houve um longo período de guerra entre os seres da Noite. Licantropos e outras raças se levantaram para acabar com a supremacia dos bebedores de sangue por todo o globo, e a Noite se via em meio ao caos, onde ambos os lados estavam enfraquecendo. Esse período é conhecido como A Era de Sangue.

Nessa era, vidas humanas pereciam de modo descontrolado, e para dar um basta nisso, um influente grupo de humanos excepcionais, aliados com ninguém menos que as Senhoras Elementais, exigiu uma reunião com os clãs, alcateias e famílias dos seres mais poderosos da Noite, na busca de um acordo de paz.

Sendo assim, após longos debates, a Guerra da Noite finalmente terminou, assim como a terrível Era de Sangue, e esse grupo de humanos que se auto intitulava “A Geneoziz” se tornou os mediadores entre a Noite e a humanidade comum.

Para manter as alianças diplomáticas entre as raças da Noite, a Geneoziz criou as Leis da Noite, que almeja tanto proteger os interesses das raças sobrenaturais transmorfas dominantes quanto das estruturas sociais humanas comuns, que nada

devem saber da existência dos seres da Noite. Desde então, a Geneoziz não só usa seu secular conhecimento e incalculável fortuna para mediar as relações da Noite, como também para conter seus infratores de modo implacável se necessário.

E aqui vai algo que só fui aprendendo aos poucos, sobre o lado belicoso dos geneozistas: Além de sua influência em todas as instituições sociais e grandes corporações, a Geneoziz com o tempo adquiriu conhecimento tecnológico e místico para se tornar uma verdadeira ameaça as raças sobrenaturais que descumpram as leis.

Há rumores na Noite de que seres marginais, ao serem capturados, são transformados em cobaias para os mais impiedosos estudos sobre a biologia dos mesmos. Humanos excepcionais que fazem parte da ordem, esses telepatas, telecinéticos, feiticeiros, etc, treinam e desenvolvem seus poderes, assim como soldados militares treinam técnicas de combate.

De todo modo, os geneozistas preferem manter uma postura diplomática e o que mais temem é uma nova guerra, devido a seus resultados imprevisíveis e a possibilidade de grandes perdas de vidas humanas. Geneozistas também acreditam que o melhor para a humanidade comum é seguir evoluindo com seus próprios passos, apoiados na ciência e aprendendo com os próprios erros, sem serem influenciados pelos horrores e mistérios da Noite. Sendo assim, em toda grande cidade existe um representante da Geneoziz, com membros sempre prontos a agir com eficiente discrição.

Eu me tornei um desses membros, e junto de Justine Chermont, atuei não só na França, mas em outras partes da Europa. E perdoe a emoção em minha voz, mas por sete anos eu prosperei na organização, assim como prosperei em meu relacionamento com a única mulher que realmente amei, e nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

Ah, André, que gloriosa me parece aquela época, e quanto mais o tempo passa, mais preciosa é a lembrança desses momentos, e mais cruéis são a dos horrores que vieram depois.

Foi em 1962 que a desgraça se abateu sobre nós, por causa de três pequenos clãs de vampiros que disputavam um território rural.

Inicialmente era um único clã, e mesmo não sendo muito poderoso, era muito antigo, só que após a morte de seu líder os herdeiros entraram em guerra, dividindo-se em três clãs menores. Aquela foi a decadência deles, pois um dos herdeiros e seus seguidores foram totalmente exterminados, e os dois clãs restantes se matavam todas as noites pelo controle de uma pequena cidade agrícola francesa.

Não era algo que os geneozistas se dariam ao trabalho de interferir, se não fossem as consequências desse embate começarem a ferir as Leis da Noite.

A pequena cidade e os vilarejos vizinhos começaram a ficar assustados com os inúmeros relatos de pessoas comuns avistando os demônios da noite – pois só poderiam ser demônios, aqueles homens e mulheres que se moviam de modo sobre-humano, pálidos e de olhos cintilantes, enquanto brigavam violentamente ou atacavam os presentes. E em certa ocasião, um número considerável de pessoas presenciou um corpo de um homem, que havia amanhecido despedaçado em meio a rua, e este corpo começar a queimar quando a luz do sol o tocou e o transformou em cinza. Lendas de demônios chupadores de sangue começaram a ganhar vida na região com tanta força que chamou a atenção dos jornais.

Geneozistas haviam sido mandados para estudar e tentar mediar a situação, mas um deles acabou sendo vítima de um dos vampiros, o que só mostrava a incompetência e tolice dessas criaturas, pois com isso atraíram inevitavelmente a faceta belicosa da nossa organização.

Em casos assim, a própria espécie poderia resolver este problema, mas nenhum outro clã de vampiro se importou com esse assunto.

Vampiros podem ser completamente insensíveis a outros de sua espécie que não pertençam aos seus próprios grupos, e nenhum deles se importaria se a Geneoziz dizimasse essa rale. Seria até mesmo um favor. Sendo assim, um grupo de extermínio seria mandado para resolver a situação, mas Justine pediu permissão para ir antes, já que ela temia que humanos excepcionais fossem acólitos em um dos clãs, e se assim fosse, ela gostaria de ter a oportunidade de tentar acolhê-los para a organização.

Eu estava com quarenta e dois anos na época, meu cabelo já começava a ganhar fios brancos, mas eu nunca estive tão pleno e em forma, assim como Justine. A missão não me amedrontava, mas eu achava que minha esposa estava sendo muito complacente e piedosa com esses possíveis humanos que costumam ter uma fidelidade feroz por seus mestres imortais. Mas quando Justine colocava algo em sua cabeça, era praticamente impossível de freá-la.

E realmente havia um humano excepcional com um dos clãs, e conseguimos interceptar essa pessoa ainda à luz do dia. Era uma senhora com mais de sessenta anos, de temperamento arisco e rabugento, que logo descobrimos ser meio louca e que tinha uma ligeira telepatia, mas em compensação conseguia mover objetos de peso considerável só com a força da mente.

Nós a seguimos no final da tarde, enquanto ela fazia compras, mantendo nossas mentes completamente bloqueadas para que ela não nos notasse. Ela caminhou até um casebre aparentemente abandonado dentro de um cemitério.

Seu nome eu nunca me esqueci, e segundos os moradores locais, a Velha Marie Marion era coveira desde que o marido havia morrido há mais de vinte anos, e morava com uma criança adotada no cemitério, mas o que eles não sabiam era

que a velha era a guardiã diurna de um pequeno clã de vampiros que dormiam nas espaçosas catacumbas subterrâneas.

Enquanto a seguíamos, eu me infiltrava em seus pensamentos com maestria, sabendo a localização exata dos bebedores de sangue que dormiam em fétidas câmaras cheias de ossos humanos, assim como tive conhecimento sobre a promessa de vida eterna que eles lhe fizeram e até então nunca haviam cumprido.

Isso ainda é bem típico dos bebedores de sangue, sabe? Seduzir humanos com a promessa de que um dia os transformarão em vampiro, e mais típico ainda é o humano viver uma vida de trabalho praticamente escravo, apenas para ser sugado até a morte no final. E sim, André, sei que a minha opinião sobre os bebedores de sangue pode parecer tendenciosamente negativa. Talvez eu guarde rancor deles até hoje. Rancor esse reforçado por viver por tanto tempo em meio a lobisomens... mas enfim, deixe-me continuar, enquanto você tira suas próprias conclusões.

Por mais furtivos que fossemos, não conseguimos passar despercebidos por muito tempo, e quando Marie Marion nos notou, partiu para o ataque sem pestanejar, atirando Justine e eu para traz sem precisar mover um músculo.

— Por favor, me ouça! Nós viemos aqui oferecer ajuda — começou Justine, tentando ficar de pé, pois a força invisível da velha nos pressionava contra o chão de terra batida do cemitério. Justine tentava rebater o poder com sua própria telecinese, mas não surtia muito efeito. A velha era realmente poderosa, mas a nossa maior preocupação era com o sol que não demoraria a se pôr, seguido do despertar dos seres das trevas.

— Nós somos geneozistas — eu disse, com dificuldade. — Seus mestres não lhe ensinaram nada sobre nós?

— Sim, eles me falaram sobre vocês. Os mentirosos que andam e falam como padres, mas que mentem como demônios — a velha respondeu. Seu cabelo branco desgrenhado e caído na testa enrugada lhe davam uma aparência ainda mais louca. Era como olhar para a clássica representação da bruxa, com aquele nariz grande e curvado.

Varri o cenário com minha mente, em busca de alguém para pedir ajuda, mas o cemitério estava vazio, com exceção de uma criança dentro da casa, mas que tinha uma mente estranha, e que não consegui ler de imediato.

De todo modo, a velha não conseguiria nos dominar por muito tempo. Poderes mentais sempre exigem demais do paranormal, e eu já conseguia sentir a intensidade oscilando, e até mesmo um filete de sangue escorria por uma de suas narinas. Só que para nossa infelicidade, um garoto com não mais que doze anos apareceu, saindo de dentro do casebre.

— Quem são esses, vó? — O garoto perguntou, usando roupas tão sujas quanto a velha, e se aproximando com cara de poucos amigos.

— São inimigos dos mestres, Jean. Venha aqui me ajudar, rápido!

A criança deu um sorriso perverso, se abaixando para pegar um pesado pedaço de pau que estava encostado na parede da casa.

— Não, me ouça! Estamos aqui para ajudar — Justine gritou.

Estamos falando a verdade, mas se não deseja nossa ajuda, deixe-nos partir em paz que não os incomodaremos mais — eu disse, transmitindo minhas palavras diretamente em suas mentes, mas antes de eu perceber se a velha ao menos havia compreendido minha mensagem, senti uma pancada forte na cabeça e apaguei.

Quando acordei, tonto e com o alto da cabeça latejando de dor, demorei alguns segundos para perceber que estava em uma parte mais antiga do cemitério, que a noite já havia chegado e que eu estava com os pés e mãos amarrados, caído de lado, sobre uma lápide.

Oh, *mon dieu*, as trevas já haviam caído! Que horas deveriam ser? E por que o grupo de soldados geneozistas ainda não haviam chegado? Justine! Onde estava Justine?

Um embaçado mundo girava a minha volta, feito de lápides, túmulos e antigas cruzes enegrecidas, além de um conjunto de frondosas árvores negras que cercavam o cenário, mas eu logo consegui discernir algumas figuras na escuridão. Lá estava a velha me encarando, apoiando uma das mãos no ombro do garoto Jean, e em volta deles outros homens e mulheres me observavam de volta, mas nenhum deles era humano.

— Onde está Justine?

— David — ouvi sua voz, e só então a notei, caída na terra, e assim como eu estava amarrada.

— Malditos padres que se acham donos da Noite — disse uma voz aguda e sibilante, vinda do que posteriormente eu saberia se tratar ser o líder daquele clã. Era um vampiro magro, de ombros estreitos, rosto fino, de olhos avermelhados e longos cabelos loiros escorridos e sujos de terra. Tinha algo de ameaçador e insano em sua aparência andrógena. A mesma loucura que podia ser encontrada em uma dose menor na Velha Marie Marion e seu pequeno Jean.

Uma mulher vampiro, tão estranha quanto o homem, forçou Justine a ficar de pé, enquanto dava uma gargalhada alucinada, jogando a cabeça para trás e mostrando as pequenas presas pontudas. Dava para notar que Justine estava enfraquecida. Seu rosto estava mais pálido que o normal.

Eles beberam de mim, David. Sugaram meu sangue e minhas forças. Não consigo atacá-los com a telecinese — disse-me ela, em pensamentos.

Não vamos desistir, mon amour. Eu vou tirar a gente dessa — respondi, mesmo não tendo tanta certeza disso.

Oh, aqueles desgraçados a haviam ferido! Os vampiros sorriam e gargalhavam um para o outro. Deveriam ter mais de dez naquele cemitério, mas eu estava com tanto medo por Justine que não conseguia focar direito minha telepatia.

O líder me fez ficar de pé também, me puxando pelo pescoço.

— Quem vocês pensam que são? — ele disse, entredentes. — Aposto que vocês padres se aliaram aos nossos inimigos. Mas vocês não vão nos expulsar da nossa terra. Este lugar é nosso por direito.

— Não seja tolo, vampiro — rebati. — Não vê que estão cometendo mais um erro, e que dessa vez será irremediável? O que acha que meus irmãos geneozistas vão fazer quando notícias de minha morte chegarem à Paris? Ainda não se deu conta que a mulher e eu viemos em missão diplomática, e que nós somos a única chance que vocês ainda possuem de conseguirem o perdão da Geneozis?

Eu estava mentindo, claro. Um geneozista já havia morrido nas mãos daqueles bebedores de sangue, depois disso não haveria mais trégua alguma, independente do que nos acontecesse, mas eu precisava tentar de tudo. A visão de Justine enfraquecida e à mercê daqueles monstros me aterrorizava de tal modo que eu estava à beira de perder o controle.

Bem, eu precisava ser forte. Eu precisava manter a calma.

— Ah, a soberba dos geneozistas — a vampira debochou, fazendo com que outros rissem junto com ela.

— E em pensar que há séculos nossos antepassados governaram esta terra numa era de sangue e glória. E o que somos agora? — o líder esbravejou como se estivesse em um palco de teatro, dirigindo-se a uma multidão fictícia. — Nós éramos deuses na Noite, e agora temos que dividir espaço com licantropos, feiticeiros e esses mortais ridículos que acham que são alguma coisa só porque dobram colheres com o poder da mente!

Ele se aproximou ainda mais de mim, pondo um braço na minha cintura e Tateando minha carne do pescoço com aqueles dedos magros. Seu rosto estava tão perto do meu que eu podia ver com clareza as presas brancas sob os lábios finos e esbranquiçados.

— Use sua inteligência. Não atraia mais a ira da Geneoziz para o seu clã — voltei a suplicar, mas eu podia ler em sua mente que o vampiro não se importava. Eram um bando de criaturas insanas e jovens demais, do tipo que mais aparece na Noite, pois vampiros se multiplicam mais que qualquer outra raça sobrenatural, e a maioria esmagadora desses jovens nunca vivem muito tempo, sempre sendo destruídos por quebrarem as leis ou por se meterem em confusão com outros mais antigos.

— Termine com a fêmea — foi a sua resposta, que eu já tinha captado o significado antes que ela saísse de seus lábios. Meu desespero foi tanto que não

consegui gritar e nem nada, enquanto a vampira e mais outro cravavam as presas no pescoço de Justine, um de cada lado.

— Não, seus malditos... — minha voz saiu quase como um ganido, enquanto os belos olhos de Justine perdiam a expressão, ficando opacos. Seus lábios se moviam, como se quisessem me dizer algo, mas eu não entendi e também não consegui ler seus pensamentos na hora.

E para piorar ainda mais o horror daquele ato de maldade, a vampira arrancou a cabeça de minha amada dos ombros, segurando-a em minha direção.

— Não vai beijar sua esposa pela última vez, padre? — ela gargalhou, seguida de todos os outros. Até mesmo a velha e o menino riram.

Eu apenas chorava e repetia o nome de Justine, pois nada daquilo me parecia real; a cabeça sangrando, com os olhos mortos me encarando. Em nenhuma das missões que eu havia realizado para a Geneoziz eu havia presenciado tal horror. Nem mesmo a morte da minha mãe me pareceu tão terrível.

— Deixe-me prová-la, mestre — suplicou Marie Marion, se ajoelhando.

— Sim, minha cara, prove o sangue, e com o tempo será como nós — mentiu o vampiro líder, pois o rito de transformação de um vampiro não é muito diferente do que o de um lobisomem.

A velha pegou a cabeça de Justine com as mãos trêmulas, virando o toco sangrento do pescoço para cima e o lambeu. Eu comecei a gritar ainda mais alto, enquanto a velha chupava o resto de sangue da cabeça. E o pequeno Jean fazia a mesma coisa, agachado sob o corpo decepado de minha amada.

Então, de repente, a cabeça da mulher vampiro explodiu, fazendo chover pedaços de sangue, ossos e cérebro para todos os lados. Naquele momento eu me perguntei se havia sido eu mesmo quem havia feito aquilo, e que talvez meu ódio havia despertado uma nova habilidade em minha paranormalidade, mas foi então que senti a presença da cavalaria.

Os vampiros ficaram confusos inicialmente, apenas olhando em todas as direções, esperando uma ordem de seu líder, que estava tão perdido quanto, e quando enfim saíram da imobilidade já era tarde demais. O pequeno exército de controle e contenção da Geneoziz já havia cercado o cemitério. Eram cerca de quarenta homens armados com todo tipo de arma de fogo que a época fornecia, além de espadas e punhais; guerreiros que usavam armaduras escondidas por baixo dos mantos negros, e que por si só já ofereciam ameaça a vampiros jovens como aqueles, se não fosse um ingrediente a mais: dez homens e mulheres paranormais adicionados ao grupo, com capacidades diversas, desde confundir os inimigos com ilusões e confusão mental, imobilizar seus corpos, ou até mesmo fazê-los entrar em combustão instantânea.

Claro que no momento eu não reparava em nada disso, pois a dor me consumia de tal modo que eu não me importava nem mesmo com a minha segurança. Não me dei ao trabalho de olhar o vampiro líder tomado pelas chamas e tendo a cabeça cortada dos ombros.

O que me relataram posteriormente foi que nenhum bebedor de sangue do clã sobreviveu a ira geneozista, nem mesmo a velha e o menino foram poupados. O que me lembro com exatidão foi de ter agarrado a cabeça de Justine quando me libertaram os braços, e de ter investido em um ato desesperado de tentar juntar a cabeça ao corpo, como se isso fosse devolver a vida de minha amada, até que meus irmãos geneozistas me fizeram perder a consciência.

Aquela Que Espera Na Luz

SEGUE A HISTÓRIA DE DAVID GRENIER

Diante da morte temos as reações mais inesperadas. Quando minha mãe morreu, por exemplo, eu não derramei muitas lágrimas, e usei todo o meu luto velado como uma força que me impulsionou a dar a volta por cima. Além do mais, eu presenciei seu sofrimento gradativo, e ao meu ver a morte lhe havia chegado como uma libertação de toda aquela dor. Já com relação a Justine, minha reação foi absolutamente oposta. Em um dia lá estava ela, bela, inteligente e amorosa, mais importante do que qualquer coisa na minha vida, e no outro ela não existia mais, encontrando seu fim daquela maneira abominável.

Eu não me recuperei com facilidade. Na verdade, acho que nunca me recuperei.

Durante um ano inteiro eu mergulhei numa depressão profunda, tornando-me uma espécie de trágico vegetal, isolado nas sombras de meu quarto na Geneoziz de Paris, com os olhos perdidos no nada, só comendo ou tomando banho porque os outros geneozistas vinham me forçar a isso. E eram sempre pacientes, mesmo quando eu explodia em surtos, atirando as coisas para o alto, amaldiçoando céu e terra, só para cair em um choro violento e exasperante que muitas vezes me faziam perder os sentidos.

Quando enfim consegui sair daquelas trevas, uma ideia fixa se apossou de mim: Eu queria saber tudo sobre o que envolvesse o “outro lado”, queria ter certeza que minha Justine ainda existia em algum lugar, e se assim fosse, quem sabe eu pudesse entrar em contato com ela.

Pedi ao diretor da organização que me deixasse assumir os estudos e missões envolvendo aparições de fantasmas, médiuns espíritas, casos de pessoas que haviam morrido por alguns minutos e voltado tendo um vislumbre do outro lado. Meus superiores temeram que minha busca não me fosse saldável, mas eu era um membro dedicado à organização, e era muito melhor que eu estivesse na ativa de algum modo, do que isolado nas sombras do quarto. Além disso, temendo que meu recente ódio aos vampiros pudesse atrapalhar nossas relações com os mesmos, era preferível que eu permanecesse longe de qualquer contato com as raças transmorfas da Noite.

Falando nisso, André, permita-me uma pausa em minha narrativa para explicar essas nomenclaturas usadas pela Geneoziz.

Transmorfos ou Criaturas Sobrenaturais Físicas, são seres que independentemente de suas capacidades e atributos sobrenaturais, são seres de corpos sólidos e palpáveis e que obedecem às leis físicas, mesmo que a seu modo. Em sua maioria são humanos que foram transformados em outros seres de modo permanente, como os vampiros, ou que podem mudar de forma quando querem, como os lobisomens. Existem também aqueles que são de outras raças, mas com a capacidade de se metamorfosearem para uma forma total ou aproximadamente humana, como os iaras.

Tais seres são ativos cultural, política e socialmente no meio humano, e por isso são os mais influentes. Algumas raças de seres podem transgredir essas regras, como é o caso dos matintas, que transitam tanto na classificação de Criaturas Sobrenaturais Físicas como na de Encantados.

E o que são encantados? Basicamente são seres considerados mágicos e que costumam não obedecerem às leis físicas, como é o caso de fantasmas e espíritos da natureza, fadas, gnomos, caiporas, mapinguaris, curupiras...

Não, não sorria! Acredite, muito dessas historinhas de folclore podem possuir um fundinho de verdade. Seres estranhos que transitam entre o mundo físico e espiritual, ou até mesmo entre reinos dimensionais. A própria classificação e diferenciação dos mesmos é algo complicado, e de tão raros e misteriosos, tornaram-se lendas para as próprias criaturas da Noite.

Alguns dos nomes que acabei de citar podem até mesmo nunca terem existido, ou serem apenas variações de manifestações de seres físicos, mas que deram origem a lendas de acordo com a crença cultural. O importante é que eles não se envolvem com a Noite, assim como não se envolvem em assuntos humanos, a não ser por intermédio de um médium ou bruxa, em troca de favores, como está registrado nos arquivos da Geneoziz.

Voltando a minha obsessão, quanto mais eu pesquisava, quanto mais eu entrava em contato com pessoas que diziam ter visto “o outro lado” e com bruxas que eram capazes de comandar os espíritos dos mortos, menos eu sabia. Sendo um geneozista, eu conseguia provas sobre a existência dos fantasmas, que de algum modo nossa consciência pode sobreviver a morte de nossos corpos físicos, mas para onde vai essa consciência? Existe algum tipo de Paraíso ou inferno? Onde estaria minha Justine? Teria reencarnado como acreditavam os kardecistas? Eu me frustrava com o acúmulo de perguntas sem respostas, pois infelizmente todas as ideias sobre o além estão misturadas às crenças religiosas.

Por quatro anos me mantive nessas investigações, cada vez mais frustrado, e nada mais me era importante. E um medo crescente foi tomando conta de mim, de

que não existia lugar para ir após a morte, que não existia um propósito, nenhuma promessa de salvação, e a alma de minha Justine talvez estivesse vagando para sempre nas trevas e no caos, sem nada entender de si mesma, como inúmeros fantasmas me pareciam estar. Isso só me afundava ainda mais na angústia, e toda vez que eu voltava de uma dessas pesquisas eu me isolava no quarto, tendo como companhia apenas o álcool.

Por fim, meus supervisores não conseguiram mais tolerar aquilo, e para minha segurança fui aposentado dos serviços em 1967, tendo como direito meu aposento na organização e uma mesada de valor considerável até o fim da minha vida. Mas é claro que não aceitei, e cheguei ao ponto de romper com a Geneoziz, e resolvi continuar investigando por mim mesmo, usando das gordas economias que eu havia juntado desde minha época de médium charlatão.

Durante anos, minha busca me levou a diversos locais na Europa e na Ásia. Até teve momentos que pensei em desistir, que me forcei a reconstruir uma vida normal em várias cidades, chegando a me relacionar com outras mulheres, só para então perceber que me era impossível prosseguir com aquilo, e que era a minha dolorosa busca pelo paradeiro da alma de Justine que me motivava a continuar vivendo.

Em 1974 decidi atravessar o oceano e ir para os Estados Unidos, também sem grandes avanços na minha busca. E foi só em 1979 que cheguei a este país, e isso foi devido a um encontro casual com um antigo irmão geneozista que encontrei no México alguns meses antes.

Ao se compadecer do meu estado e indo contra as ordens de não me revelar mais nenhuma informação da organização que eu havia renegado, ele me sugeriu que eu buscasse o paradeiro de uma mulher no Brasil, no estado da Bahia, uma poderosa feiticeira que não era ninguém menos que uma Senhora Elemental.

Na época, meu conhecimento dessas Senhoras Elementais era muito vago, eu nem mesmo sabia em que espécie da Noite elas eram enquadradas, já que em meu estudo sobre feiticeiras necromantes, nunca ouvi nenhuma menção a elas. Mas o que sei agora é que de todos os seres da Noite, as Senhoras Elementais são as únicas que não devem justificativa nenhuma de qualquer ato seu para a Geneoziz, e por isso quase não são monitoradas, e qualquer aproximação que for necessária deve ser feita no maior respeito possível. Sendo assim, um membro de posição baixa na hierarquia geneozista como eu fui, nunca teria acesso a mais informações sobre elas.

Antes que me pergunte, ainda hoje essas mulheres são um mistério para a maioria de nós. O que sabemos é que sempre existiram quatro mulheres que se autodenominam Senhoras Elementais, cada uma representando um dos quatro elementos da natureza. Reza a lenda que desde a chegada dos primeiros seres

humanos já existiam quatro mulheres com poderes espantosos, e que viveram em toda parte do planeta, geralmente sempre próximas de onde julgavam serem necessárias.

Nos últimos séculos, por algum motivo que apenas elas podem dizer, criaram residência no Brasil. Entrementes, nunca se envolvem diretamente com os problemas da Noite, a não ser quando realmente necessárias, e quando isso acontece, só a presença de alguma delas já basta para manter a ordem. Na maioria das vezes parecem apenas indiferentes, mas tal comportamento varia de acordo com a Senhora Elemental.

Você chegou a conhecer uma delas em Brasília, André. Se lembra de Madalena Barddom, que ofereceu refúgio para você e Natãniel? Sim, ela não é uma bruxa comum, ela é muito mais poderosa do que imagina. É conhecida também como A Bruxa do Ar, e tem o completo controle sobre esse elemento. E Madalena sim é mais ativa na Noite, sendo até mesmo casada com o poderoso vampiro Uther Barddom, mas até ela guarda seus segredos.

Entrementes, não foi Madalena quem fui procurar, e sim uma outra feiticeira. Seu nome é Amélia Gandi, e a única coisa que me foi dito por esse antigo irmão geneozista era que ela era conhecida como A Bruxa da Terra, e que comandava um antigo clã de culto à deuses africanos, de nome Kallunga, residindo próximo a um pequeno vilarejo no interior baiano.

Eu estava com cinquenta e nove anos na época, mas sempre fui admirado pela vitalidade, como bem sabe. E além disso, meu controle sobre meus poderes mentais haviam chegado a sua potência máxima. Nunca fui de mover objetos ou de fazer nenhuma manifestação física com meus poderes, mas praticamente não existia uma mente que eu não conseguisse invadir, extraindo o que eu quisesse de lá, ou fazendo o indivíduo ser bombardeado por ilusões de todos os tipos, deixando-o confuso, atordoado ou até mesmo paralisado. Se eu quisesse, eu poderia deixar um humano comum irreversivelmente louco, ou um completo vegetal, mas a única vez que fiz isso foi para me defender de um assassino que acabei topando numa ruela escura de Culiacán, no México.

Fora esses poderes, cheguei a pequena cidadezinha rural munido apenas com o pouco dinheiro que havia me sobrado de minha longa peregrinação, e um raso conhecimento da língua portuguesa.

Era um lugar pequeno – cinco ou seis ruas de terra batida, com um comércio minúsculo, rodeada de inúmeros sítios precários. Um daqueles simplórios locais que ainda podem ser encontrados no sertão do Nordeste, onde o tempo parece não causar quase nenhuma influência na evolução da vida de seus moradores.

Inicialmente, quando almocei numa pequena casa que era uma curiosa mistura de restaurante, mercearia e boteco, procurei informações sobre o tal clã Kallunga,

mas todos pareciam meio desconfiados e receosos de mim. De todo modo, eu não precisei me esforçar mais, pois foi a própria Bruxa da Terra quem me encontrou.

Sua figura ofuscaria qualquer cenário daquele simples vilarejo. Era uma mulher de aparência majestosa, mesmo que não medisse mais do que um metro e sessenta de altura. Gordinha e bonita, com seios fartos, quadris largos e os braços muito negros e roliços a mostra, em seu longo vestido multicolorido e esvoaçante. Seu volumoso e escuro cabelo crespo estava armado e enfeitado com pequenas flores de verdade. Seu rosto era rechonchudo e bastante simpático, com a boca carnuda e sorridente, e aqueles grandes e amendoados olhos castanhos que cintilavam em minha direção.

— Uma cerveja e dois copos, Dona Jana — disse ela para a dona do estabelecimento, enquanto puxava uma das cadeiras e se sentava em minha mesa. Sua voz era expansiva e animada, sem deixar de ser agradável aos ouvidos.

— Madame... — eu disse, ainda meio confuso.

— Amélia Gandi — ela respondeu, o sorriso largo e muito branco, e os pequenos dedos cheios de anéis abrindo a garrafa gelada com facilidade e servindo a nós dois. — E o senhor é David Grenier, que veio de longe, com esse incurável coração partido.

Quantos anos ela teria, pensei, contemplando a beleza de seu rosto que parecia ser o de uma mulher jovem, mas com olhos que transmitiam uma sabedoria antiquíssima. Impossível responder essa pergunta. Você deve ter sentido o mesmo ao olhar para Madalena Barddom, André.

— É um prazer enorme enfim conhecê-la, senhora Gandi — tomei sua mão e beijei.

— Um perfeito cavalheiro, como me disseram.

— Perdão... mas quem disse que...

— Os eguns me avisaram de sua chegada. Os espíritos, Sr. Grenier. Afinal, não é por causa da minha proximidade deles que me procurou?

Fiquei mudo por alguns segundos, não só pela pequena demonstração de conhecimento dela, mas pela excitação daquele encontro. Se ela fosse mesmo uma Senhora Elemental, e se já estivesse mesmo aguardando a chegada de um mero mortal como eu, seria a maior honra de todas. De repente me senti abençoado.

— Sou um ex-geneozista, madame Gandi, do braço parisiense. Sou um telepata, e dos bons. Fui casado com outra geneozista, que amei bastante, e ainda amo... mas ela... — comecei a despejar as palavras de modo meio atropelado, como se temesse que a qualquer instante ela pudesse desaparecer feito um fantasma e eu perdesse aquela oportunidade.

— Justine e eu éramos normalmente responsáveis por casos de perigo menor na organização. Apenas estudo, observação, mediação, localização e proteção de

humanos excepcionais...

— Se acalme e tome sua cerveja, Sr. Grenier, antes que ela esquente — disse ela, me interrompendo, e colocando sua mão direita delicadamente sobre a minha esquerda que estava sobre a mesa.

Eu gaguejei e parei de falar, sentindo de repente um alívio imediato, como se uma vibração aconchegante passasse da mão dela para a minha, subindo pelo meu braço e se espalhando por todo o meu corpo. Enquanto isso, ela continuava sorrindo e bebericando a cerveja. Era uma mulher realmente bonita, até mesmo sensual, mas não era isso o que me atraía. Tinha algo de poderoso e maternal nela, de antiquíssimo, uma força que me fazia me sentir pequeno e em segurança, como um bebê no colo da mãe.

— Você perdeu essa mulher, — ela continuou — essa Justine, e você a ama tanto que junto com ela morreu uma parte sua. Você há tempos se acostumou a esse desespero, a essas trevas que envolvem seu coração. A dor tornou-se o seu mundo, não é mesmo? E a única salvação que você vê para si mesmo é essa busca por Justine.

Eu tentei dizer algo, mas não consegui, e sem perceber eu começava a chorar. Eu não conseguia sustentar mais nenhuma trava emocional para manter minha compostura de cavalheiro, mas também não me sentia envergonhado.

— Eu preciso... preciso saber onde Justine está — eu disse, entre soluços. — Preciso saber se ela ainda existe em algum lugar...

— Entendo, Sr. Grenier. Mas tenha em mente algo muito importante: Nem sempre os mortos podem ser invocados, e quando podem, não se deve esperar grandes revelações do outro lado. Ou os mortos nada sabem, ou não conseguem pôr em palavras o que descobrem, e assim talvez seja melhor. Afinal, a morte é um mistério por algum motivo, não é mesmo?

Não sei se eu poderia concordar com ela, e na verdade nem mesmo refleti sobre o assunto. O que importava é que era possível, que ninguém menos que uma Senhora Elemental estava diante de mim, e que estava disposta a me ajudar.

— Outra coisa, Sr. Grenier — Amélia esvaziou seu copo e voltou a enchê-lo. — Farei o possível para ajudá-lo, mas não será de graça.

— Eu pago o valor que for... eu... eu ainda não sei se tenho o suficiente, mas...

— Não quero seu dinheiro. Será uma troca de favores. Eu o ajudo e o senhor me ajuda, e assim respeitaremos a antiquíssima lei da troca e movimento do universo.

— Estarei ao seu dispor, madame.

Ela sorriu e pediu mais uma cerveja.

Amélia Gandi não me levou até sua fazenda, e eu nem esperava a honra de conhecer o misterioso território do Clã Kalunga, mas sim até uma casinha mais afastada nas proximidades do vilarejo. Possuía paredes de barro e chão de terra batida, mas mesmo assim era limpa, com uma rede, travesseiros e lençóis limpos. Depois das cinco garrafas de cerveja que dividi com a Senhora Elemental, foi nesta rede que dormi durante a tarde toda para me curar da embriaguez, enquanto a feiticeira desaparecia em meio a vegetação da caatinga com a promessa de que voltaria mais tarde.

Não existia luz elétrica nas redondezas, mas quando a noite enfim chegou, a lua cheia lançou seu brilho forte em todas as coisas. Estava quente, mas uma constante brisa refrescante soprava e acariciava meu corpo.

Assim que acordei, me servi de uma grande jarra de água que ela havia me deixado. Havia também uma tina d'água de tamanho razoável, suficiente para que eu pudesse me lavar, e após isso vesti calça e camisa de tecidos mais leves para suportar o calor, e troquei os sapatos por chinelos de dedo.

Quase como se tivesse cronometrado meus movimentos, Amélia Gandi voltou assim que eu estava pronto. Ela usava uma roupa cerimonial; um vestido volumoso e branco, assim como o belo turbante que escondia seus cabelos. Usava vários colares de contas onde predominavam as cores vermelho, preto e branco, mas o detalhe mais curioso era a pequena máscara feita de palha da costa que lhe escondia completamente o rosto.

— Me acompanhe, Sr. Grenier — disse ela, solene, caminhando para a vegetação atrás da casinha.

Ela me guiou mata adentro por uns cinco minutos, me alertando sobre pedras e vegetações espinhosas que encontrássemos no caminho.

Pequenas criaturas corriam nas sombras, mas eu não as temia. Quando chegamos a uma pequena clareia rodeada por longos cactos e vistosas flores de palmas e macambiras que pareciam cintilar sob a luz do luar, notei que Amélia estava descalça, mas que andava com mais confiança do que eu que estava de chinelos.

O chão era de pedra, formando aqui ou ali pequenas poças límpidas de água acumuladas pelas recentes chuvas. Fazia um silêncio prazeroso a nossa volta, onde apenas o som dos grilos e sapos eram ouvidos, assim como de outras criaturas noturnas que eu não conseguia identificar, o que só contribuía para deixar o ambiente sob o céu estrelado ainda mais bonito.

Amélia Gandi respirou fundo, saboreando a pureza do ar da noite, virando-se para mim seu largo sorriso que eu ainda podia vislumbrar por baixo da máscara de palha da costa.

— Trouxe o que pedi, Sr. Grenier?

— *Oui* — respondi, enfiando desengonçado as mãos nos bolsos e retirando um antigo colar de prata que eu havia dado de presente para Justine há muito tempo. Minhas mãos tremiam ante a expectativa.

— Isso deve servir — ela disse, avaliando o colar e o enrolando na mão direita. Sua máscara de palha criava sombras estranhas em seu rosto redondo, e por vezes seus olhos brilhavam de tal forma por entre as tiras de palha que me causavam arrepio.

E nisso fiz o que evitei desde que nos conhecemos; tentar ler os seus pensamentos, e para meu espanto não consegui. Além disso, ela pareceu notar minha ação e riu, o que me deixou bastante envergonhado.

— E o que devo fazer, madame? — perguntei, tentando driblar o constrangimento.

— Fique descalço e sente-se, ou fique de pé, como preferir. Apenas observe e aguarde. Não é necessário que entenda minhas ações ou que acredite nas minhas crenças, e nada impede que tudo que eu faça lhe pareça ridículo. Isso não importa. *Eu não me importo*. Mas mantenha o respeito, Sr. Grenier, pois forças antigas e poderosas vão dançar nesse terreiro essa noite.

E dançar foi o que ela começou a fazer. Primeiro moveu um pé e depois o outro, acompanhado pelo gíngado dos braços como se estivesse remando no vento, com as costas meio encurvadas. Seus pés pisavam com força, mas isso não quebrava a suavidade de seus movimentos, e era como se cada passada almejassem despertar algo sob aquele terreno rochoso.

Laroiê Exu! Exu é Mojubá! — ela saudou para o invisível.

Inicialmente eu achei a coisa toda muito tola, como ela mesma me alertou, mas depois coisas no mínimo curiosas começaram a acontecer. Os sons naturais à nossa volta foram pouco a pouco crescendo de volume. As batidas dos pequenos pés rechonchudos dela mais pareciam pedregulhos se chocando contra o chão, e eu comecei a jurar que estava ouvindo tambores, mas aquele retumbar vinha do meu coração, do coração dela e de todas as pequenas criaturas vivas da região. A própria terra sob nossos pés parecia possuir o retumbar de um coração ritmado, hipnótico, que vibrava pela sola dos meus pés e dominava meu corpo, me fazendo balançar discretamente para um lado e para um outro.

Atotô Ajuberô! Atotô Obaluaiê!

E em meio a esses tambores invisíveis, comecei a escutar vozes que cantavam junto com a feiticeira, em uma bela língua que me era desconhecida, mas que eu sabia ser de origem africana. As flores das palmas e macambiras haviam crescido e dançavam, brilhando ao luar, ou era tudo efeito da minha mente sendo dominada por aquele estranho ritual?

Eram pessoas que eu via brotando da terra, primeiro espíritos translúcidos e depois tão sólidos quanto Amélia e eu? E essas pessoas dançavam e cantavam, os pés batendo no chão, e o chão pulsando de volta, pulsando vida, pulsando por meio das flores que liberavam um aroma arrebatador.

*O ijeniiwa babá
O si a bo bo wa lê
O ijeniiwa babá
O si a bo bo wa le ô*

De repente, eu também estava dançando em meio a eles, tentando inconscientemente imitar seus movimentos, e era tão bom aquilo, era uma energia tão poderosa e revigorante que controlava meus movimentos, como se eu fosse ligado a todas aquelas pessoas, e a própria terra, e as flores, os sapos, cobras, os pequenos mamíferos que também se aproximavam do círculo, do enorme e vigoroso homem vestido de palha que eu via dançando no centro de todos, ou seria apenas Amélia Gandi que tinha triplicado de tamanho?

Não me empenhei em buscar uma resposta, pois senti o toque de mãos brancas em meus ombros, e quando me virei soltei um gemido de emoção. Era a minha Justine quem estava diante de mim. Ela usava o casaco vermelho de quando a encontrei pela primeira vez, e parecia ser jovem como na época, com o cabelo negro solto e o sorriso largo. Sim, o sorriso era esplendoroso, e ela ria como que deliciada.

— Dance comigo, David — ela disse, em francês, guiando nossos corpos de um lado para o outro. Eu também ri e chorei, sem conseguir acreditar naquela visão. Temendo acordar a qualquer momento.

Quantas vezes eu não havia sonhado com algo parecido?

— É você mesmo, Justine?

— Claro que sou eu, meu amor. Você não mandou me chamar?

Meu peito faltava explodir de felicidade, e ela me parecia ainda mais bela enquanto dançava, me dando um beijo rápido e rodopiando com uma desenvoltura que eu nunca havia visto em sua vida.

Eu estava tão feliz que até mesmo me esqueci que aquele era apenas um raro encontro entre o físico e o espiritual, que ela estava morta e eu não, e que eu não deveria me esquecer de meu propósito.

— Oh, meu amor, me diga... me diga onde está.

— Eu não estou aqui com você, David?

— Mas... mas... e quando você não estiver mais aqui? E quando este momento terminar? Me diga que você não é apenas uma ilusão nascida da minha dor. Me diga que sua alma existe e que ela continuou depois que seu corpo perdeu a vida.

— Sim, David, é claro que eu continuei — ela riu, como se eu tivesse dito uma piada. — E estou te esperando, meu amor.

Nossos pés batiam no chão sem perder o ritmo da música.

— Mas para onde você foi, minha querida?

Ela disse algo, mas suas palavras não chegavam até mim, ou então chegaram, mas eu não consigo me recordar. Na verdade, enquanto tento forçar minhas memórias desse evento tão estranho, me parece que Justine me disse muitas coisas, que conversamos por toda aquela noite, sem parar de dançar e sem se cansar. A sensação é a de ter sonhado; aqueles sonhos que se perdem assim que acordamos e não lembramos mais do seu significado, a não ser da sensação que nos foi transmitida. E o que senti foi paz e uma alegria profunda.

Mas não foi um sonho, disso tenho absoluta certeza. Tive certeza já na manhã seguinte, quando acordei com a luz do sol clareando minhas pálpebras, e pela primeira vez em anos, desde que segurei a cabeça decepada de minha Justine entre as mãos, eu estava em paz.

— Ela está me esperando — eu disse, assim que abri os olhos e encontrei a presença linda e majestosa da Senhora Elemental da Terra sentada ao meu lado. — Ela está bem, e está me esperando!

Eu ria, chegando a gargalhar, com as lágrimas de felicidade jorrando pela minha face.

— Minha Justine me espera... — solucei, abraçando meu próprio corpo e me entregando aquela explosão de emoções. E para minha surpresa, Amélia se aproximou mais e me puxou para si, colocando minha cabeça em seu colo macio e quente.

— Sim, Sr. Grenier, e fico feliz por você. É tão raro esse contato — ela disse, acariciando minhas têmporas. Eu era seu filho naquele instante, sua criança, e ela era a mãe terra que me abraçava e me dava colo, me enchendo com seu amor.

— Ah, eu... eu estou tão feliz...

David respirou fundo e permaneceu em silêncio. Não escondia as lágrimas que rolavam do olhar perdido nas sombras do salão, e com sua visão aprimorada, André contemplou aquele velho e elegante rosto, absorvendo a beleza que todas aquelas emoções emanavam nas rugas e no cintilar dos olhos claros do telepata.

André digeriria toda aquela história e seus detalhes curiosos. Por meio de David, estava tendo uma compreensão melhor sobre a Noite e principalmente sobre a organização que mantinha o equilíbrio entre as raças sobrenaturais. Estava grato por David ter lhe solucionado tantas questões, mas aquilo era apenas a ponta do iceberg, e inúmeras outras perguntas pululavam na mente do jovem lobisomem, enquanto tentava entender como isso respondia sua dúvida inicial.

— A resposta é que desse evento com a Bruxa da Terra em diante, eu havia ganhado um novo propósito — o velho respondeu, lendo-lhe a mente. — Graças a isso eu sei que minha Justine está em paz em algum lugar e que ela me espera, e que eu devo viver a minha vida da melhor maneira, fazendo o meu melhor em prol daquilo que acho bom e justo. Sendo assim, não quero uma vida mais longa do que eu já estou tendo. Nem mesmo esperei viver tanto e com tanta saúde.

— Mas... mas o senhor acredita mesmo no que viu na noite do ritual? — André perguntou, temendo que pudesse magoá-lo, o que pareceu não acontecer.

— Nunca tive tanta certeza de algo como quando recuperei os sentidos no dia seguinte. Mas compreendo sua desconfiança, afinal, do modo como contei, mais pareceu que bebi ou inalei alguma substância alucinógena, ou fui sugestivamente preso em um transe que me fez ver exatamente aquilo que eu desejava. Nada muito diferente do que ocorre em vários cultos ao redor do mundo. Mas não é isso o que acredito. Acredito mesmo que Amélia Gandi chamou seus deuses e os mortos para dançar naquela noite, e que vi Justine, e que ela dançou comigo e acalmou meu coração.

André ainda não estava convencido e em sua mente se lembrou da mística noite que Natâniel o apresentou a Madalena Barddom, na esperança de que a Senhora Elemental do Ar conseguisse provas de que o escritor era a reencarnação de Isabella. E quando as respostas vieram, tudo fez sentido para o atormentado Natâniel, que necessitava crucialmente daquelas respostas, mas não para André. Tentou controlar seus próprios pensamentos para não desagradar a David, mas lhe era impossível não pensar se tudo isso não passava de um “placebo espiritual”.

— Que importância isso teria, no fim das contas? — o telepata perguntou, voltando a sorrir. — Reafirmo: se existe algo em minha vida que tenho plena convicção, é sobre a veracidade desse reencontro sobrenatural. De todo modo, mesmo que fosse apenas ilusão e fumaça, não foi essa ilusão que me salvou no fim das contas? Após anos, eu não me levantei no dia seguinte me sentindo bem em estar vivo e com um propósito claro e produtivo? Se toda a existência humana não fizer sentido algum, não caberia a nós mesmos criar nosso próprio sentido, mesmo que esse sentido só represente algo para nós mesmos?

André não tinha uma resposta para aquilo, principalmente por sentir que pela primeira vez havia encontrado o seu caminho, e que sua antiga vida humana comum sim havia sido uma ilusão.

— Além disso, André, e julgo que seja a coisa mais sábia que eu tenho a lhe transmitir: por mais perigosa, traiçoeira e terrível que possa ser a Noite, ela sempre há de nos maravilhar com suas promessas sedutoras; a longevidade, o poder e a beleza que você agora sente neste seu corpo aprimorado, ou o conhecimento de mistérios ocultos antiquíssimos. Qual ser humano comum não desejaria tais

milagres, independente do preço que tivesse que pagar? Mas acredite quando digo que são prazeres a curto prazo. As suas dores, angustias e receios mais íntimos continuam. Você continua sendo uma criatura presa a este mundo, a morte e o sentido existencial permanecem sem respostas concretas.

Aquela conversa irritava André, mas ele não queria que fosse assim. Ele sabia que aquele homem que viveu tanto falava uma verdade profunda, mas simplesmente não conseguia absorvê-la. Aquilo era algo que já tinha ouvido de alguma forma saindo da boca e de Natâniel, e sempre lhe causava repulsa, como um vírus que ousava ameaçar sua atual felicidade.

E ainda havia aqueles assuntos pendentes, não é mesmo? Sua família e seus amigos que ficaram para trás.

— Isso me faz lembrar de uma situação curiosa que experimentei há pouco mais de um ano... sim, foi em 2011 — David continuou, aparentando não ter lido seus pensamentos. — Eu estava no Museu Nacional de Brasília, visitando uma exposição de videoarte para aproveitar meu tempo livre antes de me encontrar com Flávio. A galeria estava muito cheia, e quando estou em meio a multidões tendo a bloquear ao máximo minha telepatia, para não enlouquecer com centenas de vozes em minha cabeça, mas uma dessas mentes eu não consegui ignorar.

“Não foi nem a mente em si, mas, como posso dizer... foi a presença dessa pessoa, uma forma de energia que emanava de seu corpo, que me fez girar nos calcanhares para vê-la. E em sua aparência não havia nada de anormal; apenas uma jovem mulher muito bonita, de pele clara, cabelos avermelhados e olhos azuis acinzentados, sentada em um banco no centro da galeria, enquanto massageava distraída a sua enorme barriga e conversava com o bebê que estava lá dentro.

No mesmo instante minha paranormalidade me disse que aquela jovem não era uma humana comum, mas foi quando eu ousei sondar seus pensamentos, conseguindo descobrir seu nome... Sofia, acho que era esse o nome... enfim, quando me permiti a indelicadeza de invadir seus pensamentos, ela me percebeu, e a mudança em sua postura foi uma das coisas mais incríveis e ameaçadoras que já presenciei.

A jovem grávida me atingiu com a força de seu olhar penetrante. Nenhuma das pessoas a minha volta notou nada do que ocorria, mas para mim era como se meu corpo inteiro tivesse sido imobilizado, e aquela delicada e feminina presença tivesse quadruplicado de tamanho e ameaçasse destruir todo aquele prédio de Niemeyer apenas com a força de sua vontade.

Não se aproxime, ela me disse em silêncio. Não me importo com essa tal Noite. Nada disso me interessa. Deixe-me em paz e deixe os meus em paz também. Esse é meu único aviso.

Assim que recuperei meus movimentos, me desculpei com um gesto e apressei minhas pernas e bengala para fora da exposição.”

— Mas o que era ela, uma telepata mais poderosa? — André perguntou, sem conseguir conter a curiosidade.

— Não sei, e preferi não tentar descobrir. O que sei é que: fosse uma poderosa humana excepcional, ou outra coisa, essa moça tinha conhecimento da existência da Noite, mas não queria nada com seus mistérios. O que me ficou claro em sua ameaça é que ela prezava sua vida humana banal acima de tudo, e que agiria com uma fúria matriarcal para quem ameaçasse esse seu modo de vida.

“E é neste ponto que quero chegar, André: O que mais vi em meu longo caminho na Noite foram humanos comuns sonhando em serem seres sobrenaturais, assim como seres sobrenaturais desejando serem apenas humanos comuns.

Sendo assim, repito: Não espere que a Noite cure as feridas de seu coração, meu querido. Não espere que ela lhe revele verdades universais. Isso não acontecerá. E por isso é importante existir da melhor maneira que você puder, encontrando seu próprio caminho e abraçando sua própria verdade.”

André buscou absorver por completo aquelas palavras, e mais uma vez lutou contra o desprezo que sentiu. Não as rejeitou, mas preferiu guardá-las em um lugar especial dentro de si para quando tivesse experiências suficientes naquele novo mundo para compreendê-las a fundo. Queria também dizer que estava agradecido por David compartilhar aquilo com ele, que cada palavra lhe havia sido preciosa, e que buscaria sim seu próprio caminho e verdade, mas que acreditava que apenas na Noite conseguiria isso. Queria dizer aquilo e muito mais, mas não disse nada, não com as palavras.

Que horas seriam? Pensou, enquanto David e ele permaneciam em silêncio e uma certa luminescência entrava pelas janelas. Seria o dia raiando? Como deveria estar a tal missão da alcateia? Suas preocupações com Natâniel e os outros voltavam com tudo. Aquela seria uma longa noite, então era melhor que voltasse a se entreter com David, se este não tivesse tão cansado.

— Fique comigo o tempo que quiser, André. A vantagem de ter a minha idade é que praticamente não preciso mais dormir.

— Tenho algumas perguntas — André disse, se servindo de mais vinho.

— Claro.

— De lá para cá você... bem... você não ficou com mais ninguém?

— Claro que sim. Aproveitei a vida, como prometi a Justine. Tive algumas aventuras com outras mulheres sim, mas com frequências muito raras. Creio que com a idade me tornei menos... sexual, digamos.

— Outra coisa: Amélia Gandi disse que cobraria algo em troca pelo ritual. Qual foi o preço?

David sorriu e deu mais um gole na bebida.

— Foi assim que conheci nosso querido Flávio. Ele ainda não era o alfa da alcateia Valverde, e na mesma época foi procurar a Bruxa da Terra em busca de informações para a sua alfa. Eu o conheci no dia seguinte ao ritual e o preço que Amélia cobrou por seus serviços foi que eu ajudasse o lobisomem a cumprir uma missão.

“Ora, eu nunca tive contato próximo com lobisomens, até porque eles trazem muito menos problemas à Geneoziz do que os bebedores de sangue, mas o geneozista em mim, então sem o fardo que o martirizou por anos, voltou a se fascinar e ser curioso para com as criaturas da Noite, e graças a Flávio, minha primeira impressão dos licantropos não poderia ter sido melhor.”

— Mas que missão foi essa?

— Ah, é uma boa história. Mas, sabe de uma coisa, André? Prefiro que o próprio Flávio lhe conte como nos conhecemos. Essa missão foi um de seus grandes feitos. Graças a ela ele se tornou o líder dessa alcateia.

— Não faça isso comigo — André gemeu, agoniado. — Sou do tipo de gente que literalmente morre de curiosidade.

— Paciência, lobinho. E lembre-se da tradição das alcateias; essa é só a primeira história que você escutará.

Sim, e havia tanto que ele queria saber — pensou André, sentindo a excitação tomar conta de si, e nisso se lembrou de um plano que já estava há alguns dias maquinando mentalmente.

— Eu tenho uma ideia, David! Uma ideia para enriquecer essa tradição da alcateia. Vou pedir a permissão de Flávio assim que ele retornar — virou de uma vez a taça de vinho quase cheia e a estendeu pedindo mais, enquanto se endireitava na cadeira. — Pense comigo: Eu posso ser agraciado com a sua história, com a de Flávio, Ricardo e de todos os outros, com o livro que Natâniel escreveu sobre si mesmo, mas nunca poderei ser agraciado com a história da antiga alfa, Maria Lúcia, e dos que vieram antes, a não ser aquilo que vocês se lembrarem deles. São riquezas que se perdem com o tempo.

— Acho que sei onde quer chegar, mas continue.

— Então... e o que eu sou? Um escritor! É o que eu sei fazer de melhor, David. É a única coisa que eu servi na droga de vida que eu possuía. Sendo assim, minha ideia é usar essa capacidade em prol da alcateia. Se nosso alfa permitir, e creio que ele permitirá, eu me tornarei o cronista oficial da Valverde! Pense num banco de dados exclusivo apenas para os membros, contendo inúmeras histórias de

todos os lobisomens que fizeram parte dessa família! Pense que rico isso seria, não só para nós mas para todos os futuros licantropos que se unirem a essa alcateia.

— Me parece uma ideia muito boa mesmo — disse David Grenier, achando graça da indisfarçada animação do lobisomem novato.

— Ótimo! Então não vamos perder tempo! Me conte mais sobre essa Geneoziz. E será que não tem um compendio sobre a História da Noite? O senhor citou sobre grandes eventos que aconteceram e...

De repente o celular de David, que estava ao lado da garrafa de vinho, começou a vibrar, assustando a ambos e interrompendo as palavras de André. De onde estava o escritor pode ver o nome Flávio no visor e rapidamente foi dominado pela apreensão.

— Sim — disse David ao levar o aparelho ao ouvido.

Graças a sua nova audição, André conseguiu escutar a voz do alfa do outro lado da linha, e seu coração se apertou ao compreender o anúncio de uma tragédia.

Covil de Vira-Latas

O sol nasceria em pouco mais de uma hora, e após avançar muito além do trecho 17 do SIA, alcançando as áreas desertas e rodeadas pela vegetação do Parque Nacional de Brasília, a van vermelha finalmente estacionou. Era um veículo que impressionava não só por parecer maior pelo lado de dentro, mas sim pelos equipamentos tecnológicos que exibia. Três grandes telas de computador ocupavam todo o fundo da vã, junto de teclados, CPUs e outras quinquilharias que Natâniel não sabia do que se tratava.

— Parece abandonada — comentou a motorista que se chamava Leone, uma mulher esguia e com uma falsa aparência frágil. Outra de origem italiana, mas diferente de Albertina e Pietra, Leone também era descendente de japoneses por parte da mãe, e possuía aparência asiática, com olhos escuros puxados e cabelos negros ondulados na altura dos ombros.

Natâniel notou surpreso como a moça lhe parecia agora cheia de vida e dona de si, em seu delicado vestido florido e meia-calça preta, pois fazia muitos anos que a viu pela primeira vez, ainda na Itália. E na época, Leone era apenas um ser melancólico, que nascera humano e esperava o Dom da Fera que lhe haviam prometido, e ainda era tratada como sendo do sexo masculino, até que finalmente, incentivada por sua prima Albertina, aceitara a si mesma e iniciara a transição para que seu corpo se parecesse mais com a imagem íntima que tinha de si mesma.

— E está abandonada. Uma antiga fábrica que nunca chegou a funcionar, pois foi fechada antes mesmo de ficar pronta, devido a construção ter sido feita em área protegida — respondeu Catarina, a moça que não saía de frente das telas de computador, com os dedos batucando nos teclados com uma velocidade impressionante. Ela era a quarta e mais nova integrante da alcateia de Albertina, sendo a única brasileira. Catarina era uma mulher de aparência jovem e bonita, de pele negra, olhos verdes e uma cabeleira crespa presa de modo que formava dois grandes pompons macios no alto da cabeça.

Natâniel abriu a porta do veículo e saiu junto com Pietra. Farejou o ar em volta, mas inicialmente não sentiu nada que o alarmasse, até que reconheceu um estranho cheiro que nunca sentira antes, principalmente quando o vento soprava em sua direção. De todo modo, ele nunca havia topado com um vira-lata antes, então não tinha ideia de como seria o cheiro de um. Sendo assim, era melhor olhá-los

com atenção, antes ou depois de exterminá-los, pois sabia que André o bombardearia de perguntas quando voltasse da missão.

Segundo a busca virtual feita pela lobisomem Catarina, uma câmera de segurança da rodovia próxima havia fotografado uma das abominações no início daquela mesma noite. Uma imagem borrada que facilmente ganharia fama viral passageira se chegasse à domínio público, como muitas imagens do tipo, verdadeiras ou falsas. E naquela região, o único lugar que tinha tamanho e isolamento suficiente para servir de covil para tais criaturas, era aquela sombria estrutura da fábrica abandonada à frente; apenas uma silhueta se mesclando com a mata fechada, há uns 500 metros da pista, e ao fixar os olhos nela, Natâniel sentiu um súbito arrepio na espinha.

A BMW de Flávio estacionou logo atrás da vã, e junto do alfa desceram Ricardo, Daniel, Bianca e Albertina.

— Será uma missão de limpeza completa. Tenham cuidado e *sejamos um*, nenhuma dessas abominações devem sair vivas do local — disse Flávio, direto ao ponto.

Natâniel sabia que o “sejamos um” que o alfa se referia, era dirigido para o grupo de Albertina, pois o que tornava uma alcateia realmente poderosa era a capacidade sobrenatural que passava a ligar seus membros com o tempo, fazendo com que o coletivo de lobisomens agisse como um único organismo, quase como se um pudessem ler a mente um do outro. Já quando duas alcateias distintas tinham que trabalhar em equipe, a coisa podia ser um pouco mais complicada.

Albertina decidiu que Catarina permaneceria na vã, monitorando a região, e sugeriu que mais um deveria montar guarda junto com ela. Flávio indicou Ricardo, mas esse protestou.

— Qual é, chefe? Você sabe que eu sou melhor na briga.

— Não sei se *nessa* briga, é a melhor opção — o alfa respondeu, claramente preocupado com o passado que Ricardo tinha com o provável responsável pelos vira-latas, e que naquele momento talvez se escondesse nas sombras da fábrica.

— Se me permite, — Albertina interrompeu — devo concordar com Ricardo. Ele é um dos seus melhores em combate. Além disso, eu preferia deixar minha Leone aqui, pois é a menos experiente de nós.

Flávio concordou, mas Natã conseguia identificar a ligeira indecisão do alfa. Sendo assim, os sete lobisomens despiram as roupas e rumaram cautelosos em direção à fábrica. Não se transformaram de imediato, pois o cheiro de suas formas de feras se tornaria mais forte e mais fácil de ser captado pelos inimigos.

Agraciados com o vento que soprava na direção contrária, cruzaram rapidamente o longo trecho de capim alto, sempre farejando. Os alfas Flávio e Albertina na frente, com Pietra, Bianca e Natâniel logo em seguida e atentos aos

flancos. Já Ricardo e Daniel seguiam um pouco mais atrás, com as atenções voltadas para possíveis inimigos que surgissem pelas costas.

Transpuseram o cercado de ferro com um único salto, aterrissando do outro lado já transformados em lobisomens. Na mesma hora Natã sentiu o cheiro misterioso impregnado na região, como uma pancada no focinho; aquele cheiro anormal e fétido que agora sabia ser das abominações. E uma estava logo à sua frente.

Mas a criatura deformada e dos sentidos confusos nem mesmo teve chance de compreender o que aconteceu, ou até mesmo de rosnar. A alcateia fechou sobre ela de modo rápido e implacável, com Flávio e Albertina a derrubando e a imobilizando, e Bianca a esmurando sucessivamente até a cabeça horrorosa se espatifar numa massa ensanguentada no capim.

Seguiram para o grande portão entreaberto do galpão da fábrica, com o odor dos vira-latas ficando mais forte. O local estava escuro até mesmo para os licantropos, e muito provavelmente os inimigos poderiam estar escondidos entre os maquinários gigantes e enferrujados. Além disso, outro cheiro chegava ao poderoso olfato de Natãniel: o cheiro de sangue humano.

Flávio se ergueu nas patas traseiras e farejou profundamente, movendo também as orelhas pontudas em todas as direções. Os outros o imitaram, mas não conseguiram detectar mais nada do que já haviam percebido. Aquilo estava quieto até demais.

Após ficarem um de costas para o outro, para assim terem uma percepção completa do perímetro, o alfa rosnou para que Bianca e Daniel investigassem por entre as máquinas. O casal sempre era colocado naquela posição, pois a fêmea de pelos louros escuros era a lobisomem com o olfato mais apurado do grupo e a caçadora mais letal, já a companhia de seu marido era mais para dosar a ferocidade de Bianca do que para dobrar suas defesas.

Como era de se esperar, não demorou muito e a fêmea voltou a ficar de pé, dando aquele típico ganido gutural que indicava ter descoberto algo. Sem saírem da formação, a alcateia se aproximou do casal, e lá encontraram a passagem para um andar subterrâneo. O cheiro de sangue humano lá era mais forte, e o fedor dos vira-latas quase tão maciço quanto as paredes de concreto.

A esguia lobisomem de pelos escuros que era Albertina, fungou e sacudiu a cabeça, alertando que se fosse uma armadilha, eles teriam pouco espaço para se defender no túnel estreito da escadaria. Além disso, as plantas que sua beta hacker conseguira da fábrica não indicava aquela passagem, que muito provavelmente tinha sido escavada e construída anos depois que o lugar tinha sido abandonado. Flávio já levava aquilo em consideração, e antes de resolverem descer, separou

duas duplas para investigarem os outros ambientes da Fábrica, enquanto Albertina, Ricardo e ele permaneciam no local.

Daniel e Bianca foram para um lado e Natã e Pietra para outro, mas nada encontraram, a não ser os restos de um cadáver de um cavalo em avançada decomposição.

As sete feras então desceram para o desconhecido, com o alfa na frente e Ricardo vindo por último, e Natã podia sentir claramente a irritação no amigo. Normalmente, nas missões da Valverde, Ricardo estava sempre na linha de frente, já que o irmão e ele eram guerreiros impressionantes, mas desta vez era sempre colocado nas posições mais limitadas do grupo.

Desceram três lances de escada até alcançarem alguns cômodos enfileirados e contendo uma macabra decoração que lembrava hospitais ou laboratórios de filmes de horror. As paredes sujas de sangue seco e outros fluídos asquerosos, contendo armários e prateleiras de vidros quebrados, macas enferrujadas e mesas expondo instrumentos cirúrgicos tão imundos quanto o chão... eram bolsas com sangue de vampiro o que estavam empilhadas naquele armário? Sim, o cheiro doce e inconfundível dos sanguessugas.

Eram ali que os vira-latas eram feitos, concluiu Natãniel, se forçando a focar nos asquerosos detalhes para poder narrar tudo à André quando voltasse.

Uma das abominações estava caída ao lado de uma mesa tombada, morta há dias. Talvez o pobre indivíduo raptado não tivesse sobrevivido à experiência e falecido, e por isso lhe faltavam as pernas e um dos braços, pois os outros monstros o comeram.

Após a terceira sala, o ambiente se alargava num enorme salão que mais lembrava o interior de uma caverna, iluminado apenas por fracas lâmpadas avermelhadas. A podridão era tanta que agredia os narizes. No centro, sustentada por vigas de ferro e cimento, como se fosse uma grotesca obra de arte contemporânea, se encontrava uma pilha de ossos humanos amontoados, alguns bem recentes e pingando sangue.

Era claro que a alcateia não estava sozinha naquele lugar.

As paredes com mais de 20 metros de altura estavam cobertas por inúmeros buracos; obviamente tocas, com cheiro de urina e fezes, onde as monstruosidades se escondiam. O estranho era a quietude, pois vira-latas não eram conhecidos pela inteligência e disciplina; não eram de fazer emboscadas elaboradas e nem nada do tipo. Se estavam seguindo uma diretriz, era porque algum outro ser da Noite os estava manipulando.

Que seja, aquilo era sim uma armadilha.

Flávio fez um sinal para que o grupo fosse lentamente voltando por onde haviam entrado. Aquele covil só parecia ter uma passagem de entrada e saída, e se

o número de inimigos correspondesse a quantidade de tocas nas paredes, não valeria a pena se arriscarem numa batalha quando simplesmente podiam explodir aquilo tudo e soterrar os desgraçados.

A alcateia batia retirada tão silenciosamente que mal se ouvia o pisar das enormes patas no terreno imundo, mas foi então que Ricardo estacou abruptamente, se forçando a farejar em meio a podridão.

Natâniel imitou o amigo e sim, captou o cheiro também, o cheiro de um outro lobisomem.

— Mas que desfeita — ecoou uma voz no salão, vinda da figura masculina que saltava de dentro de uma das tocas. — Vocês invadem a minha residência e nem mesmo possuem a educação de se apresentarem.

“Você me conhece muito bem”, disse Ricardo, ou pelo menos foi o que intencionou fazer, já que o som de sua voz saiu como um rosnado gutural e furioso.

Flávio rosnou para que o beta se calasse. Já o homem misterioso apenas sorriu e caminhou para se revelar sob as luzes avermelhadas. Era musculoso como a maioria dos lobisomens na forma humana, de estatura mediana e larga. Usava apenas uma velha e empoeirada calça social com as bainhas rasgadas, sem camisa, com a pele branca do peito coberta por pelos negros e grossos, assim como seus longos cabelos imundos que emolduravam o rosto barbudo e anguloso, que dificilmente seria considerado bonito.

Aquele era o tal Labrador – concluiu Natâniel. Aquele era o vilão das histórias que Ricardo lhe contara, e era por isso que seu amigo estava naquela raiva quase descontrolada.

O lobisomem Flávio ficou de pé nas patas traseiras e mostrou os dentes, os olhos verdes luminosos encarando furiosamente o inimigo, mas Natã sabia que aquilo era um truque; a ideia era que a alcateia continuasse sua retirada. Por só haver uma passagem, seria fácil segurar os inimigos na saída do estreito túnel da escadaria, enquanto um deles corria até a vã para trazer os explosivos e derrubar todo aquele lugar.

A ligação da alcateia estava tão forte, que os lobisomens betas da Valverde compreenderam a intenção de seu líder sem nem mesmo o alfa ter que dizer nada, e nisso Daniel e Natã empurravam cautelosamente Albertina e sua irmã para a passagem, mas foi então que aconteceu o que Flávio temia:

Ricardo era considerado um dos mais eficazes betas da alcateia, sem nunca se deixar levar por emoções exacerbadas e sempre obediente a seu alfa. Mas como existe uma primeira vez para tudo na vida, naquela madrugada a força das lembranças e do ódio por Labrador lhe fizeram perder o controle da própria selvageria.

O lobisomem de pelos marrons soltou um latido que fez o ambiente estremecer, e partiu para cima do homem feito um touro enfurecido. O alfa rosnou para impedi-lo, mas já era tarde demais. No mesmo segundo, dando um último sorriso, Labrador também se transformou, e ambas as feras se chocaram, dando seguimento a furiosos golpes de mordidas e garras que faziam sangue respingar para todo lado.

Agora não tinha mais volta, principalmente porque dezenas de olhos vermelhos brilharam nos buracos nas paredes, e um número preocupante de vira-latas saltou de dentro deles. Eram mais de quarenta monstruosidades, cheias de deformidades, mas indiscutivelmente perigosas. A única forma segura era abandonar o beta cego de raiva e seguir com o plano, mas uma alcateia nunca abandona um dos seus.

Flávio estufou o peito e deu seu imponente uivo de comando. Albertina fez o mesmo e as duas alcateias unidas urraram em resposta, com as feras partindo para o ataque e dando início assim a sangrenta batalha em volta da pilha de carcaças humanas.

Estavam em menor número, mas mesmo assim se dividiram em duplas. A implacável Bianca atacando as bestas deformadas com uma velocidade absurda, sempre sendo auxiliada por seu esposo. As irmãs italianas usando a velha tática para matar abominações, com a forte Pietra imobilizando o inimigo, enquanto Albertina arrancava a cabeça do mesmo com golpes certos. Natâniel e Flávio, um de costas para o outro, girando e avançando em meio à multidão, acertando gargantas com as garras, bloqueando e se desviando de presas que tentavam lhe alcançar o pescoço.

Nenhuma raça da Noite trabalha tão bem em conjunto quanto os lobisomens. Até o aparentemente mais descuidado movimento de um licantropo pode na verdade ser uma ação que será completada pelo parceiro; Flávio fingindo errar um golpe, apenas para que seu inimigo atacasse e ficasse em um ângulo propício para que Natâniel destroçasse o pescoço do mesmo. O sangue dos lobisomens podia dançar em volta deles, manchando as pelagens grossas, mas era o sangue das abominações que jorrava em litros, com as carnes dilaceradas, sem conseguirem se regenerar antes que seus corações ou cabeças fossem arrancadas.

Em poucos minutos, os mais de quarenta vira-latas foram reduzidos a pouco mais de dez, com seus corpos hediondos se amontoando no chão do salão. Quem visse de longe acharia até mesmo fácil matá-los, mas era a experiência da Valverde que fazia a diferença.

Enquanto isso, Ricardo ainda lutava contra Labrador, mas o vilão estava levando a melhor, pois a fúria vingativa do beta o impedia de pensar direito, e o inimigo se aproveitava disso.

Flávio largou Natã sozinho quando, em golpes precisos, Labrador feriu os olhos de Ricardo com as garras, cegando-o. E além do alfa, Daniel, que estava mais próximo e havia acabado de arrancar a cabeça de um vira-lata, também se juntou para ajudar.

Labrador era uma fera mais velha e astuta, conseguindo se desviar dos golpes mortais dos outros dois lobisomens com uma agilidade impressionante, chegando ao ponto de derrubar Flávio no chão com um simples golpe das patas traseiras. Mas em um esperto movimento, Daniel o imobilizou, o agarrando e lhe segurando os braços para trás, assim como havia feito com os vira-latas, e sem perder tempo, Natâniel avançou para os dois, pronto para decapitar o inimigo.

O que impediu a vitória naquele momento, foi novamente uma ação enraivecida, e dessa vez literalmente cega, do lobisomem Ricardo. O beta avançou de qualquer jeito, mirando o alvo apenas pelo cheiro, acertando sem querer Daniel no caminho e se chocando com Natã.

E foi então que o pior aconteceu.

Esperto como era, o velho lobisomem empurrou Daniel para cima da pilha de destroços e cadáveres, fazendo com que uma grossa barra de ferro perfurasse o seu estômago.

Daniel rugia de dor, tentando se libertar, mas a barra de ferro estava presa ao concreto, e quanto mais ele puxava, mas ela se prendia a sua coluna.

Flávio e Natã tiveram que enfrentar um vira-lata e não conseguiram se aproximar para ajudar. Apenas o cego Ricardo estava por perto, mas foi facilmente derrubado por Labrador, que em seguida, pegando impulso, afundou com tudo o punho por baixo das costelas de Daniel e lhe arrancou o coração fora.

O berro chocado de Bianca ecoou mais alto que o de seu amado. Flávio e Natã deram cabo do vira-lata que enfrentavam e conseguiram agarrar Labrador antes que esse devorasse o coração de Daniel. Naquele instante, todas as abominações já tinham sido mortas e qualquer outro membro da alcateia estava livre para dar cabo do vilão, mas foi Bianca quem saltou feito um borrão dourado sobre Labrador.

Nenhum deles vira aquela fúria antes na fêmea, que escavava o corpo de Labrador com as garras, fazendo com que pedaços de carne e ossos das costelas voassem em todas as direções, destroçando pulmões e coração, enquanto a vítima se debatia em agonia. E nenhum dos outros teve coragem de se aproximar.

Nem quando a vida abandonou o corpo de Labrador e esse começava a voltar a forma humana, Bianca parou seu ataque, arrancando os braços e pernas do velho lobisomem e esmagando seu crânio. Depois ela se levantou, ainda rosnando e derramando lágrimas, e tateando como se estivesse no escuro, encontrou o coração de seu amado caído ao lado dos restos do inimigo. Levou o órgão à boca e o mastigou rapidamente, dando início a tradição do Ritual Final; a antiga crença

licantrópica de que devorar o coração de um ente querido era o mesmo que absorver um pouco da antiga força e amor do falecido para dentro de si.

Todos os lobisomens se juntaram em volta de Bianca, que tomava em seus braços fortes de fera o corpo de Daniel, agora na forma humana, e o segurava da mesma forma que uma mãe segura um filho, lhe lambendo o rosto e uivando com tristeza. Flávio uivou lamentoso depois dela, seguido de todos os outros. Menos Ricardo, que havia voltado à forma de homem e chorava em um canto do imundo recinto, encarando finalmente as consequências de seus atos.

Casarão em Luto

Havia feito calor por todos aqueles dias, mas foi só naquela manhã que o céu escondeu um pouco o sol com vastas nuvens escuras, como se fosse um pequeno gesto compadecido para as pessoas que se reuniam, com seus pesados e negros trajes de luto, próximo ao bosque do Casarão Violeta.

Além de todos os moradores do Casarão, outras duas alcateias vassalas da Valverde estavam presentes; as mulheres Lamannara, e os três austeros homens representando a alcateia dos Noguera, de São Paulo.

É claro que André estava curioso sobre todos aqueles lobisomens desconhecidos, mas se mantinha junto do grupo de humanos, composto por Madame Valquíria, David Grenier e as gêmeas idosas que choravam copiosamente, ambas segurando suas pequenas bíblias e terços contra o peito, rezando baixinho naquele velório de pessoas tão estranhas quanto belas. O jovem escritor evitava olhar para sua esquerda, onde Natâniel segurava uma silenciosa Lua no colo. A menina tinha ficado ainda mais arisca e fechada com a notícia da morte do pai, mostrando os dentes e fugindo de qualquer um que se aproximasse, e a única pessoa que ela então aceitava algum contato era a própria mãe ou o Tio Natã.

Além disso, se encarasse mais uma vez a tristeza nos olhos de Lua, ele próprio poderia perder o controle. E pelo mesmo motivo evitava olhar na direção onde Ricardo estava sendo abraçado por Leticia, onde além de tristeza, também veria a culpa estampada na face daquele lobisOMEM.

No dia anterior, assim que a alcateia voltou da missão, André percebeu que alguma coisa, além da batalha contra os vira-latas, havia acontecido. Algo que propagava, em meio ao luto, uma tensão tão forte que emanava no ar. Até mesmo uma rápida discussão havia ocorrido no meio do corredor do segundo andar, entre Bianca e Ricardo, enquanto Flávio explicava o “acidente de trânsito” que matara Daniel para Madame Valquíria no andar inferior.

André não havia prestado atenção, mas lhe pareceu que Ricardo pedia perdão a viúva, quando essa o atacou com toda fúria, caindo sobre ele e o esmurrando sucessivas vezes, parando apenas quando Roberto e Natâniel agarraram a loira e a levaram para o próprio quarto.

Durante o resto do dia, todos estiveram ocupados, andando de lá para cá enquanto falavam ao celular, e nem mesmo o Velho David tinha tempo para as

dúvidas de André, que decidiu passar a tarde caminhando pelo terreno, sozinho com os próprios botões, por vezes anotando seus pensamentos em um caderninho de bolso. Era isso ou ficar na cozinha, junto dos velhos, ouvindo o choro e as intermináveis rezas de Ana e Dolores. E foi só quando a noite chegou e Natâniel e ele se deitaram na cama que as explicações vieram.

Seu amado lhe contou tudo, chegando até mesmo a descrever em detalhes a aparência medonha das bestas deformadas e da curiosa alcateia Lamannara, residente em Brasília. E contou como Ricardo se descontrolou e atrapalhou a estratégia, contribuindo assim como a morte de Daniel.

André quis saber mais quem era aquele tal Labrador, mas então Natâniel já chorava, chegando ao ponto de começar a se culpar também, e a única coisa que o escritor pode fazer foi consolar seu amado até que pegassem no sono juntos. E mesmo estando cansado por ter passado a madrugada anterior inteira acordado, conversando com David, André não teve um sono tranquilo. Por duas vezes acordou de pesadelos apavorantes, onde ele enfrentava sozinho aqueles vira-latas e perdia, sendo despedaçado vivo por eles, pois mesmo na forma de fera não tinha força ou agilidade para se defender. Era como se fosse um simples humano novamente, com medo da própria sombra.

E por toda esta manhã, quando o corpo havia chegado, junto das duas outras alcateias, esse medo havia permanecido consigo, ao ponto dele simplesmente não conseguir mais ficar sozinho.

Olhou para o buraco na grama, recém escavado, e sentiu as lágrimas lhe subindo aos olhos, o aperto na garganta e o tremor no peito. O pavor... o horror...

Não, precisava se manter firme...

Não que chorar fosse um problema, já que até mesmo os sisudos Noguera permitiam que as lágrimas escorressem e molhassem os colarinhos duros de seus ternos negros, e sim porque com a notícia de tal tragédia, um desespero novo brotou no íntimo de André Lobo. Um desespero que originava de um fato até então ignorado pelo seu deslumbre com o mundo da Noite; o de que mesmo um poderoso lobisomem ainda poderia morrer.

Mas isso sempre não foi óbvio?

Todos os rostos se viraram para um novo grupo que chegava: Flávio, Roberto, Albertina e Bianca. Com a viúva e o alfa na frente, os quatro seguravam solenes uma espécie de maca que trazia o corpo de Daniel embalado por um tipo de cápsula feita de material biodegradável. Era a primeira vez que André tomava conhecimento daquela forma de ritual fúnebre, onde o morto era enterrado naquele recipiente de cor perolada, e que serviria de alimento para a muda de árvore que seria plantada logo acima.

Segundo Natã, muitas alcateias de lobisomens faziam cerimónias fúnebres daquele jeito há séculos, usando materiais bem menos sofisticados. O importante era que o lobisomem morto voltasse à natureza que o criou.

Em algumas culturas mais antigas, o morto era completamente devorado por sua alcateia logo após o Ritual Final, mas era raro encontrar uma alcateia que ainda fizesse tais práticas.

A maca foi posta no chão, ao lado de uma cova circular, e de perto André reparou como o objeto era belo e de madeira ornamentada, o que até dava um charme à cápsula estranha.

Foi Flávio quem quebrou o silêncio, mas André não reparou em seu discurso sobre as inegáveis qualidades de Daniel e seu companheirismo e devoção à alcateia. Não se atentou nem depois, quando as palavras eram do Velho David, que estava bem ao seu lado e começava um longo discurso emocionado. André apenas ouvia o som de seu próprio coração, aflito, sentindo o pânico o espreitando. Não conseguia tirar os olhos da cápsula fúnebre, imaginando o corpo ainda belo e sobrenatural do homem que mal chegara a conhecer lá dentro, encolhido, um feto voltando para o útero da mãe terra.

Mas por que aquilo o aterrorizava tanto?

Não, não era a estranheza da cápsula. Não era o fato de ser Daniel quem estava lá dentro, o pai da sua mais nova amiga. Era apenas a morte que o atormentava, como se André se deparasse com a certeza daquela inevitabilidade pela primeira vez.

Mas Natâniel não o havia alertado sobre os perigos da Noite? Até mesmo David não tinha narrado os horrores que a Noite lhe havia proporcionado? De repente sentia que a imagem poderosa e destemida que tinha de si mesmo desde que ganhara o Dom da Fera lhe abandonava. André não era mais o ser superior e indestrutível que acreditou ser. Ele poderia terminar em uma daquelas cápsulas estranhas a qualquer momento.

Memento mori.

Todos esperavam em silêncio o que viria a seguir, e como esperado, Flávio foi o primeiro a falar:

— Agradeço a presença de todos, tanto dos meus amados do Casarão Violeta, quanto dos que nunca me faltaram; Noguera e Lamannara. Faz tempo que nos reunimos pela última vez, e é uma pena que seja por um motivo tão triste. Entrementes, independente da minha dor, sou orgulhoso de ter tido Daniel como meu irmão, e me sinto grato por alguém tão especial ter feito parte da minha vida. Na verdade, ainda faz parte, e para sempre fará.

A maioria moveu a cabeça em concordância, outros choraram ainda mais. Lua enterrou o rosto no pescoço de Natã, talvez para esconder que voltava a chorar, e o

tio lhe afagou a juba volumosa, beijando-a com delicadeza.

— Também agradeço a presença de todos vocês — disse Bianca em seguida, dando um passo adiante e estufando o peito. Ela parecia ainda mais fria no luto, e ameaçadora, como a lâmina de uma bela espada. — E sei que esperam de mim um emocionado discurso, mas eu não tenho nenhum. Nada que eu ou vocês digam amenizará minha dor ou me reconfortará de qualquer outro modo.

André olhou para o lado e viu que Ricardo tinha caído de joelhos, escondendo o rosto com as mãos e soluçando. Letícia voltou a abraçá-lo, sem forçá-lo a se levantar, e Roberto fez o mesmo.

— Ainda assim, — continuou a viúva — meu Daniel amava a maioria de vocês. Ele ficaria feliz de saber que todos se reuniram por causa dele.

Em seguida, um dos Noguera tomou a palavra. Era um lobisomem ancião, com cabelos embranquecendo e rugas profundas no rosto bonito, iniciando um longo relato de como havia conhecido Daniel pela primeira vez. Depois dele foi a vez de Albertina, seguida de David Grenier e outros que André não conhecia. Os discursos eram longos, envoltos em lágrimas, mas com palavras cuidadosamente escolhidas para disfarçar a verdade sobrenatural de todos eles, já que humanos comuns estavam presentes no velório.

Por fim, com cuidado, Flávio, Roberto e Pietra colocaram a cápsula na cova, e um a um, todos foram se aproximando para agarrar um pouco de terra e jogar sobre o recipiente mortuário.

— Que a Loba Mãe o acolha de volta ao ventre de todas as coisas selvagens — o ancião disse, ao jogar o punhado de terra. E essa frase sussurrada podia ter atraído atenção do curioso André, se o jovem lobisomem não estivesse tão abalado, ao ponto de se afastar do lugar e se embrenhar no bosque, parando apenas para enfim se entregar ao choro inevitável, encolhido contra o tronco de uma árvore.

No mesmo dia, após um banquete, as outras duas alcateias foram embora em seus possantes carros de luxo, mas André quase não saiu do quarto, tomado por aquele pânico paralisante, e apenas Natã foi ver como ele estava uma vez, recebendo a desculpa de que precisa apenas ficar um pouco sozinho.

André não entendia realmente o que acontecia consigo mesmo. Estava confuso e amedrontado, e sentia que se ousasse descobrir ficaria ainda pior. Sua real vontade era de correr na forma de fera, mas não sabia se seria apropriado em um dia como aquele, e temia principalmente como a fera interior se comportaria estando seu eu tão abalado.

Em dado momento conseguiu finalmente pegar no sono, mas por volta das dez da noite foi despertado por Natã, com o aviso de que o alfa tinha convocado todos para a sala de reuniões.

Jogou um pouco de água no rosto e foi para junto dos outros. Era quase como da vez em que a alcateia esteve reunida para decidir o destino dele, só com um clima mais solene e ainda mais tenso.

Se sentou em uma cadeira entre David e Natã, com este último estendendo o braço para enlaçá-lo pelos ombros. Roberto se sentava no sofá do outro lado da sala, ao lado de um derrotado Ricardo, que parecia ser a criatura mais triste que André já vira. Do outro, ao lado de Natã, sentou-se Bianca, que tinha se demorado por estar consolando a filha.

Assim que todos se acomodaram, Flávio, sentado em uma cadeira solitária, de onde podia encarar todos os seus betas, começou a falar:

— Todos nós sabemos o tamanho da perda que tivemos. Não os reuni aqui apenas para falar mais sobre nossas dores e pesar. Já fizemos tudo isso no enterro. Eu os reuni para que possamos *resolver* isso — fez uma pausa, enquanto os olhos verdes cintilavam autoridade. — Eu poderia ter adiado essa reunião por mais uns dias, mas como a maioria de vocês sabem, a Noite é impiedosa e não espera por ninguém. Sendo assim, vou direto ao ponto: Além da dor, do luto, eu sinto rancor e culpa entre nós, e no fundo vocês esperam alguma atitude minha com relação a isso, como se tivessem cometido, ou sofrido, um crime que eu deveria, como alfa, julgar e penalizar da melhor forma.

Ele fez outra pausa, olhando para todos eles, mas se demorando mais em Bianca e depois em Ricardo.

— Eu sou o culpado... eu sei que sou — Ricardo se pôs de pé, voltando a chorar. — Foi por minha causa, pelo meu ódio... pela minha desobediência, que aquele maldito teve a chance de matar Daniel. Eu assumo isso, e peço perdão... eu peço perdão...

Ricardo caiu de joelhos, trêmulo, lançando um olhar suplicante na direção de Bianca, que apenas o encarou de volta. Os olhos cinzentos dela pareciam ainda mais glaciais que antes, e talvez fosse melhor assim, pois a sensação é que a loira o atacaria novamente.

— Ricardo, se levante, por favor — o alfa pediu.

— Eu... eu peço perdão para todos vocês, e principalmente para você, Bianca, pois... pois, eu mesmo não consigo me perdoar...

Roberto, sem perder a seriedade, içou o irmão de volta para o sofá, abraçando-o e deixando que ele chorasse em seu peito. Flávio suspirou e moveu o olhar para a fêmea, pedindo em silêncio que ela se expressasse, mas Bianca permaneceu muda, feito uma estátua gótica de rosto impiedoso.

— Natâniel, meu irmão — Flávio continuou. — Você, que estava conosco, tem algo a nos dizer?

Natã suspirou e pigarreou, apertando com um pouco mais de força os ombros de André.

— Apenas que compreendo as emoções de Ricardo. Eu mesmo me senti culpado. Eu mesmo as vezes acho que poderia ter feito mais, que eu deveria ter ficado mais atento... que eu poderia ter impedido, mas... para mim só existe um culpado, e felizmente esse foi destruído pelas garras da nossa irmã Bianca, assim como todos aquelas abominações.

— Se me permitem falar... — disse David Grenier, e Flávio fez um gesto dando permissão. — Eu não estava presente. O que sei é aquilo que me contaram, e aquilo que vi em suas memórias, e justamente por compreender parte do que se passa no coração de vocês, digo que estão *todos* falando a verdade. Que *todos* estão sofrendo e se culpando, principalmente Ricardo.

O velho fitou Bianca de modo paternal, e ela o encarou de volta com um olhar fulminante, mas que pouco a pouco foi se apaziguando e com o brotar de lágrimas que ela logo tratou de enxugar.

— Sim, eu culpo Ricardo — disse Bianca, e sua voz, como sempre direta, pareceu atingir com violência o beta choroso. — Acredito sim que Ricardo foi imprudente, desobediente, e que arriscou a missão e a vida da alcateia por meio de ações passionais. Colocou sua raiva e seu rancor acima de todos nós.

Ela fez uma pausa, respirando fundo, enquanto Ricardo soluçava, totalmente derrotado.

— Alcateia é poder confiar, — ela continuou — e neste momento eu não consigo mais confiar em Ricardo, e sei que isso prejudica a alcateia. De todo modo, eu também sei o que a Noite é. Reconheço seus perigos, e Daniel também tinha noção disso. Daniel e eu participávamos de batalhas antes mesmo de recebermos o Dom da Fera, e por isso, sei que por um erro de algum companheiro ou não, amanhã existe a possibilidade de qualquer um aqui ter o mesmo fim.

Dessa vez foi André quem estremeceu, atraindo sem querer a atenção de Natãniel, que ainda o enlaçava pelos ombros.

— Sendo racional, eu compreendo que a morte do meu marido foi causada pela união de vários fatores, e é por meio dessa compreensão que minhas ações serão motivadas de agora em diante. Só que o ódio irracional que vem do meu coração ferido permanece, e é justamente por isso, meu alfa, que eu peço permissão para me distanciar das missões durante um tempo, para eu poder resolver isso comigo mesma.

Todos ficaram em silêncio, enquanto Flávio absorvia o que tinha ouvido. Não havia mais o que ser dito por sua alcateia; era a hora do alfa bater o martelo.

— Bem, — ele começou — complementando o que vocês disseram, eu também sou culpado, e talvez o maior culpado de todos. Eu sou o alfa dessa

alcateia e tenho a obrigação de zelar pelo bem de todos vocês, de tomar a decisão certa, mesmo que não seja a mais agradável. Tudo na missão levava a crer que a criação dos vira-latas era obra de Labrador, e eu sabia do passado que Labrador tinha com Ricardo e Roberto. Sabia do ódio que nossos queridos irmãos tinham para com esse vilão, e o certo era afastar ambos da missão, mas resolvi arriscar. Afinal, Ricardo é um dos nossos melhores guerreiros. Ou seja, eu, como alfa, sou o verdadeiro culpado.

Ricardo se forçou a levantar os olhos e encarar seu líder, secando o rosto molhado.

— Não... não, Flávio... eu... eu assumo a minha culpa...

— Que bom que assume, meu irmão. Por meio do reconhecimento e correção dos nossos erros é que deixaremos a alcateia Valverde ainda mais forte — Flávio suspirou, se ajeitando na cadeira. — Esta é minha decisão: Bianca, você tem a minha permissão para tirar uns dias para curar suas próprias feridas, aqui ou em qualquer lugar que preferir. Se isole se for preciso, mas lembre-se que apesar de tudo é aqui a sua casa, e que nós te amamos.

— Eu também os amo, meu alfa — respondeu ela, se arriscando até mesmo a lançar um ligeiro olhar para Ricardo.

Flávio sorriu e continuou:

— Ricardo, sua penitência é reconquistar nossa confiança com trabalho duro. Não acredito que algo do tipo possa voltar a acontecer, agora que Labrador está morto, mas saiba que estará sendo avaliado com atenção.

— Sim, sim, sim eu... eu me dedicarei como nunca, prometo.

— Fico feliz, e para começar aviso que amanhã mesmo, você e Natã deverão ir para Aracajú, se encontrar com os Noguera. As alcateias de Pernambuco e Bahia se uniram e estão dominando todo o Nordeste, e precisamos fortalecer as velhas alianças. Talvez seja bom que David os acompanhe, se o mesmo estiver disposto — disse, mudando a atenção para o velho.

André percebeu a surpresa de David. Claramente o velho não esperava mais ser convocado para mais nenhuma missão, mesmo para aquela que, pelo jeito, não envolvia ação.

— Eu irei com muito prazer, se tiverem paciência com meus passos de velho — ele respondeu, elegante e sorridente como de costume.

— Por fim, como sempre precisamos de um dos nossos aqui, podemos juntar o útil ao agradável deixando esse encargo para você, Bianca. O que acha?

— Acho perfeito.

— Certo, sendo assim estão dispensados.

Todos se levantaram e começaram a sair da sala, menos André, ainda perdido nos próprios temores, se lembrando das palavras de Bianca: *amanhã existe a*

possibilidade de qualquer um aqui ter o mesmo fim.

A imagem da estranha cápsula de Daniel também lhe voltava, sendo coberta por terra.

Que a Loba Mãe o acolha de volta ao ventre de todas as coisas selvagens.

Concluía, enquanto terminava de tomar banho e se enxugar, que não acreditou nenhum pouco naquela história de “acidente de transito”. Na verdade, já fazia um bom tempo que Letícia não acreditava em mais nada dito por aquelas beldades da Valverde, se é que alguma vez ela chegou a acreditar. A diferença era que agora não conseguia mais simplesmente ignorar os mistérios, como fazia Madame Valquíria e as velhas gêmeas.

Fato era que Letícia já não se sentia mais confortável como antes, nem mesmo quando estava nos braços de Ricardo, que ela havia ignorado desde que ele tinha voltado para o Casarão, com aquela cara sofrida, como se tivesse culpa do tal “acidente”.

Oh, e ele parecia precisar tanto dela. Parecia tão derrotado e entregue a dor, chorando nos braços do irmão carrancudo. Mas como ela poderia tentar consolá-lo, se agora desconfiava dele?

Ainda assim, não conseguiu evitá-lo por muito tempo. O coração de Letícia era maior que sua desconfiança, e por isso passou o enterro inteiro o apoiando, o abraçando e lhe secando as lágrimas. Ora, e o que foi aquele enterro esquisito, com aquele caixão estranho? E todas aquelas pessoas desconhecidas e que exalavam a mesma aura de mistério e estranheza...

Mais uma vez lhe passou pela cabeça que a Valverde e seus colegas não eram *humanos*. Será que era normal pensar isso, que eles não eram humanos, e sim de outra espécie? Todos aqueles homens e mulheres elegantes, de corpos rígidos e com aqueles olhos... sim, aqueles olhos que brilhavam de forma diferente, *selvagem*.

Ah, mas poderia ser que não fosse normal mesmo e que ela estivesse voltando a enlouquecer, pensou, olhando o próprio reflexo no grande espelho redondo do banheiro. Sim, *voltando*, pois todas elas, as sobreviventes do Casarão Violeta, tiveram seus momentos de loucura depois da noite do ataque dos demônios. Ah, mas não comece com isso! Não volte a recordar daqueles anos malditos, com as gêmeas rezando obsessivamente na cozinha, Valquíria armada, de prontidão nas escadas, pronta para enfrentar o próprio Lúcifer, e Letícia muda, traumatizada, tendo crises de choro ao ver as cicatrizes nas próprias costas.

Girou o corpo e olhou para as marcas escuras na pele. Marcas de garras.

São as bestas do inferno! O demônio veio cobrar pelos nossos pecados!
Franciele dançando nas chamas.

Não queria pensar nesses anos de loucura, quando o próprio Casarão Violeta entrou fisicamente em decadência, com as paredes apodrecendo de mofo e as ervas daninhas sufocando as flores do jardim e invadindo a própria casa. Quando apenas as assombrações pareciam conferir um pouco de vida ao local. Não queria pensar, mas era impossível não perceber que estava tendo as mesmas reações daquela época; inquieta, desconfiada da própria sombra, e com aquele terrível sentimento de estar sendo observada.

Pelo reflexo do espelho, viu a sombra da porta do banheiro entreaberta, onde um rosto pálido a encarava de volta. Se assustou e girou nos calcanhares, puxando num reflexo a toalha para cobrir os seios. Mas não havia ninguém lá.

Tomou coragem e abriu a porta. Não, não tinha ninguém em seu quarto. Ninguém nas sombras projetadas pela luz do abajur. Mas, espere... e aquela sombra entre seu guarda-roupa e o canto do quarto? A sombra em forma de mulher...

Mais um susto, dessa vez com batidas na porta. Letícia arfou, ajeitando melhor a toalha em volta do corpo. Se apressou até a porta e a abriu, encontrando um carente Ricardo, imóvel, pedindo para entrar apenas com a expressão daqueles grandes olhos castanhos escuros e prontos para voltarem a chorar. Mas antes que ela dissesse qualquer coisa, ele caiu de joelhos e a abraçou pelos quadris. Não chorava, mas se entregava por completo, daquele modo desprovido de orgulho, onde cada mínimo tremor de seu corpo encostado no dela dizia claramente que Ricardo precisava de Letícia. Que nada o consolaria mais.

Letícia olhou mais uma vez em direção à sombra na parede, antes de conduzir seu amante para dentro e fechar a porta. Era só uma sombra comum, ou será que era o fato de não estar mais sozinha que lhe amenizava o medo?

Bem, dessa vez deixaria de lado o desconforto que sentia sobre os mistérios dos Valverde, pois lhe parecia que qualquer coisa era melhor que estar sozinha.

André despertou sozinho na cama, percebendo que já era quase meio-dia e que havia dormido demais. Estranhou o fato de Natâniel não o ter acordado, mas então se lembrou que o mesmo já devia ter viajado para Pernambuco com Ricardo. De todo modo, estava bem com isso, já que só havia conseguido pregar os olhos pouco antes do sol nascer.

Na noite anterior, após a reunião da alcateia, tinha ficado ainda mais inquieto, e isso transparecia em cada gesto seu, por mais que ele buscasse se isolar consigo

mesmo. Natã havia notado, claro, mas se contentou com a primeira resposta evasiva do amante de que era apenas estresse decorrido dos dias de luto. E pobre Natâniel, também estava tão abalado com a morte de seu *irmão de lua*.

Só que André não havia mentido. A morte de Daniel realmente abalou suas inocentes estruturas, e estava morrendo de vergonha de se abrir sobre aquilo com alguém. Seria uma afirmação humilhante da própria covardia.

Sim, ele estava com medo. Ele estava *morrendo* de medo.

É claro que já havia sentido medo antes. Havia temido os perigos da Noite desde a primeira vez que vira Natâniel transformado em lobisomem diante de seus olhos, mas em tal situação, e mesmo em situações posteriores, como quando tinha sido caçado por vampiros ou quando Flora invadiu seu apartamento, o medo caminhava junto com a fascinação. Terríveis ou não, os seres da Noite eram criaturas poderosas e André alimentava a esperança de que um dia pudesse ser como elas.

Ora, André compreendia o que era medo e estava cansado de ser refém do mesmo. Desde pequeno, quando começara a perceber a própria sexualidade, e notar como o resto do mundo a desprezava, ele sentiu medo. Ser gay era ter que aprender a conviver com o medo assim que colocava os pés fora de casa. Na verdade, até mesmo a própria casa poderia ser um local de medo.

E que saudades sentia da sensação grandiosa de fazer parte daquele mundo da Noite, de ser uma daquelas criaturas poderosas e destemidas. Pois agora ele se perguntava o quão poderoso era necessário ser para sobreviver na Noite, e se sua própria força era suficiente.

Saiu da cama para o banheiro escovar os dentes, e foi na volta que alguém bateu na porta do quarto. André pegou o primeiro short à vista para cobrir a nudez e foi atender, ainda esfregando os olhos para tentar se livrar dos resquícios de sono que pareciam se agarrar a ele.

Era Flávio quem estava lá, trajando seu costumeiro uniforme de paletó e gravata pretos, assim como os sapatos tão impecavelmente engraxados que reluziam como pedras preciosas. A barba escura e bem aparada, assim como o cabelo em corte social, emoldurava com perfeição o belo rosto quadrado e dava destaque as sobrancelhas espessas e aos intimidadores olhos verdes.

— Bom dia, chefe — André disse, um tanto sem graça. A presença do alfa sempre o desconcertava.

— Espero que tenha dormido o suficiente, já que se aproxima a hora do almoço — respondeu o outro, entrando e observando em volta do mesmo modo que um pai avalia o quarto bagunçado de um filho.

— Eu sei, eu dormi demais...

— Mas não é por isso que estou aqui, e sim para dizer que você vai comigo para Brasília hoje. Arrume sua mala para passar um fim de semana, coma alguma coisa na cozinha e me encontre na sala. Ricardo e Natã viajaram com nosso helicóptero, então vamos ter que ir de carro.

André sentiu um calafrio no corpo todo. Seria aquilo uma missão? Será que era a primeira vez que correria risco de vida após se tornar um lobisomem?

— Mas... mas o que vamos fazer em Brasília?

— Eu vou me encontrar com Albertina e alguns representantes da Geneoziz, para fecharmos de vez o caso de Labrador e os vira-latas. Já você irá resolver alguns assuntos pessoais pendentes.

— Assuntos pendentes?

— Natâniel comentou comigo que amanhã vai ser aniversário de seu pai e que sua família fará uma reunião, certo?

— Sim, mas...

Por um segundo sentiu raiva. Como Natã podia sair por aí contando esse tipo de coisa? A relação de André com a família não era da conta de mais ninguém. Ou será que era? Já que os problemas pessoais de André podiam interferir na alcateia? — pensou, respondendo a própria pergunta.

— Flávio, eu não sei se ainda estou pronto.

— Nunca se está, mas entenda que já postergamos por demais esse assunto, e isso só poderá trazer ainda mais problemas.

— Eu sei, mas é que...

— Já está decidido, André. Estarei esperando no salão, então não se demore. No caminho podemos ir desenvolvendo as mentiras e omissões necessárias, se é que ainda você já não as desenvolveu.

E não, André não tinha desenvolvido desculpa nenhuma. Havia apenas sido irresponsável mais uma vez. De todo modo, uns vinte minutos depois ele estava sentado tenso no banco do carona da luxuosa BMW preta de Flávio que seguia em direção à rodovia.

O alfa o obrigou a ligar para a irmã e confirmar que iria sim no churrasco de família no dia seguinte. Ligou também para o ex-namorado, Renan, avisando que iria ter com ele, mas as ligações não foram atendidas e André optou por mandar uma mensagem de texto. Não tinha a mínima ideia do que diria a todos eles, nem mesmo à Luís, que tinha convidado para estar a seu lado quando fosse encarar o churrasco, e somado a presença intimidadora de Flávio e os sentimentos que assombravam André desde o enterro, só servia para embaralhar ainda mais seus pensamentos, ao ponde de causar dores de cabeça.

Fora que não se sentia confortável em se abrir com Flávio sobre o que quer que fosse. Ambos seguiam silenciosos no veículo, com o aparelho de som

desligado, e o escritor julgando que aquela viagem de três horas seria a mais longa de sua vida, quando o alfa resolveu enfim falar, e sua voz saiu mais amável do que autoritária.

— Sabe uma coisa que eu aprendi? Que quando você sabe o que as pessoas querem ouvir, fica muito mais fácil mentir. Não é necessário elaborar uma grande e complexa história para seus familiares. Conte a verdade, omitindo o necessário, e no lugar dessas partes que faltam preencha com informações que você sabe que os deixarão mais confortáveis.

André olhou para ele mas não disse nada, voltando a observar a paisagem rural que passava veloz em volta.

— O primeiro passo é decidir o que *você* quer, e as desculpas serão criadas em volta disso — o alfa continuou.

— Eu sei o que eu quero — André respondeu, em tom de defesa. — Eu quero ser um beta dessa alcateia, ser um morador do Casarão Violeta. Quero fazer parte desses mistérios.

Por que não dizia que também estava com medo, que não acreditava poder ser um guerreiro como os outros betas da Valverde?

— E quer ficar com Natâniel e não mais com esse Renan?

— Pensei que isso já estivesse evidente — respondeu, revidando os olhos, sem disfarçar a irritação na voz. Mas sabia que aquela irritação era uma demonstração tola, até mesmo infantil, pois nascia da incapacidade de lidar com a situação.

— Não é a intenção que faz a diferença aqui, André, e sim as suas ações — disse Flávio, sem tirar os olhos da estrada.

— Eu vou terminar de vez com Renan, vou confirmar o que ele está achando, que apenas sou um cafajeste, que o trai e que voltei para Natã, o que de modo resumido é a verdade. Ele vai me odiar para o resto da vida, mas creio que mereço isso.

— É o preço da Noite — o alfa comentou, e uma sombra melancólica cobriu rapidamente a luz de seus olhos verdes.

— Posso dizer o mesmo para Luís e para minha família, — André continuava — mas precisarei inventar que consegui algum cargo na Valverde, ou qualquer outro trabalho em Santa Sofia, pois eles sabem que se dependesse só do meu trabalho como escritor eu morreria de fome. Era Renan quem basicamente me sustentava, e agora são vocês quem me sustentam...

André se interrompeu, se sentindo ainda pior que antes. Era um parasita imprestável mesmo.

— Falando nisso, eu conversei com David e tenho uma proposta de... — se interrompeu novamente, sabendo que estava prestes a começar a chorar.

Chorar na frente do alfa que ainda o estava avaliando.

— Eu sou um parasita imprestável — sussurrou a si mesmo, como costumava fazer quando estava triste ao ponto de se rebaixar, se esquecendo que o homem ao seu lado era um lobisomem com uma audição apuradíssima.

Parasita imprestável. Foi disso que Renan o xingou certa vez, na última briga de casal que tiveram, e André nunca se sentiu tão ultrajado. Mas era verdade, não era?

— Você não é um parasita. Você é meu beta, mesmo que ainda não oficialmente, e nenhum beta meu é imprestável.

Flávio olhava para ele e sorria, e quando isso ocorria, talvez por ser tão raro o alfa sair do semblante imponente e compenetrado, seu rosto ficou ainda mais bonito e emotivo. Aquele sorriso causou um repentino efeito de segurança em André, que sem se dar conta sorriu de volta, com os olhos marejados.

— Eu não sei se serei de grande serventia nessa alcateia. Eu nunca tive alma de guerreiro... e só... só de pensar em enfrentar vira-latas, ou qualquer outro monstro, eu fico apavorado... — as palavras romperam descontroladas de sua garganta, junto com mais lágrimas.

Sentiu a mão de Flávio lhe tocando o ombro e lhe acariciando atrás da cabeça, fazendo André se lembrar de Natã, pois era um gesto que seu amado costumava fazer para consolar as pessoas próximas. Na verdade, notou como Flávio e Natâniel eram parecidos, não só nos gestos e na postura séria e ligeiramente melancólica, feito aqueles cavalheiros dramáticos de filmes antigos, mas também na aparência, sendo que o alfa parecia ser o irmão mais calmo e sofisticado, com a barba menos cheia e primorosamente aparada.

— E a proposta? — Flávio perguntou.

André suspirou fundo e buscou se recompor.

— Que proposta?

— Você disse que tinha conversado com David sobre uma proposta.

— Ah, sim... acho que existe uma possibilidade de eu ser útil a vocês.

— Continue.

— O que acha de eu ser o cronista da alcateia Valverde? Eu poderia registrar a nossa história para gerações de lobisomens futuros. Pense na autobiografia que Natã escreveu e que eu devorei em poucos dias, e como todas as informações lá são ricas para mim. Pense em todas as histórias que vocês, graças a tradição, irão me contar, assim como David me contou a dele, e como posso registrar tudo isso digitalmente, em um lugar onde apenas os irmãos da alcateia poderiam ter acesso. Principalmente, pense em todas as histórias de lobisomens que já morreram e que não chegaram até nós.

Flávio pensou em silêncio.

— Não sei se é original, mas não é comum. Acho que podemos experimentar isso sim.

— Maravilha! — André exclamou, se virando para pegar a mochila no banco traseiro do carro, de onde tirou o notebook.

Era como o ato de assistir um bom filme ou ler um bom livro. Um súbito e fugidio prazer onde podia deixar as próprias angústias e receios de lado para se focar em uma história que não era a sua própria, mas que poderia inspirá-lo.

— Isso quer dizer que você quer que eu comece a contar minha história agora mesmo? — perguntou Flávio, franzindo o cenho, mas sem perder o amável sorriso.

— Temos três horas de estrada pela frente, não é mesmo?

A História de Flávio e a Bruxa Vermelha

Primeiramente é importante esclarecer que não sei as respostas para as velhas questões existenciais que assombram todas as criaturas pensantes deste planeta. Não sei de onde viemos, nem para onde iremos. De onde surgiram os licantropos? Será que surgiram mesmo a partir dos humanos? Se sim, quem foi o primeiro lobisomem? Não sei. Não existe nenhum membro da nossa alcateia que tenha essas respostas, e não conheço nenhum outro lobisomem de fora que poderia respondê-las, a não ser com lendas e crenças que mudam de uma cultura para outra.

E no fundo, nunca me importei com as mesmas. Sou um homem prático. Aprendo com o passado, mas não me limito a ele, nem muito menos por crenças. Natâniel escreveu em seu livro como eu lhe disse que não acreditava em Deus e nem no diabo, e que nunca conheci quem os tenha visto, e é verdade. Nunca vi nenhuma outra divindade, e até mesmo as que diziam ser divindades, não passavam de criaturas da Noite usando seus poderes para ludibriar humanos ignorantes.

Você, André, acredita que nós, lobisomens, somos a prova do milagre. A prova de que o sobrenatural existe e de que tudo é possível, de que existe um sentido maior por trás de tudo. Mas o que é o sobrenatural? Aquilo que *ainda* não foi explicado pela ciência humana?

Não possuo uma visão mística de nós mesmos. Não acho que nossa existência e nossos poderes provam milagre algum. Nenhum grande propósito me foi revelado, e nossa existência segue trôpega pela escura estrada dos mistérios como sempre seguiu.

Sim, existem bruxas na nossa Noite. Existem fantasmas e os encantados, com suas ações que desafiam as leis da física. Mas até isso, creio, são mistérios que a ciência explicará algum dia.

A única coisa com que realmente me importo é com a nossa alcateia, que é a minha família e o meu propósito. Pois não existe um sentido em meio ao caos da existência. Não, nisso eu não acredito. Nenhum ser maior puxa os cordões de nossas ações. Somos nós, seres pensantes, que damos sentido, que criamos propósitos, e esse é o meu: a alcateia Valverde.

Ou talvez seja apenas eu que não me importe com os mistérios, ignorando todas as evidências. Afinal, não são essas as questões que me ajudam a seguir em

frente.

E é sobre o que me importo o que irei lhe contar agora; como me tornei o que sou hoje.

Parte dessa história foi relatada por Natâniel em sua biografia, se lembra? Ele narrou que eu e minha família migramos do serão de Pernambuco para as florestas amazônicas, para trabalhar em uma grande fazenda de seringais. Isso aconteceu no fim dos anos cinquenta, e eu era uma criança tão nova que não possuo memória alguma dos dois anos que vivi em Pernambuco. Era com as majestosas árvores e o som das criaturas da mata que eu estava habituado, e não com a aridez do sertão.

Não existe mentiras naquele texto de Natâniel, mas existem essas informações que ele omitiu por respeito a mim, ou apenas por não se sentir seguro em relatá-las. Sendo assim, posso estar sendo repetitivo, mas me deixe fazer esse prólogo antes de eu contar a história que ainda não foi contada.

Morávamos num dos muitos casebres de madeira ribeirinha na propriedade do nosso patrão, e me lembro das manhãs, com todos nós reunidos em uma mesa improvisada. Com meu pai, que era um bom homem, mas que era muito calado e com cara de poucos amigos, e minha mãe atarefada, mas sem parar de falar, botando ordem na reca de filhas.

Minha mãe deu a luz sete vezes. Eu era o mais novo e o único “filho homem”, já que antes de mim vieram seis meninas. Uma delas já havia casado e saído de casa, e isso com pouco mais de quatorze anos; mesma idade com que minha própria mãe tinha quando casou com meu pai. Isso era comum na época.

A irmã mais nova, que só era um ano mais velha que eu, tinha morrido na longa viagem que fizemos até Manaus, acometida por uma febre que não tinha reza que desse jeito. E reza era a única coisa que meus pais possuíam.

Sendo assim, na minha infância eu convivi com apenas três delas, já que a mais velha não morava mais conosco por ter se tornado a “vergonha da família”, e até mesmo a pronuncia de seu nome era algo proibido e que enfurecia meu pai, além de levar minha mãe às lágrimas. O pouco que me disseram na época era que essa irmã havia “se perdido na vida” ao fugir com um homem casado. Mas essa história até então nunca tinha me interessado.

Todos no casebre trabalhavam. Minha mãe e essas duas irmãs faziam suas obrigações domésticas e depois passavam a tarde lavando a roupa e cuidando da casa da família do coronel dono da terra. Já meu pai passava o dia inteiro extraíndo das árvores a seringa que enriquecia o coronel. Era um trabalho árduo, principalmente pela crueldade e injustiça que o patrão tinha para com seus funcionários. Mas não me aprofundarei nisso. O que quero que saiba é que desde

muito pequeno meu pai me levava consigo, e foi com ele e com os outros seringueiros que aprendi a fazer os cortes precisos nas árvores para extrair o látex.

Minha vida manteve esse cotidiano até pouco depois de eu completar treze anos, quando fui indicado para trabalhar em uma vendinha do vilarejo próximo que também pertencia ao coronel. Isso aconteceu por eu ser um dos poucos dos jovens da região que sabia ler, escrever e fazer contas, e devo isso a minha mãe, que me alfabetizou usando os versículos do livro sagrado. O outro motivo era que o antigo funcionário da venda tinha amanhecido morto, na mata, não tão distante de onde trabalhava.

Fato era que o pobre coitado morreu durante a noite, e a causa de sua morte foi motivo de espanto, devido ao tamanho da destruição.

Ora, a região possuía muitas lendas, e por meio delas podíamos deduzir vários monstros folclóricos suspeitos de tal malefício. Fosse o que fosse, durante muito tempo as pessoas pararam de andar no meio da noite sozinhas e só se sentiam seguras quando estavam dentro de casa, principalmente depois que mais duas pessoas foram encontradas no mesmo estado; um velho e uma das meninas do prostíbulo local.

Grupos de valentes homens saíram para caçar a misteriosa criatura, mas nenhum bicho fora do comum foi encontrado. E à boca pequena, principalmente das mulheres, rumores apontavam que aquilo podia ser obra da “bruxa da mata”, mas nem mesmo o mais corajoso e bem armado homem tinha colhões para ir tirar satisfação com a solitária mulher que vivia em uma cabana isolada na floresta.

Na mesma época, eu comecei a me interessar por Maria Graça, uma moça da minha idade, filha de um seringueiro que era grande amigo de meu pai. Era uma moça bonita, um pouco rechonchuda, de pele morena e lindos cabelos negros ondulados. E como o sentimento era recíproco, não demorou a avançarmos dos beijos escondidos no fundo da lojinha, para o sexo descuidado, fazendo com que eu me tornar-se pai com apenas quatorze anos.

O pai de Maria Graça foi até a minha casa armado e cheio de fúria ao descobrir que a filha “não era mais moça”, e só não foi às vias de fato por meu pai intervir e garantir que eu me casaria e assumiria minha responsabilidade. Mas felizmente ela e eu nos amávamos, e uma das lembranças mais felizes que guardo comigo foram aqueles anos em que vivi naquela casinha próxima a dos nossos pais, com nosso primeiro filho e os gêmeos que vieram três anos depois.

Não quero romancear uma vida de jovens casados em uma situação precária como a nossa, onde as adversidades não eram poucas, mas fomos felizes sim, e se não fosse eu ter me seduzido pelos mistérios da Noite, eu talvez tivesse vivido e morrido naquele lugar, assim como meus pais morreram.

1975, foi quando tudo mudou.

Eu tinha dezoito anos e voltava para casa após mas um dia de trabalho na lojinha, trazendo uma sacola com as compras da semana e o bolso cheio do salário do mês. Eu tinha me demorado ao fazer a contabilidade para meu patrão e a noite já tomava conta, mas eu não estava com nenhum pouco de medo de caminhar pela conhecida trilha de mata escura que me levaria até a área ribeirinha onde eu morava. Animais perigosos não costumavam se aproximar de onde vivem humanos, e até mesmo o estranho caso dos assassinatos já não ocorriam há mais de 3 anos.

Mas foi então, quando eu estava na metade do caminho, que comecei a perceber que estava sendo seguido. Ouvia o som de pés ou patas muito grandes, esmagando a vegetação. Apertei o passo, mais preocupado com a quantia de dinheiro em meus bolsos do que com qualquer outra coisa, ouvindo meu perseguidor também começar a se apressar.

Deixando o orgulho de lado, me preparei para correr o resto de trilha que faltava até a segurança de minha casa, mas foi então que enxerguei uma silhueta muito estranha no caminho adiante, me dando um susto tão grande que estaquei e quase caí. A animalesca forma de um monstro lupino, com olhos brilhando amarelados na escuridão, bloqueava meu caminho.

Você pode bem imaginar a situação, André, quando o coração do humano comum acelera de pavor diante de lobisomens, enquanto a mente busca uma explicação plausível para o absurdo que os olhos veem. Me dando conta de que eu estava cercado.

Sem pensar duas vezes, larguei a sacola e saltei para a mata ao lado, correndo em disparada, sem nem ao menos ter ideia para qual direção eu estava indo. Sentindo a pele e as roupas sendo arranhadas pelos galhos e espinheiros, mas sem em nenhum momento diminuir minha velocidade, pois os rosnados dos monstros estavam tão próximos que em dado momento eu cheguei a perder as esperanças de que poderia escapar.

Acabei tropeçando em um barranco e rolando alguns metros, o que me deu mais alguma distância de meus perseguidores, mas acabei batendo com a cabeça em um tronco de árvore, com tanta força que um zumbido dominou meus sentidos.

Eu parecia ter aterrissado numa espécie de clareira, com uma iluminação quente e avermelhada por perto, mas a única coisa que meus olhos turvos se atentavam eram nas feras gigantescas me cercando. E eram bem mais que duas.

Mas então, quando uma delas estava prestes a me pegar com suas garras, ocorreu uma movimentação atrás de mim e todos os monstros recuaram. Um deles chegou a avançar para a presença misteriosa, arreganhando os dentes, mas no mesmo instante explodiu um lampejo de chamas e os lobisomens desapareceram.

Eu me arrastava, tentando me levantar inutilmente, com a cabeça latejando de dor, assim como o coração acelerado que parecia me queimar por dentro.

Antes de desmaiar, tive a visão das belas formas de uma mulher nua sobre mim, e seus cabelos e olhos eram feitos de fogo.

Quando acordei, com a cabeça ainda doendo, e me encontrando em uma confortável e limpa cama, voltei a enxergar a mulher, mas não era a aparição em chamas como a minha mente turva e em pânico a percebeu, mas apenas uma mulher, mesmo que essa fosse a criatura mais linda que eu já tinha visto. Tão linda, com o vermelho intensificado pela luz do lampião, que por um momento julguei ainda não estar desperto.

— Não se levante agora ou seu machucado pode voltar a sangrar — ela disse, com uma voz suave e melodiosa, mas que transmitia tanta autoridade que eu só pude obedecer.

Ela estava de pé, diante de um pequeno caldeirão sobre um fogão à lenha, usando um simples vestido preto, contrastando com a pele dos braços e ombros formosos. Mas não era só a beleza nos traços delicados do rosto emoldurado pelo longo cabelo ruivo e ondulado que me hipnotizava, com a boca carnuda em seu vermelho natural, o nariz arrebitado e os misteriosos olhos azuis índigo que por vezes cintilavam.

— Onde é que eu estou?

— Em segurança, não se preocupe.

Olhei em volta, para as paredes de barro do casebre, com suas prateleiras lotadas de ervas e potes de vidros com coisas estranhas que eu não conseguia identificar. Cristais pendiam do teto em penduricalhos, produzindo o som de sinos ao encostarem uns nos outros pelo soprar do vento.

Eu podia imaginar onde eu estava, e teria ficado com medo se não estivesse tão envolto naquela atmosfera onírica, onde até mesmo o ar tinha um cheiro perfumado. Eu sabia que aquela só podia ser a casa da temida bruxa da floresta. Um lugar que os homens locais evitavam se aproximar, pois rezava a lenda que a assustadora bruxa se disfarçava como uma bela jovem para seduzir e causar malefícios nos homens, lhes lançando maldições que nem padres conseguiam reverter.

Eram várias as lendas sobre àquela mulher. Até mesmo os mais velhos afirmavam tê-la visto quando eram jovens, e que a mesma podia fazer fogueiras brotarem do nada, que invocava espíritos e comandava qualquer animal da floresta. Uns diziam que ela era filha de um homem que se envolveu com uma caipora, e por isso tinha aqueles cabelos cor de fogo, e já outros acreditavam que a bruxa era um encantado; a própria *Matintaperera*.

Já as mulheres locais, mesmo as mais católicas, por mais que reforçassem as lendas e temores sobre a misteriosa bruxa da floresta, sempre que precisavam, se aventuravam em segredo, na calada da noite, até a porta do casebre da bruxa, implorando por suas poções de cura, encantamentos para segurarem seus maridos, e principalmente para se livrarem de maus agouros ou de uma gravidez indesejada.

Os olhos claros dela me avaliavam com uma profundidade desconcertante. Tinha uma pintinha charmosa no canto inferior do olho esquerdo, e todo o conjunto de seus traços me era sensual, convidativo, ao mesmo tempo que emanava uma força que me intimidava completamente, numa constante expressão de seriedade.

— Você é a... Quem é você?

— Meu nome é Alice, e sim, eu sou a bruxa de que falam, mas não precisa me temer.

— Não estou com medo, eu só... ai! — senti uma nova pontada de dor na cabeça, seguida de todas as outras menores escoriações em meu corpo que pareciam querer chamar minha atenção.

Então me lembrei da perseguição, das criaturas assustadoras, e me sentei num impulso, assustado, e sentindo ainda mais dor e um pouco tonto.

— Eu disse para não se mexer — ela examinou minha cabeça, concluindo que o corte não havia voltado a sangrar. Em seguida, me serviu um copo de barro com um pouco da infusão que ela fervia no caldeirão, mandando que eu bebesse tudo.

— Isso é pior do que chá de boldo — fiz uma careta, quase me engasgando.

— Mas vai fazer com que se cure mais rápido, e te dar energia para voltar para casa logo mais.

Sim, minha casa — pensei. E minha esposa e meus filhos deveriam estar morrendo de preocupação. Além disso, eu tinha perdido os mantimentos na fuga. Como eu ia explicar toda aquela confusão para Maria Graça? E aqueles monstros? Será que era seguro eu voltar para casa ainda naquela noite?

Senti mais um calafrio ao me lembrar das silhuetas escuras e peludas, e dos olhos brilhando nas trevas da mata.

— Aqueles demônios. O que eram?

— Os Andarilhos da Lua... mas é tão estranho eles se comportarem assim — Alice respondeu, meio que para si mesma, enquanto examinava novamente minha testa e aplicava umas folhas fervidas na infusão sobre ela, o que me causou uma leve ardência.

Tentei relacionar o pouco que eu tinha visto à descrição das várias lendas de assombrações folclóricas que eu conhecia, ao mesmo tempo que tentava me recordar se já tinha ouvido aquele nome antes; andarilhos da lua.

— Lobisomens... Minha Virgem Maria — murmurei, e quase que no mesmo instante notei uma forma peluda se movendo perto do fogão à lenha e me assustei.

Mas era apenas um cachorro que nos observava preguiçosamente.

— Não se preocupe, garanto que sua volta para casa será tranquila. Me certificarei disso. Mas tenha mais cuidado de hoje em diante, pois as coisas andam estranhas aqui na mata ultimamente — ela então ficou pensativa, como se achasse melhor guardar seus pensamentos para si mesma.

Suas mãos eram delicadas e macias, o que era incomum para uma moça que vivia no meio da mata, trabalhando pelo próprio sustento, e me causavam uma sensação prazerosa ao tocar minha pele, principalmente quando começou a untar os machucados me meus braços e peito com a estranha infusão de cheiro forte. Minha pele aquecia e se arrepiava, e foi só então que me dei conta que estava completamente nu.

Puxei rapidamente um lençol próximo para cobrir meu pênis rígido, sendo tomado pela vergonha.

Ela quase sorriu, pois não era uma pessoa de sorrisos, mas me encarou do mesmo modo que um adulto paciente encara uma criança.

— O senhor não é o primeiro homem nu que vejo, Flávio. Mas é melhor se vestir mesmo, está na hora de ir embora. Sua família deve estar preocupada.

E foi o que fiz, meio destrambelhado, sem me dar conta de que em nenhum momento eu havia dado meu nome ou dito que possuía família. Como ela poderia saber aquilo?

A agradeci pela acolhida e pelos cuidados, dizendo o quanto os mexericos sobre sua malignidade eram mentirosos e indevidos, e que eu nunca mais acreditaria naquilo.

— Como posso lhe agradecer? Quanto lhe devo?

— Se puder me dar algo em troca, qualquer coisa, eu aceito. Se não, não será necessário.

— Passe na venda onde trabalho... pegue o que precisar...

Ela fez que sim com a cabeça, enquanto abria a porta. Claramente queria que eu fosse logo embora.

Já em mim, a poção, ou o que quer que fosse que ela havia me dado, começava a fazer efeito; eu me sentia revigorado, até mesmo ansioso para andar e fazer algum exercício. Sem contar o apetite sexual que eu tentava disfarçar.

Entrementes, quando pus os pés do lado de fora e encarei o quintal iluminado pelo luar, me acovardei. As sombras da vegetação em volta eram ameaçadoras e certamente lá se atocaiavam todos as assombrações que o diabo havia soltado no mundo.

Lobisomens...

Estremeci, me virando para a bela ruiva, quase implorando que ela deixasse que eu passasse o resto da noite sob a segurança de sua casa. Mas meu orgulho

masculino me impediu de fazer tal pedido, e eu apenas fiquei mudo, a encarando.

Ela quase sorriu novamente, e num rápido gesto arrancou alguns fios de cabelo da minha cabeça, segurando-os na frente do meu rosto.

— Como eu disse, me certificarei que chegue em segurança em casa — e sem dizer mais nada, fechou a porta de madeira na minha cara.

Voltei a encarar as sombras intimidadoras, e permaneci no mesmo lugar por um tempo considerável, até que consegui vencer o medo paralisante e caminhei morro acima.

Meu coração estava acelerado, e qualquer mísero movimento na mata me fazia prender a respiração. Em dado momento, após voltar para a trilha onde eu tinha sido atacado e encontrar a sacola com os meus mantimentos espalhados em volta, desisti do pouco de coragem que me restava e corri em disparada.

Ao que tudo indica, a feiticeira manteve sua palavra, pois nem mesmo uma muriçoca ousou me picar até que eu conseguisse chegar em casa, onde minha Maria Graça me esperava cheia de preocupação.

Se existia um defeito que vez ou outra causava atritos entre minha esposa e eu, era o ciúme de Maria Graça, que havia se tornado maior com o tempo, mesmo que eu evitasse dar motivos para isso, sendo um dos raros homens da região que não frequentava a Casa das Meninas, que era o nome do prostíbulo do vilarejo.

Sendo assim, contar que eu tinha ficado até aquela hora na casa de uma bela mulher, fosse essa uma bruxa ou não, seria um convite para um longo e estressante bate e boca. De todo modo, devido os machucados em meu corpo e o incidente com os monstros na estradinha, me senti seguro em relatar tudo a ela. Ou melhor, quase tudo (a atração que a bruxa exerceu em mim ficou de fora, assim como outros pequenos detalhes). Contando aos sussurros para que as crianças que dormiam não ouvissem e se assombrassem com o acontecido.

Maria Graça se compadeceu de mim e acabou me confessando que conhecia a tal Alice também, que uma vez fora atrás dela em busca de uma de suas poções de cura, à mando da esposa do Coronel, e que devíamos sim dar um agrado em troca da ajuda dela.

— Aquela mulher tem parte com encantado, e encantado nunca faz nada de graça — disse ela.

Além disso, me fez prometer que daquele dia em diante voltaria direto para casa assim que eu fechasse a lojinha, e que deveria voltar a frequentar a igreja com ela, pois aquilo só devia ser obra do diabo.

Conversamos até pegarmos no sono, e tive sonhos inquietos naquela noite. Uma hora eu estava fugindo de lobisomens, ou sendo devorado pelos mesmo. Em

outra, eu era um dos lobisomens, e tentava atacar Alice, apenas para ser subjugado por ela, por sua beleza, por seus beijos...

Acabei acordando com um pouco de febre no dia seguinte, mas isso não me impediu de ir trabalhar. Meus ferimentos haviam se curado milagrosamente, eu possuía só uma fina cicatriz no corte que tive em minha cabeça, que apenas formigou por uns três dias.

Cheguei a relatar o acontecido para alguns amigos, mas a maioria riu de mim, julgando que eu tinha bebido mais do que devia, como todos faziam em dia de pagamento. Já outros, os mais supersticiosos, fizeram o sinal da cruz, e um deles até mesmo que contou que lobisomens assombravam a região sim.

O padre da igreja veio me visitar, a pedido de Maria Graça, e fez as mesmas recomendações que ela de que eu deveria voltar a frequentar as missas. Também disse que, independente da ajuda que a bruxa havia me fornecido, eu nunca mais deveria me aproximar dela, pois, por mais bela ou benéfica que ela pudesse parecer, toda bruxa tem parte com o capeta.

Perguntei para um senhor, que acreditou em meu relato, se sabia algo sobre os “andarilhos da lua”, e o mesmo se benzeu três vezes e bateu os dedos na madeira, respondendo que era como seu finado pai e os mais velhos chamavam os amaldiçoados lobisomens. Eles haviam ouvido aquela história dos índios, e que os próprios índios da região tinham parte com essas criaturas, mas ninguém mais vivo sabia a história toda, e nem mesmo ousavam mais se aventurar a fazer amizade com os nativos.

Eu me peguei fascinado por aquilo, quase no mesmo nível do medo que eu sentia, e que literalmente me fazia correr para casa assim que eu fechava a loja, pouco antes do pôr do sol. E sabia que a única pessoa que talvez me desse mais informações sobre aquelas criaturas era Alice.

Decidi que eu mesmo iria visitá-la, levando um presente de retribuição como desculpa, mas isso acabou não sendo necessário. Três dias depois a própria bruxa espantou o vilarejo ribeirinho ao caminhar por suas estradinhas de terra enlameada.

Aquilo era algo inédito. Crianças corriam para as janelas, donas de casa se benziavam, horrorizadas, enquanto outras apenas se afastavam com respeito, talvez se recordando de alguma ajuda que receberam da misteriosa mulher. Trabalhadores paravam o que estavam fazendo para observar a dama com seu simples vestido de alças, sandálias de dedo e uma bolsa de palha no ombro, caminhando com elegância em direção à lojinha. Seu porte parecia lhe dar mais altura do que seu pouco mais de um metro e sessenta. A luz do sol da tarde incendiava os longos cabelos vermelhos, e os penetrantes olhos azuis fitavam apenas à mim, como se mais nada tivesse real importância.

O cachorro que vi da outra vez a acompanhava; um vira-lata de porte médio, meio magricela e de pelos caramelados.

Meu coração acelerou ao vê-la subir o batente para entrar na loja, e fiquei paralisado do outro lado do balcão, hipnotizado pelas curvas dos quadris e seios volumosos sob o vestido.

Agradei a existência daquele balcão, pois eu estava súbita e extremamente excitado. Que encanto era aquele que a bruxa exercia?

— Boa tarde, Seu Flávio — ela disse, dando seu quase sorriso, enquanto observava cada produto na prateleira atrás de mim com expressão dura e compenetrada, como se desconfiasse até mesmo deles.

— Boa tarde... É uma surpresa... — gaguejei, me envergonhando de como eu estava sem jeito diante dela. — A senhorita nunca vem na vila.

— A vila se mantém sempre a mesma, e isso me entedia tanto quanto os olhares hipócritas de seus moradores. E não achei Curumim hoje, — respondeu — então resolvi eu mesma vir cobrar o que me prometeu.

Curumim era um indiozinho órfão que sobrevivia de esmolas ou fazendo pequenos trabalhos para as pessoas da vila, em troca de comida ou alguns trocados. Era comum que Curumim fosse até a lojinha a mando de várias pessoas, mas eu não imaginava que ele também prestava serviços para a bruxa.

— O que a senhorita precisar.

— Preciso de fumo e alguma boa cachaça que o senhor tiver. Poderia ser aquela? — perguntou, apontando para um das cachaças mais caras da prateleira atrás de mim, mas eu apenas assenti e peguei a cachaça, mesmo sabendo que aquilo sairia do meu bolso.

O cachorro farejou em volta e mijou rapidamente na porta da loja, marcando seu território, o que teria me deixado furioso e posto o bicho para correr, mas a beleza de Alice ofuscava qualquer coisa.

— Essa é da boa, e esse fumo também. O melhor para a senhorita.

— Não é exatamente para mim — disse ela, ainda observando a prateleira. — E vela? Preciso de uma vela grande, de sete dias, ou a maior que tiver.

“Oferendas para encantados?”, pensei em perguntar, mas não era da minha conta.

Embrulhei tudo em jornal e coloquei na bolsa de palha que ela colocara sobre o balcão, e quando levantei os olhos tive um sobressalto ao me encontrar com o olhar dela. Senti meu sangue correr mais rápido nas veias e uma onda de calor no peito e virilha.

— O senhor tem olhos bonitos, senhor Flávio — disse a bruxa, e sua voz me envolvia de um jeito como se me isolasse de todo o resto. — Olhos de um verde misterioso, como os vagalumes dessa vasta floresta.

Pensei em responder que os dela eram muito mais bonitos, mas a bruxa tocou minha mão e me fez perder o ar. Acompanhou as linhas da minha mão direita com o dedo indicador.

— Seu caminho é ligado aos mistérios também. Não me espanta que os seres da Noite lhe desejem.

Um lapso da imagem dos lobisomens passou em minha mente e estremei, afastando minha mão da dela de modo abrupto.

— O que quer dizer com isso?

— Não tema. Você está sobre a minha proteção.

— Mas eu quero entender...

Alice deu um passo para trás, e pela primeira vez notei seu rosto abandonar a costumeira expressão desafiadora. A boca relaxou e os olhos tremeram. E de repente me pareceu confusa, até mesmo frágil, e a pintinha abaixo do olho era uma lágrima escura.

— A senhorita está...

— Muito obrigada, e passar bem, senhor Flávio — ela me interrompeu, se recompondo e me dando às costas. O cachorro a acompanhou, mas não sem antes marcar novamente o território.

Minha vontade foi de correr atrás dela, mas apenas a observei ir embora, fascinado e intrigado, assim como o resto do vilarejo.

De todo modo, sua visita só avia atiçado a minha curiosidade para com ela e com os *mistérios*. De alguma forma, depois daquele encontro, eu já não temia mais às sombras. Não tinha pesadelos com lobisomens ou qualquer outro monstro, pois acreditava piamente que eu estava sob a proteção da bruxa. Mas em compensação, o meu desejo por ela só crescia. Não tinha uma noite que eu não sonhasse com Alice. Mesmo acordado eu pensava nela, me imaginando tocando as ondas de seus cabelos vermelhos, imaginando como seria a textura de sua boca e de sua pele clara. Chegando ao ponto deu ver o rosto de Alice no lugar de Maria Graça, enquanto fazíamos amor.

Me tornei irritadiço e tomado pela ansiedade, desatencioso em casa e no trabalho. Eu não conseguia mais brincar com meus filhos, me irritando com a típica algazarra deles. Até mesmo meu apetite minguou e minha mulher achou que eu estava doente. Creio que aguentei aquilo por uma semana, até que no meu domingo de folga, fingindo que ia caçar, adentrei na mata na direção da casa da bruxa.

Encontrei a casa vazia, com a porta e as janelas abertas, como se a dona não tivesse medo algum que alguém pudesse invadir o local e roubar algo. E quem ousaria?

Chamei seu nome, rodeando o casebre e observando o quintal, mas a única resposta que tive foi o cachorro latindo para mim. Recuei um passo, mas o vira-lata não parecia estar me ameaçando e sim chamando minha atenção, e quando fui em sua direção o bicho se levantou da grama e foi se afastando e entrando na mata. Por vezes parava e olhava para trás para se certificar que eu o seguia.

Descemos por uma estreita trilha ladeada por cipós e trepadeiras em flor, e no meio do caminho eu comecei a ouvir o som de água correndo. A trilha fazia uma curva e o cachorro desapareceu depois dela. Apertei o passo e após a curva me deparei com uma pequena cachoeira de uns três metros de altura, desaguando num laguinho onde a bruxa se banhava.

E eu, que sempre me julgava tão respeitoso com as mulheres, ao ponto dos outros homens tirarem sarro de mim, teria naturalmente desviado a visão e voltado pelo caminho que eu viera. Mas não foi isso o que fiz, pois lá estava a minha obsessão encarnada, a musa que dominava minha mente e alma nos últimos dias.

Fiquei imóvel. Creio que até prendi a respiração, contemplando as costas nuas e brancas da mulher, mergulhada na água até a formosa cintura. Lembrava a lenda da iara, enquanto desembaraçava tranquilamente seu cabelo de fogo com um pequeno pente de plástico.

Meu desejo era tão forte que me castigava; minha pele parecia queimar sob a roupa. E tudo isso apenas piorou quando ela enfim olhou na minha direção, sem esboçar nenhuma reação de surpresa ou pudor.

Desejei dizer algo, mas me foi impossível. Eu era apenas um aparvalhado de boca aberta, vendo a ruiva se erguer das águas, caminhando na minha direção. O cabelo molhado formando anéis em volta dos bicos rosados dos seios, e as gotas de água escorrendo pelos braços e pernas. A visão dos poucos pelos entre as pernas, de um vermelho só um pouco mais escuro do que os cabelos, me deixou alucinado.

— Alice, eu... eu não — enfim gaguejei, mas ela já estava tão perto que eu podia sentir seu perfume doce.

Ela não disse nada. Continuava me encarando com seus olhos duros, o rosto quase uma máscara de tão inexpressivo. E de repente me beijou; ficou nas pontas dos pés, enlaçou meu pescoço com os braços e colocou os lábios nos meus.

Eu gemi, sentindo o sabor da saliva da bruxa, a maciez de sua boca, e macio também eram seus seios fartos pressionados contra o meu peito. Seu corpo inteiro era macio e quente, como se ela tivesse nadado em água fervente.

— Venha — me disse ela, se livrando de meu abraço e voltando para o lago.

Quase rasguei minhas roupas, tal era a pressa de me despir, e a segui, a erguendo em meu colo, rodopiando na água enquanto a beijava a boca e o pescoço, lhe chupando os mamilos. Seu corpo era tão ardente que em dado momento imaginei que esquentava a temperatura do lago.

— Bruxa... — gemi em seu ouvido, mas não de maneira pejorativa. Somente uma bruxa podia dominar um homem daquela forma, pois, por mais forte e dominador que eu fosse, por mais urgentes e até mesmo destrambelhados que fossem meus gestos, era Alice quem me comandava sem dizer uma palavra.

Meu prazer era tal que gozei rápido demais, mas ela não pareceu se importar, deixando que eu continuasse dando-lhe prazer de outras formas, até que eu estivesse pronto novamente, e assim passamos o dia inteiro naquele lago.

— Eu te amo — me peguei declarando, de repente, quando a tarde já estava bastante avançada.

Ela sorriu em resposta, um sorriso de verdade pela primeira vez, exibindo seus delicados dentes muito brancos, mas não disse nada, voltando a comer algumas frutas que havia trazido numa cesta. Eu também nada mais disse, e mais uma vez a sensação era de estar em sonho. A perfeição paradisíaca daquele cenário era demais, com borboletas coloridas sobrevoando a água, o vento refrescando o calor de nossos corpos nus e fazendo com que as árvores dançassem sobre nossas cabeças, derrubando folhas e flores ao nosso redor.

Mas era ela, a bruxa, que era a forma mais bela daquele cenário, tão bela que parecia feita de sonho, com o semblante indecifrável, perdido em pensamentos secretos. Detentora de mistérios e responsabilidades que em ainda hoje não consigo conceber, e sendo tão nova, a mais nova das Senhoras Elementais. Se é que Alice já era uma Senhora Elemental naquela época...

Mas estou me adiantando. Na época eu a enxergava apenas como uma mulher poderosa que havia fisdado meu coração, e além disso, meu orgulho machista se regozijava por acreditar que eu tinha feito o mesmo; eu, Flávio, o único homem que domara a temida e desejada bruxa da floresta.

Daquela tarde no lago em diante, meu mundo tinha se tornado Alice. As horas que eu passava longe dela eram um martírio, e cada vez mais eu arranjava uma desculpa para me embrenhar na mata até o casebre.

Veja bem, André, não sei se conseguirei descrever a sensação, mas, em retrospectiva, eu era como um dependente químico em busca de mais uma dose, e só essa dose dava sentido a minha existência. Eu não parecia mais enxergar o mundo de forma racional. Me tornei descuidado e no mundo da lua, o que começou a me causar problemas no trabalho e principalmente no meu casamento.

Eu até mesmo tinha me esquecido do ataque dos lobisomens e andava na mata escura sem medo algum, suspirando até reencontrar Alice. O que não me impedia de vislumbrar coisas muito estranhas, pois a bruxa atraía os mistérios da mata, como a vez em que cheguei no quintal da casa de Alice e a flagrei interagindo com um ser muito estranho.

De onde eu estava, pude ver que era pequeno, lembrando uma criança indígena, com o corpo pintado com símbolos brancos que refletia à luz do luar. Possuía uma cheia e desgrenhada cabeleira de um vermelho vivo e olhos verdes maiores que o normal. Mas assim que notou minha presença desapareceu num piscar de olhos.

Quase tão estranho foi quando, após transarmos em sua cama, Alice usou um delicado lenço branco para limpar o sêmen que havia jorrado em meu abdômen, dobrando o lenço numa trouxinha e colocando o mesmo ao lado de uma pequena e estranha escultura em madeira de uma figura feminina.

Por algum motivo a imagem me causou calafrios.

— É isso o que me protege? — perguntei, me sentando na cama, mas Alice me fez deitar novamente com mais beijos.

A estátua me encarava de cima.

— Isso é um encantamento, não é?

Alice nunca me respondia nenhum desses mistérios. Suas respostas eram sempre evasivas, ou apenas me dominava com suas carícias inebriantes e nada mais no mundo me importava. No fim, naqueles três meses que eu me deleitava na cama da feiticeira, eu não me lembrava de já ter estado tão feliz e de me sentir o homem mais sortudo do mundo.

Enquanto isso, minha vida de casado ruía.

Maria Graça perdia a paciência com meus sumiços misteriosos e era tomada de ciúmes, gerando discussões acaloradas, onde o meu pior lado machista aflorava, agindo como se as inúmeras perguntas dela fossem tolices descabidas e exageradas; *sandices de mulher*. E quando ela explodia de raiva, xingando e quebrando pratos eu só reforçava esse meu argumento; que ela estava descontrolada e agressiva e que era por isso que eu não desejava mais ficar em casa e nem muito menos procurá-la na cama.

Certa vez ela ficou tão furiosa que pulou sobre mim, me arranhando e gritando que eu não sairia de casa naquela noite.

— Eu sei onde tu vai! Todo mundo sabe e comenta! Aquela bruxa maldita! Não vê que ela enfeitiçou você, aquela vagabunda com parte com o diabo — ela berrava, até que eu também me descontrolei e a atirei com toda força contra o chão, onde ela ficou chorando, derrotada.

Isso é uma das coisas que mais me envergonho, André. Por vezes, esse sofrimento psicológico que afligi à minha esposa me parece um ato pior do que o destino que a aguardava. E meus filhos... ah, como eu pude ser tão cruel e irresponsável? E é de partir o coração a lembrança dos rostinhos assustados e chorosos, abraçados à mãe.

Até mesmo meu próprio pai, que nunca havia se metido no meu relacionamento, resolveu intervir. Disse que todos estavam preocupados comigo, que havia rumores de que o Coronel logo iria me procurar por estar desgostoso com meu desleixo com a vendinha, e que minha pobre mãe estava desesperada, pois os cochichos sobre meu envolvimento com a bruxa haviam lhe chegado pelas bocas mais venenosas.

— Já vi homem perder a cabeça por um rabo de saia, mas nunca desse jeito, com esse descabimento todo — ele me criticou. — Talvez tua mulher e o padre estejam certos; a bruxa te enfeitiçou. Não se deve se meter com encantado, Flávio.

Mas eu não dava ouvidos a nenhum deles, nem mesmo me compadecia de seus sofrimentos. Meu mundo era Alice, e os outros eram apenas um incômodo; obstáculos que me impediam de ser inteiramente feliz. Com este pensamento, decidi abandonar tudo.

Juntei uma muda de roupa sob os protestos de Maria Graça, ignorando o choro das confusas crianças e sai de casa com a ideia de que nunca mais voltaria.

Quando cheguei na morada de Alice a luz do dia chegava ao fim. Entrei com certo alvoroço e um sorriso louco no rosto, largando a trouxa de roupa no chão e estendendo os braços para envolvê-la com todo a minha paixão, enquanto contava as boas novas.

— Pro inferno todos os outros! Nosso amor é maior que qualquer coisa, e por isso estou aqui. Larguei tudo pra lá! Agora sou apenas seu — eu praticamente cantava de alegria, beijando-lhe os cabelos, a face e os succulentos lábios. Mas algo estava errado.

Alice estava mais seria que que o normal e parecia uma estátua em meus braços; rígida e branca, e não olhava para mim, mas para uma grande e velha mala de couro sobre a cama, onde seus vestidos estavam organizados. Para que aquilo?

Além disso, de repente notei que não estávamos sozinhos: logo atrás de mim, próximo ao fogão a lenha, uma mulher muito velha ocupava um tamborete, e a sua voz esganiçada mais pareceu um murmúrio fantasmagórico na escuridão:

— É disso que estamos falando, Alice. Suas responsabilidades são muito maiores do que essas *brincadeiras* em que você se envolve.

Me virei para a estranha, me sentindo envergonhado e até mesmo enraivecido por ela ter presenciado minhas declarações de amor, mas só consegui enxergar a mulher se virando de costas. Encurvada, com parte do longo cabelo branco cobrindo o rosto. Ela mais parecia uma assombração, um dos encantados, com aquele enorme vestido preto, e foi justamente nisso o que eu acreditei, principalmente porque a velha desapareceu assim que cruzou a soleira da porta.

Fui até a janela e olhei atentamente o quintal, mas nenhum sinal de que a velha tinha estado entre nós.

— Quem era? — perguntei, mas Alice permanecia em seu silêncio, ainda olhando na mesma direção. E mais uma vez a visão daquela mala me encheu de receio.

— Por que está arrumando essa mala?

Mais um demorado silêncio reinou, antes que a bruxa olhasse em meus olhos. Notei como ela estava pálida e com uma profunda sombra de tristeza que nem mesmo aquele rosto inexpressivo poderia esconder.

— Eu vou embora, Flávio.

— Como assim, ir embora?

— Minha função aqui acabou.

Foi como se eu tivesse levado um soco no estômago.

— Mas... mas eu estou aqui. Você não pode...

— Eu lamento — ela disse, daquele jeito seco dela, enquanto fechava a mala, sem me dirigir mais o olhar. Aquela inexpressão que sempre me pareceu um mistério sedutor, naquele momento me feria.

Ela iria embora e não se importava com o que eu sentia? Nem mesmo uma lágrima, nem mesmo um olhar compadecido eu merecia? Ela não podia me tratar assim.

Além do mais, seu jeito feria o orgulho machista dentro de mim. Quem era aquela mulher para me esnobar, para pisar em meus sentimentos da mesma forma que eu pisei nos sentimentos de Maria Graça?

— Fale comigo, Alice! Eu exijo uma explicação.

Alice disse mais alguma coisa, tão baixo que eu não ouvi, e calçando os sapatos, agarrou a mala pela alça e se preparou para sair. Mas isso eu não permitiria. Agarrei com força o seu braço e a obriguei a se virar.

— Me solte, Flávio.

— Eu larguei tudo por você!

— Flávio...

— Você não vai se afastar de mim!

— Me perdoe, mas eu irei.

— Te perdoar... te perdoar pelo quê? Por ter me enfeitiçado e agora que tem meu coração... você o destrói? Perdoar por ter acabado com a minha paz? — eu chorava descontrolado e cheio de fúria, apontando para a pequena estátua feminina, onde também estava a trouxinha com meu sêmen.

— Aquilo é para sua proteção...

— MENTIROSA! MENTIROSA! BRUXA! — eu esbravejava, a sacudindo com força, mas ela conseguiu se desvencilhar, e já se preparava para agarrar a mala novamente, quando eu a empurrei da mesma forma que tinha empurrado minha esposa.

Alice caiu sentada, sem conseguir esconder o espanto com o nível da minha agressividade. Mas quando seus olhos azuis voltaram a me encarar, não foi o mesmo medo que vi em Maria Graça, não foi uma submissão derrotada. Era uma face tão aterrorizante quanto bela, que imediatamente me fez titubear.

— Alice... — comecei, mas não cheguei a terminar a frase, pois no mesmo instante uma força invisível me acertou com tamanha violência que meus pés saíram do chão. Bati com a lombar na estrutura de tijolos do fogão à lenha e caí de joelhos, sentindo uma dor tão grande que me fez perder o ar.

As brasas do fogão explodiram de repente num clarão vermelho, e mais uma vez fui empurrado pelo invisível, chocando meu rosto contra o chão duas vezes.

Dei um grito de pavor e confusão, com o sangue escorrendo por meu nariz quebrado. Me dando conta que Alice não estava mais em canto algum da casa.

— ALICEEEE!!! — berrei, me colocando de pé com dificuldade, sentindo o gosto de meu próprio sangue. Apenas o silêncio me envolvia e me dava sua amarga resposta. Sim, eu estava sozinho naquela casa, com minha desilusão e fracasso, e a casa me parecia morta, como se até mesmo as assombrações que eu tinha me acostumado a acreditar sentir vez ou outra tivessem ido embora junto com a bruxa.

Mas a pequena estátua feminina ainda estava lá, me encarando, como se debochasse de meu sofrimento.

— ALICE! ALICEEEE!!! — voltei a gritar, agarrando a estátua de madeira e a lançando às brasas acesas do fogão. Comecei a destruir tudo. A raiva era a única forma com que eu conseguia lidar com todas aquelas emoções.

— Pro inferno com essas bruxarias! Proteção... que proteção? DEVIA TER ME PROTEGIDO ERA DE VOCÊ! BRUXA MALDITA! ALICEEEE!!!

A estátua começou a queimar e eu atirei os lençóis da cama nas brasas para intensificar as chamas. Ateei fogo as cortinas, ao colchão e até mesmo à minha própria trouxa de roupa.

Saí para o quintal enquanto o casebre ardia em chamas. Ainda gritava o nome de Alice feito um louco, sentindo minha camisa ficar úmida e pesada com meu sangue e suor. Contemplando as chamas cada vez mais altas, e as chamas me lembravam os cabelos da bruxa.

— Você disse que me amava... — lamentei, mas isso era mentira. Alice nunca tinha dito que me amava, e esse fato só me feriu ainda mais.

De todo modo, alguma coisa em mim começou a mudar bruscamente naquele momento. Minha mente ia se tornando mais lúcida, como se o véu da loucura fosse consumido por aquelas labaredas flamejantes, e as cenas de meus últimos atos voltavam para me assombrar: minha esposa com medo de mim, assim como meus filhos. Vi a preocupação nos olhos de meus pais, o jeito como as pessoas da vila me olhavam naqueles dias.

Um som agudo de madeira chiando veio da casa em chamas, e eu pensei se não era o lamento da estátua, e se aquilo significava que o feitiço que a bruxa tinha jogado sobre mim chegava ao fim. Mas, e se Alice nunca me enfeitiçou? E se eu tinha apenas agido por meio de uma paixão louca que nasceu naturalmente, e o que eu tinha acabado de destruir fosse realmente para minha proteção?

Até hoje não tenho uma resposta certa para isso. O fato era que eu tinha largado tudo de importante em minha vida em nome de uma paixão, terminando sozinho e derrotado, entre as chamas destruidoras e as sombras da mata atrás de mim, onde um destino selvagem se preparava para cravar suas terríveis presas em minha carne.

Os Andarilhos da Lua

SEGUE A HISTÓRIA DE FLÁVIO VALVERDE

Na biografia de Natâniel foi dito que um *acidente* aconteceu e eu caí de uma cachoeira. “*Acidente*”. Mais uma omissão de nosso querido Natâniel, mas não foi acidente nenhum. Naquela mesma noite em que a bruxa me abandonou, enquanto a casa queimava, as criaturas da Noite encontraram a oportunidade para me caçar.

Alguma sensação instintiva me fez perceber a presença delas, escondidas nas sombras da mata, e quando alguns dos pares de olhos foram denunciados ao refletirem o brilho da casa em chamas, fui arrancado do meu estado de profundo pesar para o medo desesperado.

Disparei na direção contrária, rumo à família que eu havia abandonado. Corria sem olhar para trás, sabendo que as criaturas estavam no meu encalço, e hoje acredito que elas brincavam comigo, pois nós sabemos o quão rápido podemos perseguir uma caça e que é quase impossível um ser humano escapar de nós.

Para piorar meu desespero, notei que eles me cercavam, e uma das enormes feras já bloqueava meu caminho. Saltei para o lado e continuei me embrenhando pela mata mais fechada que eu encontrava, esperando que por serem maiores os monstros tivessem mais dificuldade do que eu para passar em meio aos inúmeros galhos, troncos e cipós retorcidos e emaranhados.

Uivos e ganidos ecoavam a minha volta, e era apenas o puro medo que mantinha meu corpo cansado em movimento. Mas até mesmo a direção que eu mudava repentinamente, na esperançar de despistá-los, na verdade era decidida por eles. Eram eles quem me conduziam sem eu perceber, até que alcancei a tal cachoeira. Devia ter uns sete metros de altura, não muito longe da cachoeira menor onde Alice costumava se banhar.

Eu estava encurralado no alto da cachoeira. Eu sabia que a água no fundo era funda o suficiente para que eu pudesse pular, eu mesmo já havia feito isso quando mais novo, junto de outras crianças, mas estava tão escuro que pular justamente na direção das pedras era um risco grande demais. Já do outro lado, meus caçadores me cercavam; eu contava uns cinco lobisomens, todos rosnando e com olhos brilhantes.

Um deles saiu da posição quadrupede, ficando muito mais alto do que eu, o que me fez gritar de medo. Era o líder, e seu pelo esbranquiçado era mais visível na

escuridão, e quando ele deu um passo em minha direção, me desequilibrei e caí da cachoeira.

Por sorte, não caí nas pedras, mas o impacto da água foi tão forte que me desnor-teou e eu comecei a me afogar. Quanto mais eu me debatia, mais a correnteza parecia me puxar para o fundo. Achei que aquele seria meu fim, e cheguei até mesmo a perder os sentidos, até que as próprias feras que me perseguiam, me tiraram da água.

Tenho só uma vaga lembrança desse momento. Só me lembro de tossir e expulsar a água que tinha invadidos os meus pulmões, com a ajuda de mãos fortes que massageavam meu tórax. Minha visão estava turva, mas eu me lembro de não ver mais feras à minha volta, e sim homens nativos da floresta.

Quando meus sentidos entraram em equilíbrio, percebi que meu nariz machucado estava coberto por um curativo feito de ervas, e me vi aprisionado numa espécie de jaula feita de bambus, sendo vigiado por dois homens armados de lanças e facões. Eram índios, constatei, encarando a nudez e as pinturas corporais que deixavam a aparência deles ainda mais ameaçadora, e relembrando todas as advertências preconceituosas que me foram ensinadas por meu pai e os outros homens do seringal.

Um dos dois empurrou uma cacimba com água para dentro da jaula, mas sem me dizer nada e nem mesmo olhar em meus olhos, por mais que eu buscasse chamar sua atenção, esbravejando e tentando inutilmente me livrar da prisão.

Eu tentava inutilmente criar uma ordem lógica para todos aqueles eventos; a partida de Alice, o ataque das feras e agora aqueles índios me mantendo em cativeiro. Era como se Deus tivesse me castigado por meus pecados com os infortúnios mais assombrosos.

Durante o dia que se seguiu observei o que eu podia sobre a pequena aldeia a minha volta, composta por poucas construções, e creio ter visto, no máximo, umas dez pessoas. Qual a ligação que aqueles índios possuíam com os monstros? Eram todos homens, conversando entre si em uma língua que eu não conhecia. Ou não existiam mulheres na tribo, ou estavam muito bem escondidas. Até mesmo as únicas duas crianças que vi correndo e fazendo caretas para mim eram do sexo masculino.

Apenas quando a noite chegou foi que um deles veio se comunicar comigo. Era um homem velho, de cabelos brancos longos, trançados e enfeitados com penas coloridas, mas seu corpo era tão forte e rígido quanto o dos outros mais jovens. Ele sentou-se no chão, diante da jaula, me trazendo um generoso pedaço de carne assada que a fome em mim não pode recusar.

— Finalmente o temos, filho de Manduka — disse-me o velho, em português não muito fluente.

— O senhor me entende! Me solte! Eu não invadi suas terras por querer, eu juro — implorei, pois a teoria que eu havia formado em minha cabeça era a de que eu tinha escapado dos lobisomens assim que caí da cachoeira e perdi os sentidos, e que muito provavelmente meu corpo chegara boiando até o território daquela hostil tribo.

O velho apenas sorriu, mas não de modo debochado. Ele realmente parecia feliz com a minha presença naquela jaula.

— Você não é invasor, e sim convidado. Nós Andarilhos da Lua, nós trouxe filho de Manduka para cumprir seu destino.

E nisso, com uma espantosa paciência, mesmo sendo constantemente interrompido por meus protestos desesperados e raivosos, o velho me explicou que seu nome era Kamaurá, que ele e sua tribo eram as feras que haviam me perseguido na noite passada, e que teriam me pego muito antes se não fosse a intercessão da bruxa de cabelo de fogo.

O que Kamaurá me explicou foi o que Natâniel resumiu em seu livro. Os Andarilhos da Lua eram, e ainda são, uma alcateia de lobisomens que acredita ter se originado e sempre vivido nas matas da floresta amazônica. São seres místicos, seguem tradições antigas e evitam os ambientes urbanos. Acreditam que sua linhagem recebeu o poder de se transformar em feras pelo próprio deus da lua.

Conhece a lenda indígena de Manduka e a origem da lua, André?

Manduka era um jovem índio que tinha se apaixonado pela própria irmã. E todas as noites ela ia se deitar com ela, mas não mostrava o rosto, nem falava, com medo de que ela o identificasse. Mas esperta como era, a irmã deu um jeito de passar tinta de jenipapo no rosto de Manduka. Tinta essa que não saía por mais que Manduka lavasse o rosto, e assim ele foi descoberto.

A pobre moça ficou tão envergonhada que não conseguia parar de chorar, e todos da tribo souberam o que Manduka havia feito. E ele, também morto de vergonha, subiu numa árvore tão alto que ia até os céus, decidindo nunca mais voltar, virando assim a lua como a conhecemos.

Segundo a lenda, é por isso que a lua tem manchas escuras na face, por causa do jenipapo que se tornou a marca de Manduka. E para eles eu era mais que um humano qualquer, eu era o filho de Manduka.

Entenda que os Andarilhos da Lua não costumam transformar outras pessoas e nem mesmo acolher outros lobisomens em sua alcateia. Todos são licantropos de nascença, seres da linhagem abençoada pela lua e com a missão de proteger o território sagrado onde habitam. Mas eu era um caso especial, pois segundo o velho Kamaurá, foi profetizado que após a sua morte o território sagrado de Manduka seria completamente destruído pela ganancia dos humanos, e que com o

enfraquecimento do território o poder de Manduka também enfraqueceria, e a lua despencaria do céu e destruiria todo o mundo.

— Você é o homem que vai impedir a lua de cair — afirmou Kamaurá, com um sorriso no rosto. — A profecia das irmãs levou Andarilhos até você. Nós farejou até encontrar o homem com os olhos da cor das plantas, o homem que é a sétima cria depois de seis crias fêmeas. O homem que despertou o coração da grande bruxa.

Na ocasião eu julgava nunca ter sentido tanto medo e confusão, e não conseguia absorver nada daqueles absurdos, mas o velho não parava de repetir a mesma história, enquanto me tiraram da jaula e me obrigaram a caminhar mata adentro por uma difícil trilha, iluminada apenas pela luz do luar, rumo ao tal local sagrado; a fonte do poder de Manduka, onde eu me tornaria um Andarilho da Lua e o futuro líder daquela alcateia.

Por vezes eu me desligava mentalmente e pensava nas pessoas que eu tinha deixado para trás. Pensava em Alice sim, mas para ela, de nosso rompimento em diante, sempre haveria amargura em meus pensamentos, e era por meus filhos que eu me lamentava. Era por minha Maria Graça que o arrependimento e preocupação me castigavam de modo mais cruel.

Mas quando enfim chegamos ao nosso destino, a visão do Templo de Anhangá ofuscou até mesmo esses pensamentos. Um dia você poderá ter a oportunidade de conhecê-lo, André, e terá uma ideia de como me pareceu assustador, mas ao mesmo tempo de uma beleza hipnótica.

Imagine um vale cercado por paredões de rocha e vegetação exuberante, com árvores tão altas e frondosas que quase escondem as três enormes cachoeiras que desaguam formando um lago cristalino e circular. Por todas as formações de pedra se encontram escadarias escavadas na própria rocha, com cavernas interligadas entre si, onde se pode ver luzes de tochas brilhando na noite. Mas o mais impressionante é a pirâmide que se oculta no paredão mais alto, onde a rocha se inclina para dentro. Uma construção antiquíssima, no estilo das outras pirâmides da América do Sul, mas com segredos únicos. E no topo de tudo isso, sobre a cachoeira central, como que coroando o ambiente, uma curiosa formação de pedra em forma de meia lua aparentemente não feita por mãos humanas, mas que curiosamente se alinha perfeitamente à lua em certa hora da noite.

Uivos assustadores ecoaram assim que adentramos no local e ficamos diante a escadaria mais larga, que levava à pirâmide, seguido da algazarra dos animais da selva que me pareceram assustados, ou quem sabe animados, e para piorar meu espanto, um dos índios ao meu lado tremeu e se transformou em lobisomem, estufando o possante peito e uivando em resposta.

Eu gritei e teria caído de joelhos se os meus captores não tivessem me segurado pelos braços. Mais uivos foram ouvidos, assim como tambores, e pelo portal no topo da pirâmide um grupo de mulheres segurando tochas surgiu, descendo as escadas em nossa direção. Era uma visão e tanto, aquelas índias formosas e nuas, com desenhos brancos luminescentes na pele cor de canela, os cabelos negros esvoaçando à brisa constante, e os olhos cintilando. Olhos de lobisomens.

A mulher que parecia ser a líder cumprimentou Kamaurá e depois se aproximou de mim, tocando meu corpo com suas mãos incrivelmente fortes e me farejando. Por fim torceu o nariz e conversou algo com Kamaurá numa língua primitiva. O velho respondeu com uma ênfase raivosa, e a mulher sorriu para as outras, como se debochasse dele.

Fosse o que fosse aquela conversa, as mulheres subiram de volta para a pirâmide e os homens me escoltaram para uma das cavernas que continha uma piscina natural. Lá minhas roupas foram praticamente arrancadas do meu corpo e fui arrastado para dentro da água e banhado por três homens. Durante todo o instante eu me debati, tentei esmurra-los, mas era como se eu fosse uma criança na mão de adultos impiedosos.

Enquanto isso, Kamaurá voltava a sua ladainha sobre a lenda do filho de Manduka e a queda da lua, e quando fui removido da água, foi o próprio velho quem enxugou meu corpo com o manto de peles de animal e me pintou com aquele estranho pigmento luminoso.

Nisso eu já tinha sido vencido pelo cansaço, tentando manter o pouco da sanidade, e sabendo que só me restava obedecer àqueles demônios, já que minha força não era nada perante a deles.

Os tambores recomeçaram enquanto eu era guiado para o alto da pirâmide. Ao meu redor os meus captores rosnavam e se transformavam em grandes feras, e eu apenas olhava apavorado para aquelas criaturas poderosas. Kamaurá também se transformou, sem soltar a mão de meu braço, o que só me deixou ainda mais impotente.

No topo da construção, de onde vinha o som de tambores e flautas, existia uma espécie de templo à céu aberto, onde as fêmeas estavam a nossa espera, todas já em forma de fera, com exceção da líder. E deixe-me dizer o que sei dessas fêmeas, André.

Elas são conhecidas como *As Irmãs da Lua*, ou *As Esposas de Anhangá*, e formam a contraparte feminina da tribo dos Andarilhos da Lua. Elas vivem nesse sagrado Templo de Anhangá, no território da floresta amazônica que é protegido pelos andarilhos, mas são alcateias distintas e que só se relacionam em rituais específicos. Um desses rituais é o da fertilidade, quando as duas tribos se reúnem

para festejos, banquetes e práticas sexuais, resultando assim no fortalecimento entre as alcateias, assim como na concepção de crianças, onde os bebês machos ficam com os Andarilhos assim que desmamam, e as fêmeas com as Irmãs, onde aprendem as artes místicas como adivinhação, projeção astral, conversas com os espíritos dos antepassados e comunhão com os encantados.

Diferente dos andarilhos que adoram o deus Manduka, as irmãs cultuam o deus selvagem Anhangá. E nisso as crenças de ambas as tribos divergem sobre a origem dos lobisomens: enquanto os andarilhos defendem que foi o deus Manduka quem criou os homens-fera com a magia da lua, as irmãs acreditam que nasceram da Grande Fera Mãe, uma variação da lenda da divindade Anhangá, protetora das matas. Entrementes, tal divergência nunca foi um empecilho na sociabilidade entre as tribos.

E outro fato curioso que eu percebi na ocasião, mesmo tomado pelo medo, é que muitas das fêmeas eram feras de pelagem branca e olhos cinzentos. Eram o que chamamos na Noite de lobisomens ômega, ou lobos brancos. Pois, algumas raríssimas pessoas, ao serem transformadas em lobisomens, ganham uma pelagem inteiramente branca, tornando-se feras menores, mais calmas e fracas que os demais, mas com uma poderosa inclinação mística, e acreditam poderem se ligar inteiramente as energias da natureza, tendo assim total controle sobre as viagens do espírito, comunicações com entidades incorpóreas e até mesmo o dom de premonições. E acredita-se que é mais comum o surgimento de lobisomens ôegas na tribo das Irmãs da Lua do que em qualquer outro local do planeta.

A fêmea alfa bradou na língua desconhecida e ergueu os braços em direção a lua, e depois em minha direção. Os tambores começaram um ritmo mais acelerado, e nisso notei que não era nem nenhum dos lobisomens quem tocava os instrumentos, e sim misteriosas figuras pequenas, se equilibrando sobre as colunas e árvores que rodeavam o templo.

A mão direita da fêmea se abriu na frente do meu rosto, revelando um pó com uma leve luminescência, assim como as pinturas em nossos corpos, e que foi soprado por ela direto no meu nariz, boca e olhos.

Tossi, sacudindo o rosto, mas rapidamente o efeito alucinógeno do pó invadiu minha mente, e eu não sabia se todas aquelas cores luminosas que então surgiam dançando diante de mim eram reais, muito menos os percussionistas misteriosos que saltavam e caíam lentamente, planando, e seus cabelos de cores berrantes brilhavam ao luar. Os lobisomens machos e fêmeas uivavam e dançavam batendo os pés no chão.

— Filho prometido, receba o presente de Anhangá — a alfa disse, antes de se transformar numa fera de pelos castanhos e cravar os dentes em meu bíceps.

Eu gritei, mas sim de susto, pois o pó misterioso tinha me anestesiado ao ponto de eu quase não sentir dor alguma. Inúmeros outros lobisomens se aproximaram e começaram a morder meu corpo, provando meu sangue, só para ferirem a si mesmos em seguida e derramarem seus próprios sangues na minha boca aberta.

Você descreveu bem a sensação em seu relato, André; a febre que subitamente invade nossos corpos com o sangue licanthropo, curando nossas feridas milagrosamente, seguido do prazer que lateja em nosso sexo e músculo, em cada poro de nossa pele.

As mordidas terminaram, mas eu estava tomado pelo fervor do ritual. Eu queria que as prazerosas mordidas continuassem, queria mais do sangue saboroso jorrando em minha boca. Queria participar da orgia que teve início quando lobisomens machos e fêmeas se atracaram com selvageria.

E foi então que um outro humano foi arrastado para o rito, e assim como eu também estava nu e com o corpo limpo e pintado, mas esse desafortunado caçador gringo que havia sido capturado pelos andarilhos por invadir o território sagrado não seria presenteado com o Dom da Fera. Ele estava lá para ser nosso banquete, assim como outros que chegavam amarrados ao rito.

Em meu estado, eu não compreendia realmente o contexto da situação, e quando uma das lobas feriu a garganta do caçador com um golpe de garras e este cambaleou em minha direção, eu o agarrei e chupei a ferida em seu pescoço. Ele se sacudia em meus braços, chorando e implorando por sua vida, mas eu me deleitava mordendo sua carne. Até que meus sentidos pareceram alcançar seu ápice e se desligaram, fazendo com que apagasse.

E assim foi o ritual que me fez nascer para a Noite, e eu não tive um criador em especial. O lobisomem Flávio nasceu da união das irmãs e dos andarilhos da lua, e se isso me deixou especialmente mais forte do que outros lobisomens como ambas as tribos acreditam, duvido muito. Creio que sou um lobisomem como qualquer outro.

Quando acordei no dia seguinte, eu ainda estava sobre o efeito do pó alucinógeno, que só piorou com a ampliação de meus sentidos, e durante todo o dia que se passou eu vaguei pelo templo, me banhando nas cachoeiras, hipnotizado pelos detalhes das coisas que minha nova visão podia enxergar, farejando rocha, vegetação e meus novos irmãos. Comendo as frutas e carnes que eles vez ou outra me davam, ou sendo pego por uma das mulheres que queriam conceber uma criança do homem que impediria a queda da lua.

Mas como dizem, a ficha uma hora teria que cair. E esta caiu da pior forma. Quando minha consciência normalizou, despertei em meio uma pilha de carcaça

humana e no mesmo instante tive noção dos meus atos e entrei em desespero. Fugi do templo apenas para ser capturado de volta.

Essa tentativa de fuga se repetiu inúmeras vezes durante a semana que se seguiu. Por mais que eu usasse minhas novas habilidades para correr o mais longe possível, eles sempre me encontravam e me levavam de volta para o templo, onde mais uma vez eu tentava manter minha sanidade em meio os prazeres e os banquetes de sangue. Até que na última vez isso mudou.

Só que quando me arrastaram de volta, antes mesmo de atingirmos o início da escadaria do templo, as fêmeas surgiram e impediram nosso avanço.

— Deixe que o filho de Manduka vá embora, se quiser — disse a alfa. — E voltem para a sina de vocês. Chega dessa perturbação. O templo está fechado para os machos até a época das chuvas.

Os homens rosnaram atrás de mim, alguns chegando até mesmo a assumir a forma de fera. Algumas fêmeas fizeram o mesmo e eu esperei que uma batalha entre as criaturas tivesse início, mas então Kamaurá fez um gesto pedindo paciência e avançou para encarar a outra alfa nos olhos.

— O acordo era até a próxima lua cheia, irmã. Ele ainda não passou pela primeira transformação — disse o velho, em tom conciliador, e compreenda que todos então conversavam em uma língua que eu só conseguiria entender seu significado anos depois.

— Isso já não é mais responsabilidade nossa, andarilho. As irmãs já o abençoaram com a força do deus e algumas já devem carregar a semente dele no ventre. O dever de ensinar o Filho de Manduka é dos andarilhos.

— E vocês só conseguirão ensinar a ele quando ele se perder — disse uma voz nova, mais fina e rouca que as outras, mas que fez cessar todos os protestos e rosnados.

Era uma das fêmeas, a mais velha delas, uma anciã de longos cabelos brancos e rugas profundas. Seu corpo já começava a perder massa muscular e a encurvar, como acontece rapidamente com todos nós quando próximos do fim, e lobisomens nessa idade quase não dizem nada, mas quando assim o fazem, todos, sejam da mesma alcateia ou não, param para ouvir.

— Ontem a floresta falou comigo — ela continuou — e disse para deixar que o homem percorra seus próprios caminhos. Só assim a lua não despencará sobre nossas cabeças.

E foi justamente por isso, com os Andarilhos da Lua confiando nas palavras da velha, que na noite seguinte eu consegui enfim “escapar”.

Me lembro que naquela noite, mais uma vez Kamaurá me veio com sua ladainha sobre a queda da lua, mas quando enfim se calou, se afastou de mim e foi se juntar aos outros ao redor para devorar a carne de um cervo recém-abatido. E foi

que notei que aparentemente eu não estava sendo observado e aproveitei a oportunidade.

O que mais me recordo dessa ocasião era de meus sentidos ainda estarem confusos, e no fundo acredito que eu me encontrava louco. A sensação era de estar num sonho que ia de cenas de pesadelos a visões fantásticas, e o único modo de acordar era reencontrar o meu local comum; minha antiga casa, minha esposa e filhos.

Ainda assim, um novo sentimento ia ganhando espaço; esse inevitável prazer pela natureza e pelo selvagem que nasce em todos os licantropos; a consciência da fera interior. E acredito que foi ela quem me guiou em minha fuga, pois meu estado de loucura mal conseguia discernir se era dia ou noite, quanto mais a direção que eu deveria seguir para voltar para casa. Não me lembro do trajeto. Creio que a fera interior aproveitou-se da minha insanidade como se aproveita da confusão que a lua cheia causa em nossos sentidos, e foi a fera quem percorreu todo o caminho de volta.

O que me lembro com exatidão foi de alcançar a porta de casa, nu e cansado, e de ser recebido com espanto e emoção por minha sempre subserviente Maria Graça.

E então chegamos nos eventos fatídicos que foram relatados por Natâniel, e não sei se é relevante me aprofundar, ou talvez eu simplesmente não queira me aprofundar. O que há para aprender dessa tragédia? O que de produtivo em detalhar a morte de minha família pode lhe agregar, André?

Me permita ser superficial, por favor. Me permita, e me perdoe, por me apressar e dizer que durante os dias e noites que antecederam a lua cheia, minha Maria Graça cuidou de mim, foi paciente como sempre, me fazendo poucas perguntas e rezando para que eu me curasse daquele estado de torpor alucinado. As crianças também foram de grande ajuda, e de vez em quando meu pai e minha mãe vinham me visitar, mas o máximo que eu conseguia lhes responder eram confusas balbúncias sobre monstros e bruxas.

“Aquela bruxa o enlouqueceu, foi ela”, ouvi Maria Graça soluçar para minha mãe certa vez, após eu ter tido uma crise de pânico, gritando e chorando, sem querer sair de baixo das cobertas, afirmando que os monstros estavam me esperando lá fora e que a lua ia cair e matar a todos.

E então veio a lua cheia, e o mais triste é que eu começava a me curar. Minhas crises eram cada vez mais raras. E me lembro particularmente de estar com meus filhinhos no colo, um em cada coxa, cantando e rindo sobre alguma bobagem. Maria Graça preparava o jantar, e a noite tinha acabado de dominar o mundo,

calma, com o canto sereno dos grilos lá fora e o crepitar das chamas no fogão à lenha, e então a febre começou...

Na manhã seguinte, antes mesmo do sol nascer, despertei na mata, nu e coberto de sangue, abraçado a cabeça parcialmente comida de Maria Graça.

Mas não me lembro de nada. Não tive nenhuma experiência espiritual, como Natâniel teve ao afirmar que sua alma saiu do corpo e observou impotente a fera matar com total selvageria. Só que isso não ameniza o horror, e talvez só o piore. Pois nos poucos momentos que me forço a relembrar tudo, como agora, não tenho a imagem de um monstro para culpar além de mim mesmo despertando naquela manhã, carregando a cabeça de Maria Graça entre os braços até em casa, onde encontrei os restos quase indiscerníveis de meus filhos.

E para piorar tudo, meu pai chegou e me viu; aquela cena medonha de um filho que ele não reconhecia mais, nu e pintado de sangue seco, com um olhar insano, segurando a cabeça decapitada da mulher e rodeado pela carnificina.

Larguei a cabeça e gritei algo incompreensível. Eu queria dizer que não era minha culpa, que eu nunca faria aquilo às pessoas que eu tanto amava. Mas eu sabia que era culpado. Sabia que independentemente do contexto, foram as minhas mãos que despedaçaram minha família, e por isso fugi para nunca mais voltar.

O que me restava depois dessa tragédia?

Para onde mais eu poderia ir, André, a não ser para perto daqueles que eram como eu? Mas inicialmente eu apenas fugi para o mais fundo da mata e me entreguei de vez ao desespero e me tornei refém da besta interior nas outras duas noites seguidas. Amaldiçoei minha existência, os lobisomens e o diabo, amaldiçoei a Santíssima Trindade e todos os santos que minha católica mãe me ensinou a rezar. E amaldiçoei principalmente a bruxa.

Sim, Alice tinha sido a grande culpada por todas as minhas desgraças.

Chorei e esperneeiei, feri a mim mesmo com as pedras e os galhos da floresta, até que fui dominado por um completo torpor e por cinco dias permaneci caído no chão da floresta, sem comer e beber, e sem mais chorar ou mover um músculo. Por vezes dormia ou perdia os sentidos, no fundo torcendo para que algum animal se aproveitasse para me transformar em refeição.

Acho que vi uma onça pintada em dado momento, mas a mesma nem mesmo se aproximou. Os animais nos reconhecem de imediato.

No fim do quinto dia Kamaurá me encontrou e me levou para uma de suas aldeias improvisadas. Os andarilhos cuidaram de mim como se eu fosse um bebê de colo, me banhando e empurrando água e comida em minha boca, que aceitava tudo de modo mecânico.

Durante um mês inteiro permaneci assim, sendo alimentado e doutrinado sobre meu destino de impedir o apocalipse. E pode parecer estranho, mas foi com os andarilhos que encontrei um novo lugar no mundo. Enquanto minha vontade natural de viver retornava, eu inconscientemente afastava todas as lembranças do passado para não mais sofrer, buscando desesperadamente uma identidade nova. Querendo me ver como uma outra pessoa, e chegando até mesmo a praticar com fervor o culto ao deus Manduka e todos os seus rituais.

Foi essa crença absurda que me salvou naquele instante, e foi nos ritos de honrar ao deus Manduka que aprendi a controlar a fera; quando a noite era de lua cheia e percorríamos sete antigos cemitérios indígenas espalhados naquele território, onde lobisomens ancestrais haviam sido enterrados.

Em resumo, devorei impiedosamente os caçadores que invadiram o nosso território, copulei com as fêmeas quando chegavam os dias de fertilidade e prestei respeito ao deus delas. Passei a amar como irmãos e amantes os outros lobisomens de minha alcateia e ajudei a criar as crianças do sexo masculino que as irmãs nos entregavam. E quanto mais poderoso e respeitado eu me tornava, mais fraco o ancião Kamaurá ficava, ao ponto de ele alcançar aquele estado que se assemelha aos lobisomens ômega, onde passava mais tempo viajando para fora do corpo e tendo visão com o futuro, com espíritos ou outros mundos, do que preocupado com o bem-estar da própria alcateia.

— E a profecia? — André perguntou, aproveitando a pausa na voz do alfa, sem mais conseguir ser o ouvinte paciente e se ajeitando no banco do passageiro. — Você acreditou nela?

Flávio suspirou, sem tirar os olhos da estrada.

— Entenda, eu não acreditava realmente em nada daquilo. As crenças e ritos dos andarilhos e das irmãs, Manduka e Anhangá, são tão fantasiosas quanto qualquer outra religião. Por mais que eu possa admirar esses rituais, e ainda hoje participar de um ou outro, é puramente por uma questão antropológica. Acredito sim no poder que tais crenças possuem de oferecer refúgio e força a pessoas necessitadas, quebradas como eu me encontrava na época. Acredito em como nós, seres pensantes, podemos nos organizar e buscar um sentido para nossas dores nesses deuses e profecias, mas também acredito, e sempre me assombro, como também podemos ser cruelmente destruídos por tais crenças se não tomarmos o devido cuidado. Então repito: eu não acreditava em nada daquilo, mas ainda assim aquelas crenças me salvaram, mesmo que a medida que meu coração foi novamente se curando e a tragédia do passado não mais me impossibilitando, os rituais dos Andarilhos da Lua foram perdendo o sentido para mim. E foi por isso que os deixei.

— Sim, mas até onde eu sei a lua não caiu, chefe. Você os fez compreender isso, ou apenas fugiu? Se sim, como os Andarilhos da Lua sobreviveram sem seu messias? Não vai me dizer que eles deixaram de existir, não é?

Flávio sorriu, fazendo um gesto pedindo paciência.

— Bem que Natã me avisou que você poderia ser uma metralhadora irritante de perguntas, André. Mas deixe-me continua.

“Foi em 1977, com apenas dois anos vivendo entre os andarilhos, que a minha verdadeira missão como Filho de Manduka me foi realmente apresentada. Na segunda noite de festividade da primavera daquele ano, no Templo de Anhangá, onde celebrávamos não só a união das fêmeas com os machos, mas também devorávamos respeitosamente o corpo do ancião falecido, Kamaurá, a alfa das irmãs me chamou para uma reunião particular, onde apenas os mais velhos dos andarilhos e as fêmeas ômegas estavam presentes.

Lá, a mais velha das irmãs me disse que enfim se aproximava o dia em que a lua despencaria, mas que eu não impediria tal apocalipse permanecendo entre eles, e que na verdade eu deveria usar o conhecimento que me ensinaram para sair pelo mundo em busca da rede de prata que seguraria a lua, e que apenas Manduka poderia me guiar nessa jornada solitária. As irmãs e os andarilhos tinham me concedido o Dom da Fera, mas cabia a mim mesmo encontrar o caminho e o local onde a rede sagrada repousava esperando o filho da lua, e que eu deveria partir assim que o dia chegasse.

E foi então que percebi a fragilidade daquelas crenças. Era só mais uma religião que possuía em sua espinha dorsal a velha e irritante paranoia sobre o fim do mundo, na espera de um messias que resolveria todos os problemas que os próprios seres vivos não podem, ou não querem nem mesmo tentar buscar uma solução.

Mas aquele foi o momento que encontrei forças no ceticismo. Pela primeira vez na vida eu estava só e nenhum deus estava olhando por mim, assim como nenhuma entidade superior era responsável pelos caminhos que segui, nem mesmo Alice, por mais que eu nunca confessasse isso nem para mim mesmo. Já que eu havia sobrevivido até ali graças as minhas próprias atitudes, mesmo quando seguia as regras de uma ideologia religiosa. Sim, eu sobreviveria sozinho.

Mas quero frisar que a dor e a culpa pela morte de meus amados nunca desapareceram. Eu apenas aprendi a conviver com elas, e nunca deixar que as mesmas tomassem as decisões por mim, e isso leva um certo tempo para se firmar, claro.

Sendo assim, tomei uma decisão de esquecer os Andarilhos da Lua e o Templo de Anhangá. A lua não iria despencar, e se um dia o fim dos tempos chegar será pelas mãos dos próprios homens. Então que aquelas tribos inocentes e selvagens

permanecessem com suas crenças tolas, esperando o retorno de seu messias assim como os cristãos esperam a volta de Cristo.

Ah, e o que eu fiz depois, vagando a esmo pelo mundo, assim como Natãniel uma vez fez? Bem, essa viagem de carro teria que dar várias voltas pelo Brasil para que eu lhe contasse tudo cronologicamente, mas teremos outras oportunidades, André.

Assim como Natã, eu passava apenas algumas temporadas em um lugar e logo rumava para outro. Rumei para o nordeste. Quando a fome apertava, eu me transformava em fera e caçava animais silvestres ou me alimentava da escória.

O tempo que mais passei em um local foi em Fortaleza, onde comecei a trabalhar para um dos maiores chefes do tráfico de drogas local, que ficou impressionado com a minha força e eficiência em ação, me promovendo para sua guarda pessoal, e até mesmo aceitando minha exigência de tirar férias nas noites de lua cheia. Mas uma hora eu também me cansei. Aquele trabalho exigia uma frieza e crueldade que no fundo eu nunca tive, e já então eu havia aderido à minha filosofia de me alimentar apenas dos malfeitores. E é claro que sair de um esquema desses nunca é simples, e tive que matar quase todos eles para isso.

O que eu só começava a entender era que o que me fazia rumar de um lado para o outro, era a falta de propósito, e comecei a sentir saudades dos Andarilhos da Lua, com seus dogmas e rituais, onde eu fazia parte de algo (mesmo que fantasiosamente) maior.

Em dezembro de 1978, com a considerável quantia que juntei no tráfico, me mudei para Recife, numa pequena e bucólica casinha à beira mar, onde eu possuía poucos vizinhos e a vegetação do mangue para minhas noites como fera (o que na prática não era nada agradável, muito diferente de estar em um bosque de terra firme e árvores altas como o que temos no Casarão Violeta). Ali eu encontraria a paz e a serenidade, ou foi o que acreditei, mas acabou que aprendi um outro ponto importante sobre mim mesmo: eu não sou um homem que aprecio o marasmo. Reconheço a beleza de contemplar a natureza, a Arte e todas as coisas belas deste mundo, mas é na praticidade que encontro meu foco, na administração, quebrando a cabeça e desatando nós. É no trabalho que eu encontro a minha paz. Além de que, assim como a grande maioria dos lobisomens, eu sentia falta de estar em companhia de outros de minha espécie.

E fiquei surpreso quando Natãniel me contou sua história e afirmou que durante o tempo que vagou pelo país sozinho não encontrou um único ser da Noite, a não ser fugidias aparições que nunca interagiam ou revelavam qualquer coisa a ele. É certo que nós, seres da Noite, somos reservados, territorialistas, e interagimos apenas com nossos grupos, com exceção das obrigações diplomáticas, mas ainda assim, sempre acabamos nos esbarrando.

Já eu acabei me esbarrando com o pior de todos.”

— Deixe-me adivinhar, o vampiro Adrian Aigro — André interrompeu novamente, em tom de brincadeira, apenas para disfarçar os calafrios que sentia ao se lembrar de tal criatura. Não era mistério para ninguém o ranço que Flávio sentia do bebedor de sangue.

— Sim... — Flávio respondeu, mas não sorriu. — Mas deixe-me contextualizar melhor: durante muito tempo aquela região era território de um clã de vampiros que acabou se extinguindo devido intrigas internas. Ah, e isso é o que mais acontece com os sanguessugas, André, vivem mais em guerras tolas entre si mesmo do que com outras espécies. E com o fim do clã, Recife se tornou “terra de ninguém”.

“Durante um tempo ninguém ousou reivindicá-la, pois havia rumores de que a mais antiga, e nada amistosa, das Senhoras Elementais vivia em uma ilha nas proximidades...”

— Qual delas? Madalena ou Amélia?

— Nenhuma das duas. Era Kanako, a bruxa da água... mas pare de me interromper, garoto, pois estou perdendo o foco.

— Me desculpe.

— Enfim... claro que na época eu não sabia nada disso, mas assim que me mudei para lá, duas facções começaram a disputar o território. De um lado a alcateia Valverde, na época liderada pela alfa anciã Maria Lúcia, e do outro o ardiloso Adrian Aigro e uma pequena junta de vampiras jovens, que não eram crias dele, mas que eram tolas e apaixonadas o suficiente para lhe acatarem as ordens.

A noite em questão permanece realçada em minha memória devido um detalhe curioso. Naquela noite, enquanto eu jantava diante da TV, assistindo notícias sobre a proximidade da votação que colocaria em vigor no país a Nova Lei de Segurança Nacional e seus possíveis desdobramentos, o relance de uma pessoa na imagem do noticiário me causou um súbito arrepio.

Na notícia seguinte, enquanto a repórter era filmada em meio a transeuntes de uma cidade de Santa Catarina, eu jurei ter visto Alice caminhando em meio à multidão. Foi muito rápido como eu disse, e na época não tinha como eu simplesmente rever a reportagem, mas acredito que era ela sim, a mulher de óculos escuros e vestido preto, com o cabelo vermelho se destacando ao sol.

E que efeito aquela imagem teve sobre mim, me afogando em lembranças enquanto meu prato de comida esfriava. Mas foi a primeira vez, creio, que o sentimento de ódio não veio junto, assim como as imagens de minha família chacinada.

Eram imagens apenas de Alice e eu naquelas tardes na cachoeira, ou em seu casebre rústico. Cenas deliciosas e inebriantes, enfeitiçadas, onde reinava o

ingênuo sentimento de que a vida teria muito mais daquilo para me presentear, e onde qualquer erro meu para com minha família era justificado.

Na sala de móveis simples, mas confortáveis, onde eu olhava para a o televisor sem realmente vê-lo, com a mão ainda segurando uma garfada de comida, existia uma enorme porta corrida de vidro que dava para o quintal e a vista da praia, por onde a brisa marítima me refrescava do calor abundante. E foi por essa porta aberta que percebi um movimento lá fora, e quando virei a cabeça para olhar fui assaltado por outra visão impactante.

Era Alice quem vinha em minha direção. A imagem perfeita de quando a vi caminhando pelas ruas do vilarejo de minha juventude, com aquele vestido cintado esvoaçante, assim como a cabeleira em chamas.

Como aquilo podia ser possível? Me levantei espantado, deixando o garfo com comida cair no tapete. Aquilo não podia ser verdade, e no fundo os instintos do lobisomem em mim percebiam algo de errado, até mesmo perigoso na figura.

De repente ouvi gargalhadas que pareciam me rodear, e quando olhei de novo para a falsa Alice, já não era a ruiva de vestido preto, mas sim uma loira bem mais alta e magra, como uma modelo de passarela, usando um esvoaçante vestido branco, e junto delas se juntaram outras duas loiras como que surgindo do nada.

O trio de assombrações invadiu a casa num piscar de olhos, se movendo como se desafiassem a gravidade. Lânguidas e debochadas. Verdadeiras noivas do Drácula dos filmes góticos ingleses, jogando a cabeça para trás para gargalhar ou me lançando olhares sensuais e provocativos.

Sabe, vampiros, assim como a maioria dos telepatas, possuem muita dificuldade de ler nossas mentes licantrópicas, mas eles podem sim absorver alguma imagem que esteja forte em nossos pensamentos, como Alice estava nos meus, e nisso podem lançar seus feitiços ilusórios para nos confundir. E inexperiente como eu era, caí naquele ardil, permanecendo confuso e ligeiramente abalado.

Mas aquelas vampiras também eram jovens e tolas, e uma teve a infeliz coragem de me tocar, buscando me seduzir como se eu fosse um humano qualquer, sem se dar conta de que o homem podia ser enganado, mas não a fera interior.

A cabeça da vampira foi arrancada por minhas garras antes mesmo de eu completar minha transformação, girando pela sala e tingindo as paredes com sangue. As outras duas gritaram de pavor e tentaram fugir, mas agarrei uma delas e a arremessei fazendo-a atravessar a porta de vidro.

— Mestre! Mestre! — a vampira ferida gritava, caída e atravessada por vários pedaços grandes da vidraça estilhaçada. Já a outra se mantinha distante, meio que paralisada, sem ousar voltar para ajudar a amiga.

Saltei sobre a mais próxima e comecei a escavar sua caixa torácica com meus dentes, até abocanhar o coração. A vítima berrava, sem conseguir se soltar das minhas garras, e eu já me preparava para pegar a vampira que faltava quando fui atingido com tanta força que rolei por uns dez metros, em direção à praia.

Me ergui ainda mais furioso, rosnando para o novo inimigo, e essa foi a primeira vez que vi o maldito Adrian Aigro. Você que já o viu com seus próprios olhos e pode ter uma noção, André. Um demônio musculoso de calça branca, assim como os sapatos sociais de bico fino, e uma camisa leve e elegante, aberta no possante peito pálido. Prata parece ser seu metal favorito, pois sempre está presente em seus cordões, brincos, anéis com pedras preciosas chamativas e fivelas de sapato. O longo e exótico cabelo roxo escuro estava solto, com as ondas sendo sopradas pelo vento, emoldurando o rosto de maxilar forte, uma boca de sorriso largo e lábios carnudos. Exalando sensualidade e perigo em cada movimento, e principalmente nos olhos vermelhos luminosos.

— *Tsc tsc...* esses bebês sempre metem os pés pelas mãos. Eu falei: quando verem um lobisomem, fujam sem pensar — disse Adrian para a única vampira que sobrara, sem perder o sorriso debochado, enquanto exibia uma longa espada com cabo de prata.

Avancei sobre ele, mas Adrian, se não me engano, já devia ter mais de 200 anos de idade na época. Além de esperto como o diabo, tinha acumulado força e velocidade suficientes para ser capaz de enfrentar um lobisomem mais jovem. Ele se desviou de meus golpes daquele jeito habilidoso dos vampiros mais velhos, como se dançassem e seus corpos não tivessem peso algum.

— Foi a sua alfa quem o mandou como um descartável batedor, cachorro idiota? — Adrian provocava, enquanto parecia brincar comigo, se desviando de meus ataques e me ferindo com golpes certos da espada, me provocando ferimentos que apenas me deixavam ainda mais furioso.

Mas, mesmo sendo jovem, eu não era um lobisomem despreparado. Eu era cria dos experientes Andarilhos da Lua, e também possuía meus truques. Conseguindo enfim sobrepujar minha raiva selvagem, acertei em cheio seu belo rosto com um golpe de garras, arrancando praticamente metade de sua bela face e lhe quebrando parte do maxilar.

Adrian saltou para trás sangrando, os olhos arregalados de espanto e incredulidade. Narcisista como sempre foi, tentava usar a lâmina da espada como espelho para ver o estrago em seu lindo rosto.

— CACHORRO MALDITO! — berrou, e nisso seu maxilar ferido quase se soltou do resto da cabeça, no que ele precisou segurá-lo com a mão que estava livre.

Dei mais uma investida, mas dessa vez o desgraçado não estava mais afim de brincadeira, e em sucessivos giros e golpes de espada, decepou meus dois braços.

Caí de joelhos, enquanto a areia a minha volta ia se tornando uma poça escura de sangue. A dor foi tanta que fiquei cego por alguns instantes, e o vampiro já me imobilizava por trás, pronto para arrancar minha cabeça.

Mas o próximo grito de dor não foi o meu, e sim da vampira que nos observava de longe. A loira estava sendo feita de refém por uma lobisomem de pelos pretos, e só então Adrian e eu notamos que estávamos cercados por uma alcateia de sete lobisomens antigos e poderosos.

A alfa de pelos que começavam a embranquecer, voltou a forma humana, tornando-se uma austera senhora. E essa foi a primeira vez que vi Maria Lúcia, a antiga alfa de nossa alcateia.

— Agora é oficial, Sr. Aigro. Recife é território da Valverde — disse ela, dando um ligeiro sorriso.

— Isso é mentira — Adrian respondeu, ainda segurando o próprio maxilar.

— Temos as assinaturas dos geneozistas e o apoio de Kanako. Achou mesmo que eu manteria essa disputa apenas em embates físicos desnecessários? Em que época você vive, vampiro? É fato que a Valverde pode administrar melhor esse território, mantendo as Leis da Noite, do que um clã de vampiros jovens e baderneiros comandados por um mestre irresponsável. Vá embora!

— Não antes de levar a cabeça dele — Adrian respondeu, mirando a lâmina da espada em meu pescoço.

— Chega! Sem mais derramamento de sangue — Maria Lúcia ordenou. — O senhor está sozinho, Aigro. O resto do seu clã já foi dizimado. Se quiser manter sua imortalidade e a de sua companheira, abaixe a espada e caia fora do meu território.

E foi isso o que o vampiro fez a contragosto. Sorrindo para disfarçar inutilmente o orgulho ferido, mesmo que seu maxilar só começasse a se curar, transformando seu rosto numa carranca hedionda.

Enquanto isso, eu já tinha sangrado tanto que estava prestes a perder o sentido, mas a fera em mim reconhecia a força naquela alfa e se agarrava nela para me manter consciente. Nisso dois lobisomens se aproximaram, me farejando num gesto de amizade, me impedindo de cair de vez, ao mesmo tempo em que lambiam o corte em meus ombros para remover a areia e empurravam os braços de volta no lugar, unindo as partes separadas pela espada do vampiro.

Eu estava chocado. Não sabia que algo como aquilo podia ser possível, mas depois de alguns minutos a carne foi se curando, com as fibras, tendões e ossos se reencaixando, num formigamento sem fim.

Em contraponto, Adrian se preparava para receber sua jovem cria de volta, mas para o espanto de todos, a lobisomem que a rendia, terminou de fechar as

mandíbulas no pescoço da vampira, a decapitando.

— Eu disse *sem mais derramamento de sangue* — Maria Lúcia de enraiveceu.

A lobisomem que descumpriu a ordem voltou a forma humana, e esta era outra conhecida nossa, a sua criadora e de Natâniel; Flora. Mas ela não parecia nenhum pouco desconfortável ou arrependida de seu ato, e mantendo seu costumeiro sorriso, arrancou o coração do corpo sem cabeça e trouxe-o até mim.

— Coma, querido. Isso vai ajudá-lo a se curar mais rápido — disse-me ela, acariciando a pelagem inferior de meu focinho.

Adrian cuspiu sangue na terra, e seus olhos vermelhos transmitiam tanto ódio que mais pareciam duas labaredas de fogo. Mas ele não disse nada. Apenas forçou um largo sorriso com aquela boca que eu tinha temporariamente deformado e desapareceu na noite.

Desde então, a animosidade entre Adrian Aigro e eu só foi crescendo. Ele chegou a se vingar depois, a seu modo, mas essa é outra história, pois esse relato já está suficientemente longo, não acha? Agora você sabe de onde eu vim, como eu “tropecei” na Noite, e os percalços que passei até me tornar um membro da Valverde.

Acho importante dizer também que a formação da Valverde na época era praticamente outra. Apenas Bianca e Daniel estavam lá, já que Roberto e Ricardo ainda não tinham se juntado a nós, e os outros ou eram tão velhos quanto Maria Lúcia, ou se dividiram e formaram outras alcateias.

Claro que existem muitas outras histórias, como quando conheci nosso querido David Grenier no ano seguinte e realizei uma ambiciosa missão para salvar outros de nossa espécie, e tal feito contribuiu para que Maria Lúcia me declarasse seu sucessor mesmo eu não sendo o mais forte de seus betas. Ou mais algumas curiosidades sobre a enigmática e indomável Flora, que nunca foi realmente uma membra da alcateia e que logo se cansou de nossas regras. Mas teremos tempo para isso, pois confesso que essa conversa toda me cansou e... reviver tudo isso...

E antes que você me pergunte, sim, eu reencontrei Alice depois. Muitos anos depois. Mas eu já tinha ouvido histórias sobre ela enquanto eu descobria as leis da Noite e seus membros mais ilustres.

Alice Breck’of, é assim que ela é conhecida hoje em dia. E que espanto me foi saber que ela era ninguém menos que uma Senhora Elemental. A Bruxa do Fogo. E ao que eu saiba, ela ainda não possuía esse título quando nos conhecemos, e provavelmente foi por causa dele que abandonou sua vida na Amazônia.

Ainda hoje é proprietária e diretora de um conceituado colégio interno chamado Estações, localizado numa região rural no sul do país. Descendente de uma antiga e decadente linhagem de feiticeiras irlandesas que vieram para o Brasil há muito tempo, da qual herdou o tal colégio e segredos sombrios. Dizem que é a

mais jovem, arisca e fechada das Senhoras Elementais. Tem um espantoso domínio sobre as chamas, podendo fazê-las crescerem ou se apagarem, podendo usá-las até mesmo como uma arma.

Alguns a julgam a mais bela das quatro, e devo concordar. Alice possui uma aura muito sedutora, mesmo com seu temperamento fechado, e uma impressionante capacidade de motivar as pessoas em volta. Consegue ler a sorte numa vela ou fogueira, controlar espíritos, e fazer chamas brotarem do nada. Seu próprio corpo é tolerante ao fogo e dizem que ela até mesmo pode fazer com que seus inimigos explodam em combustões instantâneas, mas não conheço ninguém que a viu usar tal poder.

Como eu disse, só a revi uma única vez, já que ela vive reclusa em seu colégio e quase nunca se envolve nos assuntos da Noite. Foi em uma reunião que juntou os maiores líderes de nossa comunidade sombria para decidir certos eventos políticos, mas não trocamos nenhuma palavra, a não ser olhares. Confesso que não tive coragem de me aproximar, assim como nunca tive coragem de procurá-la, mas se tem algo que acredito é que alguma noite iremos nos topar novamente, e nisso teremos uma longa e inevitável conversa.

Ah, André, eu queria ter a mesma facilidade que Natâniel teve ao contar sua história, ou como acredito que David deve ter tido. Queria poder terminar esse meu primeiro relato encontrando um sentido narrativo que amarrasse todas essas experiências, boas ou ruins, pois não é isso o que o cérebro humano busca em histórias? O propósito narrativo!

Não, não vejo um propósito. Vejo apenas acaso e escolhas. E vejo inevitabilidade nesse acaso, situações que estavam além de mim. Mas não creio em destino, e sim no que decidi escolher; o propósito de seguir em frente apesar de tudo, e buscar fazer o melhor com o que é me é dado.”

Flávio ficou em silêncio, olhando através da estrada e da vegetação em movimento que apenas realçava o verde em seus olhos bonitos, e estes transmitiam uma sensibilidade que contrastava com o resto, com lágrimas que brotaram discretamente e foram enxugadas logo em seguida. Não que André achasse seu alfa um insensível, mas era a primeira vez que Flávio deixava as emoções realmente transparecerem na sua frente, e naquele instante o novato voltou a notar como o alfa era parecido com Natâniel até nisso, como se a melancolia e o saudosismo só lhe realçassem a beleza. Tanto que André sentiu uma súbita vontade de beijá-lo, mas se segurou. Seria uma atitude completamente descabida.

De todo modo, André não estava disposto a aceitar aquele completo silêncio, como se tudo aquilo que havia ouvido tivesse que acabar assim, de modo abrupto.

— Preciso fazer algumas perguntas, chefe. Sei que disse que ainda teremos outras ocasiões, mas se me permite...

— Faça.

— A profecia! A queda da lua!

— André, eu já disse, isso é bobagem. Não existe profecia, e sim uma crença arcaica e tola, como todas as outras crenças.

— Mas você nunca mais voltou a vê-los, os Andarilhos da Lua?

— Sim, eu voltei, e este é um detalhe importante que deixei passar. Com meu acesso a fortuna da Valverde e nossos contatos políticos, comprei a vasta faixa de florestas onde ainda se esconde o Templo de Anhangá, transformando o território em área protegida. E esses seres estranhos ainda habitam o local, com seus rituais e crenças, ao lado de encantados e outros seres da Noite ainda mais estranhos.

— Então você os salvou.

— Sim, e todo ano nossa alcateia os visitam, assim como alcateias de outras partes do Brasil e do mundo, para participar do famoso festival de fertilidade. A festa de Anhangá.

— Então você não está entendendo, chefe. Você os salvou. Garantiu a segurança do templo e a continuidade dos ritos. Aí está o propósito que você procura, chefe. Querendo ou não, você fez a vontade dos deuses, e a lua ainda continua no céu.

Flávio riu ao ouvir aquilo.

— É um modo de enxergar as coisas.

André sorriu de volta, notando que mesmo esse momento de descontração não escondia a melancolia naqueles olhos verdes que surgiram desde que Flávio começou a falar sobre Alice. Sim, ele ainda amava a bruxa, ou era apenas a leitura que o jovem fazia com sua percepção romântica. De todo modo, quase chegou a sugerir que Flávio voltasse a procurá-la, pois depois de tantos anos as coisas seriam certamente diferentes, ou, pelo menos, esclarecedoras.

Mas não se sentia nesse direito, e nem mesmo na intimidade de dizer aquilo. Preferiu deixar a mente vaguear por todas aquelas informações que havia acabado de escrever em seu notebook, e tinha tanto ainda a ser descoberto sobre a Noite. Ah, a excitação disso quase lhe sobrepujava o medo. Mas só quase, e sabia que a mínima baixa de guarda poderia fazer o medo voltar a dominá-lo.

— Falta algo... — disse, mais para si mesmo e para a tela do aparelho do que para o lobisomem ao lado.

— Já disse que teremos outras oportunidades, André.

— Não é isso, chefe... é só que... estou empacado no sentimento que acabamos de discutir: a necessidade de narrativa, de sentido.

— A lua continua no céu, meu amigo — Flávio debochou, voltando a sorrir.

— Essa é a *sua* narrativa, chefe — André respondeu no mesmo tom jocoso. — Mas como isso afeta na minha atual narrativa, além das fascinantes informações sobre esse mundo de deuses e monstros?

O sorriso de André desapareceu.

— Ou talvez eu só deseje alguma mensagem qualquer de conforto, alguma lição para dar fim a esse medo. Que bosta... quando vou deixar de ser uma criança?

Flávio suspirou, e estendeu a mão direita para acariciar a nuca de André, do mesmo jeito que Natâniel costumava fazer.

— Não tenho essa capacidade de curar seu medo, André. Seu medo é só seu, e só você saberá a melhor maneira de lidar com ele. E não, não posso afirmar que você está completamente seguro. A Noite não oferece isso a ninguém, mas talvez a vida em si não ofereça. Tudo que nasce morrerá, tudo que sente uma hora sofrerá. Mas posso prometer que enquanto você for fiel à alcateia, a alcateia fará o possível para te manter vivo e feliz.

Não tinha sido um dia fácil, mas André não esperava que fosse de outra forma. Antes mesmo da BMW da Valverde chegar ao Plano Piloto na tarde do dia anterior, logo quando as paisagens conhecidas começaram a serem revisitadas, André teve a certeza de que o tempo de protelar suas responsabilidades para com sua vida passada havia acabado de fato, saboreando assim o amargor de mais uma ansiedade.

Nem mesmo a estadia no hotel mais luxuoso de Brasília conseguiu lhe amenizar a tensão. E enquanto Flávio tratava assuntos da Noite com Albertina no elegante bar do hotel, André permaneceu no quarto, se entupindo de comida e tomando seguidas garrafas de café. Pensando na maneira mais apropriada de abordar seu ex-namorado no dia seguinte.

Num ímpeto de coragem, ligou para Renan usando o telefone do hotel. Sem reconhecer o número, o outro atendeu com sua típica educação apática, mas só até ouvir a voz de André e mudar completamente para um tom brusco, enquanto o ex perguntava se no dia seguinte ele estaria disponível em casa para conversarem.

— Não, eu não estarei em casa — Renan respondeu, ríspido e se segurando para não explodir. — Na verdade eu não quero olhar na sua cara, André. Se vier aqui amanhã, ótimo, pois já separei todas as suas tralhas, e isso inclui esse maldito cachorro. Ah, e deixe as chaves também, pois essa casa não é mais sua, se é que um dia foi...

E André agradeceu pelo outro ter desligado sem nem mesmo dar chance para retórica, até porque não tinha nenhuma resposta para justificar seus atos, e muito provavelmente Renan seguiria por uma espinhosa ladainha de como havia feito isso e aquilo por André, e sentir tanto ódio na voz de Renan o deprimia.

Bem, que assim fosse e que Renan o odiasse. Talvez fosse melhor assim. André sumira da vida dele e com o tempo só seria uma memória longínqua, assim como acontece com inúmeros casais.

E foi com esse pensamento mais aliviado que alugou um simples *Fiat Punto* em nome da Valverde para ir buscar suas “tralhas”, incluindo o “maldito cachorro” em seu antigo apartamento no Paranoá.

Quando chegou, não esperava pela emoção que o tomou ao olhar mais uma vez praquelas paredes na qual tinha vivido tantas coisas prazerosas, ao mesmo

tempo que se dava conta de como todas essas pérolas lhe pareciam agora menos brilhantes do que as paredes majestosas do Casarão Violeta. Menos o reencontro com o cachorro Saruman, que pulou sobre ele daquela forma exagerada e incontestavelmente amorosa que só os cachorros, de todas as criaturas existentes, conseguem demonstrar. Mas essa pérola em questão; essa pérola de pelo preto, nariz úmido e porte médio acima do peso, ele levaria para casa.

Se apressou a conferir as inúmeras caixas, livros e peças de roupas que lhe pertenciam, empilhadas de qualquer jeito no meio da sala pelo ex-namorado, e já carregando tudo em seguida para o carro na garagem do condomínio.

Mas quando voltou para pegar as coisas do cachorro e o mesmo, Renan apareceu, calado e aparentando uma estranha calma. Ainda assim, o clima ficou tão pesado que André jurou que todo o prédio desabaria sobre sua cabeça.

— Eu já terminei de pegar tudo e... acho que não faltou nada — disse André, lutando contra a gagueira nervosa.

Renan permaneceu mudo, o encarando. Talvez era um modo de conter a raiva, ou as lágrimas.

— E obrigado por ter separado minhas coisas.

O silêncio permaneceu.

— Não precisava ter tido esse trabalho... eu mesmo poderia ter separado...

— Eu não fiz nenhum favor, André. Apenas fui responsável, como sempre fui. Já que você não é — Renan enfim respondeu, e a calma em sua voz soou mais intimidadora do que se tivesse gritado.

Saruman ganiu, sentindo a tensão dos donos em volta, e se aproximou mais de André, que era seu preferido. Já este pensou em virar as costas e ir embora, mas sentiu que precisava dizer algo.

— Renan, eu... eu não sei o que dizer...

— Por quê? — Renan baixou a cabeça, escondendo o rosto. — No fundo eu queria saber. Por quê? O que faltou em mim? O que eu não fiz?

— Renan...

— Mas pensando bem, eu fiz tudo. Eu nunca te faltei com nada, eu sei disso. Eu aguentei seus inúmeros momentos de melancolia, seus dramas súbitos. Trabalhei igual um filho da puta para te sustentar, já que seus *sonhos infantis*... seu orgulho, seus *desejos artísticos* mal pagavam a conta do gás que fervia o seu precioso café.

Aquelas palavras não só feriam André, mas se agarravam em seu interior como uma doença infecciosa, o debilitando lentamente. E tais palavras tinham poder apenas porque eram verdadeiras, e nada mais.

— Mas eu sei o real motivo, André, por mais que eu não quisesse acreditar. Quem sou eu para competir com ele, com o bonitão que te pode comprar com

todos os luxos que você *acha* que merece, não é mesmo?

— Isso não é verdade.

— Só ele pode comprar o seu amor, André.

O escritor respirou fundo. Não iria aceitar aquelas últimas palavras, mas também não cairia no erro de iniciar uma discussão acalorada.

— Renan, eu não desmereço nada do que você fez por mim. Eu não desmereço o que tivemos juntos e... — as lágrimas lhe escaparam. — Eu realmente amei você. Acredite, eu não queria machucar você de forma alguma. Mesmo agora... sua raiva, sua dor... eu as entendo. Eu o respeito, e acredite mesmo que...

— Vai se foder, André — o outro xingou, mas sem levantar a voz. — Apenas me dê as chaves e vá embora.

E foi isso o que André fez, calado e vencido. Sem conseguir mais segurar o choro quando enfim entrou no carro e saiu do estacionamento, não parando nem mesmo quando Saruman se inclinou do banco traseiro para lhe lambe as lágrimas.

Pouco mais de uma hora depois, André teve que se recompor, ou pelo menos fingir que havia conseguido, pois então começava a segunda provação do dia, e não menos complicada.

Em Taguatinga Sul, no churrasco de aniversário de seu pai, talvez ele chegasse a enganar muito bem, ali, sentado à ponta de uma mesa de ferro, tendo como única companhia confortável o cachorro do lado ou as ligeiras conversas com a irmã do meio, Aneita, que mesmo na sua simplicidade e limitação de temas cotidianos (como a tendência de sempre se envolver com homens tóxicos e infiéis, sendo que o último deles havia desaparecido após saber que a mesma esperava uma criança), era a única que realmente se interessava em ouvir o que André tinha a dizer, ou que, de certo modo, parecia se sentir mais confortável com a sexualidade do caçula.

Já sua irmã, mais velha, Aline, a que o intimara a comparecer, André não se lembrava mais de ter tido nem mesmo um apego emocional alguma vez na vida. Aline era a “religiosa” da família, a evangélica ferrenha nascida numa família que se diz católica, mas só pisa na igreja em eventos especiais como casamentos e batizados. Aline, a que sempre entra em conflito com alguém, a que costuma ter os comentários mais cruéis sobre as pessoas, mas que ao mesmo tempo praticamente obriga que os membros da grande família compareçam nas reuniões para transparecer algum sentido de união sagrada.

A relação sentimental de André com os tios e primos era menor ainda, mas as boas maneiras o obrigavam a dar seus sorrisos mecânicos e a responder bem-humorado as perguntas tolas e curiosas, geralmente sem nenhuma noção, de

heteros tentando parecerem descolações e não homofóbicos para com o membro “desviado” da família.

Por vezes aquilo o irritava tanto que André sentia uma tremenda vontade de começar a gritar com todos eles, de xingar e acabar com todo aquele teatro de pessoas fingindo que se amavam, terminando por expor toda a hipocrisia daqueles parentes que traíam suas esposas, mentiam e escondiam vícios e ato ilegais sob um verniz de pessoas comuns e *de bem*. Mas ao mesmo tempo não se sentia nesse direito, ou apenas era vencido pela fadiga. No fundo, por mais que já tivesse tentado, a última vez que acreditava se sentir parte deles fora na infância, antes de começar a querer viver sua individualidade. E agora que tinha sido abraçado pela Noite, aquele sentimento de deslocamento só ficava ainda mais evidente.

Ah, não via a hora de voltar para a casa das feras.

Ainda assim, existia um elemento paradoxal que o mantinha preso àquela cadeira com um sorriso rígido no rosto e um ligeiro aperto no peito: André amava alguns deles. Amava sua mãe e sua irmã Aneita, por mais que as vezes, quando longe, se esquecesse disso. Amava até mesmo seu pai, o orgulhoso homem de cabelos brancos, aparência animada, capaz de ir de um ser amoroso e receptivo brincalhão para um tremendo babaca machista, obtuso e inflexível num piscar de olhos.

— Renan não veio? — sua mãe perguntou, assim que ele chegou e a ajudava a organizar alguns pratos na mesa posta no quintal.

— Não... ele preferiu ficar.

— Por quê? — Ela permaneceu inusitadamente curiosa.

Era inusitado sim, pois desde que havia contado a ela que era gay, sua mãe, após passar por quase todas as fases de aceitação, tinha encontrado um cômodo e covarde habito de não tocar em nenhum assunto referente as escolhas amorosas do filho.

Mesmo quando o namoro com Renan já estava mais que consolidado e André resolveu apresentar o mesmo para a família, a recepção da mãe foi limitada. Evitava a todo custo usar a palavra gay, namorado e etc. Chegando até mesmo a tratar Renan como “um amigo do meu filho”. Ainda assim, era uma postura muito melhor que a do marido, pois esse sim fingia não saber que o filho era gay, e muito menos que morava com outro homem. Ele nem mesmo se dava o trabalho de conversar com Renan, se limitando ao máximo a cumprimentos de bom dia ou boa noite.

Por muitas vezes André se demorou a pensar sobre essa relação entre família e filho que se assume gay, e como realmente esse argumento de que “o filho precisa ser sempre paciente com os pais” é de uma terrível injustiça.

O que geralmente acontece é que, se você não tem a sorte rara de ter uma mãe que, mesmo na dúvida, vai simplesmente deixar tudo para lá e focar apenas no que importa, que é o amor que ela sente por você, e nisso, ambos aprenderem a lidar com essa questão juntos, o que ocorre é o de duas uma: ou a família te renega com agressividade, ou FINGE que te aceita.

Fingir parece ser algo “menos ruim” inicialmente, até que você percebe que se tornou um *segredinho*, uma questão incômoda que ninguém quer tocar, pois isso exige que a pessoa tenha que repensar toda a sua visão de mundo.

“Seja gay, mas não demonstre muito. Não fale no assunto. Seja um fantasma”. E nisso os familiares vão dizer a si mesmos que continuam te amando, mas nenhum vai querer saber se você está se relacionando com alguém e se você está bem com isso. Uma mãe que normalmente se interessa a saber se a pessoa com quem o filho hetero dela está se relacionando é uma pessoa boa ou não, não fará o mesmo com o filho gay. E quando este filho tiver dúvidas, desilusão amorosa ou um coração partido, essa mãe não saberá, e as vezes até desconfiará, mas no fundo não vai querer procurar saber.

Sendo assim, esse filho vai ter que aprender a sofrer só, a se virar sozinho. E quando você se vira sozinho, na base do erro e acerto, você tropeça, troca os pés pelas mãos, e até se feri bastante, e quando isso acontecer não vai ter familiar para te amparar, e se fizerem será com certa distância, ou até mesmo te julgando, como se todas as desventuras que você passar será porque assim você desejou/mereceu. Você vai chegar a ouvir até coisas horríveis desses familiares ditas na hora da raiva, que por ser no calor do momento, logo eles vão esquecer, mas você não.

O que você ouve de um desconhecido entra por um ouvido e sai pelo outro, já o que você escuta da mãe, por exemplo... fere muito, você confessando isso a si mesmo ou não. A sorte é que o ser-humano é adaptável, e esses filhos, aos trancos e barrancos, sobrevivem (nem todos, infelizmente), mas tudo isso permanece sendo uma grande perda, já que no fim são pessoas que deixaram de se conhecer, de aprender uma com as outras, de se amar, e isso as vezes nem o tempo conserta.

— Renan e eu rompemos, mãe...

— Sério? Mas o que aconteceu? — ela perguntou, com a voz fraquejando na última palavra, sendo tomada talvez pelo velho constrangimento. Sim, lá estava o constrangimento evidente em cada ruga dela. A mãe nunca quis realmente saber sobre as relações amorosas do filho e agora tinha dado um passo inédito para um terreno que não sabia como pisar, o que deixava o próprio André sem saber como conduzir a conversa.

— Nós... bem, nós achamos melhor assim. Não houve briga e nem nada, — mentiu — apenas decidimos seguir por caminhos diferentes.

— Mas que pena...

A cara de dó que a mãe fez pareceu meio forçada para André, como se fosse um ato de mascarar o inevitável deboche que dizia, bem lá no fundo: “eu sabia que isso não daria certo”.

Ou será que era apenas uma injusta impressão de André? Porque era tão difícil para ele aceitar que a mãe também podia evoluir um pouco?

— Hoje eu passei lá para pegar minhas coisas e o cachorro.

Isso, apenas converse tranquilamente com ela. Converse como se sua mãe fosse uma amiga e você apenas um filho comum que passa por um fim de relacionamento (sem lobisomens na jogada e nem nada do tipo). Para quê manter o coração fechado? Quantas vezes, por mais que você não confessasse, desejou o interesse dela, e agora você finalmente o tem e vai desperdiçá-lo?

— Mas para onde você vai? — ela perguntou, finalmente olhando nos olhos dele.

— Não se preocupe, mãe, que não estou voltando pra casa — respondeu, mais ríspido do que na verdade queria.

— André, acha mesmo que eu acharia ruim em ter você de novo aqui em casa?

“Sim, eu acho. Afinal, eu sou o elefante na sala que você conseguiu finalmente se livrar”, ele respondeu mentalmente, mas perdeu a coragem ao notar a indignação magoada na face dela, e mais uma vez sentiu uma pontada de culpa. Talvez fosse ele quem estava sempre esperando o pior da mãe.

— Não foi isso o que eu quis dizer, mãe...

— Eu não posso mais ficar preocupada? Eu só queria saber para onde você vai agora. Uma mãe não pode mais saber para onde o filho vai?

Ah, lá estava o drama, a arma mais implacável; a entonação lamentosa usada tanto para o ataque quanto para a defesa.

— Sim... sim, mãe, eu sei. Me desculpe, tá?

— Você ao menos tem um emprego decente pra se sustentar?

“Não, continuo sendo o mesmo indecente a vagabundo de sempre”, pensou, mas acabou por responder praticamente a primeira coisa que lhe veio:

— Sim, estou trabalhando para uma empresa, a Valverde, como restaurador de arte. Ganharei pouco, mas não precisarei me preocupar com aluguel e me sobrá tempo para escrever. Só que é em Santa Sofia, uma cidade pequena próximo à Goiânia... na verdade, esse foi um dos motivos do meu rompimento com Renan.

— E foi assim que você conseguiu comprar esse carro novo?

— Não, mãe, o carro é da empresa.

— Mas... que empresa é essa?

— Mãe, qual o problema? Por que você sempre fica achando que eu estou fazendo algo indevido.

— Não estou desconfiada, André. Só estou curiosa... — e nisso fez um longa pausa, pensativa. — Restaurador? Pensei que você queria dar aula, já que se formou em licenciatura — ela apertou as sobrancelhas, desconfiada.

— Eu nunca quis dar aula, mãe.

André lembrou a ela que era formado em Artes Plásticas e que tinha feito um curso de restaurador.

De repente, omitir o necessário e inventar pequenas mentiras para reforçar isso lhe pareceu mais fácil do que esperava, e não demorou para que logo estivesse contando as mesmas coisas para todos os parentes. Sim, estava se dedicando mais a exercícios físicos e por isso estava mais forte. Sim, estava sem os óculos e usando lentes de contato, mas pretendia fazer uma cirurgia para corrigir a miopia. Sim, iria se mudar para o Goiás. Não, não ia poder receber visitas até se organizar melhor. Sim, manteria contato (coisa que não tinha antes com a maioria deles e que não passaria a ter agora).

No geral, todos absorveram facilmente aquela história e gostaram dos novos rumos que a ovelha negra estava dando a própria vida. Qualquer coisa era melhor do que aquela ilusão de ser escritor, e talvez André finalmente tomasse juízo ao ter que se virar por conta própria.

Apenas seu amigo Luís, que chegou mais tarde na festa, junto do namorado atual, não aceitou aquilo tão facilmente, mas Luís sabia de muito mais coisas e o entendia muito mais do que todas aquelas pessoas que viram André crescer. A mentira precisou ser melhor elaborada.

— Então essa tal empresa Valverde é aquela do Natâniel — aquilo não era bem uma pergunta, seu amigo tinha ido direto ao ponto, enquanto dividiam uma garrafa de cerveja.

— Sim, uma das filiais.

— Desde quando a Valverde mexe com arte?

— A Valverde abrange muitos setores, Luís, mexem com muitas coisas... Ah, você sabe que eu não entendo como nada disso funciona. O que importa é que estarei trabalhando.

— Nesses anos todos que te conheço, André, não me lembro de nenhuma vez você ter feito um curso de restaurador de arte, como você anda afirmando para os outros.

E lá estava o olhar inquisitivo do moreno, com o porte musculoso dando um falso ar ameaçador, pronto para pegá-lo em contradição.

— Caralho, Luís! Eu sei que você está com raiva de mim, mas parece que estou sendo interrogado como se eu fosse suspeito de um assassinato — rosnou André, antes de virar o copo de cerveja de uma vez na boca.

— Não estou com raiva de você.

— Ah, está sim — respondeu a terceira pessoa na mesa. Esse era Gabriel, que, diferente do namorado anterior de Luís, tinha sempre pouco a dizer, mas quando abria boca todos prestavam atenção em sua voz baixa e melodiosa. — Luís está furioso com você, André, e com razão, convenhamos.

Gabriel era de estatura um pouco mais baixa que os dois, um rapaz bastante bonito. Um bailarino esguio, de pele bem escura, cabelo crespo raspado dos lados, formando uma pequena moita de cachinhos escuros e graciosos no alto da cabeça. Seu rosto era delicado e com olhos grandes que transpareciam facilmente qualquer emoção.

— OK, vocês têm razão. Eu fui um babaca esses últimos dias com todo esse mistério, mas também já estou cansado de ficar me explicando...

— Mesmo você merecendo o esforço — Luís interrompeu, ríspido.

— Sim, mesmo eu merecendo. Então vou resumir: Sim, eu voltei com Natâniel. Sempre fui apaixonado por ele, apesar de tudo, e você sabe muito bem disso. Vou morar com ele no Casarão Violeta, vou trabalhar na mesma empresa e ainda assim tocar meus projetos literários. E não, não tenho vergonha nenhuma em voltar com ele e nem muito menos em “abandonar” Renan. Eu não estava tão feliz assim com Renan e isso você também já sabia. E sei que eu poderia ter feito tudo isso de maneira mais organizada e ferindo menos as pessoas, mas meti os pés pelas mãos e a única coisa que posso fazer agora é tocar a vida pra frente.

— André...

— E como são meus amigos, vocês vão torcer por mim.

— E você realmente acha que dessa vez vai dar certo? — Luís debochou, virando o olho.

— O que é *dar certo* para você, Luís, viver uma história de amor para a vida inteira? Me poupe! — André começou a aumentar o tom de voz, e não para intimidar ou porque estava com raiva, mas sim porque dessa vez estava sendo totalmente verdadeiro. — Quantos namorados nós três já tivemos até aqui? Eu vivi um longo tempo com Renan e apesar dos pesares foram bons tempos, mas chegou ao fim. E foda-se se eu vou ficar minha vida inteira ou dois meses com Natâniel, esse não é mais meu foco. O maior erro da minha vida foi achar que eu precisava de um relacionamento como o dos romances para ser feliz. Então, se *não der certo* com Natã, eu ainda estarei certo comigo mesmo.

— Nisso André tem razão, amor — comentou Gabriel.

Um momento de silêncio reinou na mesa, com Luís relaxando a postura e baixando os olhos para o prato de churrasco. Tinha sido finalmente vencido.

— Que seja então... — sussurrou ele, e de repente seus olhos se encheram d'água. — Mas ainda assim não gosta nada do fato de você ir morar tão longe de mim.

André sorriu, se emocionando com a confissão do amigo.

— Santa Sofia não é tão longe assim. Eu sempre poderei visitar vocês, ou o contrário. Eu também não me imagino vivendo muito tempo longe de você. E nem de você, Biel.

Luís enxugou as lágrimas antes que estas ficassem fora de controle, diferente de Gabriel que deixava as mesmas escorrem soltas por seu rosto bonito.

— Venham cá — continuou André, se pondo de pé. — Por que vocês dois não me dão um forte abraço agora, ao ponto dos membros fofoqueiros e homofóbicos da minha família se questionarem se essa ala LGBT aqui não está vivendo um imoral romance à três?

E foi isso o que fizeram, caindo na risada em seguida quando o cachorro Saruman resolveu se juntar ao abraço.

Mais tarde, de volta ao hotel em Brasília, depois de mais despedidas chorosas com os amigos e até mesmo com sua mãe, prometendo que visitaria todos sempre que pudesse, André sentia que parte dos grilhões que o atormentavam nos últimos dias haviam desaparecido.

A recepção não pareceu gostar muito da ideia do cachorro que entrou aparvalhado no hotel e até mesmo pulando numa elegante senhora que ficou furiosa com o incidente, mas como André era agora um Valverde, tudo se resolveu da melhor forma.

Levou Saruman para o apartamento e tomou um demorado banho, sentindo que as preocupações e dores daquele dia finalmente escorriam junto com a água.

Ele não tinha mentido quando disse que sempre os visitaria quando pudesse, mas sabia que tinha finalmente dado início ao ato de abandonar aquele mundo banal para entrar de vez na Noite.

Além disso, percebia que os medos desencadeados com a morte de Daniel já não mais o assombravam tanto também. Em sua mente, se lembrou das histórias que tinha absorvido até ali, as histórias de Natã, de David e de Flávio. Cada uma delas relatava os horrores da Noite, mas também, cada uma a seu modo, lhe trazia um senso de superação.

André não era mais o mesmo. Seus amigos e parentes perceberam isso em um nível ou outro. André não era mais tão tímido e fechado como antes, nem mesmo sua aparência era mais a mesma, com aquele corpo rígido e olhos cintilantes. A Noite poderia ser assustadora, mas também lhe dera o Dom da Fera, e André sentia que era na fera que ele encontraria forças para vencer qualquer obstáculo.

Preparativos

Diário digital de André

20 de maio de 2013

Meses se passaram desde que voltei de vez para o Casarão Violeta, e finalmente o meu rito de iniciação irá acontecer. E digo “de vez” porque começo realmente a me sentir como um morador deste lugar e a ser aceito como um pelos que me cercam. Fui “oficializado” como namorado de Natã, podemos assim dizer, e por isso um membro da família.

Apesar do luto por Daniel que ainda paira denso no ar, a rotina está voltando ao normal. Nosso alfa segue com suas viagens e missões, recrutando um ou outro dos betas mais velhos, com exceção de Bianca, que só ultimamente começou a sair mais de seu quarto e a fazer companhia a outros que não sejam sua filha.

A tristeza ainda é visível em seu semblante rígido, assim como o rancor por Ricardo, mas notei que a loira agora consegue olhar novamente nos olhos dele, já não mais se incomodando tanto com sua presença.

Já Lua parece estar se recuperando mais rápido que a mãe, e talvez isso se deva a chegada de Saruman ao Casarão. Esse cachorro safado praticamente me abandonou e se mudou para o quarto da menina, só vindo até mim quando chega a hora das refeições.

Por sinal, apesar da estranheza inicial de Flávio e Natâniel, ninguém falou contra ter um cachorro no ambiente, pelo contrário, Madame Valquíria disse que fazia tempo que o Casarão Violeta não tinha um bicho de estimação e de que isso só traria ainda mais alegria ao ambiente. Além disso, as gêmeas o mimam tanto que até me agonia. E por vezes também é possível encontrar o cachorro na companhia de David, com ambos apenas calados e meio sonolentos, embalados pelos velhos e românticos discos de vinil da coleção de Valquíria.

Uma curiosa cena que preciso relatar nesse diário é que não só Saruman se deu bem com todos (mesmo que tenha passado mais tempo cheirando os lobisomens da casa como se os reconhecessem em meio aos humanos), como certa vez, enquanto Natã, Ricardo e eu corríamos na forma de fera, o bicho nos seguiu e pareceu nos reconhecer pelo cheiro, e se divertiu ao tentar nos acompanhar bosque adentro.

Sobre meu desejo de reivindicar mais momentos para ouvir as histórias dos mais velhos, decidi esperar mais um tempo, em respeito ao luto e voltar a abordá-los depois do meu rito de iniciação.

Ricardo ainda se culpa pela morte de Daniel, mas já não é tão incapacitado por tal sentimento, e voltou até mesmo a sorrir e contar mais de suas piadas debochadas.

Ele é um dos meus betas preferidos, e dou muitas gargalhadas quando é a vez dele, e não de seu carrancudo irmão, de treinar os novatos. Ah, e Lua sabe muito bem como ocorreu a morte de seu pai, mas se guarda algum rancor de Ricardo, isso me é impossível de decifrar.

Eu acredito que não, por mais que isso me impressione. Mas Lua sempre me impressiona. Nunca pensei que passaria a gostar tanto de uma criança assim. Ela me fascina, quando não me desconserta com seu jeito direto e sem papas na língua.

Uma revelação impressionante que ela me fez, e que me proibiu de contar a qualquer um, foi que há algum tempo ela conseguiu se transformar completamente, mas que prefere manter isso em segredo porque deseja planejar seu próprio rito de iniciação. E ela não está mentindo, se transformou na minha frente, assumindo a forma de uma pequena e habilidosa fera de pelos escuros como os do pai e o olhar assustador da mãe.

Espero que esse tal plano mirabolante de Lua seja apenas blefe de criança, só que essa menina não é uma criança como as outras e tudo é possível. As vezes temo ela acabar criando alguma confusão e isso sobrar para mim. Mas vou guardar esse segredo como prometi.

Talvez a única pessoa que ainda não me naturalizei seja Letícia, o que é uma pena, pois só sua presença já me encanta, e gosto de observá-la descer as escadas com seu cabelo curto tingido de vermelho vivo, e os vestidos justos e saltos altíssimos, exalando sensualidade em seus modos práticos de administradora do Casarão. Mas às vezes acho que ela não gosta de mim, ou que desconfia, sei lá. Na verdade, segundo uma ligeira conversa que ouvi entre Natã e Ricardo, Letícia parece estar incomodada com algo que não quer falar, e que de algum modo isso reflete em como ela reage a nossos mistérios.

Diferente de Valquíria e as gêmeas, Letícia parece não estar mais confortável em ignorar o estranho comportamento dos membros da Valverde, chegando a abordar Ricardo com discretas, mas perigosas perguntas.

Ainda assim, acredito que a percepção dela sobre mim pode melhorar com o tempo, e no fundo não quero me martirizar com isso, assim como ordenei a mim mesmo não mergulhar em reflexões mórbidas sobre a morte de Daniel e os perigos da Noite. Quando sinto essa sombra se esgueirar, ocupo minha mente conversando

com Ana e Dolores, ou com Lua, ou chamando-a para correremos escondidos em forma de fera pelo bosque da propriedade.

Não, chega dessa vibe ruim. Estou feliz demais com a proximidade do meu rito de passagem para isso. E tudo já está esquematizado: O Casarão Violeta dará uma baita festa de São João no próximo mês, com participação não só dos poucos hóspedes como dos habitantes de Santa Sofia que se dispuserem a nos visitar. A Valverde bancará tudo, como sempre, e a ideia foi de Flávio. O alfa disse que o Casarão precisava de energia positiva, de dança e risos, além de servir como uma festa pós-iniciação.

Sobre como será minha iniciação, apenas segredos. Até mesmo Lua, que aparentemente sempre sabe de tudo, não quis me contar nada, e isso só me deixa ainda mais excitado com o que me aguarda. E é uma pena que Natãniel não pareça compactuar com a minha alegria. Mas eu já deveria esperar isso dele.

“Não me oponho a sua iniciação, meu amor. Muito pelo contrário”, ele me disse, quando o acusei de transparecer melancolia, e até mesmo irritação. “Eu só temo por você”, ele continuou. “Temo que uma hora ou outra a Noite destrua suas preciosas expectativas de como o nosso mundo é.”.

Depois disso preferi me calar e ignorar as reações de Natãniel. Minha vontade foi de dizer: “Eu o amo, mas você está estragando o meu momento”. Mas creio que nada de bom traria em me irritar com Natã nessa altura do campeonato, além de que após ler sua biografia eu compreendo um pouco mais suas reações.

Ainda teremos tempo para tocar nesse assunto, além de que na prática ele verá que eu nasci para ser um lobisomem. A Noite é meu habitat. E não é só uma crença ou expectativa, é o que eu decidi para mim mesmo.

Um Banquete de Maldade

31 de maio de 2013

A feliz expectativa tinha sido substituída por uma tensão apavorante. Que tipo de iniciação o aguardava? O que a alcateia esperava que ele demonstrasse para merecer ser um valverde? E se ele acabasse estragando tudo, envergonhasse a todos, sendo então expulso pelo alfa de um modo que nem o amor de Natâniel seria justificativa suficiente para manter André no Casarão Violeta?

André se lembrava das várias vezes na vida em que se boicotou em momentos decisivos. André era bom em fracassar. Mas sabia também que na maioria das vezes sofria apenas por ansiedade, e por isso buscou ao máximo guardar seus receios para si mesmo. Deveria aparentar ser mais forte do que realmente era, até mesmo para Natã.

A única dica que teve sobre o ritual que se aproximava foi ter ouvido sem querer Ricardo comentar com o irmão que “hoje o novato agradará a fera”, e se lembrando da biografia de Natâniel, André imaginou que a iniciação seria uma caçada de humanos. Homens cruéis e de índole tão podre que devorá-los seria um favor à sociedade, e tal ideia o excitou ainda mais, além de também lhe causar uma sensação incômoda que tentava ignorar.

Ele mataria pessoas.

Bem, em qualquer outra situação, o rito de iniciação da Valverde se resumia a justamente o que André imaginou. Pois, a alcateia comandada por Flávio era composta por lobisomens com percepções morais variadas sobre o ato de se alimentar de humanos (coisa que faziam pelo menos uma vez ao ano), e tirando as caçadas em grupo, cada membro estava livre para escolher a vítima que quisesse desde que o ato em si não infringisse as leis da Noite ou da alcateia.

Mas sendo um rito de iniciação, onde a maioria dos lobisomens novatos ainda mantêm sua moralidade humana, o alfa achava melhor que a presa fosse o indivíduo mais maléfico possível, o que costuma ferir bem menos a moralidade do novato.

Entrementes, na iniciação de André Lobo a coisa seria um pouco mais curiosa.

Um dos acionistas humanos da empresa Valverde, de uma posição considerável, mas que obviamente não possuía conhecimento nenhum sobre a

Noite, e muito menos de que trabalhava para lobisomens, havia dado início a um cuidadoso esquema de desvio de dinheiro da empresa, junto de um restrito grupo composto de outras quatro pessoas, todos funcionários do núcleo da Valverde goiana.

Um esquema meticuloso, que já lucrava há alguns anos, e que se descoberto pela mídia poderia trazer problemas para a própria empresa, já que envolvia lavagem de dinheiro, financiamento de tráfico de drogas e armamento contrabandeado.

Já fazia algum tempo que o esquema tinha sido descoberto por um fiel funcionário e o mesmo avisara à Flávio Valverde, mas o líder resolveu aguardar, dizendo que o funcionário deveria se tranquilizar e que seriam tomadas as devidas investigações e medidas cabíveis.

— Me foi informado que em três horas o grupo inteiro estará em um dos nossos depósitos na periferia de Goiânia, onde se reunirão com um poderoso líder de um braço direito do tráfico local — contextualizava Flávio, sentado no banco do carona da majestosa BMW preta que tinha Roberto na direção. — Sendo assim, segundo minhas fontes, esperem homens armados e especialistas guardando essa reunião.

— Como se isso fosse problema para nós, chefe — debochou Ricardo, dando uma piscadela e seu charmoso sorriso. Ele estava sentado no banco traseiro, com um braço para fora da janela, com o vento que entrava sacudindo os cachos de seu cabelo castanho.

— Ainda assim quero todos de olho em André. Entramos em lua minguante, mas a fera é imprevisível nos novatos. Além disso, estamos em local urbano.

— Não fala assim, chefe, você só tá deixando o nosso filhote ainda mais nervoso — Ricardo sorriu e apertou com força a bochecha de André, que deu um sorriso amarelo em troca.

André estava tremendo, sentado entre Ricardo e Natâniel, tentando não deixar transparecer o quanto estava apavorado com aquela iniciação. Suava por baixo do terno e gravata pretos que escolheu para se parecer mais com os outros lobisomens. O som de seu próprio coração nervoso pulsava em seus ouvidos e parecia encobrir o som da voz do alfa.

Levou um pequeno susto quando a mão de Natã tocou a sua.

— Eu não sairei de perto dele, Flávio — seu amado disse, mas sem olhar para André. Na verdade, Natâniel ainda estava mais calado do que de costume, como se desaprovasse a iniciação do namorado, o que deixava André ainda mais nervoso.

— Não se preocupe comigo, chefe. Serei o seu beta mais obediente — disse André, tentando imitar o tom descontraído de Ricardo, mas passando bem longe disso.

— É o que espero, garoto — respondeu o alfa. — E lembrem-se: gente importante pode estar envolvida nesse esquema, então ninguém, seja quem for que estiver lá, deverá sair vivo.

Os olhos verdes cintilaram nas sombras do interior do veículo.

O carro, que deixava os últimos bairros residenciais para trás e entrava em um escuro setor industrial, diminuiu a velocidade, virando uma estreita esquina e se escondendo nas sombras de um estacionamento de um prédio aparentemente abandonado.

Todos desceram do veículo, menos Roberto que ficaria de prontidão. O tal depósito ficava a um quarteirão de distância, e eles deveriam percorrer o resto do caminho a pé.

Os quatro saíram do estacionamento, caminhando à passos largos pelas sombras. Os sons dos sapatos engraxados ecoavam na noite, o que para André não combinava com a descrição que o momento exigia, mas seus sentidos estavam ligados ao máximo que sua forma humana podia proporcionar, e os únicos seres vivos nas proximidades eram os animais de rua revirando latas de lixo.

Explosões ecoaram de repente na distância, fazendo André saltar de susto e quase perder o equilíbrio, mas era apenas o som de fogos de artifício, provavelmente de alguma festa antecipando o São João.

— Respira fundo, irmãozinho, ainda não é hora de se transformar — debochou Ricardo, notando que o rosto de André havia ganhado uma escura pelugem.

O novato ignorou, abaixando os olhos e voltando a seguir o grupo.

Depois de uns dez minutos de caminhada, Flávio parou ao lado de um muro alto de um prédio que servia de depósitos de materiais de construção, fechou os olhos e farejou para garantir que não havia ninguém lá dentro.

— Vamos — disse ele.

André quase questionou sobre as possibilidades de alarmes no prédio, mas se lembrou do que lhe explicaram mais cedo, de que a tal lobisomem hacker, Catarina, da alcateia Lamannara, já tinha invadido o sistema de todos os prédios do setor, manipulando câmeras e todos os outros sistemas de segurança. Provavelmente poderia até mesmo os estar observando naquele exato momento.

Com a típica habilidade sobrenatural, Flávio e Roberto saltaram o muro do depósito e invadiram o prédio. André fez o mesmo, com Natã logo atrás de si, mas sem a mesma elegância, enquanto se questionava qual o sentido de usarem paletó, gravata e sapatos envernizados para se comportarem como gatunos. Iria por aquilo em debate assim que possível.

Por dentro, forçaram portas e janelas sem dificuldade até alcançarem o topo do prédio de cinco andares.

— Hora da troca — ordenou o alfa, e os quatro começaram a se despir, e neste momento André sentiu um arrepio na coluna. Havia algo de ritualístico no despir de uma alcateia, de ir se livrando dos símbolos de humanidade que aquelas belas peças de roupa representam. E quando um alfa se transformava, os betas faziam o mesmo sem esforço algum, tão rápido que a dor quase não existia, e até mesmo a dor trazia junto um prazer entrelaçado.

Como de costume, a percepção do mundo se expandiu. O campo de visão de André ganhava uma nova profundidade, os sons se tornavam mais altos e careciam de alguns segundos para se organizarem, e os cheiros... Ah, os cheiros! Sensações variadas explodiam em seu focinho, e a realidade ganhava um novo sentido, onde até os ratos que ele ouvia se esgueirando nas sombras do prédio tinham sua beleza.

Encarou as outras três poderosas feras, criaturas belas e assustadoras, e o cheiro delas era algo arrebatador. Queria tocar e farejar todos eles, queria tentar registrar ao máximo aquele momento para descrever posteriormente em suas memórias. Mas como conseguiria encontrar palavras humanas para descrever aquilo?

O alfa rosnou, e de alguma forma o lobisomem André entendia o que aqueles simples rosnados, movimentos de olhos e tremores de orelhas significavam. A caçada havia começado e a fera se excitava em desejo de sangue humano.

Saíram em disparada, e como era maravilhoso colocar aqueles poderosos músculos em movimento, saltar facilmente de um prédio para outro, ou aterrissar no asfalto como um gato, mesmo com todo aquele peso. Os cães de rua latiam inquietos nas sarjetas, ou se encolhiam nos canis das fábricas na qual faziam guarda, ou então uivavam em respeito e reverência.

O asfalto rapidamente se tornou vegetação, quando se aproximaram dos hectares de plantações de milho que cercavam os depósitos da fabricante de produtos alimentícios afiliada à Corporação Valverde.

Os quatro lobisomens fizeram tocaia no milharal e viram quando a limusine dos funcionários corruptos estacionou ao lado do galpão, onde alguns homens carregavam um caminhão com enormes pacotes de cocaína.

Flávio encarou André e ergueu o focinho, farejando o vento que vinha na direção contrária, mostrando que o novato deveria fazer o mesmo. “Cheire e ouça, quantos estão lá dentro?”

“Quatro homens carregando o caminhão, e... mais outros dentro do galpão...”

“Quantos?”

“Talvez... seis ou sete. Ouço a voz deles.”

“São sete homens e uma mulher”, corrigiu Natâniel.

“Vamos atacar em dois locais ao mesmo tempo”, rosnou e gesticulou o alfa. “Ricardo e eu pegamos os que estão carregando o caminhão, enquanto Natâniel e

André invadem o galpão.”

André sentiu um arrepio de expectativa. Sua vontade era a de partir na frente e cravar logo os dentes nos corpos dos donos daqueles cheiros tão apetitosos, mas a força do alfa o obrigava a se conter.

Esse era outro detalhe curioso de estar numa alcateia: junto da inclinação a subserviência ao líder, vinha um sentido aconchegante de unidade, de família, de pertencer a algo maior que ia além da própria alcateia.

Enquanto isso, dentro do galpão, o líder do grupo corrupto da Corporação Valverde fazia as últimas transações com o líder do tráfico local. Tanto as drogas quanto as armas já estavam dentro do caminhão, e a pesada maleta de dinheiro era avaliada e aprovada pela única mulher do grupo. A tensão costumeira dava lugar a satisfação, e sorrisos e promessas de encontros de lazer ocorriam entre os negociadores, quando o som aterrorizante de um uivo gutural soou nas proximidades.

Os presentes quase saltaram de susto. Alguns até mesmo deixaram objetos caírem e alguns dos homens sacaram as armas de fogo.

Aquele uivo foi um deslize de André, tomado pela excitação, e que no mesmo instante foi repreendido por grúidos furiosos de Natâniel, mas agora já era tarde e as presas tinham sido avisadas do perigo.

De todo modo, o cheiro de medo e tensão delas só as deixavam ainda mais apetitosas.

André e Natâniel atravessaram as vidraças enormes, agarrando duas das presas antes mesmo de encostarem as patas no chão. Natã perfurou o peito do homem para agarrar o coração, comendo-o no mesmo instante. Já André tentou fazer o mesmo, mas sem a devida noção da própria força e acabou despedaçando a caixa torácica do infeliz junto com coração e tudo o mais.

A mulher berrou, deixando a mala de dinheiro cair e espalhar o conteúdo em volta. André avançou sobre a jugular dela, e quando a primeira gota de sangue atingiu sua língua, quase perdeu o controle sobre as próprias ações.

O frenesi selvagem o bombardeava de sensações prazerosas, enquanto ele rasgava o corpo da mulher em busca dos órgãos internos. Sangue e notas de cem jorravam para o alto. Ah, e o coração! Que fixação era aquela pelo coração? E como era maravilha mastigá-lo, saboreá-lo lentamente.

As armas automáticas foram acionadas, mas poucas balas cruzaram o ar antes de Natâniel, feito um borrão negro demoníaco, partir os dois homens que as seguravam ao meio.

André sentiu o impacto dos projéteis que lhe acertaram no braço esquerdo e ombro, mas tal dor não era nada comparada ao sabor da carne do homem corpulento armado com uma metralhadora.

O líder corrupto correu em disparada com o intuito de alcançar a limusine ao lado do caminhão, apenas para se deparar com os outros dois monstros que destroçavam os quatro homens que faziam o carregamento.

Flávio o agarrou no mesmo instante, mas com o devido cuidado de não o matar de uma vez. Um traidor de sua empresa tinha que ficar consciente enquanto era devorado.

Já o traficante restante correu para dentro do caminhão. André o seguiu de perto, mas sua audição detectou um perigo imprevisto e por pouco não foi cravado de balas, pois dentro do compartimento de carga estava uma impressionante *M134 Minigun* sendo manuseada pela presa, que agora se sentia novamente um caçador.

A impressionante metralhadora girava seu tambor e disparava com fúria hollywoodiana enormes projéteis por seus seis potentes canos negros. As balas de 7,62mm praticamente destroçaram o joelho direito do lobisomem novato, mas mesmo ferido André avançou sob as três patas restantes, deu um salto, se desviando da linha de tiro, e caiu sobre o homem, praticamente o matando apenas com a força do impacto.

Assim que comeu o coração deste, dando um uivo de regozijo, André saiu do caminhão, mancando e sentindo a dor na perna. Os ferimentos já se curavam, mas seu joelho tinha desaparecido e apenas tiras de carne ainda mantinham a perna unida.

Se lembrando das lições, André voltou a forma humana. A transformação acelerava ainda mais a regeneração, e com a ajuda de Ricardo, que também havia se destransformado, ajeitou a perna ferida no devido lugar, e o joelho ficou novo em folha.

Assim que se colocou de pé, nu e banhado em sangue, André riu e pulou para abraçar Ricardo, beijando-lhe no rosto com uma tremenda animação.

— Você viu? Você viu como eu pulei por cima das balas?

— Sim, moleque, mas não se ache demais — Ricardo sorriu e o abraçou de volta.

Flávio também voltou a forma humana e se aproximou.

— Eu consegui, não foi? — André perguntou, perdendo um pouco da incerteza ao encarar os olhos verdes do alfa.

Flávio foi até um dos corpos destroçados ao lado do caminhão e tirou uma faca do cinto do cadáver, usando o objeto para fazer profundos cortes no pulso.

— Beba — disse ele, com aquele jeito sempre imponente. — Beba antes que o corte se cure. Que meu sangue em você seja o símbolo da minha confiança. Você é um legítimo beta da Alcateia Valverde agora.

André quase chorou de emoção, agarrando o pulso do alfa e dando um saboroso gole no sangue corrente. Sangue forte e revigorante, quase tão gostoso

quanto os corações humanos.

Logo atrás e sem voltar a forma humana, Natãniel, observava a alegria de seu amado. Mas ele mesmo não conseguia ficar feliz com o que tinha acabado de presenciar.

Aquele era o melhor 1º de junho em anos, ou era o que Madame Valquíria acreditava, mesmo que inicialmente não tivesse encontrado muito sentido em gastar tanto dinheiro em um evento daqueles. Mais uma ideia mirabolante dos Valverde, e como ela poderia negar?

O fato era que assim como Ana e Dolores, Madame Valquíria adorava organizar grandes empreitadas, e se Flávio Valverde queria uma festa de São João para espantar de vez o clima de luto, ele teria a melhor festa de São João que Santa Sofia já tinha visto na vida. Além disso, sentia um prazer especial em ver o Casarão Violeta mais uma vez se abrindo para receber a população do vilarejo e oferecer música, bebidas e prazeres, mesmo que agora fossem prazeres bem mais inocentes do que no passado.

Ela própria contratou a equipe de decoração vinda de Goiânia, e também foi ela quem monitorou de perto se os mesmos montaram as tendas no gramado do jeito que ela queria, em volta da enorme pilha de madeira para a fogueira extraída do bosque ao lado. Ana e Dolores se embrenharam na cozinha do buffet e definiram com os chefes todo o cardápio que seria vendido na tenda principal, e tudo por um preço acessível, pois as pessoas menos afortunadas de Santa Sofia também deveriam participar da festa.

Falando nisso, Dolores fez questão de exigir que toda a comida que caso sobrasse no fim da festa deveria ser devidamente recolhida e distribuída aos moradores de rua e famílias carentes da região.

As outras tendas foram emprestadas para residentes de Santa Sofia que desejassem vender comidas típicas, assim como roupas e acessórios. Só precisaram se apresentar no Casarão Violeta um mês antes para acertar os pormenores.

Não muito distante, já na orla do bosque, um palco de tamanho considerável tinha sido montado, por onde bandas de forró locais e de cidades vizinhas tocariam até o fim da festa.

Foi um trabalho de semanas, mas valeu a pena. A festa de São João do Casarão Violeta era um sucesso, abrindo seus portões às 7 da noite, com previsão de encerrar tudo às 2 horas da madrugada. A competente equipe de segurança já contava umas 600 pessoas, com a grande maioria se concentrando na área diante do palco, onde logo mais um vistoso grupo de quadrilha se apresentaria. Crianças

corriam por todos os lados, participando de brincadeiras e se empanturrando com pipoca e maçãs do amor, e até mesmo a reservada Lua parecia ter feito algumas amizades.

O salão e as varandas dianteiras do Casarão também estavam acessíveis, mas apenas para a elite das fazendas vizinhas que não queriam se misturar com o povão lá embaixo. O Velho David estava lá, sentado na sua cadeira de balanço preferida, e provavelmente se recolheria cedo já que tinha acordado indisposto naquele dia. Bianca lhe fazia companhia, mas mantinha-se calada na maior parte do tempo.

No geral, todos estavam felizes e animados, com exceção de Letícia. E lá estava ela, um espetáculo de mulher em seu justo vestido vermelho com ornamentos dourados que flertavam com temática japonesa. Bebericava uma caneca de chope enquanto fingia admirar a banda de forró no palco, quando na verdade seu olhar transpassava tudo.

Alguma coisa estava acontecendo com aquela que era seu braço direito, pensou Valquíria.

— Na lentidão que você está bebendo, logo esta sua caneca vai esquentar, minha querida — disse Valquíria, erguendo a própria taça de vinho para um brinde.

Letícia se assustou com a presença da outra, mas sorriu e aceitou o brinde.

— Estou apenas pensativa hoje, Madame.

— Só hoje?

— E estou monitorando a festa também — desconversou. — “Quero tudo perfeito”, não foi isso o que Flávio e você disseram?

— Bobagem, menina. Contratamos um exército de profissionais para fazer esse trabalho. Nossa obrigação agora é aproveitar — respondeu Valquíria, puxando-a com delicadeza. — Agora venha. Flávio e os outros chegaram e eu estou louca para dançar com aqueles pedaços de mal caminho.

— Faz muito tempo que eles chegaram? — Letícia perguntou, aceitando ser conduzida em direção ao Casarão.

— Pouco mais de meia-hora, mas já estão arrumados para os festejos. E aquele menino André voltou ainda mais animado do que antes, parece até que deram alguma coisa para ele tomar. Um verdadeiro pinto no lixo.

De repente Letícia parou de andar e de fingir sorrir.

— O que está acontecendo com você? — Valquíria perguntou.

Um grupo de crianças passou correndo, com Lua em meio a eles e o cachorro Saruman correndo atrás. No céu, fogos de artifício silenciosos clareavam tudo em centenas de cores. Mais uma exigência de Flávio – Nada de fogos de artifício barulhentos incomodando os ouvidos e assustando os animais.

— Para onde Ricardo e Flávio foram? Para onde eles sempre vão? — Letícia proferia as palavras com cuidado, mas com o anseio de quem as prendeu por tempo

demais.

Então era isso? Valquíria se surpreendeu, pois ela própria já se fizera aquelas perguntas, mas Valquíria realmente não se importava mais com aquelas questões. Ela já sofrera muito, já tinha perdido muito na vida (até mesmo a sanidade por um bom tempo) para se importar com os segredos de quem a retirou do fundo do poço. E Letícia também sofreu e esteve ao seu lado nos dias mais sombrios.

Será que era aquele envolvimento amoroso com Ricardo que faziam essas questões pesarem mais na consciência de sua amiga?

Mesmo assim... por que só agora?

— Depois de todos esses anos, e você vai encucar com os mistérios dos Valverde logo agora, minha querida, logo em dia de festa?

— Sim, Valquíria, e por que nunca questionamos realmente isso antes? Por que quando conversamos sobre isso nunca vamos mais a fundo? Será porque estamos sempre afogadas no amor e nos luxos que eles despejam em cima de nós?

Valquíria se aproximou e segurou carinhosamente um dos ombros de Letícia.

— Minha querida, nós não somos bobas. Ana e Dolores podem ser, e é essa inocência delas que amamos, mas nós duas não somos. É obvio que todo esse dinheiro e esses segredos dos Valverde tem origem sombria, até mesmo ilegal. Talvez sejam uma dessas máfias antigas e poderosas, ou assassinos, sei lá...

Por um segundo ela sentiu um calafrio, pois recordou de algo que nunca colocaria em palavras, nem mesmo para Letícia. Era a lembrança de uma daquelas noites em que decidia se embriagar em seu quarto até praticamente desmaiar. E em uma dessas noites ela ousou sair do quarto até o jardim do Casarão. A lua estava quase cheia e ela podia enxergar quase tudo com seu único olho, até mesmo as formas de duas criaturas peludas e enormes que surgiram num ponto do bosque, mas que desapareceram assim que perceberam sua presença.

Dois monstros de pesadelos que lhe remeteram a implacáveis lembranças da noite em que as paredes do salão do Casarão Violeta foram tingidas de sangue. Uma visão tão poderosa que a fez correr de volta para o quarto e abrir mais duas garrafas de vinho, terminando por vomitar em todo o banheiro.

E se lembrava como pouco depois Roberto e Ricardo voltaram para o Casarão, sabe-se lá de onde, conversando enquanto subiam as escadas e cruzavam o corredor próximo ao quarto dela.

Aquilo tinha alguma ligação... Dois irmãos... duas feras e tantos mistérios. Natâniel que aparentava não envelhecer. Nenhum deles aparentava, todos belos, com aqueles olhos que por vezes cintilavam como os olhos dos monstros...

Ah, mas essa desconfiança nunca deveria avançar. Para o bem de sua própria sanidade.

— O que sei é que o amor deles é real, e que eles nos protegem na nossa ignorância, ou está duvidando disso agora?

— Não, eu não estou duvidando disso. Eu não duvido da minha relação com Ricardo ou com qualquer um deles, é só que...

— Tem algo mais, não é?

Letícia enxugou rapidamente uma lágrima que escapou de seu rosto enquanto tomava um gole da caneca, e de repente, justamente quando ergueu casualmente os olhos para as janelas do Casarão, pareceu se assustar com algo.

— O que foi, Letícia? Você está com medo, e não é de hoje que percebo isso.

Valquíria olhou na mesma direção, sem encontrar nada de anormal. Luzes, dança e risos dominavam todas as direções.

Letícia engasgou algumas palavras, como se no mesmo instante desistisse de expô-las, e logo em seguida entornou todo o conteúdo restante da caneca e forçou um sorriso.

— Você está certa, Madame. Hoje é um dia de festa, e festejar é o que vou fazer.

Valquíria não gostou nada daquela resposta, mas pelo que conhecia da amiga sabia que não adiantava mais bater naquela tecla.

“É uma bebida especial”, tinha dito Ricardo mais cedo, servindo-lhe uma cerveja com um gosto forte, mas gostoso, e vinda de algumas garrafas sem rótulo separadas num freezer exclusivo para a alcateia.

Madame Valquíria chegou a provar, mas nem ela e nem Letícia pareciam gostar daquela estranha “cerveja artesanal”.

— A última vez que ousei beber um copinho disso passei mal por dois dias — disse a matriarca, puxando Roberto para dançar.

André tinha adorado o sabor, e tinha ficado surpreso com a facilidade deliciosa com que o álcool afetava seus sentidos, coisa que dificilmente as bebidas comuns lhe proporcionavam após ter se tornado um lobisomem. Bebia o líquido gelado, vez ou outra brindando mais Ricardo ou a um relutante Natâniel, em comemoração as proezas de sua iniciação na noite anterior.

Agora era um lobisomem beta da Valverde, aprovado pelo próprio alfa. E que prazer sentia ao se lembrar da caçada, da adrenalina selvagem explodindo em suas veias, do banquete de sangue. Até mesmo a limpeza dos corpos tinha sido uma experiência interessante, quando devoraram a maioria dos malditos, queimando os restos junto com o galpão.

Ah, era impossível não se lembrar da beleza das chamas ao olhar para aquela imensa fogueira que queimava no meio da festa. Como se sentiu poderoso e invencível.

De repente uma das toras de madeira em chamas estourou, rolando alguns centímetros para o lado, o que fez André levar um susto, mas nada comparado a Letícia que também contemplava o fogo ao seu lado. A mulher deu um berro e pulou para trás, levando uma das mãos ao peito e deixando o copo de bebida cair na grama.

Ricardo e ele riram da reação, mas Letícia não os acompanhou, permanecendo assustada, com os olhos arregalados. André podia ouvir o coração dela acelerado e notar com clareza o tremor que a dominava. Até mesmo o cheiro dela mudou, com o aroma de medo sobrepujando o doce perfume. Letícia estava mesmo apavorada.

— Letícia, o que foi? — se aproximou Ricardo, a enlaçando com delicadeza, mas ela se afastou apressada para longe da fogueira, sem dar atenção a ninguém.

— Será que ela provou da nossa bebida? — André brincou, virando-se para Natâniel.

— Não, Letícia anda meio assustada ultimamente — Natâniel respondeu, daquele jeito sério e meio carrancudo. Estava com aquele humor desde o dia anterior.

— Lua acha que ela está desconfiando da gente.

— Pode ser... mas por que só agora?

Só que André não queria se preocupar com Letícia ou com qualquer outra coisa. Estava tão feliz, de um jeito que não se lembrava de já ter estado, e não queria que nada estragasse aquilo.

Fora que também tinha aquela maldita rabugice de Natâniel, e André precisava dar um jeito naquilo.

A banda de forró começou mais uma frenética canção e André puxou o carrancudo namorado para um beijo rápido. Em seguida tentou arrastá-lo para onde a multidão dançava, mas o outro fincou os pés na grama.

— O que você está fazendo? — Natâniel rosnou, se desvencilhando.

— Vamos dançar! É um pecado para o sangue nordestino da minha família ouvir um forrozão desses e não dançar.

— Agora não.

— Por que não? Não vejo hora melhor! Ou vai me dizer que tá com medo do que esse povo vai falar ao ver dois homens dançando juntos? Qualquer coisa a gente devora eles também — brincou André, mostrando os dentes e dando um rosnado jocoso.

Natâniel fechou ainda mais a cara.

— Vou ao Casarão e já volto. Me lembrei de umas coisas que fiquei de resolver para Flávio — disse ele, dando as costas e se afastando de modo abrupto.

Por um momento André ficou imóvel, sem realmente compreender o que estava acontecendo, pois conseguia entender os temores que Natâniel possuía com a possibilidade de André perder toda a sua humanidade, mas além daquilo não ter acontecido, já era tarde demais para Natã permanecer assim tão afetado.

Pensou em ignorá-lo mais uma vez, como já tinha feito várias vezes desde sua iniciação. A festa estava maravilhosa, com bebidas que o embriagavam e comidas deliciosas que satisfariam até mesmo aquela sua fome licantrópica, então porque estragar o momento? Mas isso também já era tarde demais. Já estava farto e não toleraria mais aquele comportamento de Natâniel. Sendo assim, deu mais um gole na cerveja especial e marchou em direção ao Casarão Violeta.

O encontrou no quarto que dividiam, abrindo alguns e-mails no notebook.

— Vem cá, qual é o seu problema? — disse, fechando a porta do quarto atrás de si.

— Agora não é o momento, André. Aproveite a festa — Natã respondeu, sem tirar os olhos do aparelho.

— A festa que você está estragando com essa sua cara de bunda?

— Se você voltar para a festa não vai precisar olhar mais para a minha cara.

André arfou irritado.

— Isso não é justo, Natã! Era para você está comigo lá fora, se divertindo comigo, comemorando comigo. Era para você está feliz por mim.

— Feliz... — resmungou Natã, ainda de costas, sentado na cadeira do computador.

— Porra, para de me ignorar! Olha pra mim quando eu falo com você! Por que você tá me tratando desse jeito? — André se alterou, se assustando consigo mesmo ao sentir a pele do corpo arrepiar como quando se preparava para se transformar.

Natâniel enfim se virou para ele e ficou de pé.

— Porque eu estou com medo de você, André. Eu estou com medo do que eu vi ontem e principalmente do seu comportamento agora.

— E o que eu fiz de errado, Natã? O que eu fiz que você não fez, ou que nenhum outro lobisomem faz normalmente? E fiz bem! Eu me empenhei, independentemente de qualquer erro de iniciante, tanto que nosso próprio alfa me elogiou. Ricardo e Roberto se mostraram felizes por mim, e até mesmo a antipática da Bianca veio me cumprimentar. Só você que está desse jeito...

— Então você matou todas aquelas pessoas e não sentiu nada?

— E por que eu deveria sentir? Por que eu deveria me compadecer de bandidos? — André respondeu, mas no fundo estava mentindo. Havia sentido algo

sim, um pequeno incômodo que certamente se chocava com sua velha moralidade humana, mas ainda não tinha tido tempo de pensar consigo mesmo sobre aquilo.

Ainda assim, o outro não tinha o direito de roubar seu momento.

— Então é isso? — Natã franziu cenho. — Vai aderir agora o discurso troglodita e raso de “bandido bom é bandido morto”?

— Não, não se trata disso. Meu amor, não é mais sobre eu ser contra coisas como a pena de morte. É sobre agradar a fera interior, como Flávio disse. É sobre viver como um lobisomem e as nossas inevitáveis necessidades, e se para isso eu tiver que livrar o mundo de malfeitores, eu assim farei tranquilamente.

Natãniel deu um riso amargo ao ouvir aquilo.

— E você possui o julgamento necessário para dizer qual transgressor das leis humanas merece ser devorado por você? — completou Natã, amargurado.

— Natã...

— Você cita Flávio como se isso trouxesse uma legitimidade ao seu argumento, mas você não notou que não foi o caráter daquelas pessoas que fez nosso alfa as escolher como caça. Nossa alcateia não agiu em nome de uma benfeitoria para a humanidade, e sim simplesmente porque aqueles tolos humanos traíram e roubaram a empresa que leva o nosso nome.

— Então eles tiveram o que mereceram.

Natã sacudiu a cabeça e parecia estar prestes a chorar.

— O André que eu conheço é melhor do que isso. O André pelo qual me apaixonei, que passava horas discursando maravilhosamente para mim sobre como a sociedade parecia estar perdendo a humanidade. Esse André que se compadecia, teria contestado tudo, ou pelo menos refletido sobre.

— Pelo amor de Deus, Natã, do que você está falando? Esses temas não cabem mais dentro da nossa atual perspectiva. Meus velhos posicionamentos políticos não se mantêm os mesmos nesse mundo da Noite. Se quer questionar alguma coisa junto comigo, então que questionemos sobre uma nova ótica moral.

— Mas a velha ótica também faz parte de nós, André — Natã acabou se exaltando. — Essa moralidade humana ainda persiste em nós mesmo quando nos transformamos em monstros. Pois é num mundo humano que vivemos, com humanos a nossa volta. Olhe para este casarão, para as pessoas lá fora, se lembre da família que você foi visitar. Nós amamos e ainda fazemos parte deste mundo, e uma hora ou outra a moralidade deste mundo nos cobra o preço.

Seria o efeito da bebida? André ficou tonto por um instante.

Ah, por que não tinha deixado Natãniel para lá e permanecido na festa? Por que se estressar com aquilo? Estava tão feliz até entrar naquele quarto. Mas os olhos decepcionados de Natãniel o impediam de ir embora, ao mesmo tempo que o feriam e o deixavam ainda mais furioso.

Pois, quem era Natã para encará-lo daquela forma, como se André fosse a pior das pessoas?

— Você quer a verdade, Natã? Você quer saber o que se passa no meu coração? — disse, com lágrimas de revolta brotando. — A verdade é que eu gostei de matar aquelas pessoas. Eu gostei de provar a carne delas. Eu gostei de caçar em grupo, da união que tivemos onde eu quase podia me sentir dentro de todos vocês e possuindo todos vocês dentro de mim. De fazer parte de algo maior do que eu mesmo...

— André, a questão...

— Eu gosto dos meus novos sentidos, do cheiro das coisas, da minha força, das minhas presas, do meu poder. Esse poder que você possui, mesmo odiando, desde os seus treze anos de idade. E eu gosto principalmente de não sentir mais medo de tudo — desabafou, enxugando as lágrimas. — E esse medo você nunca conheceu. O medo de coisas tão absurdas. Medo do simples fato de caminhar na rua, torcendo para não apontarem uma arma em sua cabeça e levarem seus pertences. Ou de apanhar ou morrer apenas por ter demonstrado carinho para com alguém do mesmo sexo... ou só porque o jeito de andar, de se vestir ou de falar não é masculino o suficiente.

— E eu nunca tive meus medos? Você leu minhas memórias, André. Você sabe o que eu passei...

— Sim, todos sabem, Natã! Todos sabem sobre seus medos e dores, pois a *única* coisa que você sabe falar é o quanto o mundo da Noite te machucou. Só o que importa é o quanto você sofreu. Pobre Natâniel, o lobisomem sofredor! Você carrega essa ladainha como se fosse a cruz do próprio Cristo, e pra piorar quer que eu sinta como você, mas eu não sinto. Eu me compadeço da sua história, de verdade, mas não é a *minha* história.

Ambos fizeram um ligeiro silêncio, cada um enxugando as próprias lágrimas. Natâniel parecia derrotado, sentado na lateral da cama de casal, olhando para o chão, sem conseguir encarar o namorado de volta.

— Eu tenho medo de você se perder, André. Tenho medo da Noite transformar você, como já vi transformar outros lobisomens e demais seres.

— Eu entendo.

— Não, meu amor, não entende não. Ainda não — ele contestou, erguendo os olhos. — Você não conheceu a loucura de lobisomens como Labrador. E Flora, mesmo assustadora, ainda mantém uma misteriosa aura de encanto. Os vampiros parecem ser apenas vilões distantes agora. Além deles, você não conhece os seres que perderam sua moralidade na Noite, e que se tornaram realmente monstros cruéis e limitados pela própria loucura. Você só conhece a alcateia e isso é bom

para você... Só me resta torcer para que você se inspire no melhor que a Valverde tem a oferecer.

— Natâniel — André se aproximou, se ajoelhando na frente dele, mais uma vez se impressionando como uma pessoa, após tantos anos, ainda podia o afetar de modo tão poderoso.

Era isso o amor, essa faca de dois gumes?

— Me perdoe — Natâniel o interrompeu. — Você está certo, eu não deveria ter entrado nesse assunto agora.

— Não, não deveria, pois você não me permitiu tempo para viver o momento — André respondeu, mas com carinho. — Tudo ainda é tão recente. E talvez você esteja certo, talvez a velha moralidade venha cobrar seu preço depois e nisso eu terei que repensar tudo de novo, e de novo, e nisso me angustiar. Ou talvez não, talvez eu não dê a mínima, pois não me arrependo e não consigo não ficar grato. E pode ser cedo para o que vou dizer, mas eu não temo a corrupção da Noite, pois tenho Flávio, Lua e os outros. Eu tenho você e o seu amor. Esse amor colossal. E eu posso contar com esse amor, não posso?

— Com toda certeza — sussurrou Natã, escapando um sorriso.

André o puxou para um beijo demorado e caloroso, mas antes que o desejo os dominasse por completo se forçou a se distanciar.

— Então volte para a festa comigo. Comemore comigo, mas não pelas mortes ou pela minha insensibilidade para com elas. Comemore estarmos juntos e esse amor que temos pra dar um ao outro.

Natâniel suspirou e enxugou a última lágrima.

Mais da metade do público já tinha ido embora quando a última banda de forró da festa já tinha começado a tocar, e Letícia ainda se esforçava para convencer a si mesma de que o susto fora obra do álcool, e quase conseguiu acreditar. Afinal, tinha bebido mais do que devia para tentar aplacar as conflituosas e confusas emoções que a torturavam, mas no fim das contas não lhe restava mais dúvidas: tinha visto mesmo o fantasma de Franciele na fogueira.

A pele esturricada de Franciele, os olhos explodindo em chamas, junto das brasas da madeira pipocando para fora da fogueira. Mas para ela tinha sido mais do que um pequeno estouro na lenha, e sim um berro desesperado irrompendo das chamas, além das mãos escuras do fantasma queimado sendo arremessadas em sua direção.

Ou era isso, ou estava enlouquecendo novamente.

Mas como falar com eles sobre o que vira e sobre os sonhos e sensações que a assombravam recentemente? Talvez Valquíria lhe desse ouvidos, e Letícia sentia ter perdido a chance de ter desabafado tudo mais cedo, mas agora era tarde. E talvez precisasse refletir sobre aquilo tudo consigo mesma para que quando buscasse a compreensão não soasse como maluca.

Ah, como era orgulhosa. Tanto que o orgulho sobrepujava até mesmo aquele pavor atual?

Se acalme – ordenou a si mesma.

— Você está tremendo — Ricardo se preocupou, a abraçando e a acompanhando para longe da fogueira, conseguindo um pouco de privacidade próximo ao jardim.

Ele sim estava bêbado, por mais que disfarçasse muito bem. E quem não ficaria ao ingerir aquela horrorosa cerveja que ele agora bebia direto da garrafa sem rótulo?

De repente, algumas crianças passaram correndo e gritando, o que a fez dar mais um pulo assustado.

— Letícia, o que você tem?

— Eu estou bem.

— Não está não.

— Eu só bebi demais, mas não tanto quanto você — respondeu, erguendo os olhos para a janela do próprio quarto, desejando ir para lá e se isolar de toda aquela multidão que parecia a estar encarando e julgando, como quando na época em que as mulheres de bem de Santa Sofia mudavam de calçada par não ter que cruzar com ela ou com qualquer outra “vagabunda do Casarão”.

E, meu Deus, lá estava Franciele dançando em meio à multidão... não, era só impressão sua, era só o álcool.

Lutou para afastar as memórias dos sonhos, de Franciele queimando, ou de sua feição derrotada e furiosa de quando tinha sido traída por Letícia e Isabella... Ah, e por que essas lembranças de novo?

Voltou a olhar para a janela do quarto e por um segundo pensou ter visto o sinistro rosto pálido de Franciele lá também.

Droga! Além do medo, estava se sentindo uma completa idiota. Temia votar para o quarto sozinha, ao mesmo tempo em que se deixava refugiar nos braços daquele homem com o qual passara a desconfiar as coisas mais absurdas.

De todo modo, entre o fantasma de Franciele e os mistérios sombrios dos Valverde, ficava com os mistérios. Além de que nunca parou de desejar Ricardo, mesmo que agora flutuasse desconcertantemente entre a desconfiança e o prazer. E eis que essa podia ser a solução do momento; aproveitar a embriaguez dele e o

seduzir para o quarto, para uma festa bem particular, onde qualquer fantasma seria ofuscado por beijos e carícias ardentes.

— O que acha de fugirmos um pouco? — sugeriu ela, apertando os seios contra a curva do peito musculoso dele.

— Para onde?

— Para o meu quarto, onde mais?

— Humm... acho que agora entendi — ele sorriu, a voz pastosa e a face vermelha da embriaguez.

É, ele estava realmente bêbado, e o modo como as pernas dele lutavam com a perda de equilíbrio só confirmavam isso. Ainda assim conhecia as capacidades sexuais de seu parceiro o suficiente para saber que ele funcionaria mesmo que tivesse que deixar toda a iniciativa no comando dela. Mas Letícia teria que aproveitar a chance agora e proibi-lo de abrir mais uma garrafa daquelas.

Por sorte avistou Roberto não muito longe, e ele parecia já está indo se recolher também.

— Algum problema, Letícia? — perguntou ele, com seu costumeiro jeito direto, mas dava pra notar que ele também não estava muito sóbrio.

— Apenas uma ajudinha aqui com o seu irmão que bebeu demais e está trocando as pernas. Eu faria isso só, mas também bebi mais do que devia.

— Então somos três, mas daremos um jeito — Roberto sorriu, o que o deixou ainda mais parecido com Ricardo, e isso devia ser efeito do álcool, já que Letícia não se lembrava a última vez que tinha visto um sorriso naquela bela face.

Um de cada lado de Ricardo, o amparando com discrição, principalmente ao cruzar o salão do Casarão, onde os poucos convidados ricos da redondeza bebiam suas últimas taças de champanhe, Letícia e Roberto subiram as escadas com cuidado. E no trajeto ela percebeu que estava mais bêbada do que acreditou inicialmente. Ela estava rindo, enquanto os três tentavam acertar os passos sem perder o equilíbrio.

O novato André desejou boa noite no corredor, ou teria sido Lua? Não importava mais, haviam chegado no quarto dela, e sem nem mesmo acenderem a luz, deixaram Ricardo cair de costa na cama enquanto lhe tiravam os sapatos e a roupa.

— Não é melhor colocá-lo um pouco no chuveiro? — Roberto perguntou, desbotoando a calça do irmão.

— Talvez sim, e se ele tiver que vomitar já faz isso lá no banheiro mesmo — Letícia respondeu.

— Não vou vomitar, gente, eu já estou melhor... me curo fácil — disse Ricardo. — A gente se cura fácil, né irmãozinho... — complementou, fazendo uma

careta logo em seguida, como se tivesse deixado escapar um segredo, apenas para cair na gargalhada.

Roberto se engasgou e riu também, visivelmente confuso com o teor da conversa, seja essa qual fosse.

— Cuidado com o que você diz, Ricardo — ele completou.

— Vocês da Valverde e seus segredos — brincou Letícia, envolvendo os ombros de Roberto e aproveitando para roubar-lhe um gole do copo que ele ainda segurava na mão direita, apenas para se lembrar tardiamente que se tratava daquela fortíssima cerveja estranha.

Ricardo riu ao notar a careta que ela fez.

— Forte e misteriosa... e até excitante, devo confessar... como todos vocês — Letícia comentou, usando de sua velha sensualidade de dama do Casarão Violeta para manter o clima animado e livre de amarras.

Talvez, sem querer, tinha achado o momento perfeito para conseguir arrancar alguma coisa daqueles dois.

— Cuidado, irmão, que alguém está tentando nos manipular com sua beleza — brincou Ricardo, estirando as pernas e as descansando folgadoamente, uma sobre o colo do irmão e outra no da amante.

Letícia estremeceu com aquele toque, olhando da imagem pornográfica do homem de cueca em sua cama para o outro ainda vestido, mas mantendo o mesmo sorriso alcoolizado, e sentiu o súbito desejo de possuir os dois.

Sabia o quão delicioso era ter Ricardo em seus braços, mas quão melhor ainda deveria ser ter os dois, que mais pareciam gêmeos de tão semelhantes?

Mas aquele desejo era uma bobagem e um desperdício de situação. Devia focar no que era importante, já que dos três era a que claramente estava mais sóbria.

— E então, vão me explicar o motivo de tantos segredos para comigo, ou estão apenas brincando com a minha cara? — disse ela, acariciando os pelos da coxa de Ricardo com uma mão, enquanto tocava os cachos do cabelo do outro.

Roberto ruborizou com o toque.

— Não podemos contar, são as leis — disse ele, a voz mais embargada que antes, talvez pelas sensações que o toque da mulher lhe proporcionava.

— E se a gente contar você não vai acreditar — o outro complementou.

— Por que não faz o teste?

Os irmãos se entreolharam.

— Porque somos lobisomens, minha cara — respondeu Ricardo.

A confusão dominou o ambiente por alguns segundos, mas o silêncio foi quebrado por risos que se tornam uma longa gargalhada.

— Vocês vão mesmo me deixar curiosa?

— Sim, pois pensei em algo muito melhor pra fazer agora — provocou Ricardo, se sentando e aproximando o corpo do de Letícia.

Ela aceitou o beijo na boca, sentindo o coração acelerar e o sangue correr mais forte nas veias. Sabia que havia perdido aquele jogo e que já era tarde demais para fugir do chamado de seus próprios desejos, enquanto sentia aquelas mãos grandes lhe descobrindo os seios, afundando dentro de seu vestido para brincar entre suas pernas. Oh, quão forte era o calor que lhe tomava conta, e não existia mais temor e desconfiança, quase até mesmo esquecia a presença de Roberto que os observava em silêncio.

Mas *só quase* esquecia.

Foi então que Ricardo se afastou um pouco, arfando, com aqueles sedutores e selvagens olhos cintilantes olhando dela para o irmão, como se pedisse alguma muda permissão, ou apenas esperasse que Letícia decidisse os rumos daquela noite.

Sem pensar duas vezes, ela se virou para Roberto e o beijou, perdendo rapidamente o receio de desbravar a rigidez daquele corpo, notando mais uma vez surpresa como os irmãos se pareciam, da proporção de pelos ao diâmetro do sexo. Quase tendo um orgasmo apenas por sentir aquele corpo, enquanto as mãos de seu amado a tocavam daquele modo conhecido.

E então foi a vez de Letícia se afastar, encarando os dois lindos homens em sua cama, e novamente naquela comunicação muda, os irmãos compreenderam o desejo dela e também se beijaram com voracidade.

Letícia gemeu, tendo seu primeiro orgasmo diante de tal visão, e sem se demorar mais se enfiou em meio a deliciosa confusão de músculos, paus e pelos. De repente rindo ao se lembrar da resposta jocosa de Ricardo.

— Lobisomens... meus lobisomens — gemeu, sentindo as duas bocas na sua.

Sim, que fosse ela repartida e devorada com brutalidade por aquelas duas feras. Que não sobrasse nada dela para Franciele assombrar.

PARTE II

NOITE ADENTRO

*“Acorde, meu filho! A canção não vem dos lábios da morte.
O sol amanheceu cruel e sem calor, mas a noite...
Ah, a noite é eterna.”*
(O FANTASMA DE JOÃO GRACILIANO)

Muito São os Seres Que Vagam Na Noite

Assim começou para André o que os outros lobisomens chamavam de “aprendizado no mundo da Noite”. Ainda tinha tanta coisa para aprender na prática sobre os lobisomens: quais eram as alcateias mais importantes, quem dominava qual território dentro e fora do país, como socializavam entre si... que muitas foram as viagens que fizera junto do sempre ocupado Flávio Valverde.

Mas os treinos para controlar a transformação e as táticas de luta, tanto na forma humana, quanto na de fera, continuavam, e sempre havia um beta, ou o próprio alfa, disponível para lhe ensinar. Quando não havia uma área verde propícia por perto, Flávio reservava algum galpão ou prédio da Valverde, ou de outra alcateia aliada, para os treinos do jovem beta.

André se mostrou um aluno dedicado, mesmo que preferisse muito mais aprender sobre as culturas e políticas da Noite do que nos treinos de luta e defesa pessoal, e sempre que encontrava tempo livre podia ser visto batucando ferozmente o teclado de seu notebook, empenhado em sua função de cronista e estudioso da Noite.

A primeira viagem foi para Brasília, onde foi apresentado oficialmente como um novo beta da Valverde para a alcateia Lamannara, que ele já conhecia de vista, mas dessa vez pode se socializar muito mais com a sedutora Albertina e a divertida Catarina com seus papos de nerd.

“Elas me trazem uma nova perspectiva sobre as mulheres lobisomens e sobre a posição das mesmas no mundo da Noite” – André escreveu em seus arquivos digitais.

“Pois, até então, as lobisomens que conheci demonstravam as mesmas capacidades que os machos, e aparentemente possuíam igual importância na alcateia.

Principalmente no caso dos licantropos, a Noite não aparenta ser regida pelo machismo institucionalizado, ou pelo menos não com a mesma força que no mundo humano, e por isso me foi chocante saber que a alcateia Lamannara saiu praticamente fugida de Roma, da antiga e poderosa alcateia Lupercius, por não querer se submeter as tradições patriarcais antiquadas dos lobos italianos.

Mas que tradições seriam essas? Que liberdades elas ganharam ao buscar refúgio como uma alcateia vassala da Valverde? Que histórias elas teriam para me contar? Por enquanto, posso apenas especular, enquanto admiro a beleza desconcertantemente sedutora de Albertina (sim, ela lembra mesmo a atriz Monica Bellucci) enquanto trata de negócios entediantes com Flávio, ou os intimidadores trejeitos masculinizados da gigante Pietra, de poucas palavras, ou da brasileira Catarina e sua interminável conversa sobre computadores e tecnologias.

Ah, e também Leone, claro. Foi ela quem mais chamou a minha atenção.

Essa mulher de delicada beleza asiática não tem a mesma presença vibrante que as outras de sua alcateia, e é bastante econômica em suas palavras, mas deve ser a minha faceta LGBT que me fez ficar tão fascinado por Leone.

Primeiro que, e devo me envergonhar disso, percebo que a sigla T é um mundo totalmente novo para mim, e que muitos dos pensamentos que eu tenho sobre pessoas transexuais nasceu de nossa cultura machista e transfóbica. Toda essa recente discussão sobre gênero é algo que só agora passo a refletir mais a fundo, e confesso ser um tema até mesmo assustador, pois abre portas para tantos questionamentos que abalam o status quo social e até a própria maneira com a qual me enxergo como homem. Um outro fator que contribui para isso é o fato de eu nunca ter tido amigos trans, e pensando bem, nem mesmo com lésbicas eu tive um contato mais íntimo. É ridículo como nós ignoramos até mesmo as questões de pessoas que fazem parte da nossa própria luta.

Sendo assim, quero algum dia ter a intimidade necessária para poder me sentar com Leone e conversar sobre tudo isso, já que meio que travei em sua presença. Até porque temi ser rude em minha curiosidade mórbida, e essa timidez é até normal vindo de mim, mesmo que todos comentem o quão me tornei uma pessoa muito mais sociável após minha transformação.

Devo também tomar cuidado para não a tratar como uma criatura de espécie exótica a ser estudada (da mesma forma que heteros me tratam as vezes), mas é impossível não ficar curioso com sua história. Antes de lobisomem na vida real, fui um consumidor do lobisomem da cultura pop, e nesses produtos encontrar uma mulher lobisomem é algo raro, imagine uma mulher trans? Então, como não ficar fascinado?

E já que entro nesse assunto, me é curioso a liberdade sexual que parece existir na Noite. Geralmente seus seres, mesmo se passando por humanos e com uma formação inicial moldada na cultura do ser humano comum, não costumam se classificar como hetero, homo ou bissexuais. Exemplo: ao meu ver Natâniel é bi e Flávio é aparentemente hetero, mas nenhum deles realmente parece se questionar sobre isso, e quando comento sobre pautas LGBT em discussão que vejo na TV e internet, eles não possuem nenhuma opinião relevante.

Talvez devesse ser assim no mundo humano também, mas diferente da Noite, no mundo onde eu vim não adianta dar uma de não rotulável, quando a própria sociedade o rotula e o trata de forma diferente por isso.

Nota: Um dia quero estudar profundamente o comportamento sexual dos seres da Noite. Será que eles abandonam esses rótulos assim como abandonam outros conceitos de moralidade humanos por viverem mais que os reles mortais? E porque alguns grupos, como os Lupercius, possuem estilo de vida ainda tão patriarcal? Por que muitos vampiros, mesmo após séculos de existência, ainda mantêm comportamentos heteronormativos?”

A viagem seguinte foi para São Paulo, diretamente para o majestoso prédio sede da Corporação Valverde, agora dirigido por alguns membros da alcateia Noguera, também vassalos da Valverde, e que passaram a comandar o estado paulista após Flávio e seus betas se mudarem para o Casarão Violeta. Possuem o mesmo gosto de Flávio e Natâniel por paletós de homens de negócios e trataram dos mesmos assuntos administrativos, e por eles André só demonstrou o interesse que sentia por qualquer outro lobisomem.

“Quase implorei para Natâniel me salvar daquela interminável reunião administrativa, onde eu apenas fingia ouvir tudo o que eles discutiam, mas preferi seguir a linha do novato obediente. Ainda assim, algo me chamou a atenção, quando um certo laboratório foi citado superficialmente.

Natã me disse que os Noguera são conhecidos por sua paixão pela ciência e pelo estudo da própria espécie por meio dessa ótica, e que junto com a Valverde fundaram um laboratório com o intuito de conhecerem melhor a biologia dos lobisomens e de outros seres da Noite, trazendo assim um pouco de luz científica sobre os mistérios sobrenaturais. Tudo de acordo com as leis, aprovado e observado de perto pela Geneoziz.

Imaginei um cenário de ficção científica, onde aqueles lobisomens engravatados trocavam paletós por jalecos escuros e manuseavam equipamentos sofisticados (e por que não macabros) enquanto manipulavam genes, mapeavam as células responsáveis pelo nosso fantástico fator de cura, criando assim a solução para o câncer e a AIDS, mas que nunca serão compartilhados com o mundo humano comum, onde os grandes impérios farmacêuticos capitalistas preferem não curar ninguém.

E falando no mundo humano, pela primeira vez me sinto mais interessado por ele do que dividir a mesa com qualquer outro lobisomem, pois quem diria que algumas manifestações relacionadas ao preço de passagens de ônibus desse início a protestos explosivos por todo o Brasil?

Luís e Gabriel me causam inveja ao postarem fotos em meio aos protestos, fugindo de bombas de gás e da truculência policial. E que visão grandiosa foi a da população invadindo a cobertura do Congresso Nacional. Me arrepiei enquanto acompanhava pela TV.

Nota: Futuramente quero entender melhor como a Noite influência na política do Brasil, e por meio disso entender um pouco mais de política em si. Percebo como sou analfabeto com relação a isso e me envergonho.”

Eles não se demoraram muito na cidade de São Paulo, e no máximo André conseguiu visitar alguns pontos turísticos durante o dia, já que, devido as últimas tensões entre os Valverde e alguns vampiros por causa do escritor, não era prudente que André fosse levado a presença de outras raças dominantes, principalmente os bebedores de sangue.

Enquanto isso, uma notícia nada agradável do Casarão Violeta chegou por meio de uma ligação de Bianca: David tinha sido levado às pressas para o hospital após sentir uma violenta tontura que o fez cair e se machucar, mas felizmente já receberia alta no dia seguinte. De todo modo, o velho telepata parecia cada dia ficar mais debilitado, por vezes se esquecendo das coisas que havia acabado de fazer e dizer, ou se perdendo dentro da própria casa.

— Agora não podemos mais protelar isso. David precisa se aposentar, e vamos precisar de um novo telepata — disse Flávio, enquanto a limusine avançava pelo trânsito congestionado da grande metrópole, em direção ao aeroporto.

— Será que ele vai ficar bem com isso? — André perguntou, se lembrando da longa conversa que teve com o amável velho, quando este lhe contou sua história de amor e superação. — Ele me parece ficar tão melancólico quando vocês não o chamam para as missões.

— Eu sei, mas não temos escolha. Além disso temos que prezar pela saúde dele. David tem quase cem anos.

— Um outro telepata como ele, e que já não tenha sido fisgado pela Geneoziz... acho muito difícil encontramos — Natâniel comentou.

— Sim, e não quero um geneozistas bisbilhoteiro na nossa casa.

Quando a limusine parou na entrada do aeroporto, apenas Natâniel e André desceram, pois o alfa ainda tinha coisas a resolver no estado, mas para a alegria do mais jovem, eles não estavam voltando para o Goiás, e sim com destino para Belém do Pará, onde Natã deveria se encontrar com alguns membros mais urbanos da alcateia dos Andarilhos da Lua. E esta viagem foi mais um baque vertiginoso de emoções para André, e não por ele visitar a vasta floresta amazônica ou o mítico Templo de Anhangá (coisas para qual ainda não estava pronto, segundo Flávio), e

sim porque foi no norte do país que ele conheceu mais uma fascinante criatura da Noite.

A reunião com o casal de lobisomens que faziam a ponte entre os seres urbanos e os Andarilhos da Lua foi prazerosa. Eram dois simpáticos paraenses de fala jovial que se encontraram com Natâniel e André em um elegante restaurante da cidade, onde trataram dos assuntos mais entediantes, de negócios a curiosos relatos de disputas de território entre os licantropos e alguns dos encantados.

— Tivemos que ceder, Natâniel — disse a mulher, enquanto traçava um enorme prato de carne mal passada. — As irmãs vão ter que estabelecer outro território de caça, ou pelo menos limitar algumas áreas, pois o local é sagrado e você sabe como os encantados são imprevisíveis. Um dos andarilhos morreu lá, e isso enquanto tentava proteger o local de caçadores ilegais.

— E os caçadores? — Natã perguntou.

— Tiveram um fim pior ainda, as caiporas brincaram com eles por dias até os malditos implorarem para morrer.

André acabou cuspiendo um pouco da bebida ao ouvir o nome “caipora”, tentando abafar o riso.

— Isso é sério mesmo?

— Ah, a inocência desses lobos filhotes — respondeu o homem, em tom de deboche. — Esqueça toda a bobagem que ouviu sobre os encantados, meu filho. Esqueça o Monteiro Lobato, os encantados não são brincadeira de criança.

“Os Encantados. Isso sim me pegou de surpresa, mesmo que não seja a primeira vez que ouço esse nome, e Natâniel me deu uma explicação super interessante que preciso escrever aqui.

Basicamente, os seres da Noite são classificados em três tipos: Transmorfos, Encantados e Humanos Excepcionais.

Os Transmorfos, também chamados de Criaturas Sobrenaturais Físicas, são seres que, independentemente de suas capacidades e atributos sobrenaturais, possuem corpos sólidos e palpáveis, e que obedecem às leis físicas, mesmo que de modo particular. Em sua maioria são humanoides e transmorfos; humanos que foram transformados em outros seres de modo permanente (como os vampiros), ou que podem mudar de forma quando querem (como os lobisomens). Existem também outras raças de seres, mas com a capacidade de se metamorfosearem para uma forma total ou aproximadamente humana. Alguns são imortais e outros vivem consideravelmente. São ativos cultural, política e socialmente no meio humano, e por isso são os mais influentes.

Os Humanos Excepcionais são homens e mulheres com capacidades que a ciência atual ainda não consegue explicar, ou até julga como fraude, sejam estes

possuidores de grandes poderes, ou de pequenos e úteis truques sobrenaturais, mas que não são classificados com uma raça de seres diferenciada. Eles são médiuns, telecinéticos, telepatas, bruxas... nosso David é um deles.

Já os Encantados são seres considerados “mágicos” e que costumam não obedecer nenhuma das leis físicas como conhecemos. São compreendidos como espíritos da natureza, que em várias culturas são chamados de fadas, gnomos, caiporas, mapinguaris, curupiras, etc. Transitam entre o mundo físico e o espiritual, ou até mesmo entre reinos dimensionais. A própria classificação e diferenciação dos mesmos é algo complicado, e de tão raros e misteriosos, tornaram-se lendas para as próprias criaturas da Noite.

Alguns desses nomes que citei acima podem até mesmo nunca terem existido, ou serem variações de manifestações de seres físicos, mas que deram origem a lendas de acordo com a crença cultural. O certo é que eles não se envolvem com a Noite, assim como não se envolvem em assuntos humanos, a não ser por intermédio de um médium ou bruxa, e quando fazem é por motivos próprios.

Sendo assim, quase não me foi dito nada sobre as tais caiporas, a não ser que são espíritos perigosos e imprevisíveis, principalmente para humanos incautos, mas gostaria de realçar as últimas palavras sobre o assunto durante o jantar: a de que muitos acreditam que os encantados estão indo embora desse mundo junto com as últimas florestas, por meio da destruição dos recursos naturais desse planeta pelo capitalismo e seu consumo desenfreado. Se estão morrendo, ou apenas se mudando de dimensão, não se sabe, mas isso é um tema que também pretendo me dedicar a estudar um dia.”

Mas foi um tipo muito particular de encantado o que André conheceu em Belém do Pará. Foi no dia seguinte, enquanto passeava com o namorado pelo fervilhante mercado do Ver-o-Peso, saboreando suas comidas típicas enquanto ouviam uma animada banda de carimbó. A experiência olfativa no lugar era algo quase entorpecente para André. O cheiro de uma infinidade de frutas, algumas que ele nunca tinha visto na vida, e de peixes amazônicos, somado aos temperos, ervas medicinais e as famosas garrafadas mágicas que prometiam desde acabar com mau olhado até trazer o amado de volta.

Em dado momento fizeram uma pausa num quiosque à beira do rio, onde pediram algumas cachaças artesanais, e foi nessa hora que o ser se aproximou.

— Moa! — Natâniel exclamou, reconhecendo o ser e se levantando para abraçá-lo.

Era um homem bonito, de pele bem preta e cabelos crespos formando chamativas tranças que balançavam na altura de sua cintura, enquanto ele se movia de um jeito que geralmente as pessoas julgariam como meio afeminado. Por ser

baixinho e magro, usando uma despojada combinação de chinelos, bermuda *jeans* e camiseta regata florida, podia ser confundido com um adolescente, principalmente devido os grandes olhos escuros que transmitiam uma felicidade quase infantil.

— Veja se não é meu lobão preferido — disse Moa, abraçando e beijando o amigo no rosto e se virando para fazer o mesmo com André. — E você deve ser o tal André, que roubou o coração dele. Mas espera... eu não sabia que você tinha recebido o Dom da Fera.

— É uma longa história, meu amigo — Natã respondeu, sem querer entrar no assunto, e Moa pareceu compreender isso.

“Não é humano”, pensou André no mesmo instante, e não era só o curioso cheiro de flores e ervas que parecia brotar diretamente da pele, o que denunciava a não-humanidade de Moa era uma poderosa e desconcertante aura sensual, como uma força invisível que emanava dele de um modo que André teria dificuldades para explicar quando fosse descrever o encontro em seu notebook.

Natâniel e Moa primeiro conversaram sobre coisas triviais, com o negro explicando que havia se mudado de vez para o norte, devido a necessidade que sentia para com as florestas, e que precisaria daquela ajudinha da Valverde para resolver a questão das ações da empresa que tinha herdado de seu marido que, pelo que André entendeu, havia morrido alguns anos atrás.

— Brasília agora me parece pequena demais, sem graça, e sempre me lembro de Henrique... o que só me deixa ainda mais deprimido — disse ele, suspirando. — Fora os malditos vampiros, que parecem ter se multiplicado absurdamente nos últimos meses. Não estou afim de disputar território de caça.

— Albertina já resolveu isso. Era apenas um clã miserável de jovens arruaceiros, sem nenhuma proteção das grandes casas vampíricas. Foi brincadeira de criança para as Lamannara fazerem o controle populacional.

— Posso imaginar, aquelas rachas arrasam.

— Sim, uma das melhores alianças que Flávio fez nos últimos anos — continuou Natâniel.

— Falando em Flávio, diga a ele que encontrei os matintas ancestrais e que eles aceitaram se reunir no Festival de Fertilidade esse ano.

— Isso é sério? Os ancestrais?

— Sim.

— Eu já estava acreditando que era um mito.

Moa deu mais um sorriso meio amargo antes de responder:

— Se você soubesse onde acabei me enfiando par encontrá-los.

— Me conte.

— Não hoje, pois é um relato longo e torturante que não me fará bem neste momento.

Como era de se esperar, a timidez de André chegava rapidamente ao seu limite diante de assuntos intrigantes da Noite, e sem mais se conter interrompeu a conversa.

— Espera... me desculpe, mas... o que é você? — ele perguntou.

— Ora, sou um matinta, ué. E o mais charmoso que você um dia conhecerá — Moa respondeu, dando um sorriso e uma piscadela, e tal resposta renderia mais alguns longos minutos de André diante do computador mais tarde.

Mas infelizmente aquele encontrou foi rápido, pois a tarde já chegava ao fim e Moa se despediu, distribuindo mais de seus ternos beijos e abraços, dizendo que coisas de matinta o aguardavam, e sobrou para Natâniel responder as enxurradas de perguntas do lobisomem novato.

“Os Matintas: conhecidos também como o povo pássaro, os agourentos, vampiros energéticos e semi-encantados. Mulheres e homens amaldiçoados com o fardo da necessidade de se alimentarem da energia de seres humanos. Durante o dia são humanos comuns, mas a noite podem assumir a forma de pássaros noturnos, ou a de seres bestiais meio humanos e meio aves que podem tanto assustar quanto encantar quem os vê. Sua aparência lembra as harpias da mitologia grega.

É uma pena não ter podido ver Moa se transformando.

Já o intenso magnetismo sedutor que senti nele é comum nos matintas, mesmo na forma humana. Uma espécie de aura hipnótica os envolve, um glamour que realça sua aparência tornando-os irresistíveis.

Podem tanto, na forma de pássaro como na de híbrido, pousar nos telhados e árvores próximas e sugar lentamente a energia dos humanos ao redor, o que nem sempre aplaca suas necessidades. Ou podem seduzir ou atacar a força, dando um beijo que sugará toda a energia vital da vítima até leva-la a morte.

Sendo assim, matar se torna uma necessidade, pois a ausência desse ato, ou de apenas sugar pequenas doses de energia, enfraquecerá o matinta, envelhecendo-o e o deixando fraco e moribundo, mas sem o luxo do descanso final. Dizem que a única forma de um matinta morrer é passando seu fardo para outro humano, ou até mesmo para mais de um.

Uma curiosidade sobre os matintas é que são encontrados apenas no Brasil, e por serem poucos, solitários, reservados e misteriosos, os matintas não se envolvem com as políticas da Noite, preferindo viver em áreas rurais, mas por vezes são vistos no meio urbano, frequentando festas populares. Não costumam interagir com nenhuma criatura da Noite, chegando a fugir quando interceptados.

A única raça que aturam com certa distância são os lobisomens, pois compartilham o gosto pela natureza, além de que as alcateias, com seus grandes recursos financeiros, sempre se empenharam em proteger as áreas florestais restantes.

Algumas classes de bruxos e ocultistas também conseguem contatos e favores dos matintas, mas rumores dizem que apenas as bruxas mor, as Senhoras Elementais, tem total controle sobre os matintas, podendo até mesmo destruí-los com feitiços antigos.

Uma outra curiosidade é que matintas transitam tanto na classificação de Transmorfos quanto na de Encantados, e sendo assim possuem habilidades curiosas:

Movimentos que não obedecem a gravidade. Velocidade que rivaliza com vampiros e lobisomens. Transformar-se em uma grande coruja ou no costureiro híbrido humano-pássaro. Empatia apurada; capacidade de sentir as emoções de pessoas e animais a sua volta. Controle sobre os pássaros. Glamour e o perigoso beijo da morte.”

E para o deleite de André, algo ainda mais excitante aconteceu. Foi durante a noite, enquanto Natâniel já dormia na cama do hotel e André terminava de escrever suas impressões de Moa no notebook.

Já se preparava para dormir também, quando os pelos de sua nuca se arrepiaram e seu afiado instinto de lobisomem o fez girar nos calcanhares, em direção a janela que dava para a baía de Guajará, onde um enorme pássaro estava pousado no batente.

A coisa parecia uma coruja gigante, com olhos enormes cintilando como a lua lá fora. André rosnou, mostrando as presas que já cresciam, ao mesmo tempo que estranhava o fato de Natâniel não estar desperto, como se tivesse caído num encantamento, e era justamente isso o que acontecia.

O mesmo encantamento começou a afetar André, quando o pássaro gigante desceu da janela para o chão do quarto, mudando suavemente de forma até se parecer com algo que lembrava um homem.

André prendeu o ar ao se deparar com a beleza da criatura que exibia o rosto de Moa, mas com olhos maiores e reflexivos de uma ave de rapina. Uma escura penugem reluzente cobria parte do corpo nu, pequeno e de músculos compactos de Moa, nas laterais do rosto e no pescoço, até chegar na plumagem dos ombros, onde um par enorme de asas azuis escuro nasciam das laterais do tronco e se ligavam aos braços. Parecia que o ser vivia em constante metamorfose, pois uma hora exibia perfeitos pés humanos, e em outra as garras de ave.

Uma harpia, um anjo... André tentava fazer alguma ligação comparativa para escrever sobre depois, e enquanto isso a aura magnética do matinta fazia seu trabalho, despertando o desejo em cada célula do corpo de André.

— Você é lindo — disse o lobisomem, suspirando.

— Eu sei — o matinta respondeu, se aproximando e tocando o rosto de André com seus dedos esguios e de garras afiadas. — E também sei que você queria me ver nessa forma.

— Sim... — foi o máximo que André conseguiu responder. O quarto em volta parecia um sonho, onde apenas o rosto escuro do matinta importava. Que magia era aquela? Podia um lobisomem ser dominado tão fácil assim?

Todo o corpo de André tremia em um prazer entorpecente.

Os lábios grossos e macios de Moa alcançaram os de André, e quando as línguas se encontraram, uma ínfima, mas ainda resistente, parte instintiva da fera interior alertou o jovem lobisomem do perigo, mas já era tarde demais.

— Não se preocupe, só tomarei uma pequena dose — sussurrou Moa. — Bem-vindo ao mundo da Noite, lobinho.

André só despertou no dia seguinte, após ser sacudido por Natãniel dizendo que haviam dormido demais. “Será que foi tudo um sonho?”, ele se perguntou, se levantando e se aproximando da janela, onde contemplou a beleza da baía.

Tinha acontecido na semana seguinte à festa, após quase todos os Valverde terem partido para suas viagens misteriosas, durante o período em que o Casarão permaneceu sem hóspedes. Por esses sete dias as gêmeas se reuniram no salão, junto de Madame Valquíria, Letícia, e o velho David, para rezar para que a alma de Franciele encontrasse paz.

Bianca estava em casa, como era de costume desde a morte de Daniel, mas preferia ficar lendo no quarto, ou se exercitando em seus longos passeios pela trilha do bosque. E assim, das onze até meia-noite, os cânticos católicos encheram o ambiente, atraindo até mesmo Lua e o carinhoso cachorro Saruman, que observaram o ritual em silêncio.

Letícia não era muito religiosa, mas gostava de ouvir as vozes doces das gêmeas, ao mesmo tempo que sentia uma tremenda paz durante aqueles momentos. E fosse por isso, ou por qualquer outro motivo, as noites de reza pareciam ter dado resultados e as coisas estavam voltando aos eixos. Cessaram os pesadelos e a sensação de estar sendo vigiada. Nada de Franciele lhe forçando a relembrar horrores do passado, nada da constante apreensão.

Aproveitando essa brecha de paz, Letícia logo voltou ao trabalho, recebendo novos casais de hóspedes no Casarão Violeta, liderando as visitas acompanhadas de alguns grupos de pessoas que vinham apenas em dias marcados para conhecer a famosa casa assombrada nas proximidades de Santa Sofia.

Seu relacionamento com Ricardo também tinha voltado ao que era antes, regado a deliciosas noites de amor quando o belo moreno voltava das viagens. E com relação a isso, ela tinha temido que a embriagada aventura erótica com a participação de Roberto poderia ter causado algum atrito entre os irmãos, mas felizmente no dia seguinte os três nem mesmo tocaram no assunto. Ricardo voltou a ser seu namorado e Roberto era apenas o carrancudo Roberto de sempre.

Pelo jeito, os irmãos tinham uma cabeça ainda mais aberta do que ela que já tinha feito praticamente de tudo em sua juventude profissional.

O amor de Ricardo e a satisfação no trabalho; a vida era o que deveria ser mais uma vez. Se sentir útil sempre foi o melhor remédio para Letícia, e quando o pobre David deu um susto em todos e foi internado às pressas, Letícia fez questão de dormir todos os dias no hospital com ele, estendendo tais cuidados quando o velho recebeu alta e voltou para casa.

Era ela quem o fazia se lembrar de tomar os remédios na hora certa e o acompanhava nos lentos passeios de fim de tarde.

Mas toda tempestade tem seu momento de calmaria, até que mais uma vez os ventos furiosos voltam a soprar, e no caso tais ventos voltaram na forma de um pesadelo desperto.

Inicialmente lhe pareceu apenas mais um sonho, onde ela era a Letícia de anos atrás, despertando para mais um atarefado dia no Casarão Violeta. O sol invadia o quarto e incendiava as cortinas com luz dourada, e Franciele estava ao seu lado, linda e perfumada, usando um de seus melhores vestidos de falsa dama recatada.

— Venha, tenho uma surpresa esperando por você — disse ela, puxando Letícia da cama.

— Mas ainda estou com tanto sono — protestou, desejando ficar mais um pouco na cama, mas sabia que a amiga não permitiria isso.

— Venha logo, sem mais delongas! Você precisa ver isso! Todos que eu amo precisam ver isso!

— Você chamou Isabella também?

— Não, esqueça aquela lá.

E assim que colocou os dois pés para fora da cama, já não estava mais no quarto, e sim lá fora, descalça sobre a grama do jardim, enquanto Franciele a puxava pela mão.

— Para onde estamos indo, Fran?

— Ora, para o bosque, ué? É lá que a festa está acontecendo, e você precisa ver os *pedaços de mal caminho* que vieram. Cada homem do tipo capa de revista! Nosso trabalho não vai ser nenhum pouco trabalhoso — Franciele sorria, mas Letícia começou a notar algo errado com a amiga. Na verdade, todo o cenário parecia errado, como se não fosse de verdade... e veja o costumeiro crucifixo no pescoço de Franciele, onde um corpo decapitado de Jesus fazia brotar uma fonte de sangue que escorria pelo vestido branco.

Mas então alcançaram uma clareira, onde uma nua Isabella dançava sensualmente em meio aos homens da Valverde. Parecia uma ninfa grega, usando apenas uma coroa de flores, enquanto roçava os seios e os cabelos em Natâniel e Flávio, passando por Roberto e Ricardo, e até mesmo por Bianca. Todos estavam nus e coroados de flores.

— Letícia, junte-se a nós — sorriu Isabella.

— Venha, meu amor — disse Ricardo, e Roberto estava a seu lado, também a convidando, enquanto acariciava o corpo do irmão.

Letícia sorriu de volta, excitada, pronta para se juntar a festa, mas antes que desse mais um passo, Franciele a impediu.

— Não vá, minha amiga, olhe com atenção!

— O que foi, Fran? Eu quero dançar! Vamos dançar com Isabella!

Que música era aquela, com aqueles sons de flautas? E não era a menina Lua quem estava cantando, com os pássaros do bosque a acompanhando?

— Não, Letícia, veja o que é o banquete deles. Veja o que eles são.

E Letícia soltou um grito ao notar os inúmeros corpos destroçado no chão da clareira. Valquíria, Ana, Dolores, Jéssica e todas as outras meninas, todas mortas, tendo carne e ossos devorados pelos homens que ela tanto desejava se juntar.

Apenas Isabella estava viva, ainda dançando, com o corpo lambuzado com o sangue das irmãs do Casarão.

— Veja, — Franciele apontou — Isabella se juntou aos demônios. Ela precisa morrer também. Cuidado com ela — e nesse mesmo instante Isabella avançou na direção de Letícia, se transformando numa enorme fera peluda.

Letícia acordou com o som do próprio berro, mas para seu desespero não estava na segurança de sua cama, e sim no mesmo bosque do pesadelo, ainda mais assustador em sua versão desperta, com a lua cheia projetando sombras estranhas na vegetação. Estremeceu ao sentir o vento frio lhe percorrendo a pele, onde apenas a fina camisola branca não oferecia proteção alguma.

— Meu Deus — sussurrou, apavorada, beliscando os próprios braços na esperança de ainda estar sonhando. — O que está acontecendo?

Olhou para trás, querendo se encontrar em meio àquela confusão, e avistou o que devia ser a iluminação do começo da trilha do bosque, próximo ao

estacionamento do Casarão, e sem pensar duas vezes se pôs naquela direção, lutando para não correr, temendo machucar os pés descalços em alguma pedra ou galho pontudo. Fora isso, tinha de volta aquela sensação de que algo a observava e a seguia.

“Continue em frente e não olhe para trás”, dizia a si mesma, sentindo o próprio coração retumbando em suas têmporas, além de uma ligeira dificuldade para respirar. Mas devi aguentar firme, não teria um treco no meio daquele mato.

Avistou a trilha que usavam para fazer caminhada e se sentiu um pouco mais tranquila, mas foi nesse exato instante que ouviu sons assustadores da terra tremendo e de vegetação sendo esmagada. Se virou na direção do som e levou um susto tão grande que caiu sentada no chão. À sua frente, uma criatura enorme emergia do meio das árvores, diminuindo abruptamente a velocidade ao avistá-la; um monstro saído de pesadelos, coberto de pelos escuros e olhos feito chamas amarelas na escuridão. Como os monstros que assombravam sua lembrança daquela terrível noite de sangue e morte no Casarão Violeta.

Letícia berrou, se arrastando de costas, sem perceber que a fera parecia tão confusa e assustada quanto ela. Aquilo não podia ser real! Precisava acordar! Por favor, precisava acordar!

E de repente a criatura começou a se transformar, perdendo altura e corpo, ganhando feições humanas conhecidas, até se tornar um amedrontado e nu Ricardo.

— Como foi que... — disse ele, olhou dela para o cenário em volta, como se não soubesse onde estava.

Letícia gritou mais uma vez, tentando se levantar.

— Meu bem, sou eu! Letícia, olhe para mim... meu amor, sou eu...

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHH!!! — Letícia berrou ainda mais alto, e por um instante só conseguia fazer isso, berrar e berrar, como nunca havia feito em toda a sua vida.

— Sou eu, não tenha medo — repetiu Ricardo, tentando se aproximar, mas Letícia gritou ainda mais com sua aproximação.

Sim, ela o reconhecia! Era seu Ricardo ali, e sabia o que ele era. Um monstro, assim como os monstros que despedaçaram Isabella e todas as outras meninas. De repente o absurdo fazia sentido. Monstros! Monstros!

— MONSTRO!!! NÃO TOQUE EM MIM!

— Letícia...

— NÃÃÃOOOOO!!! — gritou, finalmente conseguindo se levantar e correr, e ela correu como nunca, vencendo rapidamente a distância que a separava do Casarão Violeta, onde janelas se acendiam ao ouvir seus berros ininterruptos.

Entrou no salão, quase derrubando as portas duplas, e caiu próximo as escadas, ainda gritando. Era como se nunca fosse parar de gritar.

— Letícia, o que foi? — era a voz de Madame Valquíria descendo as escadas. Mais luzes se acenderam, com Ana e Dolores vindo o mais rápido que suas passadas de velha permitiam.

— Monstros! Os monstros, Valquíria! — Letícia repetia, se agarrando com força à amiga. Seu corpo tremia e sua visão embaçava, enquanto imagens insanas lhe bombardeavam a mente: Isabella coroada de flores, dançando, coberta com o próprio sangue. Sangue jorrando naquele mesmo salão. Franciele rodopiando em chamas.

— Alguém traga algo pra ela se acalmar — pediu David, parado no topo da escada.

— Monstros! Monstros! Monstros! Todos eles! Monstros!

— Por favor, meu bem, respire fundo. Você está segura agora — clamava Madame Valquíria, abraçando a amiga.

Ela não estava segura, nenhuma delas estava! Será que Valquíria não via? Eles eram todos monstros, todos eles! As palavras saíam entrecortadas e sem sentido da boca de Letícia, que apenas apontava para Lua e Bianca, e para Roberto... todos eles monstros, e por isso aqueles olhos selvagens.

De repente vomitou, sujando o chão e a camisola roxa de Valquíria, que também chorava, sem saber o que fazer. E quando Ricardo, agora usando uma calça de moletom, entrou pelas portas duplas do salão, o desespero de Letícia explodiu em convulsões.

— Minha Santa Bárbara, alguém ajuda! — Valquíria gritou.

— A língua, — disse David — cuidado com a língua dela.

— Se afastem, deixem apenas Valquíria e Bianca a segurando — disse a voz controlada de Roberto, e Letícia se sacudiu ainda mais forte quando os monstros a tocaram.

“Por favor, Valquíria, não deixa eles me pegarem! Tire esses monstros de perto de mim”, ela clamou em pensamento, mas já era tarde, e após sentir a agulha do sedativo lhe perfurando o braço, a última coisa que viu foi o brilho diabólico daqueles olhos amarelados.

Acordou de um sono sem sonhos, com a boca mais parecendo um deserto de tão seca. Durante a transição do despertar, foi pouco a pouco reconhecendo o seu próprio quarto, com seu teto branco e janelas abertas, por onde uma brisa trazia o cheiro das violetas do jardim.

— Boa tarde, Letícia — disse uma voz ao seu lado.

Era Madame Valquíria sentado diante da sua penteadeira, e não olhava para Letícia, e sim para um objeto em meio aos potes de cosméticos.

— Eu dormi tanto assim? — Letícia murmurou, confusa.

Olhou para o velho relógio na cabeceira e se assustou. Como assim já eram mais de duas da tarde? E então de repente se lembrou da agulha, dos monstros disfarçados de gente bela e sedutora que a rodeavam, da resposta surreal para todas as suas desconfiças. Mas como aquilo podia ser verdade?

Se sentou na cama, apertando os lençóis, o colchão e a si mesma, verificando se não era mais um sonho, sentindo o coração acelerar e a cabeça girar. A fome e a sede só a deixavam ainda mais confusa.

— Valquíria, o que está acontecendo? — sua voz soou esganiçada, lutando contra o desespero crescente.

Madame Valquíria ergueu o olho enfim, mas no mesmo instante alguém bateu na porta do quarto, o que fez Letícia se encolher.

— Não... não deixa eles entrarem...

Mas era a velha Ana chegando com um prato de comida e uma jarra de suco.

— Oh, minha queridinha, eu fiquei tão preocupada com você — disse a idosa, emocionada, mas Valquíria recebeu os alimentos e tratou de afastar com toda delicadeza Ana do quarto.

— Me deixe a sós com ela, por favor.

— Está certo, Madame. Vou preparar uma sopa fortificante para ela jantar hoje à noite.

“Por que elas estão tão calmas?”, pensou Letícia, mas se forçou a permanecer calada, pois os tremores recomeçaram e temia voltar a berrar descontroladamente se não se policiasse.

Quando a porta voltou a ser fechada e os passos arrastados de Ana deixaram de ecoar no corredor, Madame Valquíria voltou para a penteadeira, mas não se sentou, apenas pegou lentamente o objeto que observava antes, como se o mesmo fosse um objeto cortante que precisava ser manuseado com cuidado.

Era um livro, e quando Valquíria o colocou nas mãos da amedrontada Letícia, a amiga notou que era grosso, contendo uma capa de couro dura e inteiramente preta, onde apenas o logo da Valverde em letras prateadas estava gravado na capa.

— O que é isso? — perguntou, temendo, por algum motivo desconhecido, abrir o livro.

Valquíria suspirou fundo e enxugou a lágrima de seu único olho, se sentando ao lado da cama de Letícia. Ela também lutava contra o próprio desespero, mas sabia disfarçar isso muito melhor.

— Letícia, eu preciso que você fique calma, que seja o meu braço direito inquebrável, como você sempre foi.

— É verdade, não é...

— Agora você vai se calar e comer. Pelo menos metade desse prato, e beber seu suco preferido — disse a matriarca, usando aquele tom que mesclava autoridade e amor maternal. — E depois você vai ler esse livro, e tudo fará sentido. Eu passei essa noite o lendo, mas lerei com você novamente. Estarei aqui ao seu lado, minha querida.

Letícia respirou fundo e obedeceu, ainda que suas mãos tremessem tanto que foi preciso que Valquíria lhe desse comida na boca, e quando a matriarca assim permitiu, Letícia abriu o livro e leu a primeira página:

“MEMÓRIAS DE NATÂNIEL VALVERDE”

Em meio a um majestoso prédio espelhado na Avenida Brigadeiro Luís Antônio é que se localiza a tal boate, e inicialmente André não viu muita diferença de outras boates no qual já tinha frequentado. O lugar estava movimentado, como Flávio disse que estaria, com jovens se amontoando em uma gigantesca fila na bilheteria, principalmente naquela noite onde uma artista pop internacional se apresentaria em um show intimista na badalada Lilith Masion, a casa de festas mais famosa de São Paulo.

Mas por mais que curtisse a tal cantora, não era por isso que o jovem lobisomem estava excitado. Aquela seria mais uma missão de aprendizado no mundo da Noite, onde chegara a hora dele encarar antigos algozes.

A entrada na qual André, junto de Natâniel, Flávio e Ricardo foram acolhidos era mais do que VIP. A limusine entrou direto em um estacionamento subterrâneo, onde poucos veículos tinham permissão de passagem, e lá foram recepcionados por duas belas mulheres mortais até um ostentoso elevador com paredes de espelho e ornamentos góticos banhados em ouro.

— Sejam bem-vindos ao Lilith Masion, senhores. Podem me acompanhar, por favor — disse uma das elegantes mulheres, guiando o grupo para fora do elevador até um ambiente animado e bombardeado por música eletrônica.

Três andares abaixo ficava uma enorme pista de dança, que com a abertura dos portões começava a lotar de gente. A decoração era um show à parte, numa mistura de clássico requintado com a sofisticação do início do século XXI, com pilastras, arcos, pórticos, espelhos e escadarias que remetiam a corte de Versalhes, iluminados por canhões de luzes coloridas. Homens e mulheres seminus sensualizavam em mastros de *pole dance*, enquanto outros dançavam pendurados em cordas que desciam do teto, fazendo movimentos surpreendentemente complicados para um mero ser humano (e talvez alguns nem mesmo fossem humanos comuns – denunciava o faro de André). E o vasto teto abobadado em si mais lembrava as fotografias da Capela Sistina que André estudou na faculdade, só que ao invés de santos, viam-se anjos, demônios e fadas se emaranhando em brincadeiras eróticas que poderiam fazer os mais pudicos corar.

Nas sacadas dos andares superiores, pessoas já ocupavam mesas, bebendo e conversando animadamente em grupos, e cada andar parecia dividir muito bem as

classes econômicas, com o mais alto reservado para “as crianças da Noite”.

André não estava acostumado a ambientes com aquele requinte, e lutava para não transparecer o ridículo sentimento de inferioridade que se escondia por debaixo de suas novas roupas de grife. Fez uma pausa discreta diante de uma parede espelhada, como que para se certificar de que estava a caráter, sentindo certo orgulho por ele mesmo ter escolhido aquela roupa.

Julgando que os monocromáticos ternos e gravatas escuros eram praticamente os uniformes dos Valverde, André decidiu trazer um pouco de cor ao visual da alcateia. Havia encomendado ternos em tons de roxo, azul, amarelo e vermelho sangue. Naquela noite em questão usava calças e camisa pretas, que se ajustavam com perfeição em seus novos músculos sobrenaturais, sapatos envernizados de bico fino e um exuberante terno vinho com ornamentos em prata que cintilava sob as luzes de neon.

Ricardo brincou, dizendo que ele estava querendo se vestir como um vampiro, e ao observar o ambiente mais privilegiado do Lilith Masion, André não soube identificar se existia um padrão de moda mais específico que diferenciava as criaturas da Noite. Apenas concluía que todos ali eram podres de ricos.

Só os cheiros, como sempre, pareciam ser sua fonte mais confiável. Os vampiros eram os mais fáceis de detectar, com aquele aroma ligeiramente doce, perceptível apenas para alguém como ele. Quão mais velhos, mais pálidos e com olhos mais cintilantes, feito pedras preciosas, por vezes exibindo cores chamativas de vermelho, violeta e dourado. Esses seres o encaravam e sorriam, curiosos com o novo filhote da poderosa Alcateia Valverde, e muito provavelmente alguns se esforçavam para ler alguma coisa na cabeça dele.

Alguns se aproximaram da mesa da alcateia e os cumprimentaram com apertos de mãos frias e até beijos discretos no rosto, se demorando um pouco mais apenas para conversarem com Flávio. A proximidade com aqueles corpos fazia a pele de André se arrepiar de um modo estranho, como se permanecesse automaticamente em modo de alerta, e ele não sabia dizer se era devido suas experiências ruins com aquela classe de seres, ou se vampiros e lobisomens eram instintivamente inimigos naturais, como Natâniel gostava de dizer.

Por vezes, Natã ou Ricardo lhe cochichavam, apontando essa ou aquela figura. “Está vendo aquela de vestido prata, uma telepata famosa, e aquele ao lado dela é um geneozistas com dons pirocinéticos”

Os dois betas mais velhos estavam preocupados devido as últimas tretas no Casarão Violeta, com Letícia e Valquíria descobrindo a verdade sobre os Valverde. Natâniel temia a reação de ambas quando ele voltasse para casa e tivesse que remoer trágicas lembranças, e Ricardo talvez temesse que Letícia lhe virasse as

costas de vez, mas isso era um assunto delicado demais, até mesmo para André se meter, e ele preferia se limitar a confortar Natâniel como podia.

Voltando a estudar as pessoas na boate, um vampiro gordo e de olhos prateados assim como sua barba, trajando uma vestimenta que mais parecia uma luxuosa fantasia medieval, chamou a atenção de André. Estava cercado por outros vampiros que se trajavam de forma parecida. Uma das mulheres usava até mesmo uma volumosa peruca branca e cacheada. Conversavam e riam entre si, enquanto lançavam olhares debochados ou de desprezo para todos que não estivessem na mesa.

— Quem são aqueles... pomposos? — André perguntou para Ricardo.

— Membros da Corte Pálida. Se consideram a elite vampírica do sul do Brasil, mas são apenas uns metidos a besta. São conservadores e bastante arraigados a antigos costumes e títulos monarquistas. É o clã que mais entra em disputas com outras espécies, e alguns até mesmo defendem que as regiões sulistas deviam ser exclusivas aos vampiros de “sangue real”.

— A maioria são de origem europeia — continuou Natâniel — ou descendentes, e gostam de se gabar de sua árvore genealógica iniciada pelo lendário vampiro grego Silouanos.

— E quem é esse?

— Um outro vampiro metido a besta, mas que se veste melhor.

— Imaginei eles bradando “o sul é meu país” — André debochou.

O vampiro gordo pareceu notar que estava sendo motivo de conversa e fechou ainda mais a cara, mostrando rapidamente as presas para André antes de voltar sua atenção ao que quer que conversassem.

— Está vendo aquele casal de vampiros descendo para a pista de dança? — apontou Natâniel, alguns minutos depois. — Repare como parecem um pouco tensos na forma de se moverem. Estão caçando, e terão que beber sem matar e sem que as vítimas percebam.

— E como eles conseguem?

— Eles são muito bons nisso. Seduzem o humano, dançam, se beijam, o vampiro morde o pescoço do desprevenido inebriado de prazer, e fecha o ferimento usando seu próprio sangue mágico.

André observava com atenção as criaturas dançando, notando como elas atacavam tão rápido que mesmo ele não conseguia perceber direito, e se lembrou de Moa. Deveria ser tipo assim que o matinta sugava a energia vital de suas vítimas sem matá-las. Mas então a chegada de um novo grupo chamou toda a atenção do ambiente, e o jovem já conhecia o vampiro que parecia ofuscar todas as outras luzes.

— O que Adrian Aigro faz aqui?

— Está aqui por nossa causa, infelizmente — respondeu Flávio, mais carrancudo que o normal. — E além do mais, ele é o dono desse lugar.

A boate Lilith Masion tinha pouco mais de quatro anos de existência, mas só no último ano começou a receber o devido holofote, muito provavelmente porque só então o polêmico vampiro de cabelos arroxeados e olhos vermelhos havia se dado ao trabalho de divulgá-la e apresentá-la aos mais importantes seres da Noite. *Points* de encontro como aquele existiam pelo mundo todo, mas nenhum no Brasil parecia ter sido mais bem investido e caído no gosto, tanto do público sobrenatural quanto dos humanos comuns. Flávio acreditava que a boate sempre tinha sido o plano B do vampiro, que agora colocava em prática após ter seus planos com a ex-Governadora frustrados.

Adrian Aigro podia ser um *bon vivant* preguiçoso e trapaceiro, mas quando se dedicava a um objetivo, fazia isso muito bem.

— E veja se não é Flávio Valverde e sua excelentíssima alcateia — disse o vampiro Adrian, em seu típico tom sedutor mascarando o deboche, estendendo a mão para o alfa. Naquela noite estava vestido de escarlate, o que só realçava a cor sobrenatural de seus olhos.

— Obrigações da Noite — Flávio apertou a mão do outro, mas sua voz não possuía emoção alguma. Ricardo e Natâniel fizeram o mesmo, e também cumprimentaram a mulher que vinha logo atrás do vampiro, chamada Maiara Verón.

Era uma bela mulher de aparência jovem, estatura mediana e corpo curvilíneo realçado pelo sensual vestido verde cintilante. Tinha traços indígenas do povo do norte, com um longo cabelo preto e liso, pele acanelada e olhos escuros. Não era vampira, não era lobisomem, não tinha o cheiro de Moa e muito menos era uma humana comum — concluía André, se perguntando também se todas as criaturas da Noite possuíam alguma forma de poderosa sedução nata, pois não conseguia tirar os olhos da mulher.

De repente uma gargalhada exagerada de Adrian quebrou o feitiço sobre André.

— Não pode ser! — exclamou o vampiro, se movendo tão rápido que quando o jovem lobisomem percebeu já sentia o hálito frio do vampiro em seu rosto, quando este chegou tão perto que parecia que iria beijá-lo.

Os outros lobisomens na mesa ficaram tensos por alguns segundos, principalmente Natâniel que chegou a se levantar, mas Flávio lhe tocou o braço, pedindo calma. Aquilo era só mais uma provocação boba do vampiro.

— Eu conheço você, *mon petit*, mas... esse cheiro... — continuou Aigro, farejando o rosto do jovem. — Então os boatos são verdade, a Valverde está com

um filhote novo. Mas eu nunca imaginei que nosso amigo Natãniel transformaria alguém.

— Não foi ele — André respondeu, se sentindo um idiota, pois, por que devia responder qualquer coisa para aquele filho da puta que já tinha tentado matá-lo?

O desgraçado era realmente sedutor, mas se permanecesse perto assim, a fera interior, que rosnava e causava tremores em seus braços, não demoraria a querer dominar o corpo de André.

— Seja quem tenha sido, fez um belo trabalho. Você está lindo, *mon cher*... mesmo que tenha se tornado um deles — o vampiro completou, exibindo seu charmoso sorriso de caninos pontudos.

— Basta de brincadeiras, Adrian. Eu quero acabar logo com isso — disse Maiara Verón, mostrando-se entediada, puxando uma cadeira para si e pegando uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava ao lado.

— *Oui*... vamos aos negócios — Adrian se sentou finalmente, mas negou o champanhe.

— E vamos sem mais delongas, por favor — completou Flávio. — Seu estabelecimento é ótimo, mas temos que viajar cedo amanhã.

— Fico feliz que aprove minha Lilith Masion, *monsieur* Valverde, pois como bem já deve estar a par, inaugurarei outras duas filiais. Uma no Rio Grande do Sul e outra em Brasília, tudo já devidamente legalizado, tento pela nossa jurisdição nacional quanto pela Geneoziz.

O alfa permaneceu alguns segundos em silêncio.

— Sim... e acredito que tenha feito isso enquanto estava de *castigo* graças a última confusão que também nos envolveu — disse ele.

— Oh, *Mon Dieu*, não acredito que guarde ressentimentos, Flávio? Tudo não passou de um grande mal-entendido. Tive meus pequenos erros sim, mas eu estava apenas mantendo as Leis da Noite — disse Adrian, dissimulado. — E sem as leis voltamos a obscura Era de Sangue, não é mesmo? Com eu podia imaginar que a Governadora estava de conluio com Flora e... — fez uma pausa e arregalou os olhos, voltando-se para André — Flora! Sim, seu cheiro lembra o dela, assim como o de Natãniel também lembra. Acho que matei a charada!

— Foco no que importa, por favor — se impacientou Maiara.

Adrian deu uma piscadela em resposta.

— *Enfin, laissez tomber*... mesmo eu tendo todo o direito de expandir meus negócios para o Distrito Federal, espero que equívocos passados não interfiram em nossas relações futuras.

— Certo... — disse Flávio, com as mãos cruzadas na frente do rosto — se os geneozistas estão de acordo, quem sou eu para criticar.

— Fico feliz — sorriu o vampiro.

— Mas é sempre bom eu reforçar alguns pontos, Sr. Aigro. Independentemente de quais acordos duvidosos o senhor tenha feito para limpar o seu nome, e de quais mentiras deslavadas tenha contado, o DF ainda é meu território. E não se engane, as Lamannara ainda são mais impiedosas quando se trata de vampiros caçando descontroladamente.

O clima na mesa parecia ter pesado um pouco mais, e André permaneceu vidrado na conversa. Mas o sorriso debochado de Adrian apenas ficou maior.

— Não se preocupe com isso, Flávio, pois estou de mudança para Brasília. Eu mesmo organizarei a nova boate e também supervisionarei a atividade da rale vampírica local. Não sabe o quanto fico excitadíssimo ao saber que seremos vizinhos — disse ele por fim, antes de se levantar, encarar sorridente cada um da mesa, e sair para conversar com outras pessoas.

A fúria de Flávio era visível mesmo em seu semblante controlado, transbordando no brilho esverdeado de seus olhos. Ele já sabia sobre a inauguração da boate em seu território, mas não esperava que o próprio Adrian Aigro largasse seu já estabelecido conforto em São Paulo para começar vida nova no centro-oeste.

Até mesmo o leigo André não estava gostando muito daquela notícia, pois já estava mais que provado que o vampiro não dava ponto sem nó. Ele e o namorado se entreolharam, com o mais jovem já cheio de perguntas, mas André teve o bom senso de guardá-las pra depois.

Já Flávio controlou seus próprios sentimentos, como de costume, e entornando de uma única vez o copo cheio de whisky, decidiu se concentrar na mulher que permaneceu na mesa.

— Ah, você ainda está aqui, senhorita Verón. Achei que estava como acompanhante de Aigro — disse ele, meio ríspido, fazendo sinal para o garçom e pegando mais um copo de whisky.

— Neste século, Sr. Valverde, as vezes uma mulher está apenas acompanhando ela mesma. E já que a tediosa disputa de “qual pênis é maior” entre você e Adrian Aigro terminou, eu finalmente posso me expressar. Por sinal, onde está David? Você é mais educado na presença dele — retrucou a mulher, e sua voz era tão bonita e sedosa que, somado ao sotaque melodioso do norte, era quase como se ela cantasse.

André a encarava de cima a baixo, saboreando o cheiro bom dela da mesma forma que saboreava o martíni. “Ela deve ser uma bruxa”, pensou. Mas até as bruxas que Ricardo apontou no ambiente tinham cheiro de gente. Já aquela Maiara... ele não sabia nem como descrever... “cheiro de água”, se é que isso existe.

— Ok... — Flávio arfou — Por que não vai direto ao ponto, como você sempre faz?

— Lembra de quando você me procurou sobre aquele projeto para levar água àsquelas regiões do sertão de Pernambuco?

— Sim, e você negou essa parceria.

— Pois bem, decidi voltar atrás — ela enfim deu um sorriso, o que só realçou sua beleza.

— E por quê? Os lucros acordados na época agora fazem diferença? Não me diga que está com problemas financeiros, Maiara.

— Você leva tudo muito para o pessoal, Flávio. Minha empresa já estava trabalhando em um projeto parecido com o governo, e sua intenção não era ajudar os pobres sertanejos, e sim agradar aos lobisomens locais, para você ter mais alianças...

— Você também teria feito boas alianças, Maiara, mas preferiu se aliar aos bebedores de sangue estrangeiros — Flávio quase cuspiu as palavras.

— Eles pagavam muito melhor, e você sabe disso.

— E agora você não precisa mais deles.

— Não mesmo — ela manteve o sorriso. — Mas vamos ao que interessa: você ainda precisa dos meus serviços, pois sabe que minha empresa concluirá o projeto na metade do tempo da sua alcateia de Pernambuco e com a certeza de um trabalho bem feito.

— E o que você quer em troca?

— A presença das minhas iaras no festival do Templo de Anhangá esse ano.

Dessa vez foi a vez de Ricardo e Natâniel rirem. Nunca que Flávio concordaria com aquilo. Já André capitou a palavra “iara” e quase pulou da cadeira, pondo a imaginação para trabalhar e sentindo as inevitáveis perguntas lutando para romper sua garganta.

— Absurdo! — Flávio quase rosnou. — Os andarilhos e as irmãs achariam isso uma ofensa... e eu também.

— Iaras e lobisomens não são mais inimigos há muito tempo — continuou Maiara. — E confesso que demorei a remover o meu orgulho e pensar nessa ideia simples e perfeita: Aqui no Brasil, assim como na maior parte do mundo, lobisomens e vampiros disputam um eterno cabo de guerra, com nenhuma das partes avançando mais do que deve por temer os geneozistas. E esses, se pudessem, já teriam exterminado vocês, mas por sua vez temem as Senhoras Elementais e sua ideologia de equilíbrio. Já nós, iaras, *pelo menos as minhas iaras*, passamos 400 anos nos adaptando para ter poder capital suficiente para fazer valer nossas necessidades nesse país. País esse que era nosso muito antes de vocês e de suas guerras...

— Não precisa me dar uma aula de história, Maiara.

— Não é uma aula, Flávio, é um lembrete. As iaras estão dispostas a deixar o passado de lado e pensar no futuro, e vocês?

Flávio estalou os dedos e ficou pensativo e desconfiado, olhando de Maiara Verón para seus betas. André mal conseguia se conter mais, e sem perceber agarrou a mão de Natâniel por debaixo da mesa, como se o toque pudesse acalmá-lo.

— Maiara, você ainda não me disse sua real intenção, não é mesmo? — o alfa finalmente perguntou.

A iara pigarreou e se debruçou um pouco mais sobre a mesa.

— Um passarinho me contou sobre o festival desse ano, e que você conseguiu a atenção dos velhos matintas...

— Fale baixo! — Flávio exclamou.

— ... e talvez até mesmo de alguns encantados...

— Para quem você comentou isso? — os olhos de Flávio brilhavam tão intensos que André temia que ele se transformaria ali mesmo.

— Para ninguém, obviamente, não sou uma idiota. E esse é mais um motivo para me mandar um convite.

Flávio fez mais um silêncio dramático. Novamente olhou para Ricardo e Natâniel, e esses dois responderam com um gesto de cabeça.

— Aqui não é lugar para esse assunto, Maiara — ele disse por fim. — Aguarde meu telefonema.

E nisso os três lobisomens mais velhos se levantaram no mesmo instante e rumaram para o elevador do outro lado do ambiente. André fez um cumprimento tímido para a mulher e se apressou para alcançar sua alcateia.

Quando enfim se isolaram na limusine, antes que os outros dissessem qualquer coisa, André enfim se manifestou:

— Eu fiquei mais perdido que cego em tiroteio naquela conversa, e juro que se vocês não me contarem tudo sobre essas iaras e aquele papo esquisito, eu vou começar a gritar!

Letícia não tinha mais noção de quantos dias temeu sair daquele quarto, se levantando da cama apenas para comer as refeições que eram deixadas em sua penteadeira, ou para ir ao banheiro quando a necessidade realmente apertava.

Se pudesse, Letícia apenas leria e leria, até que sua cabeça comesse a doer e ela praticamente desmaiasse de sono. Tinha perdido as contas de quantas vezes já tinha lido o manuscrito com a biografia de Natâniel.

Na primeira vez riu com o tamanho absurdo, chegando a entrar em estados de riso histérico, descontrolado, que emendava com um choro violento, apenas para

ser amparada por Valquíria que a incentivava a continuar a leitura.

Vampiros, bruxas e lobisomens... toda uma sociedade vivendo nas sombras daquele mundo que ela conhecia... Como aquilo podia ser verdade, aquela fantasia de quinta categoria que atualmente transbordava em séries e filmes? Mas então vinham as lembranças reais e tudo parecia estar tão conectado. Tudo fazia sentido.

O problema é que esse sentido não trazia resolução, e muito menos paz, e sim a certeza de horrores. Monstros existiam, disfarçados, morando em sua casa, dividindo sua cama... monstros disfarçados de crianças, como aquela Lua que inúmeras vezes sentara em seu colo para deixar ter o cabelo penteado antes de ir para a escola.

Era por isso que ela criança nunca adoecia como as outras?

Como teria coragem de sair daquele quarto sabendo que o mundo era um local tão sinistro?

Felizmente, Madame Valquíria sempre a visitava e ambas conversavam por horas a fio, e que surpresa era constatar a força daquela outra mulher que não se deixava abalar por horrores tão surreais.

— Eu preciso de você, Letícia. O Casarão precisa de você. Lute contra esse medo assim como eu estou lutando — disse ela.

— Eu não sei mais o que pensar...

— Pense no que é realmente concreto: que nós estamos seguras, que vivemos no luxo, e que eles, sejam o que forem, realmente nos amam.

— Todas aquelas mortes... todos aqueles anos que vivemos no luto por causa de Natâniel... Ah, Natâniel matou nossa Isabella e todas as outras! Ele matou! Ele matou! — Letícia voltou a chorar descontrolada.

— Natã sofreu tanto quanto nós — Valquíria argumentava. — Leia mais uma vez, mas foque só nele, no sofrimento dele. Não precisa perdoá-lo... eu não o perdoei. Apenas entenda o contexto, pois essa é a opção que nos resta, minha querida. Já passamos pela loucura e negação uma vez e não nos trouxe nada de bom.

E foi isso o que Letícia passou a fazer, ler outra vez, e mais outra, e mais outra, tentando manter em mente as lembranças e a compaixão que tinha pelo dono daquelas palavras e pelas boas lembranças que tinha dele, sem se dar conta que enquanto se esforçava para recuperar o controle sobre si mesma, o Casarão Violeta lutava contra outros demônios.

Tudo começou no terceiro dia de isolamento de Letícia, quando um casal de hóspedes abandonou às pressas o quarto, tão apavorados que esqueceram até mesmo algumas peças de roupa. Ambos afirmaram que uma mulher descontrolada

tinha invadido o local e ateado fogo nas cortinas e nos lençóis em que eles dormiam. O casal tentou fugir, mas se descobriram trancados.

Pediram socorro aos berros, mas ninguém no Casarão relatou ter ouvido nada, a não ser o velho David que ouviu a mente perturbada do casal e acordou Roberto e Valquíria no mesmo instante.

O lobisomem arrombou facilmente a porta, mas não encontrou incêndio nenhum, apenas o pobre casal ainda de roupas de baixo, abraçados num canto, tremendo e chorando.

Quando os hóspedes foram embora, Valquíria avaliou o quarto que estava aparentemente intacto, e teria deixado por isso mesmo, acreditando que seria mais um relato de assombração para a fama do Casarão Violeta, se não fosse Lua ter entrado no cômodo junto com ela, farejado, e encontrado uma considerável mancha escura de fuligem na parede atrás da cabeceira da cama de casal.

Deste dia em diante, todos os humanos da casa começaram a ter pesadelos com chamas e Franciele implorando para que queimassem todo o Casarão. Outras manchas de queimado surgiram nas paredes e pilastras do salão, e uma das empregadas teve que ser levada às pressas para o hospital quando uma das bocas do fogão simplesmente jorrou uma língua de fogo em seu rosto.

Ou a alma de Franciele estava realmente desesperada por reza, ou tudo aquilo era obra de um demônio. Ana e Dolores começaram novas orações, indo até mesmo na paróquia de Santa Sofia pedir para o padre rezar uma missa pela alma de Franciele.

Já Madame Valquíria, com um tremendo esforço emocional, reuniu David, Roberto e Bianca no escritório.

— Vocês são... vocês não são *naturais* — disse ela, nenhum pouco confortável. — Não podem me explicar o que está acontecendo aqui? O Casarão Violeta sempre teve fantasmas, mas nenhum com essa agressividade.

— Infelizmente, é capaz que você entenda mais de espíritos do que nós, Madame — respondeu David. — Esse tema é um mistério até mesmo para a maioria dos seres da Noite.

Roberto chegou a mencionar bruxas e uns tais de geneozistas, mas logo foi cortado por Bianca. Aquilo tinha que ser relatado ao alfa, pois não seria prudente a intromissão de outros seres da Noite em território da Valverde, e foi isso o que Bianca fez, pegando o celular e ligando para Flávio.

Madame Valquíria respirava fundo e tentava manter a naturalidade ao ouvir aqueles termos estranhos. *A Noite, bruxas, lobisomens...* se aquilo era loucura, pelo menos dessa vez não estava enlouquecendo sozinha.

— Flávio disse que na próxima semana volta para Brasília e que vai ver se encontra alguém de confiança. Ele está resolvendo assuntos mais urgentes — disse

Bianca, assim que fechou o celular.

— Mais urgente do que fogo brotando do nada na nossa casa? — rebateu Valquíria, sem esconder a ira. Fazia dias que andava estressada, devido a situação de Letícia e seus próprios sentimentos nascidos das atuais revelações, e agora nem mais a paz do sono estava podendo ter, já que os pesadelos com Franciele eram constantes.

De todo modo ela não esperou que Flávio Valverde decidisse o que quer que fosse, e tomou ela própria suas decisões. O Casarão Violeta era mais dela do que de qualquer outro. Com a ajuda de Ana e Dolores, conseguiu com que o padre de Santa Sofia fosse visitar o Casarão. O sacerdote disse que não poderia fazer nenhuma espécie de exorcismo, primeiro por não acreditar que espíritos possuísem casas ou qualquer outro objeto, e segundo porque precisaria de permissão do Vaticano, mas que poderia abençoar e expelir água benta pelos cômodos, e isso ele fez.

O resultado não foi muito animador, já que na mesma noite os pesadelos voltaram e um novo foco de incêndio foi encontrado perto das cortinas do quarto das gêmeas.

No dia seguinte foram atrás de um pastor evangélico. Valquíria não gostava muito “dos crentes”, como chamava, mas as gêmeas vieram com sua ladainha de que todos os deuses eram só e blá blá blá... e um culto foi organizado em meio ao salão, enquanto o líder religioso explicava que não existia isso de fantasmas e espíritos, que tudo era obra de demônios, e que a culpa era dos moradores do Casarão Violeta, que por tantos anos viveram em pecado. Mas quando o pastor disse que precisaria queimar a imagem de Santa Bárbara, ou do “falso deus” como chamava, Valquíria se enfureceu e expulsou o grupo, ameaçando ir buscar sua espingarda.

Por fim, as gêmeas lamentaram que a finada Mãe Gorete não fosse mais viva, e Valquíria se arrepiou ao se lembrar dos trechos da biografia de Natâniel que relatavam o trágico fim da benzedeira, mas isso também a fez se lembrar do terreiro de umbanda que uma vez visitou em Santa Sofia, e sem pensar duas vezes decidiu ir nessa direção.

David fez questão de ir junto dessa vez, talvez para ter certeza que ela não estaria trazendo um “conhecedor da Noite” para território da Valverde. A mãe de santo era uma idosa simpática que, segundo a percepção do telepata, realmente acreditava em seu ofício. A sacerdotisa jogou os búzios e confirmou que um espírito de um ente querido estava furioso e causando quizilas no Casarão Violeta, e que o local precisava de uma limpeza espiritual urgente, assim como seus moradores.

O elaborado ritual de limpeza foi feito por um grupo de mulheres em seus belos vestidos brancos e turbantes, com suas típicas cantorias e danças. Ana, Dolores, Valquíria e até mesmo David e a pequena Lua (essa mais por curiosidade) resolveram participar e se permitir passarem por um ebó de limpeza, mas Ricardo e Bianca preferiram passar o dia fora.

— Aparentemente “a macumba da nega é boa” — comentou Valquíria, dias depois, citando o trecho de uma música de Zeca Pagodinho, pois os pesadelos tinham cessado e mais nenhuma marca de queimado foi encontrado nas paredes.

A matriarca agradeceu a Deus e todos os santos, e até mesmo àqueles tais orixás que ela não conhecia muito bem. Enfim, as coisas pareciam estar voltando ao normal. Até mesmo David, que andara meio ruim de saúde, demonstrava melhora. Mas foi então que o pior aconteceu, e foi impossível conseguir não relacionar com todas as diabruras recentes.

Foi esse mesmo acontecimento que obrigou Letícia a retirar forças seja lá de onde para encarar o mundo fora de seu quarto e todos os seres sinistros que lá habitavam, quando uma chorosa Madame Valquíria entrou em seu quarto, completamente abalada.

— Oh, Letícia... elas estão mortas. As nossas queridas estão mortas — disse a matriarca, desabando nos braços da amiga.

— A minha história pode responder sim a maior parte das suas dúvidas recentes, e sei que é meio que um direito seu, moleque — respondeu Ricardo, enquanto tirava algumas daquelas cervejas especiais da geladeira — mas só conto se você beber junto comigo e não ficar me interrompendo na hora que eu estiver falando.

— Pode não parecer, mas sou um ótimo ouvinte — disse André, deliciado, enquanto ambos se aconchegavam nas espreguiçadeiras da piscina coberta e particular.

— Não é bem o que me disseram não, irmãozinho... mas para sua felicidade eu adoro falar sobre mim mesmo.

Estavam hospedados em um dos luxuosos hotéis da cidade de São Paulo, pertencente a Valverde. Flávio e Natâniel já haviam se recolhido, e foi quando o jovem lobisomem aproveitou para puxar assunto com Ricardo.

Depois que saíram da boate, uma certa tensão pairou sobre a alcateia, muito provavelmente devido as notícias de que Adrian Aigro estava de mudança para Brasília, além da tal conversa misteriosa com a iara, que por sinal ninguém explicou para André do que todos aqueles cochichos sobre matintas e festival se tratavam.

O fato era que, por ser um novato, os mais velhos não achavam prudente lhe confiar assuntos mais complexos envolvendo a política do mundo da Noite, e André foi obrigado a trabalhar a própria paciência para não enlouquecer. Mas felizmente havia conseguido se reunir com Ricardo naquela piscina para ouvir mais uma história do mundo da Noite.

— Bem, por onde devo começar — continuou Ricardo, olhando para as luzes da piscina. — Um fator importante foi o local em que essa história se passa, talvez mais diferente do que qualquer outra história contada nessa alcateia. Roberto e eu nascemos em Filhos do Rio, uma comunidade goiana alternativa nas proximidades do Rio Araguaia. E tenho orgulho de ser um filho do rio, dessa comunidade isolada e que pode parecer um pouco estranha aos de fora, mas que por gerações enraizaram sua cultura pacífica e alegre às margens do rio.

“Nós vivíamos do que plantávamos, pescávamos e caçávamos, e também cultivávamos nossas próprias ervas alucinógenas para fins ritualísticos, ou apenas

pelo puro prazer de relaxar depois de um gratificante dia de trabalho.

Morávamos em casas de madeira e de barro, mas que não pareciam nenhum pouco simplórias, muito menos tristes, com suas estruturas pintadas de cores fortes e solares. A casa em que eu morava mesmo, me lembro bem, era branca, com uma faixa azul imitando as ondulações do rio circulando toda ela, além das portas e janelas amarelas. Uma casa pequena, mas que era suficiente para meu irmão, eu e nosso pai.

Meu irmão e eu já éramos jovens crescidos no final dos anos 70, e até hoje não sei dizer se nossa cultura tinha sido também influenciada pelas ideologias de paz e amor vindas dos *hippies* norte-americanos, pois por mais bobo, e até mesmo ingênuo que isso possa parecer nos dias cínicos de hoje, o amor era a nossa lei principal, e todos nós éramos educados para encarar com naturalidade todas as formas responsáveis de amar. Nossas famílias variavam em termos de estrutura, tendo casais monogâmicos ou não, heterossexuais ou não, e as vezes até mesmo composto por mais de duas pessoas. Na verdade só existia uma família, que era a comunidade em si, onde mesmo que soubéssemos quem eram os pais de quem, as crianças eram cuidadas por todos, e os membros se organizavam romanticamente da forma que lhe era mais agradável.

De todo modo, não acredito que ideologias externas tenham tido uma influência tão grande assim, até porque, se não me engano, ouvi certa vez meu finado pai dizer que nós já existíamos lá antes mesmo de alguns jovens barbudos descobrirem os Filhos do Rio e se apaixonarem por eles.

Ricardo e eu, assim como todos os filhos do rio, tínhamos nomes secretos, além dos de batismo, que usávamos em alguns dos muitos rituais da comunidade, e que eram conhecidos apenas dentro da comunidade. Não lhe direi os nomes, me permita esse resquício de respeito as minhas antigas tradições, mas posso dizer que em língua nativa significavam Rocha (que era o nome de Roberto, por suas qualidades rígidas, confiáveis, seguras) e Água (o meu nome, por eu ser mais envolvente, denso, e até um pouco incontrolável). Esses nomes eram dados depois da puberdade, quando nossas personalidades já eram mais evidentes, e quem escolhia os nomes era a nossa sacerdotisa mais velha, após ler nossos destinos nos reflexos do rio.

Sim, éramos um povo místico, que acreditávamos em seres encantados e cultuávamos as forças da natureza. O sol era nosso pai, e a lua e o rio eram facetas da mesma deusa, e dela éramos filhos. Cultuávamos esses elementos primordiais em ritos específicos em cada estação do ano, para garantir boas colheitas, que nossos animais continuassem saudáveis, e agradecer por tudo aquilo que a natureza nos dava.

Já o culto aos encantados, esses mesmos que ganharam sua atenção nos últimos dias, André, nem sei se eles realmente se relacionavam de alguma forma conosco, e talvez o gesto de deixarmos oferendas para eles nas portas de nossas casas, pedindo saúde, boa sorte e fartura em troca, fosse apenas uma crença folclórica inocente, onde quem se dava bem eram os nossos cães e animais silvestres que ganhavam seu lanchinho da madrugada.

Se existia uma situação onde seres realmente se manifestavam para nós, era na nossa anual Festa das Mães do Rio, onde os mais velhos se reuniam as margens do Araguaia para deixar presentes para as *moças da água*, encantados responsáveis pela abundância da pesca e da fertilidade de homens e mulheres.”

— E essas tais moças da água era iaras? — interrompeu André.

— Ô moleque, qual a parte de não me interromper você não entendeu?

— Certo... me desculpe.

— Mas enfim, sim eram as iaras. E não, as iaras não são encantados... nós apenas acreditávamos que eram. Na verdade, esses rótulos são muito confusos e não é comigo que você vai aprender a categorizá-los... mas deixe-me continuar e logo me aprofundarei mais nelas.

“Nas Festas das Mães do Rio, tinha muita comida e bebida, além de muita dança. Fabricávamos nossos próprios instrumentos musicais; flautas, tambores, pandeiros, triângulos e afins, assim como nossa própria bebida alcoólica, mesmo que também costumássemos trazer cerveja e vinho de fora da aldeia. A festança durava quase a noite toda, mas as crianças só permaneciam até certo momento, e após deixarem seus arranjos de flores como oferendas na parte rasa do rio, alguns adultos as levava de volta para suas respectivas casas e os vigiavam.

Naquele festival em questão, Roberto e eu tínhamos quinze anos, e estávamos excitados pois tínhamos finalmente a idade certa, e os nomes secretos, para sermos admitidos nos ritos adultos da comunidade. Nosso pai estava orgulhoso e emocionado com nossa iniciação, e que saudades sinto dele agora.

João Graciliano era um homem carinhoso e sensível. Acho que nunca conheci alguém que tinha tanta facilidade em chorar por qualquer coisa, assim como sorrir. De aparência lembrava muito Roberto e eu, mas bem mais barrigudo, além de possuir um tipo de masculinidade incomum, com trejeitos mais delicados, até mesmo afeminados, e não necessariamente isso tinha relação com a sua sexualidade que, aparentemente era heterossexual... mas enfim, isso nunca foi uma questão a ser discutida em nossa comunidade.

Se Seu Graciliano tinha algum defeito, era o fraco por bebida, o que se tornou mais forte após a morte de nossa mãe em um ridículo acidente envolvendo um carro de boi que ele evitava entrar em detalhes para não se afundar em lágrimas e embriaguez. E o mais curioso é que mesmo sendo membro de uma comunidade de

hábitos sexuais tão liberais, ele nunca se relacionou com mais ninguém – o que era até um motivo de preocupação da parte de seus filhos.

Já de minha mãe lembro quase nada, no máximo sensações de sentar em seu colo, ou do perfume de flores que ela usava, mas segundo meu pai eu havia puxado o encanto natural dela, assim como Roberto herdara a força de vontade. De todo modo, o pouco que lembrávamos era com alegria, pois éramos filhos de todos, e talvez fosse por isso que nosso pai se entregasse tão facilmente ao álcool, pois sabia que nesses momentos sempre teria um homem ou mulher para nos dar o que comer, nos dar banho e nos ajeitar para dormir.

Não acredito que Roberto e eu mudamos muito de lá pra cá. Talvez ficamos mais mentalmente adultos e responsáveis, claro. Talvez um pouquinho mais sombrios também, como todos que entram para a Noite, mas em essência eu ainda era o brincalhão e sociável, enquanto ele era o responsável e de poucas palavras. Antes mesmo dos quinze anos já atraíamos olhares de homens e mulheres, mas o máximo que eu tinha tido foram beijos vorazes sob a proteção da noite, pois respeitávamos muito a lei de que os jovens deveriam esperar completar quinze anos e ganhar os nomes sagrados para então serem considerados adultos, e só assim poderem experimentar o caminho dos prazeres. O que não quer dizer que nunca tivemos um transgressor causando “acidentes”, mas não me lembro de ter presenciado tal caso em minha geração.

Por que se revoltar contra as leis se você era educado para entender o que eram esses prazeres e quais as responsabilidades que viam junto? Aprender a respeitar a si e aos outros. Por que atropelar etapas se existia a certeza de que suas escolhas, sentimentos e desejos seriam respeitados quando a hora chegasse?

Este era um dos motivos para a minha animação naquela noite de festa, pois além de eu ser reconhecido como adulto, eu teria permissão para participar dos ritos secretos da Festa das Mães.

Deixe-me explicar como era: No começo da festa, quando a noite chegava, acendíamos fogueiras e toda a comunidade dançava e se banquetearia às margens do rio. Este momento inicial era onde as crianças podiam participar, deixando suas flores e oferendas na margem para que quando as mães encantadas aparecessem mais tarde, pudessem ficar felizes e derramar bênçãos nos jovens Filhos do Rio. E essa é a parte que eu vou te explicar um pouco agora, de quem são as misteriosas iaras, apresentando aqui um conhecimento muito mais profundo do que eu tinha na época. Até porque sei que você gosta de saber os detalhes, moleque.

As iaras, diferente de outros seres transmorfos como os lobisomens, matintas e vampiros, nunca foram humanas. São uma raça antiga e de vida longuíssima, e nosso David me disse que alguns geneozistas teorizam que as iaras provavelmente são um primo do homo sapiens que evoluiu em ambientes aquáticos.

Possuem aparência humanoide, mas com características de peixes e anfíbios bem específicas: não tem pelos no corpo, além dos cabelos. Pele muito pálida e resistente as temperaturas mais frias. Os membros inferiores do corpo possuem escamas e longas barbatanas, junto de uma interessante capacidade de se juntarem de um jeito que visualmente lembra uma calda de peixe, e deste modo nadar em grande velocidade. Existem machos e fêmeas, ambos de aparência esguia e enganosamente delicada, e os machos são muito poucos em relação as fêmeas, mas a maior diferença é o órgão sexual e o formato dos seios (que lembram os dos humanos).”

— Ou seja, enquanto nos transformamos em monstros, elas são monstros que se transformam em gente? — comentou André, mais para si mesmo, imaginando uma versão mais pálida e sinistra da bela Maiara, exibindo um exuberante rabo de peixe.

— Bem isso.

— E também se alimentam de humanos?

— Sim, e mais por prazer do que por necessidade — Ricardo continuou. — São criaturas curiosas, André. Possuem a capacidade de ecolocalização e podem assumir a forma humana, trocando até mesmo o tom de pele. Mas seu maior poder está em sua voz, que pode produzir um canto hipnótico, ou uma rajada de som que pode ferir ou fazer suas vítimas perderem os sentidos. Não são muito numerosas. Já foram avistadas em toda a América Latina, mas é no Brasil, em cidades próximas à água, que elas realmente vivem e possuem influência na Noite.

“São influentes e temidas, pois seus poderes sonoros afetam vampiros e lobisomens. Costumavam ter mais facilidade de convivência com os vampiros, já que os licantropos preferem evitá-las se puderem.”

— Então podemos dizer que as lendas originais das sereias de alguma forma se originaram daqui?

— Não, porque até onde sei as sereias originais eram monstros voadores na mitologia grega. De todo modo, existe lendas do mundo da Noite afirmando a existência de sereias e segundo tais relatos elas não são como nossas iaras. Dizem que vivem nos oceanos mais profundos, e a grande maioria nunca vai a superfície. Que habitam cidades submersas e que são conhecedoras de antigas magias e mistérios, mas nenhum humano ou criatura da Noite, além das iaras (reza a lenda), chegou a ver tais locais.

— Que doideira.

— Bem-vindo ao mundo da Noite, irmãozinho. Nunca acredite que já viu de tudo, pois sempre tem mais — sorriu Ricardo, levantando uma garrafa em brinde. — Essa lenda até diz que as iaras são sereias que há muitos séculos rumaram para as águas doces da América do Sul, se envolvendo com os humanos nativos e

convivendo entre eles, cruzando e desenvolvendo uma nova raça. E mais uma vez voltamos a falar de sexo.

— Adoro — André brincou de volta.

— O fato é que relações sexuais entre iaras e humanos é algo comum, mas raramente dá frutos. Quando uma iara fêmea engravida de um homem, o bebê será da raça da mãe, mas quando é uma mulher quem engravida de um iara macho, se a cria não sofrer um aborto na gestação, corre o risco de nascer uma criatura bestial, com escamas grossas e escuras, que devorará a mãe de dentro para fora. Tais criaturas, os lendários Ipupiaras, são ainda mais raras, e de vida não muito longa. Vivem em rios ou lagos e se alimentam de pessoas e animais.

— Que bizarro. Eu não conhecia essa lenda do Ipupiara.

— Pois é, iaras possuem sérios problemas de procriação e por isso quase foram extintas. Sendo assim, posso finalmente voltar a falar sobre Os Filhos do Rio e novamente sobre sexo, já que esse era o vínculo que ligava esse grupo de iaras a nossa comunidade.

“Relembrando, nós víamos as iaras como encantados, deusas da água, que nos traziam bênçãos e fertilidade para nossas mulheres e nossos animais, pesca e plantações. Nosso maior prazer religioso era poder dar oferendas para aquelas *entidades*, mesmo se essas oferendas fossem nós mesmos.

Em dado momento da festividade, quando as crianças já tinham sido recolhidas, os homens mais jovens podiam se voluntariar para serem os noivos das iaras e tentar procriar com elas. Se os bebês fossem iaras permaneceriam com as mães, mas se nascessem humanos comuns eram devolvidos para os filhos do rio.

Importante ressaltar que apenas homens e mulheres mais velhas participavam dessa parte da festividade, pois temíamos que iaras machos pudessem aparecer também e por conseguinte seduzir nossas moças.

Um outro costume que também poderia causar espanto em outras culturas, era que no fim da festa de acasalamento, pessoas muito velhas ou os doentes sem possibilidades de cura se ofereciam as iaras como oferenda, e com a promessa de que quando tivessem seus corpos devorados, seus espíritos viveriam nos reinos mágicos subaquáticos.

Ah, e como eu acreditava firmemente nisso. Meu sonho era engravidar muitas mães d'águas e por fim, quando estivesse bem velhinho, terminar minha vida em seus braços. Detalhe que Roberto já era um pouco mais cético, desconfiado como sempre, mesmo que nunca desrespeitasse os rituais, e por isso, e também por estar perdidamente apaixonado por uma donzela do vilarejo, não estava disposto a se entregar aos prazeres místicos do ritual.

Lá estava eu, às margens do rio, junto de outros cinco jovens não muito mais velhos que eu, todos usando apenas uma longa bata branca para cobrir o corpo. Os

homens mais velhos e os jovens que não eram oferenda se postavam um pouco mais distante, com alguns deles segurando grandes taças de um vinho bem doce, assim como três bodes puxados por cordas. As mulheres anciãs começaram a tocar suas flautas e tambores num ritmo lento, ritmado, é até um pouco sombrio, enquanto os outros presentes aderiam uma quietude solene que precedia a aguardada chegada das mães.

As águas do rio estavam tão negras quanto o resto da noite, mas a menor ondulação nas águas causava reflexos prateados da majestosa lua cheia sobre nossas cabeças. E foi por meio deles que uma cabeça se ergueu do rio, depois mais duas, todas fêmeas, pálidas como a lua, com os longos cabelos negros e lisos cobrindo os seios. Não era uma beleza humana, com certeza. Confesso que senti certo medo ao ver tais espectros se aproximando, esguias e de olhos sombrios, verdadeiros fantasmas de histórias para se contar no escuro, mas então elas começaram a cantar e tudo mudou.

Ah, só quem ouviu o cantar das iaras sabe, André. Nem mesmo ousarei tentar descrever. Apenas entenda que é como algo invadindo seu corpo por meio de seus ouvidos e modificando toda sua percepção do mundo... algo talvez parecido seja a sensação de quando bebemos o sangue de nossa espécie pela primeira vez ao receber o Dom da Fera, mas... diferente, não tão orgástico e selvagem, mas muito mais hipnótico... é como se apaixonar... E cá estou eu tentando descrever quando eu acabei de dizer que não tentaria fazer isso. Me sinto um completo pateta.

Enfim, elas cantavam, trazendo novas cores e luzes ao mundo por meio da voz, e ao se aproximarem mudavam ainda mais sua aparência, com os corpos ficando mais curvilíneos e apetitosos, e o tom das peles escurecendo e ganhando aquele belo tom que os povos indígenas exibem. O canto então acompanhava com perfeição os instrumentos das velhas, como se fossem as próprias vozes que tocassem tais instrumentos.

Os filhos do rio fizeram reverência para as belas e misteriosas mulheres, mas em nenhum momento elas pararam de cantar, nem mesmo quando os homens mais velhos removeram nossas batas, nos despindo, para que elas nos tocassem, com delicadeza, como se avaliassem brinquedos frágeis.

Dois iaras machos surgiram também (os consortes das mães, como chamávamos), e eram tão lindos quanto as fêmeas, apenas um pouco mais baixos e com músculos mais definidos, ainda assim apresentando a mesma beleza esguia, lânguida e “afeminada”. Mas eles não nos deram atenção, se limitando a recolher as enormes cestas de comida e flores, levando tudo para o rio até desaparecerem de vista.

Já as iaras de repente pararam de cantar e de nos acariciar, quando os homens se aproximaram com os bodes, e nisso foram os machos que começaram a cantar,

creio que para manter a mente de todos os humanos hipnotizadas em deleite, enquanto as fêmeas se lançavam com selvageria sobre os bodes e os devoravam vivos.

Nossa crença era de que as mães do rio eram espíritos, e que consumir a carne dos animais antes do sexo as ajudava a manter o corpo tangível, mas hoje sei que isso era apenas um truque para as iaras aplacarem a própria fome, e assim ser mais fácil resistir a devorar seus amantes após o coito, como algumas outras iaras costumam fazer.

Enquanto elas se banquetavam, os machos cantavam para nós, nos rodeando e nos acariciando, nos deixando loucos de prazer e completamente prontos para o acasalamento sagrado.

E é uma pena que isso não aconteceu.

A música foi bruscamente interrompida quando uma nova criatura surgiu das sombras da mata ao nosso redor, tão rápida que as iaras só perceberam sua presença tarde demais, quando um dos machos emudeceu ao ter a cabeça e parte da coluna arrancados do corpo com um único golpe do lobisomem.”

Em Meio a Disputa de Monstros

— Espera, — disse André, completamente curioso com a história ouvia — mas você tinha dito que lobisomens também são afetados pelo canto das iaras.

— Sim, mas no momento quem cantavam eram os machos, e esses são menos perigosos, no máximo encantam humanos comuns — Ricardo explicou. — De todo modo, quando um lobisomem está tomado pelo frenesi da matança, ou pela união com uma alcateia bem treinada, o canto mais belo de uma iara pode não surtir tanto efeito, e por isso as fêmeas nem mesmo chegaram a tentar, preferindo assumir uma postura de batalha.

“Me lembro que para mim foi o mesmo que ir do paraíso para o inferno; em um momento eu estava entregue ao mais belo deleite religioso, envolto em prazer e música, apenas para despertar numa confusão de gritos, rosnados e membros sendo despedaçados a minha volta. Apenas fiquei paralisado, nu e frágil, em meio ao pandemônio, tentando compreender o que acontecia.

Alguns outros aldeões tinham sido feridos e mortos na primeira investida da fera. A imagem da nossa líder religiosa partida ao meio, enquanto a parte superior ainda agonizava e se arrastava pela areia permanece tatuada em minha memória.

Me lembro também de Roberto tentando avançar para me salvar, sendo derrubado pela turba de gente que se atropelava em meio a fuga.

Enquanto isso o grupo de iaras enfrentava com ferocidade o lobisomem, e talvez, se eu não estivesse tão apavorado, teria ficado admirado com a cena. Elas não eram mais as donzelas sensuais de antes, assumindo suas formas pálidas e escamosas, usando as barbatanas espinhosas e afiadas nos antebraços para ferir o adversário numa velocidade assombrosa. Já o lobisomem desviava ou aguentava a fúria dos golpes com sua resistência natural, e além disso era forte demais para as iaras conseguissem arrastá-lo para o fundo do rio.

E André, não subestime as iaras. Hoje sei que não eram iaras guerreiras como Maiara e seu grupo, e mesmo aquelas jovens mães do rio poderiam ter conseguido dar cabo do lobisomem, já que estavam em maior número e próximo a seu habitat natural. De todo modo, o inimigo era um licantropo esperto e ardiloso, e suas ações eram meras distrações para afastar as iaras de seus fiéis, pois enquanto a luta ocorria, outros dois lobisomens surgiram atacando os humanos.

Um dos monstros agarrou um homem e uma moça jovem, a única moça que tinha permissão para participar do ritual, já que estava sendo preparada para ser uma sacerdotisa. Ambas as vítimas se debatiam feito crianças nos braços musculosos e peludos da fera que correu com eles para a mata. Neste instante consegui voltar a me mover, cambaleando em direção a meu irmão que tinha sido derrubado por uma das feras. Eu o agarrei pelo braço, mas ele também parecia estar no mesmo estado paralisado no qual eu estive segundos antes.

— Levanta, Roberto — eu gritava, mas ele apenas permanecia com os olhos arregalados e a boca aberta, e quando enfim olhei na mesma direção que ele, também voltei a berrar desesperado.

Lá estava nosso pai, caído numa posição bizarra próximo a fogueira, com os braços e pernas torcidos e com fraturas expostas, enquanto um lobisomem lhe rasgava a barriga, arrancando seus órgãos com os dentes.

Tomado pela emoção, corri em direção à fogueira, agarrei um galho parcialmente em chamas e acertei a cabeça da criatura, que se afastou do corpo do meu pai, sacudindo os pelos chamuscados. Acho que foi a primeira vez que olhei um lobisomem nos olhos, e aquele ser em questão, de músculos enormes e dos pelos encardidos, apenas mostrou as presas, o que na hora me pareceu um sorriso cínico, e talvez fosse isso mesmo, pois em um único movimento arrancou o galho em chamas da minha mão e me agarrou, me carregando mata adentro, sendo seguido pelo terceiro licantropo que deu um uivo debochado e abandonou a luta contra as iaras.

Eu não saberia dizer por quanto tempo fui carregado, esperneando inutilmente como um bebê birrento, mas não creio que foi muito, não com a velocidade assustadora com o qual os lobisomens cruzavam a mata. Em dado momento creio que desmaiei, despertando apenas quando fui atirado descuidadamente com o rosto no chão duro de uma gruta.

A moça havia parado de gritar, assim como eu. Já nosso outro companheiro estava desacordado, caído entre nós dois. Me abracei com a moça e permanecemos tremendo, olhando apavorados de um monstro para outro.

A gruta era um local formado por rochas cobertas de musgo, à beira de um córrego, espaçoso o suficiente para caber os três licantropos e suas presas recentes, iluminado por uma pequena fogueira acesa por um dos nossos raptos que tinha sido o primeiro a assumir a forma humana. Um rapaz alto e de olhar treloucado, que nos encarava enquanto lambia os beiços sujos.

Os outros dois também se transformaram, com a lobisomem de pelo esbranquiçado (que tinha enfrentado bravamente as iaras) se tornando uma velha que era o retrato da bruxa folclórica, macilenta e enrugada, mesmo com a

musculatura típica de sua espécie. Ela estava coberta de ferimentos que demorariam a se curar, devido a toxina das esporas nas barbatanas das iaras. Já o outro... bem, essa foi a primeira vez que vi Labrador, e não era tão diferente quanto da última vez; o mesmo rosto anguloso, com o corpo atarracado e de músculos possantes, coberto por pelos escuros, mas com barba e cabelos ainda mais longos e imundos. Um rosto que ficaria fixado de modo permanente em minha memória.

Sim, André, Labrador era o lobisomem que havia devorado meu pai, e você deve imaginar que foi por isso que me descontrolei ao revê-lo da última vez. Te confirmo que foi por isso e por muito mais.

— Foi o plano mais desmiolado que eu já vi, e como sempre sobra para mim a pior parte — lamuriou a velha, literalmente lambendo as próprias feridas dos braços.

— Mas veja esses espécimes belíssimos que conseguimos. Acredito que pelo menos um deles vai sobreviver a transformação — sorriu Labrador.

— Mas não íamos comê-los? — ganiu o lobisomem mais jovem, que claramente estava morrendo de fome.

Labrador bufou em resposta, lançando um olhar de despreza para o companheiro.

— Eu também tenho fome, — disse a velha — e da última vez seus experimentos só resultaram em desperdício de alimentos. Fora que também odeio vira-latas.

— Nós precisamos aumentar as nossas fileiras, esqueceu? Nossos inimigos não tardarão a nos rastrear.

— Então os transforme em lobisomens normais.

— Não teríamos garantias de subserviência — rebateu Labrador.

— Ora, como não? — a velha deu um sorriso maldoso em minha direção. — Que escolha eles teriam? Nada como uma boa disciplina minha para não deixar qualquer cão raivoso manso e obediente. Muito melhor do que essas criaturas desmioladas que você tanto deseja.

E a discussão prosseguiu com os dois mais velhos reforçando seus argumentos que pareciam sempre voltar ao mesmo ponto. Mas me lembro pouco dessa conversa, enquanto eu lutava contra meus próprios sentimentos e sensações. Será que aqueles horrores eram reais mesmo? Será que logo eu acordaria para minha vida comum? Aqueles monstros eram surreais até mesmo pra mim que convivia com as “deusas da água”.

Em resumo, aquela horrenda e decadente alcateia de Labrador estava querendo fixar residência naquela região, onde teria uma isolada vila de humanos para usar como alimento e para recrutar para a Noite, e nisso estarem prontos para

enfrentar uma alcateia inimiga que os estava caçando, assim como para expulsar de vez as iaras das proximidades.

Em dado momento, motivado apenas pelo desespero, me levantei num pulo e tentei escapar, apenas para ser agarrado facilmente pela velha e atirado de volta ao fundo da gruta.

O homem ao meu lado, que então estava desacordado, despertou e voltou a chorar, totalmente confuso.

— Então está decidido, — Labrador concluiu — um deles será um beta nosso, mas a mulher será um vira-lata. Acredito que o sangue feminino tem melhor capacidade de transformação.

— Isso não faz o menor sentido, — debochou a velha, sorrindo para mim — mas então que nosso novo beta seja o mais bonito. Vamos trazer um pouco de beleza pra essa alcateia.

— Já que chegamos a um acordo — disse Labrador, dando um passo à frente e agarrando o homem ao meu lado da mesma forma que agarraria um objeto qualquer, e sem cerimônia começou a desmembrar o coitado ainda vivo, jogando uma perna e um braço na direção dos outros lobisomens que começaram a mastigar a carne sem mesmo deixarem a forma humana.

Ah, essa cena me rendeu pesadelos por anos.

Enquanto isso, na vila dos Filhos do Rio, os aldeões tratavam seus feridos e se reuniam na nossa Casa Mãe, às portas trancadas. A Casa Mãe era como chamávamos um espaçoso salão que ficava no centro da comunidade, onde nos reuníamos em eventos importantes e algumas festas específicas. Mas agora, obviamente, terei que recorrer ao que me lembro de ter ouvido meu irmão me contar inúmeras vezes.

Fato era que todos estavam em pânico. As ações dos monstros haviam abalado a própria fé da aldeia, pois, se as mães do rio não poderiam protegê-los de tais demônios, quem mais poderia? Alguns já alardeavam que o jeito era abandonar tudo e fugir, pois quem poderia garantir que os monstros não atacariam novamente?

— Devemos pedir a ajuda das mães do rio, clamar o nome delas, dessa vez com mais oferendas — disse alguém, especulando se talvez aquela terrível situação não tratasse de uma espécie de teste de fé das divindades locais.

— As mães nunca aparecem fora dos rituais — outro respondeu.

— Ou então encontramos outros encantados, mais poderosos que as mães, e esses são maus e impiedosos. Não é mais seguro ficarmos mais aqui — alardeou um dos feridos que havia perdido um parente no pandemônio.

— Se acalmem, não vamos nos precipitar! As mães sempre nos protegeram antes.

— Eu não me importo se vamos ficar ou se vamos fugir, nem mesmo me importo com as mães. O que me importo é com os nossos irmãos que foram levados por aquelas feras. O *meu irmão*! — e esse era Roberto quem levantava a voz, e desde aquela época seu olhar duro já intimidava a maioria das pessoas.

Ele era um dos poucos jovens do grupo de caça com permissão para obter uma arma de fogo, e aparentemente o único dos Filhos do Rio disposto a enfrentar as feras.

Mais cedo, ele mesmo fora um dos que criaram coragem de voltar às margens do rio para recolher os corpos dos mortos, juntando carinhosamente o corpo esfaqueado de nosso pai numa rede e o levando para ser enterrado junto dos outros em nosso cemitério local. E naquele momento na Casa Mãe, depois de um choro ininterrupto, trajando seu gibão de caça, facão e espingarda, Roberto havia trocado o choque e o medo por um ódio e uma frieza que acredito que ele carrega até os dias de hoje.

— Aqueles monstros... são terríveis... que chances teríamos contra tais demônios? — argumentou uma mulher mais velha.

— Eles já devem ter sido devorados — complementou uma outra mulher, que tentava acalmar uma criança de colo. E ao ouvir aquilo a mãe da jovem que tinha sido raptada comigo desabou em desespero.

Roberto não respondeu mais nada. Apenas fechou ainda mais a cara e deu meia-volta, em direção as portas da Casa Mãe. Ele não era de implorar, mesmo em situações como aquela. Se fosse necessário, ele entraria na mata sozinho, contando com suas habilidades de caça para encontrar os rastros dos monstros. E eu não duvido que ele teria me encontrado sem ajuda, nem que fosse para morrer nas presas de Labrador.

Mas neste instante as portas do salão se abriram antes que Roberto as alcançasse, chocando a todos os presentes quando três iaras marcharam com passos apressados para dentro da Casa Mãe.

Eram as mesmas iaras do ritual, e meu irmão me disse que tem uma imagem impressionante desta cena gravada em sua mente, com aquelas três esbeltas e poderosas mulheres de aparência indígena contra a luz do sol que enfim nascia por detrás das árvores, vestindo colares de penas e um pequeno saiote de palha trançada que servia mais para acoplar enormes facões do que para cobrir a nudez dos impressionantes corpos enfeitados com pinturas de guerra.

— Esperávamos que a coragem de nossos filhos fosse tão grande quanto vossa compaixão, mas pelo que vemos apenas esse jovem está disposto a enfrentar as

feras malignas — disse a iara do meio, a voz se projetando como se estivesse com a ajuda de um alto-falante.

“As mães! São as mães!” – gritavam os presentes, alguns se ajoelhando ou se jogando ao chão em completa devoção. “Ah, as deusas do Araguaia ouviram nossas preces, sabem que somos fieis” – outros disseram, mas as tais mães não estavam ali para serem adoradas como das outras vezes.

— Não temos tempo para preces ou oferendas, meus filhos. Aqueles demônios são inimigos do rio, trazem desgraça e morte por onde passam, e nós, as Mães do Rio, não permitiremos a presença do mal em nossas terras — a iara líder interrompeu os louvores. — Além disso, o jovem aqui está certo; devemos resgatar os que foram raptados.

Os aldeões comemoraram num exagero devotado diante aquele novo brilho de esperança. Talvez não precisassem mais abandonar a vila, e ninguém mais correria o risco de morrer nas garras das feras. Mas Roberto não compartilhava do mesmo furor religioso, e esse é um detalhe curioso de meu irmão: mesmo que ele participasse de nossos rituais com empenho, fazia isso mais por um compromisso para com a comunidade do que para aquelas “divindades”, por mais sobrenaturais que elas pudessem parecer na época.

Não é muito diferente de seu compromisso com a nossa alcateia hoje em dia. Para o bem ou para o mal, Roberto nunca questiona as ações da Valverde, independente do alfa que a lidera, desde que a alcateia sempre proteja os seus.

Ele próprio me disse uma vez: “A alcateia é meu único credo”, e é isso que o torna um aliado tão formidável. E foi com esse mesmo pensamento e objetividade respeitosa que ele se prostrou diante da líder das iaras.

— Se o pedido vier da senhora, mãe, é certo que mais aldeões vão se oferecer na caçada. Sou um dos melhores rastreadores da comunidade, mas quanto mais ajuda melhor — disse Roberto, encarando a “entidade” da mesma forma que encararia qualquer outro mais velho da vila.

— Qual o vosso nome, meu filho? — perguntou a iara.

— Roberto.

— Conhece bem a mata morro acima, Roberto?

— Como a palma da minha mão.

— Se for tão bom quanto diz, Roberto, não precisaremos de outro. Mais homens apenas atrapalharão. Nós mães não costumamos sair de nosso rio, e por isso precisamos de alguém que conheça essa mata. Apenas nos guie e deixe os demônios por nossa conta.

Roberto concordou com um gesto de cabeça e esperou novas ordens, como você já deve ter visto ele fazer muitas vezes ao lado de Flávio. Ou pelo menos é assim que eu imagino a cena.

Nisso, um iara macho entrou no salão e chamou a atenção da líder.

— Amana, os outros chegaram e estão esperando lá fora — disse o belo e meigo macho, sem levantar os olhos.

— Muito bem, e enquanto não voltamos quero que você lidere os seus os outros machos e permaneçam aqui de guarda, protegendo a vila. Vamos partir agora mesmo.

— Certo.

— E alguma notícia de minha irmã?

— Está vindo até nós, mas a água diz que ainda está longe.

— É, não podemos contar com ela... Outra coisa, se lembre de ser atencioso e carinhoso com os aldeões, mas cuidado com o que fala para eles. Se possível, não fale nada — e isso a líder, Amana, disse baixinho, mas não o suficiente para que impedisse que chegasse nos ouvidos de Roberto.

Por sinal, aquela ligeira troca de diálogos entre as iaras diminuiu ainda mais o pouco de sentimento religioso que Roberto sentia para com as mães do rio. Por mais poderosas que elas parecessem, possuíam nomes ligeiramente comuns e demonstravam certo receio com os rumos daquela caçada.

Amana fez uma nova promessa aos aldeões de que tudo ficaria bem e de que livraria os Filhos do Rio da maldade dos demônios, explicando também sobre a presença dos iaras que os protegeriam caso fosse necessário.

— Agora é com você, Roberto. Nos mostre o caminho.

SEGUE A HISTÓRIA DE RICARDO E OS FILHOS DO RIO

Foi inacreditável o horror que se abateu sobre mim, o choque, diante a visão do grotesco; daqueles três lobisomens devorando um conhecido meu, sem nem mesmo assumirem a forma de fera. Ainda assim eu não via nenhum resquício humano neles. Diante de mim, eram três demônios devorando uma pessoa, desmembrando a pobre vítima que se debatia impotente, mastigando a carne com facilidade, chupando o sangue que jorrava e escorria por suas peles nuas e sujas, brilhando de suor à luz da pequena fogueira.

Sinto uma certa ironia agora, enquanto relembro esse quadro, pensando em como o meio pode nos mudar, modificar nossa visão do que é certo e errado, do que é aceitável ou não. O que meu eu daquela época pensaria ao me ver hoje em dia, me metamorfoseando e devorando minhas presas do mesmo modo implacável? Ah, o mundo da Noite que transforma horrores em coisas banais e que romantiza a morte.

A moça ao meu lado desmaiou, mas eu permaneci observando a cena, sem mais chorar ou gritar. Meus olhos estavam tão arregalados que pareciam não possuir mais pálpebras, e minha boca não era capaz de produzir som algum. Creio que eu havia chegado no limite da minha sanidade e não sei como ela não foi despedaçada naquela madrugada.

Eu ainda estava acordado quando o sol nasceu, mas era como se eu não estivesse mais nesse mundo, como se eu fosse um fantasma, um expectador passivo fora do tempo e do espaço, sem forças nem mesmo para fechar os olhos ou para compreender o cenário a minha volta.

E foi em estado parecido que vi quando Labrador desenterrou uma pequena maleta térmica que se encontrava escondida no interior da gruta, de onde tirou um cilindro contendo sangue, e hoje sei que era sangue de vampiro.

Ele colheu o fluido escuro com a ajuda de uma seringa e aplicou na moça desacordada, que em pouco tempo começou a se debater e chorar de dor, abraçando a própria barriga.

— Aguenta firme, querida, a dor já vai passar — dizia o maldito, acariciando o rosto febril da jovem.

— Bobagem e desperdício — balbuciou a velha. — Essa infeliz vai morrer como todos os outros anteriores.

— Calada — rosnou Labrador, alongando parcialmente a mandíbula e as presas, antes de morder um dos braços da pobre mulher, e em seguida rasgou a carne do próprio pulso e pressionou com violência contra a boca dela.

A mulher bebeu, seduzida e dominada pelo poder do sangue licantrópico, talvez sentindo os prazeres que o ritual da transformação comumente desperta, mas de repente voltou a esfernear.

— ISSO QUEIMAAA!!! — gritava ela, tão alto que feriu meus ouvidos. Seu corpo em epilepsia se chocava contra o chão rochoso da gruta com força, lhe causando hematomas. Mas então veio a transformação, trazendo ainda mais dor, e tal cena me pareceu tão grotesca quando o banquete canibal, com os membros dela se alongando, alguns ossos rompendo a carne, o belo rosto se deformando numa coisa medonha e selvagem. O corpo crescia desigual, com pelos brotando em áreas aleatórias e sangue escorrendo por todos os orifícios.

Acho que ainda hoje é a morte mais medonha que presenciei. Sim, ela morreu, com os intestinos vazando pelos rasgos que as costelas e a bacia fizeram ao se projetarem para fora da carne. Uma moça tão linda reduzida a uma coisa desforme e decadente, dando seus últimos espasmos de vida, enquanto o lobisomem Labrador praguejava e pisoteava com fúria o corpo deformado.

— Bem, não seria eu, se eu não dissesse “eu avisei” — disse a velha debochada, dando uma risada de bruxa da Disney.

— Será que ainda serve pra comer? — perguntou o jovem magro, farejando a morta.

— CALEM A BOCA! — Labrador explodiu, golpeando com tanta força o jovem que este caiu rodopiando para fora da gruta.

— Não, é você quem tem que se calar — a velha respondeu, dessa vez com seriedade e um leve tom de ameaça. — Não desconte sua frustração em mim ou em seu irmão. Eu sou a mais velha. Eu o criei e o transformei no alfa dessa alcateia... se é que podemos chamar essa martilha sarnenta de alcateia! E pra quê? Você nos fragmentou, perdeu o respeito dos outros e chegou ao cúmulo de comprar briga com os Valverde!

Labrador rosnou em resposta, assumindo a forma de fera e mostrando as enormes presas para a velha, mas essa se manteve na forma humana, o encarando com as mãos na cintura.

— O que vai fazer agora? Vai matar sua própria mãe?

Achei que a fera abocanharia a velha, mas isso não aconteceu.

— Ainda quer o comando dessa alcateia? — continuou a velha. — Chega desses experimentos medievais. Aumente nossas fileiras usando os hippies idiotas

do vilarejo. Vamos tomar esse território de vez daquelas iaras e depois retomamos nosso respeito na Noite.

Labrador consentiu, sem disfarçar a frustração, voltando a forma humana.

— Que seja, sua maldita. Faça logo esse desgraçado num dos nossos — disse ele, apontando para mim e saindo furioso da gruta.

A velha me lançou um olhar excitado e veio na minha direção. E você sabe como funciona a transformação, foi como a de qualquer outro lobisomem, e naquela mesma manhã eu já tinha recebido o Dom da Fera.

Eu sempre me impressionava com as habilidades de rastreamento de Roberto. Não era à toa que ele era o melhor caçador que tínhamos. Mesmo que os Filhos do Rio se alimentassem mais da pesca e do plantio do que de animais silvestres, Roberto sempre gostou de caçar, e na maioria das vezes gostava de rastrear um animal e encontrá-lo apenas para deixá-lo escapar em seguida.

Ele conhecia o nome de todo bicho que morava nas redondezas e identificava facilmente o formato de suas pegadas, marcas de dentes e garras na vegetação e até mesmo o formato das fezes de cada um.

Roberto trouxe muito dessas qualidades para o mundo da Noite, e creio que só perde para nossa implacável Bianca, devido a capacidade olfativa dela que é de invejar qualquer lobisomem. Naquele dia, as iaras não tiveram do que reclamar.

De todo modo, rastrear os lobisomens não foi uma tarefa tão simples. As feras não se comportavam como animais comuns, e seus rastros eram tão espaçados que por vezes pareciam ter planado de um ponto a outro. Ainda assim, Roberto se saiu bem, seguindo a geografia que cada vez ia ficando mais íngreme, rumo ao local que chamávamos de Morro da Capivara, devido seu formato arredondado que lembrava as costas do bicho de mesmo nome.

— Existem algumas pequenas grutas morro acima, — disse ele, suando devido o esforço da caminhada e ao calor do sol da tarde — mas creio que, para abrigar monstros daquele tamanho, só uma seja ideal.

— Sinto a presença de água nas proximidades também — completou Amana, claramente incomodada com o calor.

E essa é mais uma curiosidade sobre as iaras: Com exceção das mais antigas e acostumadas a viagens pelo “mundo humano”, como o grupo de Maiara Verón, as iaras odeiam temperaturas altas e se tornam bem mais vulneráveis longe d’água. Dizem que também não curtem muito a água salgada, mas não pensariam duas vezes em mergulhar no mar se a outra opção fosse encarar o calor e aridez de cenários desérticos.

Ainda assim, mesmo que suando aos borbotões e levemente fadigadas, o trio de iaras seguia firme, chegando até mesmo a usarem sua força considerável para

icar Roberto em ambientes de difícil acesso.

— Existe uma cachoeira por aqui, não é mesmo? — perguntou uma das iaras, apurando os ouvidos.

— Sim, mas quase nunca fui lá, pois é um caminho difícil. Sei que desagua num rio estreito e de correnteza forte, mas que pouco a pouco vai amainando até chegar no Araguaia.

— Então já temos nossa rota de fuga — Amana decidiu, dizendo também mais alguma coisa para as outras iaras que Roberto não entendeu, já que era na língua bizarra delas, pronunciada com um som que lembra o dos botos, e que parecem sair das guelras escondidas em seus pescoços.

Roberto me disse que sentia um arrepio sempre que ouvia aquela sinistra conversa, pois desconfiava que as iaras escondiam terceiras intenções. Já disse que ele não era um grande devoto das crenças dos Filhos do Rio, mas era como se qualquer outro vestígio de percepção cultural que ele tivera sobre as mães havia se esfacelado completamente. Roberto não sabia mais o que eram aquelas mulheres, e muito menos confiava nelas. As velhas lendas lhe pareciam tolas histórias de ninar, sem oferecer acalento ou esperança. Aquelas mulheres deviam ser seres tão malignos quanto os monstros que mataram nosso pai, e talvez apenas usassem os aldeões, assim como estavam usando Roberto naquele momento.

Fosse o que fosse, a habilidade de se manter frio e focado nos momentos de crise era o que amparava Roberto. E ele também as estava usando.

E como eu gostaria de possuir essa frieza de Roberto. Na gruta, o que me amparava era a loucura, que me tirava dos horrores e me fazia sonhar acordado. Ou será que o cansaço me abateu de vez e eu dormia? Não sei dizer mais. Minhas lembranças eram fantasiosas, cheias de imagens sensuais onde eu copulava com as iaras, gerando filhas e filhos tão belos quanto as mães. Meu irmão estava comigo, e meu pai sorria ao longe, mas de repente não era mais uma cena agradável.

Meu pai era um cadáver estraçalhado, com os intestinos pendendo e se arrastando na terra. O rosto exibia um sorriso que vertia sangue. E se você for ligado nessas coisas de presságios e mensagens do além, André, creio que gostará do que essa terrível imagem de meu pai me disse em seguida:

‘Acorde, meu filho! A canção não vem dos lábios da morte. O sol amanheceu cruel e sem calor, mas a noite... Ah, a noite é eterna.’

Me lembro de cada uma dessas palavras com mais exatidão do que qualquer outra de quando ele estava vivo, e logo em seguida acordei ouvindo o que julguei ser a tal canção. A melodia das vozes femininas invadia a gruta, reverberando em suas paredes de pedra e acalmando meu coração e minha alma. Tudo se tornava

belo e luminosos sob aquele som, até mesmo o restante da carcaça da moça deformada e parcialmente devorada diante de mim.

Labrador, que tinha se transformado alguns minutos atrás para gastar a raiva da briga recente com a mãe em uma corrida pela mata, sacudia a enorme cabeça peluda e arranhava os próprios braços e peito para que a dor e a fúria lhe servissem como um escudo protetor contra o canto das iaras.

Notando que a velha não tivera a mesma sorte, ele começou a feri-la também, rosnando como se invocasse o lobisomem adormecido sob a pele da anciã, o que pouco a pouco começou a fazer efeito. Já o homem mais jovem caminhou para fora da gruta como que sonambulo, em direção a fonte do coro inebriante, e eu teria feito o mesmo, se a lobisomem não tivesse me empurrado para trás.

De repente a canção parou, ouvi sons de gente correndo e um grito. No segundo seguinte a cabeça do jovem entrou rolando pela gruta, até parar sob os meus pés.

Os dois lobisomens rugiram e saltaram para fora, e a canção bela recomeçou, mas dessa vez não tinha a mesma perfeição de antes, pois as iaras se esforçavam para manter a afinação enquanto iniciavam um combate violento com as feras. Por fim a música cessou, substituída apenas pelos sons da batalha.

Cambaleei rumo ao embate, mas meus sentidos ainda estavam entorpecidos, delirantes, e a briga me pareceu mais uma dança furiosa e impressionante. Duas iaras para cada lobisomem, e obviamente de nada serviria que as guerreiras voltassem a sua forma original em terra firme, mas ainda assim sua força e agilidade faziam toda a diferença, desviando das poderosas garras e presas dos licantropos, que poderiam desmembrá-las, enquanto agiam em conjunto, acertando com golpes dos facões que faziam jorrar de sangue no ar. O terreno rochoso era tingido de vermelho.

Amana e uma outra iara, talvez por serem mais velhas e experientes, conseguiam transformar apenas os braços, fazendo brotar enormes garras e barbatanas com esporos afiados, capazes de injetar uma toxina que mataria um homem e que, dependendo da quantidade de doses, diminuía consideravelmente as habilidades motoras dos lobisomens.

Já Roberto tinha a esperteza de se manter o mais longe possível, disparando a pouca munição da espingarda na carne peluda dos monstros, e se chocando ao notar que mesmo conseguindo acertar o coração das feras, as mesmas nem pareciam sentir os ferimentos.

— Na cabeça! Na cabeça — gritou uma das iaras, pouco antes de ter o braço esquerdo arrancado pela fileira de dentes implacáveis da fera idosa.

Roberto já havia tentado aquilo, mas era muito difícil mirar nas cabeçorras sempre em movimento, além do receio de acabar acertando as iaras na tentativa.

Ainda assim mirou e teve sorte com sua última bala, explodindo o olho e parte do crânio da fera. E sim, talvez nem isso a mataria, pois nem preciso lembrar do nosso fator de cura absurdo, só que inutilizou a licantropa por tempo suficiente para que a única iara que ainda a enfrentava descesse o facão em seu pescoço.

O corpo sem cabeça caiu em espasmos, murchando e perdendo os pelos e músculos até se tornar o cadáver enrugado da velha. Isso causou uma explosão de fúria tão grande em Labrador que ele entrou no que a cultura pop adora chamar de “*modo berserker*”. Agarrou a iara mais próxima e literalmente a rasgou no meio, terminando por saltar na que ainda agonizava no chão, sem o braço, e lhe esmagou a cabeça com uma mordida.

Já eu enfim saía do torpor da música, direto para aquele inferno de tripas e ossos, e comecei a gritar por meu irmão que se aproximava de mim.

— Você está ferido? — ele me perguntou. — Cadê os outros?

Eu nada conseguia dizer, apenas repetia seu nome, mas de algum modo ele entendeu que eu era o único vivo.

— FUJAM!!! PARA O RIO! — Amana gritou, enquanto ela e a outra iara tentavam conter a besta ensandecida.

Roberto me agarrou e me forçou a correr, descendo o terreno que se inclinava cada vez mais, em meio ao mato alto e galhos. O som da batalha continuava atrás de nós, mas um outro som foi ficando mais perceptível a nossa frente: o rugido de uma cachoeira.

Nossa corrida terminou à beira de uma queda livre, onde Roberto tentava me forçar a pular. Eu me afastei da beirada, apavorado, e minhas pernas falharam, como se todo os horrores das últimas horas voltassem para me imobilizar. Eu apenas chorava alto, me agarrando aos joelhos dele.

— Ricardo, por favor — ele implorava, usando toda sua força para me colocar de pé.

De repente nos assustamos quando uma árvore arrancada do solo voou por sob nossas cabeças, quase nos acertando, seguido da visão terrível do lobisomem rasgando a mata em nossa direção. Mas foi outra criatura que nos alcançou primeiro; Amana, feito um borrão, nos abraçou e saltou conosco para o rio.

Atingi a água de modo desajeitado, sentindo meus pulmões arderem, e mais uma vez quase perdi os sentidos, mas então vi Amana em sua forma original, a mítica iara com calda de peixe, barbatanas nos braços e o belo e selvagem rosto pálido e de olhos negros.

Ela enlaçou Roberto e eu, um em cada braço, nos içando para a superfície. Enquanto isso, acima de nós, o lobisomem furioso não ousava entrar no terreno que dava vantagem ao inimigo, mas arremessava pedras e uma outra árvore em nossa direção.

E que diferença o ambiente aquático fazia à Amana. Ela nos sustentava como se fôssemos leves crianças, e quando movimentou sua longa calda no rio, disparou feito um torpedo pela correnteza, desviando ou saltando sobre as formações rochosas que apareciam a nossa frente, e ganhando uma distância considerável do lobisomem que ainda nos perseguia pela margem.

Infelizmente, como dito por Roberto, a correnteza do rio ia perdendo a força à medida que ele se aproximava do Araguaia, ficando cada vez mais raso, e não demorou para sentirmos as pedras do fundo raspando em nossos pés.

Amana afundou sem prévio aviso e deu um grito embaixo d'água que quase estourou nossos tímpanos, principalmente os meus que estavam cada vez mais apurados. E antes que eu sequer tentasse compreender o que ela fazia, o lobisomem saltou sobre nós, erguendo Amana pela calda e a mordendo nas costelas.

Roberto e eu nos abraçávamos, impotentes. Aquele era o fim, mesmo na vantagem de seu habitat, Amana não conseguia se libertar das mandíbulas de Labrador, e era certo que depois de matá-la ele nos despedaçaria facilmente.

Mas eis a reviravolta: outros daqueles gritos agudos foram ouvidos, e dezenas de iaras saltaram das águas, atacando o lobisomem da mesma forma que as impiedosas piranhas atacam um boi. Agora era Labrador quem fugia para salvar a própria pele, e nem preciso dizer que o desgraçado conseguiu, correndo para a margem, mas nem lá teve segurança, pois outras iaras, escondidas nas árvores, disparavam flechas com tamanha precisão que só restou ao licantropo fugir cada vez mais para o fundo da mata.

— Minha irmã! — exclamou Amana, ferida, estendendo os braços para abraçar a outra imponente iara.

As mulheres nos tiraram da água, e um dos homens que aguardavam nas margens até trouxe cobertores para Roberto e eu, enquanto avaliava nossos ferimentos que não eram tão graves. E Amana também foi carregada para a margem, onde um dos machos aplicou uma curiosa mistura de ervas em seus ferimentos.

— É uma pena que só você tenha retornado — disse a irmã de Amana, assumindo a forma de mulher, e não precisarei descrevê-la, já que você conheceu Maiara mais cedo.

— Eram três lobisomens, uma anciã e um jovem... mas o alfa... o alfa era poderoso demais...

— Não se esforce, irmã.

— Mas... eu trouxe os humanos, Maiara... e o retorno deles só fortalecerá a fé dos Filhos do Rio — Amana respondeu, ainda gemendo de dor, sem se preocupar em como aquelas palavras eram compreendidas por nós. E estávamos tão abalados e cansados que nem mesmo as absorvemos direito.

Já Maiara nos encarou com desconfiança, se aproximando de onde estávamos sentados e nos farejando.

— Esse retornará, mas esse... — disse, olhando de Roberto para mim. — Esse aqui fede a lobisomem.

Passamos o resto do dia e a noite acampados naquelas margens, onde as iaras nos alimentaram e curaram nossas dores físicas. Minha sanidade voltava aos poucos em forma de lágrimas, mas eu não me sentia mais em apuros, pois meu irmão estava comigo, como sempre esteve. De todo modo, eu não estava em segurança, só não estava em condições de compreender o problema no qual eu então representava, e o que direi aqui foi o que eu soube da boca de Roberto posteriormente.

Maiara contou uma estranha história mitológica sobre a guerra entre as Mães do Rio e os lobisomens, que nada mais eram que seres amaldiçoados ao ofender a Deusa Lua e suas filhas. Bestas sanguinárias que desejavam devorar toda a humanidade, mas que eram contidas pela luz das mães, e que infelizmente eu havia sido amaldiçoado a me tornar um desses demônios quando a lua cheia chegasse.

Uma tremenda bobagem sem sentido. Uma tentativa de encaixar os últimos acontecimentos na religião que elas tinham criado para a nossa comunidade ribeirinha, e também para outras ao longo do Araguaia.

— Vocês não são deusas. Vocês sangram e morrem, e temem isso — interrompeu Roberto, em tom desafiador. — São inegavelmente criaturas poderosas, mas só.

— Como ousa... — uma das iaras se enraiveceu, mas foi impedida de avançar por Maiara.

— Vocês nunca foram revelações de milagres para mim, muito menos salvação, — ele continuou — mas não me importo. Nunca me importei. Vocês protegem nossa comunidade e dão sentido aos nossos bons costumes, mas é só isso. Então relatem suas histórias da carochinha, falem sobre milagres e desígnios divinos para os Filhos do Rio, mas não tentem me separar de meu irmão.

As iaras cochicharam entre si por um tempo, mas foi a grande líder quem resolveu falar.

— Um homem direto, sem rodeios. Pois bem, assim prefiro. A maldição é real, e seu irmão irá se transformar nos próximos dias, quando a lua estiver cheia. Não existe cura para a sina do lobisomem, e ele matará todos que encontrar quando isso acontecer. Se o ama, não permita que ele trilhe tal caminho. Liberte-o dessa vida.

— Só se eu morresse com ele, e não estou disposto a morrer agora. Eu vi aqueles monstros, eram inteligentes, possuíam consciência e pareciam controlar

essa transformação, assim... assim como vocês.

— Não nos compare àquelas bestas — rebateu a outra iara, a irritada.

— Existe um modo. Deve existir. Vocês podem nos ajudar.

— A única coisa que entendemos de lobisomens é a melhor forma de matá-los e de exigir que fiquem fora de nossos territórios — disse Maiara. — Não vamos nos arriscar com o seu irmão, Roberto.

— Ah, irão sim, ou eu não volto! — Roberto se levantou do meu lado, furioso. — Os Filhos do Rio estão com medo, e a crença nas mães não é baseada no medo, e sim no amor, união e proteção. Nós reverenciamos as mães e elas nos protegem, coisa que não conseguiram fazer, não é mesmo? Não vai demorar é as dúvidas sobrepujarão ao medo e adoração, e não sei realmente do que vale nossa crença para vocês, mas ela não será mais a mesma.

— Roberto, não... — Amana, que descansava lá perto, tentou interromper, sem sucesso.

— É claro que vocês precisam de uma nova história para fazer com que as coisas voltem ao normal, precisam justificar todas essas mortes, — ele continuou — e precisam de mim para confirmar o milagre.

— Acha mesmo? — Maiara sorriu em deboche. — Humano arrogante. Os Filhos dos Rios são só mais uma das comunidades que tomamos conta, acha que já não passamos por problemas semelhantes? Sem você, pode ser mais difícil, mas a crença nas mães sempre permanece.

— Você está errada...

— Matem os dois — ordenou a líder, dando de ombros.

Me lembro de ser dominado por braços impiedosos, e de meu irmão ser derrubado no chão pela iara raivosa que já estava com as esporas das barbatanas do antebraço contra seu pescoço. Mas um grito repentino de Amana paralisou a todos.

— Não! Chega! Chega de mortes por hoje! — exclamou a iara ferida, se pondo de pé.

— Como é? — Maiara voltou-se para a irmã, claramente incomodada com a audácia da outra.

— Minha irmã, me desculpe, mas peço que me ouça. Eu tenho uma solução mais simples que agradará a todos. Deixe que os dois voltem. Ambos confirmarão qualquer história que contarmos, nosso culto permanecerá firme e ainda mais forte, mas com a promessa de que ambos irão embora da vila e para nunca mais voltar.

— É arriscado.

— Não é, ainda temos um mês até outra lua cheia, podemos aprontar tudo. Eu lutei ao lado de Roberto contra os invasores, e ele foi de mais ajuda do que eu esperava. Não nos orgulhamos de protegemos aqueles que lutam ao nosso lado com bravura?

Amana olhava para nós com piedade e compaixão. Me lembro bem desse seu semblante, e hoje sei que é raro uma iara olhar para humanos assim. A moralidade delas e seus sentimentos para com os humanos comuns é muito diferente dos nossos. Lobisomens já foram humanos, e mesmo quando nascem lobisomens, carregam uma outra metade que se relaciona e se comporta como humano. Já as iaras nunca foram humanas, e apenas enxergam a humanidade como uma ferramenta de procriação e controle.

— Você aceita os termos, Roberto? — ela continuou. — Se ama seu irmão e não quer se separar dele, então promete que irão embora para longe?

Roberto respondeu sim sem pestanejar, mas era fato que deixar para trás o vilarejo, o único lugar que conhecíamos e nos sentíamos seguros, não era uma decisão nada fácil.

No dia seguinte, a Casa Grande dos Filhos do Rio comemorou o nosso retorno. Frutas e assados foram servidos nas mesas, assim como toda a bebida que sobrara do rito interrompido. Nossos músicos tocavam animadamente, deleitados com a presença das iaras no galpão, coisa que nunca tinha acontecido antes. E quando as mães narraram a luta da Deusa Lua contra as trevas, tudo fez sentido. A lua também minguava, engolida pela escuridão, e nisso vinha os demônios devoradores de homens se banquetear. Mas a lua sempre voltava a ser cheia, e as mães sempre voltariam para salvar seus filhos.

Os pobres Filhos do Rio que morreram nas presas dos demônios também tinham sido salvos, e suas almas foram viver no reino prateado sob as águas, que por vezes pode ser visto quando a lua brilha sobre o Araguaia.

Roberto e eu éramos a prova disso, e nosso milagre era ainda mais impressionante, pois elas narraram como morremos, e como a Deusa Lua desceu dos céus e nos trouxe de volta a vida. E em troca de tal dádiva, os irmãos partiriam do vilarejo para fundar uma outra comunidade.

Roberto concordava com tudo o que era dito, forçando-se até mesmo a sorrir em um momento ou outro. Já eu ainda sofria o trauma, sem conseguir ir a lugar nenhum sem que ele estivesse ao meu lado, segurando minha mão, e acabamos por nos recolhermos cedo.

Quando voltamos para casa, choramos a ausência de nosso pai, e no dia seguinte pedi que Roberto me levasse até onde ele estava enterrado para me despedir. Mais tarde, quando enfim nos deitamos em nossas respectivas camas, ele me contou toda a sua aventura para me resgatar e eu contei os horrores que presenciei. Por fim, ele me prometeu que acharíamos um jeito de conviver com a sina que me aguardava.

— É certo que existem outros. Você disse que os lobisomens falavam sobre outros grupos, e não é possível que todos sejam seres degenerados como aqueles. Nós vamos encontrá-los, meu irmão.

Bem, essa história já está grande demais para uma única noite, não acha? Então, me deixe acelerar e adiantar que foi com esse intuito que duas semanas depois nos despedimos de nossos irmãos do rio, mas antes que eu resuma os momentos finais, quero acrescentar só mais uma situação curiosa:

Algumas horas antes de partirmos, Amana foi até nossa casa, e o sol já nascia quando ela nos acordou para nos dar conselhos.

— Sigam para o sul e evitem as cidades nas noites de lua cheia. Os lobisomens aprendem sim a controlar a transformação, mas na lua cheia perdem completamente a consciência. Ricardo não reconhecerá nem mesmo o próprio irmão. Existem alcateias poderosas que podem acolhê-los pras bandas de lá, mas não as conheço e terão que encontrá-las por si só. E tenham muito cuidado, pois existem outros seres da Noite além dos que já tiveram o azar de conhecer.

— Por que está tão solícita conosco, Amana? — Roberto perguntou, desconfiado.

Ela deu um suspiro, meio constrangida, se preparando para tocar em um assunto que não imaginava tocar.

— Somos família, ou quase isso — disse, enfim. — Iaras não reconhecem como iguais os filhos que não nascem como as mães, mas acho que sou um pouco diferente das outras, e tenho uma memória vívida de quando pari a mãe de vocês nas águas. Foi a única filha que tive, e não creio que meu destino seja gerar outra, seja humana ou não. Minha irmã me chamaria de tola e sentimental, por eu estar me compadecendo de humanos, mas sou sincera quando digo que desejo boa sorte a vocês, filhos de minha filha.

Ficamos mais que surpresos, e posteriormente pensaríamos muito naquela revelação, enquanto nos lembrávamos do pouco que nosso pai nos contara sobre nossa mãe. De todo modo, nos despedimos de nossa avó com um simples, mas firme, aperto de mãos, e pouco tempo depois nossos corações se partiam ao nos afastarmos de nosso lar.

Antes que você me interrompa, André... sim, sou um lobisomem comum. As diferenças nos cromossomos dos humanos filhos de iaras para com humanos comuns é tão ínfima que praticamente não existe. Então não se empolgue, não sou nenhum tipo de híbrido.

Finalizando minha narrativa, sobre o que veio depois que deixamos nossa comunidade, irei roubar o jargão que Natâniel usou em sua biografia: foi a nossa fase de *cães vadios*. Iniciamos uma vida de nômades, mas sempre rumando para o

sul como Amana nos aconselhou. Uma fase maldita e por vezes desesperadora, mas a sorte é que tínhamos um a outro.

A minha primeira transformação foi em meio a mata fechada, e exige que Roberto se distanciasse o máximo de mim, voltando apenas no dia seguinte, onde me encontrei em meio aos restos de uma capivara. Roberto sempre usava suas técnicas de caçador para tentar mascarar o próprio cheiro com lama e ervas específicas, passando a noite nas copas das árvores, e não sei se isso foi suficiente ou se ele apenas teve sorte.

Quando a lua minguou, eu já tinha mudado completamente, ganhando todos os dons que a fera trás, e comecei a descobri minhas capacidades de metamorfose consciente, o que realçou nossas esperanças de que existiam outros lobisomens, que mesmo com a sina mantinham o coração humano como o meu.

Foi nessa mesma fase que Roberto decidiu que queria que eu replicasse nele o que a velha lobisomem tinha feito comigo. “Irmãos ficam juntos”, disse ele, e sendo ambos licantropos, a próxima lua cheia se tornaria mais fácil.

Ficamos mais de um mês naquela área isolada até nos sentirmos prontos e confortáveis com nossas novas capacidades. E daí seguiu o velho roteiro dos lobisomens sem alcateia: metemos os pés pelas mãos, matamos quem não devia, sofremos, choramos. Desistíamos de conviver em sociedade e voltávamos para o mato. Até que no ano de 1980, tomados pelo frenesi da besta, invadimos uma fazenda no interior de São Paulo pertencente a Valverde, onde na mesma noite a alcateia se reunia sob o comando de Maria Lúcia.

Levamos uma tremenda surra de Flávio e dos outros, e fomos detidos para interrogatório no dia seguinte. Ao concluir que éramos simples cães vadios e que estávamos desesperados por ajuda de outros como nós, Maria Lúcia nos acolheu na alcateia onde estamos até hoje... e é isso.”

— E vocês nunca mais voltaram a ver os Filhos do Rio? — André perguntou, buscando estender mais um pouco daquela conversa.

Ricardo demorou um pouco a responder, e o novato notou que os olhos do beta tinham marejado.

— Nos anos 90, para a surpresa de todos na Noite, os grupos de iaras da américa do sul se juntaram, revelando que eram mais do que lendas ribeirinhas, ou criaturas tribais como se pensava, e que por anos trabalharam secretamente no acumulo de capital suficiente para exigir seu local nas políticas do mundo da Noite.

“Foi nessa época que revi Maiara e Amana, mas o que era para ser uma reunião alegre, veio com as piores notícias. Elas nos contaram que alguns anos depois, quando as iaras já não se faziam mais presentes nos rituais religiosos das vilas que dominavam, Labrador voltou pra vingar a morte da mãe, com uma

matilha de vira-latas, e chacinou os Filhos do Rio, ateando fogo nas casas e profanando os corpos das formas mais sórdidas.

Nosso antigo lar tornara-se cinzas, e Roberto e eu decidimos que não voltaríamos para presenciar tal tragédia, preferindo manter nossas boas e velhas lembranças de como era nossa comunidade. Nosso ódio de Labrador cresceu ainda mais, e na vez seguinte que nossos caminhos se cruzaram houve sangue e fúria, mas o desgraçado conseguiu fugir, usando nossa própria raiva contra nós.

Felizmente ele teve seu fim, e disso me alegro, mesmo que o preço tenha sido terrível para toda a Valverde...

Mas chega, e não ouse me perguntar mais nada, moleque. O dia não demora a nascer e precisamos descansar, pois, como disse o espírito de meu pai: *Ah, a Noite é eterna.*”

André não deve ter dormido nem por três horas, mas estava tendo um sonho ridículo envolvendo iaras e um lobisomem com calda de peixe, quando foi acordado por Natâniel de modo abrupto. Seu amado estava chorando.

— Acorda, meu bem, o Casarão entrou em luto de novo — e assim ele relatou que Madame Valquíria havia acabado de ligar, avisando que Ana e Dolores, as criaturas mais doces dentre eles, tinham falecido em suas camas na noite anterior.

Foi a própria Valquíria que as encontrou, e as gêmeas aparentemente haviam tido a sorte de morrer enquanto dormiam, mas a matriarca temia que aquilo também fosse obra da nova e enfurecida assombração que se manifestava no Casarão Violeta recentemente. Todos eles deviam retornar, ela ordenou.

André não soube como se portar de imediato, muito menos o que dizer, e apenas abraçou Natâniel e deixou que ele chorasse em seus braços. Em sua mente brotava as imagens das pequenas e sorridentes velhinhas, incansáveis mesmo em idade tão avançada, se recusando a sair da cozinha para se derramarem de amor apenas porque André tinha elogiado o almoço ou pedido para repetir.

Ele não tinha o mesmo vínculo emocional que o resto da alcateia possuía para com as falecidas, mas seu coração ficou mais pesado naquela manhã. Além disso, foi acometido por um calafrio parecido com os que sofreu no velório de Daniel.

Mas, posteriormente, ao pegar o avião para Brasília, enquanto exercia sua mania de buscar sinais e ligações em tudo, mesmo apelando para especulação metafísica, André se perguntou se o que sentiu naquele momento não era algo mais. Como se a notícia, por mais triste que fosse, não tivesse lhe chegado na forma de um sinal de mal agouro, pois outras tragédias, se não piores, se preparavam para serem reveladas naquele mesmo dia.

Quando aterrissou em Brasília e rumava para a garagem do aeroporto, junto de Ricardo e Natâniel, seu telefone celular começou a vibrar. André tinha deixado o aparelho carregando a noite toda e só então o ligava. Mas para sua surpresa, foi o nome de Renan que leu no visor digital.

Seu ex-namorado preferia ver o diabo do que interagir de qualquer forma com o escritor, e nisso a curiosidade de André falou mais alto.

— Alô — atendeu, equilibrando a grande mala com facilidade no braço esquerdo.

— André! Graças a Deus... você está no Plano? — a voz de Renan estava embargada, em um claro desespero. Dava pra ouvir o som de outras pessoas andando e conversando ao fundo.

André custou alguns segundos para voltar a falar. A urgência na voz do outro lhe deixou um pouco desconsertado.

— Sim, mas já estou voltando para o Casarão...

— Não! Não vá! Por favor, eu estou aqui no hospital... no HRAN, e eu preciso de ajuda...

— O que aconteceu? Você está bem?

Ricardo ajudava o auxiliar do hotel a colocar a bagagem no carro, mas Natâniel e Flávio olhavam para André, talvez escutando a conversa de telefone com suas poderosas audições.

— Não é nada comigo, e sim com Luís e Gabriel... eles estão internados, mas Luís não resistiu, e a família dele, você sabe... Eu... eu tentei te ligar a madrugada toda, mas dizia que o telefone estava desligado...

O coração de André disparou, sentindo uma fígada ao ouvir o nome dos amigos, e os calafrios agourentos voltaram.

— Calma... fala devagar, Renan. O que aconteceu com eles?

Renan tentou responder, mas começou a chorar ao invés disso.

— Eu tô indo praí agora. Tenha calma — André respondeu, se perguntando no mesmo instante se tinha sido prudente decidir aquilo sem consultar o alfa.

— Nós deixaremos você em frente ao hospital — disse Flávio. — Se precisar ficar mais tempo, volte para o nosso hotel de costume.

André suspirou aliviado, e durante o trajeto pediu que Renan se acalmasse e contasse mais detalhes do que aconteceu, sentindo o próprio coração retumbando tão alto que parecia envolver o mundo inteiro.

Renan contou que há dois dias o casal Luís e Gabriel tinham pego a estrada, numa viagem para Alto Paraíso. Saíram de madrugada, pois era desejo de ambos estarem o mais cedo possível em um camping ao lado da cidade goiana, mas ao pararem em um posto de gasolina da Asa Norte para reabastecer, foram atacados por um grupo de homens que bebiam em um bar ao lado do posto, e que teriam se enfurecido ao ver os dois homens trocando um ligeiro selinho enquanto aguardavam o frentista encher o tanque.

O ataque dos homofóbicos fora brutal. Segundo o frentista, foram por volta de oito homens, armados com pedras, ou utilizando as cadeiras de ferro do bar como instrumento sádico. Nenhum dos poucos que observavam ousou intervir, e quando a polícia chegou já não tinha muito o que se fazer.

Luís chegou morto na emergência do hospital, e Gabriel estava em estado crítico, tendo que passar por algumas cirurgias. O crime tinha saído nos jornais

locais, mas sem muita repercussão.

— E a família de Luís, aqueles malditos... — chorava Renan do outro lado da linha — a prima dele só me ligou ontem de noite, depois que já tinham enterrado ele, acredita? Aqueles filhos da puta!

André estava mudo, se segurando para não afundar no choque e na raiva. Mas a atitude da família de Luís não era para lhe chocar, pois sempre forma uns babacas conservadores. Evangélicos hipócritas que só ligavam para o filho quando precisavam de dinheiro ou alguma ajuda do tipo.

Natâniel também demonstrava espanto, pois também conhecia o amigo do namorado, e apertou com força a mão livre de André.

— Parece que ela tentou ligar pra você, mas não conseguiu te encontrar. Os únicos números na agenda que ela conhecia era o seu e o meu — continuou Renan, trocando o tom choroso pelo de ódio.

Já tinham enterrado seu amigo. Seu amigo, seu Luís, debaixo da terra, e André nem mesmo pode se despedir dele. Soltou um gemido de dor e se encolheu no banco do carro.

— E o Gabriel? — enfim se forçou a perguntar.

— Ele passou pelas cirurgias, mas tá desacordado ainda e sem certeza de melhora. E é por isso que os filhos da puta me ligaram: eles não se importam nada com o Gabriel.

E Gabriel não tinha família, pensou André. O jovem bailarino tinha vindo de uma cidade muito pobre da Bahia, seguindo o sonho da dança. Seu único familiar conhecido era a avó que tinha falecido no ano passado.

Luís e Gabriel não eram casados formalmente, e mesmo que André não entendesse bem as complicações disso, era bem capaz que a família de Luís tiraria tudo que o filho deixou de bens, negando qualquer coisa à Gabriel.

— Eu estou chegando, Renan. Vamos resolver isso.

Antes mesmo de chegar no hospital público, Flávio já fazia suas eficientes ligações para os agentes humanos da Valverde e resolvia tudo. Era para Gabriel ser transferido para o hospital particular da Valverde em Brasília, onde teria uma assistência melhor sem economia de despesas. Natâniel se prontificou a ficar junto do namorado, mas André negou.

— Eu sei o quanto você amava Ana e Dolores. Elas gostariam que você estivesse no velório, e o pessoal do Casarão precisa de você — disse, enquanto cruzava apressado os corredores movimentados da ala de emergência do Hospital Regional da Asa Norte.

André agora era tomado pela força que raramente surgia em seus momentos de desespero. Ele precisava ser forte, já que não era mais um simples humano frágil, e além disso tinha todo os recursos financeiros necessários para tal.

E lá estava seu ex-namorado, tão desamparado e confuso, e que tinha deixado de lado todo seu ódio e orgulho. Era ele quem precisava de sua ajuda, e principalmente Gabriel. O bonito e sonhador Gabriel que cambaleava entre a vida e a morte.

— Mas eu volto amanhã mesmo, está me ouvindo? — Natâniel respondeu. — E qualquer coisa me ligue antes que eu dou um jeito de aparecer, nem que seja correndo na forma de fera.

Se beijaram rapidamente ao se despedirem. Talvez o mesmo tipo de beijo em público que tinha sido a sentença de morte de seu amigo, mas aí do filho da puta que tentasse fazer o mesmo com André agora.

Mas quando chegou no leito onde Gabriel estava e viu o estado do amigo, desejou que Natâniel tivesse ficado.

A notícia sobre Ana e Dolores funcionou como uma injeção de urgência revigorante para fazê-la sair do quarto. Madame Valquíria estava certa; o Casarão Violeta precisava de Letícia mais do que nunca.

E Letícia saiu de seu isolamento dos últimos dias com o cabelo e maquiagem impecáveis, disfarçando pelo menos parcialmente seu semblante cansado e assustado. A combinação de vestido preto justo e os altíssimos sapatos lhe traziam parte da imponência de antes, enquanto fazia os telefonemas necessários e amparava uma chorosa Valquíria que não conseguia mais esconder a própria fragilidade.

Ainda assim, não encarava os belos monstros nos olhos ou se demorava na presença deles. Até mesmo estar com o triste David era complicado. Será que ele estava lendo a mente dela naquele momento, invadindo a privacidade de seus segredos e medos?

A presença de Lua lhe causava arrepios.

Quando o desespero ameaçava dominá-la, ela se esforçava em lembrar dos trechos da biografia de Natâniel, mesmo sofrendo a confusão de não saber se temia, odiava ou se compadecia do velho amigo. Repetia o mantra mentalmente de que “sim, eles eram monstros, mas havia uma certa humanidade por detrás daqueles belos e selvagens olhos”. Monstros eram capaz de amar, e talvez fosse verdade que eles a amassem.

Será que tinha ouvido um sussurro de Franciele, vindo logo atrás de sua nuca, lhe dizendo o contrário?

Mas chega! Não devia ocupar a mente com isso, pois tinha um enterro para ajudar a organizar. Tinha pessoas para consolar. Se não as lembranças voltariam,

suas amigas sendo despedaçados na escadaria por uma criatura demoníaca que agora sabia que se tratava de Natâniel.

Ah, Natã, por que as coisas tinham que ser assim?

O ritual de despedida seria como as gêmeas achavam certo, com uma vigília de oração que duraria a noite inteira, até que as duas fossem enterradas em terreno consagrado, no vilarejo de Santa Sofia. As conhecidas da igreja já se amontoavam no salão do Casarão, em volta dos pequenos caixões brancos, entoando os intermináveis cânticos de Jesus e a Virgem Maria. E as velhinhas pareciam tão pequenas em seus caixões cobertos de flores amarelas. Suas amadas senhorinhas que haviam apagado, como as últimas velas de inocência do Casarão Violeta.

Os outros monstros também estavam lá, incluindo o mais mentiroso de todos, Natâniel, e ele a encarava de volta com um olhar de súplica.

Sim, a inocência tinha ido embora de vez daquela casa. O Casarão agora era uma casa de feras.

Em certo momento, quando foi a cozinha atrás de mais uma garrafa de café para os presentes, encontrou Natâniel conversando com Valquíria. Os dois estavam claramente emocionados, e seria impossível descrever o misto de sentimentos nos semblantes de ambos.

Mas havia dor ali, e amor... principalmente amor, e culpa.

De repente esse misto a dominou também, e ela avançou para Natâniel, o esmurrando e o estapeando com toda sua fúria, mas era quase como estapear uma parede de tijolos.

— Seu mentiroso desgraçado! Seu assassino — ela exclamou entre dentes, sem parar com os golpes, que ele recebia passivamente e com lágrimas ininterruptas, até que Letícia se desarmou e o abraçou soluçando em seu terno de grife.

Madame Valquíria deu um passo em sua direção, mas não fez nada. Apenas chorou junto com eles.

— Letícia... — começou Natâniel, entre soluços.

— Não, Natã. Eu não o perdoo — ela respondeu e se libertou dos braços dele, pegando a garrafa de café de cima da mesa e voltando para o salão. Mas também sabia que, independente de toda aquela dor e rancor, o amaria para sempre.

Se refugiou em meio as beatas e seus hinos religiosos, em meio aos humanos como ela, e cantou junto, mais uma vez contemplando os pacíficos rostos enrugados das gêmeas veladas.

Mas em certo momento teve um sobressalto ao ouvir, ou achar ter ouvido, a voz de Franciele novamente, soprando palavras de rancor atrás de sua cabeça.

“Sim, Fran, eu estou com ódio”, respondeu em pensamentos. “Com ódio dos monstros, de mim mesmo, e de você. Sim, de você. Ah, Fran... se elas morreram

mesmo por sua causa, eu juro que a mandarei para o inferno, nem que eu tenha que morrer e fazer isso pessoalmente”.

Um Ato de Misericórdia

Apenas um túmulo pequeno e sem graça no Cemitério de Taguatinga. Um retângulo baixo de cimento, com uma placa de ferro com o nome e a data de nascimento e falecimento de Luís. As flores molhadas se amontoavam sobre a lápide como uma coisa confusa e indesejada, como algo sujo, aos olhos de André, e ele sentiu vontade de limpar tudo com as próprias mãos, mas não conseguiu se mover.

Temia ter mais uma crise de choro, ou de raiva.

Ah, a raiva era tão presente. Tão palpável, como um outro ser.

Ele respirou fundo, sentindo um cheiro curioso no ar e que permaneceria com ele pelo resto do dia. Seria aquele o cheiro da morte, vazando dos caixões, escapando de algum modo pela terra e chegando as narinas aprimoradas do jovem lobisomem?

— Isso está errado — disse em voz baixa, sem conseguir tirar os olhos das incômodas flores despetaladas pela chuva.

— Como? — perguntou Renan, meio que saindo do transe. Parecia ainda mais cansado de André, que só agora notava como não existia mais a postura de rancor de quando haviam se visto meses atrás.

— Está errado. Esse enterro, essas flores... ele queria ser cremado — André respondeu, fechando os punhos com força. — Luís comentou comigo isso mais de uma vez. Ele queria ser cremado e a família sabia disso, mas nem esse último desejo foram capazes de fazer.

Durante as últimas horas, desejou entrar em contato com a família de Luís. Sentia-se no direito de reclamar explicações, de exigir que removessem aquele caixão e dessem a cremação devida. Chegou até mesmo a fantasiar a si mesmo, na forma de fera, entrando sorrateiro no cemitério a noite, como os monstros das lendas, para escavar a terra e levar seu amado amigo para ser cremado no forno das Lamannara.

E também havia os assassinos. Os malditos homofóbicos que ainda estavam soltos, sendo que a polícia parecia não estar com muita pressa de investigar.

Mas e se a Valverde investigasse? Sim, pediria para Flávio isso. Sua alcateia não devoravam os malfeitores? Então os desgraçados seriam deliciosos de saborear.

— Foi tudo às pressas, — disse Renan — como se Luís fosse só um problema que eles queriam resolver de uma vez. E quando eu liguei mais cedo e perguntei sobre o Gabriel, a mãe do Luís disse que não era problema dela, mas que as coisas do Gabriel deviam ser tiradas do apartamento do filho dela o quanto antes.

Ah, e Gabriel. O seu delicado amigo Gabriel, quebrado em vários pedaços e remendado, na cama daquele hospital há três dias. E que terrível foi aquela manhã, quando Gabriel enfim despertou sem sentir nada do pescoço para baixo. A cabeça se movendo estranha, ainda entubada, com os grandes e amendoados olhos escuros buscando os de André.

“André, o que está acontecendo? Eu não consigo me mexer! Onde está Luís?”, Gabriel suplicou depois com a voz que mais parecia um sussurro de tão fraca, e ficando tão nervoso que precisou ser dopado de novo.

— Velha filha da puta... — Renan continuou, agora se rendendo ao choro. — Como ela pode fazer isso com o próprio filho? Como eles podem ser assim? Como podem odiar tanto a gente apenas por...

André o abraçou, lhe afagando atrás da cabeça e o beijando na testa. Notando como era diferente abraçá-lo agora, pois o corpo de seu ex, mesmo só alguns centímetros mais alto, parecia tão frágil quanto o de Gabriel. Todos os humanos comuns pareciam frágeis agora.

Frágeis e deliciosos. Em seus braços, como presas fáceis.

Levado pela emoção, Renan ergueu o rosto e colou os lábios nos dele, num beijo desesperado, derrotado, atijando ainda mais a fera interior de André.

O lobisomem se afastou subitamente com o coração acelerado, lutando contra os arrepios que surgiram em sua nuca que deveria estar coberta da pelugem que antecedia a transformação.

— Me desculpe, foi sem querer... eu só fiquei... — Renan se explicava, envergonhado, enxugando as lágrimas do rosto.

— Tudo bem. Não tem problema. Vamos, eu te deixo na rodoviária antes de eu voltar para o hospital — disse, dando um tapinha meio sem jeito no ombro o outro.

Mas não estava nada bem. Ainda sentia os arrepios, a fera inquieta, e ainda bem que estava de óculos escuro pois muito provavelmente seus olhos deveriam ter assumido aquele brilho amarelado e selvagem. O lobisomem queria seu tributo, e a dor de André parecia aumentar ainda mais esse desejo.

— Você vem pra cá hoje? — André perguntou pelo celular, enquanto andava a esmo pelo longo trecho de grama entre a Catedral e o Planalto Central. Tinha decidido por aquela caminhada logo após deixar Renan na Rodoviária de Brasília.

— Sim, as coisas deram uma acalmada por aqui, mas devo chegar tarde — respondeu a voz de Natâniel. — E como você está?

A deslumbrante combinação de cores que o céu de Brasília costumava assumir no crepúsculo sempre o encantava e o acalmava nos momentos mais difíceis, mas não dessa vez.

André não queria assumir isso para si mesmo, mas estava evitando voltar para o hospital. Temia que Gabriel acordasse de novo. Não queria presenciar novamente aquele desespero, os olhos suplicantes de seu amigo tentando mover o corpo inutilmente.

— Natã... eu sei que ele está no melhor hospital da cidade. Eu sei que estamos fazendo de tudo que a medicina pode fazer, mas... e as outras opções. A Noite deve ter mais opções... Gabriel podia ser um de nós...

— Meu amor... — Natâniel suspirou do outro lado, fazendo uma pausa que pareceu durar mais do que devia. — As coisas não são assim tão simples. Vamos conversar com a alcateia primeiro. Como você bem disse; a Noite deve ter mais opções, mas o Dom da Fera não é uma opção agora.

— Mas Natã, ele não mexe mais o corpo. A vida dele é dançar, é o que ele mais ama fazer...

— André, é por isso que nos afastamos dos humanos comuns. Luís, Gabriel, Ana e Dolores. Seus pais, suas irmãs, Madame Valquíria e Letícia... Todas as pessoas que amamos estão sujeitas a essas tragédias, e não poderemos salvar todas elas. Não devemos intervir, é o que nosso alfa normalmente diria.

— Isso não é justo, Natã! Eu não posso ficar de braços cruzados.

— Você não está, meu amor. Nós não estamos. Vamos confiar na ciência comum por enquanto. E se acalme, eu estou a caminho, vamos conversar melhor quando eu chegar.

Mas André desligou a chamada sem nem mesmo se despedir. Se falasse mais alguma coisa iria gritar, ou rosnar. Era tanta raiva, era tanta dor, um sentimento alimentando o outro. Olhou para as próprias mãos antes de guardar o aparelho no bolso, notando os pelos surgindo nos pulsos, os dedos levemente mais alongados. E sem querer apertou o celular com tanta força que a tela rachou. Os pés cresceram, se apertando nos sapatos, e André sentiu o começo do desespero.

Atravessou a pista correndo, quase sendo atropelado por um ônibus, e se refugiou no centro do vasto trecho de grama do Eixo Monumental, onde tinha muito menos pessoas transitando. Estava escurecendo, mas não podia correr o risco de alguém notar os sinais de sua transformação.

Ainda assim, estava no centro do Plano Piloto em horário de pico, e a lua nova, quase cheia, que surgia ainda tímida por detrás dos prédios, parecia tão

sedutora quanto o cheiro da carne dos transeuntes. Se transformar ali quebraria tantas leis da Noite que nem mesmo Flávio poderia lhe salvar a pele.

Mas o que ele podia fazer, pensou, enquanto dava início ao exercício de respiração que havia aprendido com a alcateia. Repetindo para si mesmo que ele era quem comandava a fera, e que ela só seria liberta quando ele quisesse.

A fera discordava.

Naquele momento ele não sabia mais se era dono dos próprios pensamentos. A voz em sua cabeça ainda era a como a sua, mas parecia ser outro indivíduo, uma voz que dizia que estava com fome e que precisava caçar, e que era um direito seu caçar.

André suava e tremia dos pés à cabeça, mas ainda possuía força de vontade o suficiente para conseguir se mover o mais rápido possível, quase derrubando os transeuntes pelo caminho, e voltar para o estacionamento superior da rodoviária, onde o carro que usava estava estacionado.

Assim que subiu as escadas para a área superior, foi bruscamente abordado por um homem com uma bíblia na mão, lhe convidando para uma conversa sobre Jesus Cristo. André quase empurrou o homem, mas nessa hora sentiu uma pontada forte no estômago que o fez encurvar.

— Tá passando mal, garoto? — perguntou o homem de Deus.

André apenas gemeu em resposta, mancando em direção ao estacionamento.

Entrou no veículo com os sapatos destruídos de dentro para fora, com os pés enormes e com garras escuras, assim como as mãos que já estavam completamente cobertas de pelo.

— Se acalme! Por favor, se acalme, seu idiota — disse a si mesmo, reiniciando os exercícios de respiração, e sabendo que o que precisava fazer era ligar para Natâniel e pedir ajuda.

Mas onde estava seu celular? E antes que voltasse a tatear os bolsos, foi surpreendido por uma batida no vidro. Era o homem de Deus mais uma vez.

— Seu celular! Você derrubou ele.

André demorou alguns segundos para conseguir abrir a porta, já que seus dedos não achavam o botão para baixar o vidro. Tentava não encarar o homem, temendo que ele notasse seus olhos amarelos, e nisso manteve a cabeça baixa, observando a camiseta amarrotada do homem de deus onde podia-se ler a frase “Jesus cura o homossexualismo”.

— Que ótimo, mais um homofóbicos pra encher... — disse André, num sussurro seguido de um gemido de dor. Agarrou o aparelho da mão do homem com certa agressividade, e já fechava a porta quando o homem de deus o interrompeu.

— Você me parece com dor — o homem tocou em seu ombro. — E tem algo estranho com seus olhos. Eu sou um servo do Senhor, meu amigo, e se você

precisar de ajuda...

André rosnou enfurecido, agarrando o homem de Deus pelo pescoço e o puxando quase que completamente para dentro do carro. A boca se alargou, projetando dentes afiados, e mordeu com tanta força a garganta do infeliz que o pescoço do homem de Deus se quebrou na mesma hora.

As pernas do homem deram alguns espasmos pro lado de fora, mas logo pararam, e a única pessoa que passava próximo naquele momento, um velho morador de rua, apenas sacudiu a cabeça e sorriu, imaginando se tratar de um homem sentado no colo do outro e se beijando com voracidade.

Letícia deu um salto ao ligar a boca do fogão e se assustar com a chama que se ergueu mais alto do que deveria. Tinha dispensado todos os funcionários do Casarão, até mesmo o caseiro tinha saído de férias com a família, e nisso Madame Valquíria, Roberto e ela revezavam no preparo das refeições e limpeza da casa. Mas aquele fogo não era nada sobrenatural, nenhum fenômeno de um fantasma rancoroso, e sim a velha boca que carecia de ser consertada já fazia semanas.

Nenhuma nova manifestação de Franciele desde o falecimento das gêmeas, isso se realmente tinha sido ação da assombração. E pensar nisso causou um novo arrepio em Letícia, que se perguntou o que a fantasma estava esperando para atacar novamente.

Nos últimos dias havia entrado num estado de alerta que beirava a paranoia, reagindo a qualquer som de madeira rangendo atrás de si, luzes piscando, ou uma mera cortina se movendo com a brisa, e se perguntava porque ainda não tinha enlouquecido de vez.

Talvez já fosse vacinada para isso, sendo destinada apenas a mergulhar no horror que a despedaçava e a remontava, emergindo enfim não como uma pessoa melhor ou diferente (pelo menos não se sentia nem uma coisa e nem outra). Mais uma vez era apenas ela mesma, com mais cicatrizes, ranhuras e trincados no coração e na mente, mas inteira e ainda amando tudo aquilo.

Ah, esse pensamento, essa dor tolamente romantizada, era algo que Natâniel escreveria em sua biografia, ou talvez André. Ela sorriu ao se imaginar ditando sua história para lobisomens atentos.

Lobisomens... imagine só.

Quanto mais vivia, mais louco o mundo se revelava.

— Oi — disse uma voz tímida atrás dela, mas não a assustou, pois ela já prestava atenção no som dos passos conhecidos se aproximando, como que se anunciassem para que Letícia aceitasse ou não sua presença.

— Oi — ela respondeu, sem se virar para Ricardo, ao mesmo tempo que estranhava como seu coração não tinha começado a acelerar, ou os pelos de sua nuca não se eriçarem de medo.

Será que o medo imobilizador tinha sido enterrado junto com as gêmeas? “Ah, minha Ana e minha Dolores, minhas velhinhas queridas. Eu sinto que não me importo com mais nada, e não sei se isso é uma benção ou uma maldição”.

No dia anterior Ricardo tinha ido até o quarto dela, se derretendo em lágrimas, implorando pelo seu perdão e amor, e ela se compadeceu, mas só por baixo da casca. Acima, não conseguiu demonstrar nada, permanecendo fria, como uma deusa de mármore diante de um fiel prostrado em desespero.

— Vim saber se você precisa de ajuda, e avisar que Natâniel foi para Brasília ficar com André — Ricardo disse, e sua voz transmitia tanta carência e receio de magoá-la.

— Valquíria comentou isso comigo. O tal amigo do André ainda está mal? — ela perguntou, ainda sem olhar para ele.

— Saiu do coma, mas parece que não vai mover mais nada do pescoço para baixo.

— Que triste. André deve estar sofrendo...

“Quantas tragédias. Uma atrás da outra”, pensou, e só então se virou e encarou Ricardo, e ele recebeu seu olhar com uma ansiedade não disfarçada. Parecia que a qualquer momento cairia de joelhos e em prantos como da última vez.

Letícia queria dizer algo para ele, mas o quê? Que não possuía mais medo? Que o perdoava? Que lá no fundo, por baixo de todas aquelas sombras, ela estava curiosa com o que ele e os outros eram? Ainda assim, estava tudo tão diferente. Ela queria tocá-lo e ter a intimidade de antes, mas era só olhar para aquele belo rosto que se lembrava da fera que a assustou no bosque.

Não, não o temia e não temia a fera, mesmo que se perguntasse onde começava uma e terminava a outra. Então o que a impedia, seria apenas orgulho?

— Ricardo... — falou, dando um passo à frente, mas então outro susto. Era Saruman latindo no salão, e não de um jeito natural como quando brincava com Lua, e sim parecia estar acuando algo.

Ricardo também virou o rosto em alerta, e isso a fez imaginar se ele não possuía alguma capacidade de compreender os rosnados do cão.

Sem esperar uma resposta ela se adiantou para o salão, mas no meio do caminho escutou um barulho de vidro sendo quebrado. Saruman latia com mais força e voz de Lua também foi ouvida chamando por ajuda, o que também não era nada típico.

Ricardo e ela foram recebidos com um dos porta-retratos de prata arremessado contra eles, e que teria acertado em cheio o rosto de Letícia se Ricardo não tivesse

bloqueado o objeto com um tapa.

Era como se um furacão estivesse contido dentro do salão do Casarão Violeta, virando sofás e cadeiras, derrubando estantes e jarros, fazendo os objetos girarem no ar. O vento soprava gelado, produzindo sons que mais lembravam os gritos de agonia e fúria de uma mulher. No centro dele estava Lua, abraçando o cachorro e o forçando a sair do meio do pandemônio. Mas esse não era o perigo maior.

— Ajudem o tio David — disse Lua, apontando para a escadaria e carregando o furioso cachorro para fora da casa, enquanto no meio das escadas um assustado David lutava para se equilibrar do vento sobrenatural que o açoitava com todo tipo de coisas. Sua bengala tinha sido arrancada de suas mãos e ele se apoiava no corrimão com a mão esquerda enquanto tentava se proteger dos objetos com a direita.

Letícia foi a primeira a tomar a iniciativa, mas mal avançou alguns passos e o enorme retrato de Isabella foi jogado em sua direção, chegando a acertar dolorosamente seu antebraço direito.

No retrato, rasgos surgiram subitamente, formando letras que diziam “Putra Traidora”. E enquanto ela se chocava com aquela manifestação sobrenatural, um mastro de uma das cortinas veio com tudo, como uma lança em sua direção.

Mais uma vez Ricardo a salvou, mas o mastro perfurou em cheio em seu abdome, com a ponta saindo do outro lado.

Valquíria e Bianca surgiram no segundo andar, mas antes que qualquer uma delas entendesse o que acontecia, o velho David perdeu o equilíbrio e caiu rolando as escadas.

— NÃÃÃOOOO! — o berro de Flávio ecoou mais alto que o barulho da ventania fantasmagórica. O líder dos Valverde entrou no salão como se tivesse corrido quilômetros.

Letícia não sabia mais se socorria o velho caído ou se tentava ajudar Ricardo, que havia arrancado a lança do corpo e começava a se transformar em fera para acelerar o fator de cura.

O restante dos presentes correu para David, mas pararam antes, quando Flávio deu mais outro berro seguido de um choro de cortar o coração, erguendo nos braços o corpo sem vida de David Grenier.

O jeito em que André desligou a chamada em sua cara, enquanto Natâniel dirigia, só o empenhou a pisar ainda mais fundo o pé no acelerador o máximo que a prudência permitia. Se magoava fácil com ações do tipo, principalmente das

peças que amava, mas o que o deixava realmente ansioso era a preocupação do que aquele ato podia significar.

Tinha sido um erro deixar um beta novato sozinho, com toda aquela pressão emocional, independente da fase lunar. O próprio Flávio o repreendeu por isso. E se as Lamannara não estivessem resolvendo outras questões mais importantes, ele ligaria para pedir que uma delas desse uma olhada em como André estava.

Já eram quase meia-noite quando Natâniel estacionou na garagem subterrânea do prédio, munido de seu ilustre crachá que dava passe livre para qualquer local daquele moderno hospital pertencente a Valverde. A área praticamente vazia onde parou a BMW era exclusiva para o alto escalão da empresa, e por isso encontrou o veículo que André dirigia não muito longe do seu.

— Não pode ser... — sussurrou para si mesmo.

Havia algo de tremendamente errado, que o fez estacar e o coração acelerar. Um cheiro que era em sua maior parte contido dentro do carro, mas que não passaria despercebido para um lobisomem.

Cheiro de sangue.

Destrancou o carro suspeito com a cópia da chave que possuía e não pode conter uma exclamação de espanto. Um homem morto estava jogado de qualquer jeito no banco traseiro, com rasgos profundos no peito e garganta, os olhos abertos, quase saltando das órbitas, e a mandíbula pendendo só por uma fina tira de carne lhe dava um ar ainda mais grotesco. As marcas eram fáceis de identificar e não deixavam dúvida.

— Puta que pariu, André — rosnou, notando também uma camiseta suja de sangue, que sabia pertencer a seu namorado, jogada no banco do carona.

Rastros quase imperceptíveis de sangue seguia em direção ao elevador, não só no piso, mas também no ar.

O coração de Natâniel batia tão forte que doía. Ele desatou numa correria treloucada, escolhendo os longos lances de escada até o sexto andar, onde sabia que ficava o quarto onde Gabriel estava em observação. Um guarda estranhou a correria, mas Natâniel só fez erguer o famoso crachá verde e dourado facilmente reconhecido por qualquer dos funcionários.

A ala em questão parecia quase deserta, e o único som que se destacava era a de uma enfermeira batendo na porta de um quarto que estava trancado por dentro.

— O que está acontecendo aqui? — Natâniel perguntou, assustando a enfermeira que quase deixou cair a prancheta que carregava nos braços.

Ela olhou para o crachá dele e ficou ainda mais nervosa, gaguejando ao tentar falar.

— E-eu... eu não sei... o acompanhante do Sr. Gabriel parece ter trancado o leito por dentro e não quer abrir. Vou chamar a segurança...

— Não, não precisa. Pode voltar ao seu trabalho. Eu assumo daqui.

— Mas, senhor... e-eu preciso ver o estado do paciente.

— Já disse para não se preocupar, eu me responsabilizo.

— Mas...

— Já disse, fora daqui! — Natâniel rosnou, se deixando levar pelo nervosismo.

A pobre moça se afastou, magoada. Lá dentro, Natâniel conseguia captar o som de choro e de mais sangue. Mas não era o mesmo sangue do carro, esse era fresco, o que fez até mesmo sua fera inferior salivar.

Nada de bom podia vir daquilo.

— André, sou eu. Abra essa porta — disse num tom baixo, mas furioso.

O choro lá dentro ficou mais forte.

— Natã... — André respondeu, e era ele quem chorava.

— Abre essa porta *agora*.

O rangido de móvel sendo arrastado para o lado, desbloqueando a porta que abriu logo em seguida. Natâniel entrou e fechou a porta atrás de si, sendo abraçado por um desesperado André com o rosto sujo de sangue fresco.

— Natã! Natã! Pelo amor de Deus, me ajuda!

— Meu amor, o que você fez? — Natâniel perguntou, olhando para a cama do quarto, onde o paciente Gabriel convulsionava violentamente, sangrando pela garganta.

— Eu dei meu sangue pra ele! Co-como... como Flora fez comigo, mas... mas ele tá morrendo, Natã! Me ajuda, por favor!

PARTE III

CHAMAS DE PAIXÃO E VINGANÇA

*“Quando ele pensava em mim e eu em mais nada
Seus encantos, lágrimas, gotas de sangue
Pesadelos melhores que beijos desenganados
Massacre aquele fetiche que era o seu disfarce
Tentava e não sabia por quê
Quem estava em você?”*

*Eu não serei história de amor cine trash a meia noite
Não invocarei
Falecidos em vão”*

(Madame Saatan – Cine Trash)

Adeus, Velho Amigo

Quando voltou ao Casarão e teve que se apresentar a Flávio novamente, André sentiu um medo tão grande que seu sangue gelou nas veias. Os severos olhos verdes do alfa cintilavam, avermelhados e com pálpebras inchadas de tanto chorar, o encarando de cima para baixo, emanando uma imponência silenciosa e tão dura que o escritor jurou que levaria uma surra.

André no mesmo instante se ajoelhou em meio ao salão, na frente de todos os moradores do Casarão e da alcateia Lamannara. Até mesmo Letícia e Madame Valquíria observavam, um tanto confusas com a cena.

O cachorro Saruman ficou todo alegre ao vê-lo e tentou ir recepcioná-lo, mas se afastou com o rabo entre as pernas apenas com um rosnado discreto de Flávio, indo se refugiar atrás da pequena Lua.

— Flávio, eu sei que...

— Calado, beta. Eu não quero ouvir nada disso — ordenou o alfa, numa voz baixa e contida, mas que reverberou pelos ossos de todos os presentes. — Ao invés de lamúrias, quero que me lembre as Leis da Alcateia Valverde.

André engoliu em seco, tremendo e sentindo as lágrimas subirem aos olhos. Mesmo se não estivesse em um estado psicológico tão sensível, ainda assim a presença do alfa mexeria completamente com ele. Ainda assim, se esforçou a recitar:

— Em hipótese alguma um lobisomem deve dar o Dom da Fera para um humano sem o consentimento de seu alfa.

— E o que mais eu quero ouvir, beta?

— Nenhum lobisomem novato deve... deve caçar sozinho, assim como nunca deve...

— Então, entende quais foram as suas infrações, beta? — Flávio interrompeu, dando um passo à frente.

— Si-sim.

— Agora olhe para mim, beta.

André obedeceu, deixando que as lágrimas rolassem para todos verem. Os outros lobisomens o encaravam com uma frieza parecida a de Flávio, principalmente Bianca e Albertina, e apenas Natâniel e Ricardo demonstravam alguma emoção, mas não ousavam se aproximar.

— Hoje é um dia triste, — o alfa continuou — talvez o mais triste que eu já tive em décadas, e hoje eu não tenho emocional para lidar com as suas transgressões. Mas não pense que não será julgado, beta.

— Eu sei... me des...

— Suba para o seu quarto, se arrume e esteja no velório de David, como sei que ele gostaria que você estivesse. Não sei se é recíproco, beta, mas ele gostava de você. Depois que isso tudo passar voltaremos a esta conversar.

André concordou com um movimento de cabeça, se erguendo nas pernas bambas e subindo sozinho as escadas como o alfa ordenou. Pensou em perguntar sobre Gabriel, mas temia uma reprimenda como da última vez, quando o alfa apenas mandou que ele se calasse.

O que o novato sabia era que Gabriel estava de volta ao coma, mas que agora era monitorado por um dos lobisomens médicos da alcateia Nogueira. O paciente tinha recebido o sangue licantrópico não só de André, mas também de Natâniel, que deu até mesmo um pedaço da própria carne para Gabriel comer, mas nem isso dava certeza de que o ritual tinha surtido efeito.

Mesmo que o novo médico tenha notado que Gabriel parecia estar voltando a ter sensibilidade no resto do corpo, tudo poderia desandar de um segundo para outro assim que a lua cheia surgisse. Afinal, Natâniel disse a André que havia casos de pessoas em que o organismo, por algum motivo ainda desconhecido, rejeitava o Dom da Fera, e o indivíduo acabava por falecer com essa luta interna, com o coração tendo uma espécie de parada cardíaca.

Isso apavorava André, e no fundo ele desejava estar com o amigo, nem que fosse para ampará-lo nos últimos suspiros.

Já com relação a vítima largada descuidadamente no banco traseiro do carro, aquilo não pareceu ser tão grave quanto a tentativa de dar o Dom da Fera sem a permissão da alcateia, e talvez já buscando preparar a defesa do namorado, Natâniel o fez relatar mais de uma vez os eventos da noite dos crimes.

O que se soube do morto era de que era filho de um pastor de uma pequena igreja da Ceilândia, e que sua família já o procurava desesperadamente. E por serem uma família pobre, esse caso nem mesmo receberia atenção dos geneozistas, mas ainda assim a lobisomem Catarina usou de suas habilidades de hacker para descobrir possíveis filmagens incriminadoras, e nada encontrou felizmente.

— Eu não sei o que me aconteceu — disse André ao namorado, enquanto voltavam de carro para o Casarão. — Você me disse que eu só deveria me preocupar com isso na lua cheia, mas era como se fosse lua cheia... só que eu não perdi meus sentidos. Eu me lembro de tudo, entende? E eu não me arrependo de nada.

Ele não proferiu a última frase com orgulho ou em tom de desafio, mas sim como uma confissão. E era a pura verdade. A fera interior era seu subconsciente, sua parte mais sombria, e era lá que o luto e a raiva machucavam com mais força. Era de lá que tinha vindo o desejo de matar, assim como as justificativas para tal.

— Eu só conseguia pensar: é por causa de homens como esse, com essa crença revestida de ódio e de preconceito. É por causa dessa mentalidade torpe, burra e desprovida de empatia, que nascem e se fortalecem os ataques a pessoas como eu. Meu melhor amigo estava morto por causa de ideologias como a que eu lia na camiseta e na pregação daquele homem. Meu outro amigo estava preso a uma cama devido as mesmas ideologias. E pessoas com tais ideologias cruéis ainda se dizem seres humanos... — e então a raiva voltou a lhe aflorar, cintilando em seus olhos castanhos. — Bem, eu não sou mais um ser humano, e não tenho porque me compadecer deles.

Natâniel demonstrava sua sobriedade costumeira e pareceu que diria algo naquele momento, talvez mais uma ladainha sobre moralidade e humanidade, e como a falta delas poderia corroer um lobisomem com o tempo. Mas não disse nada, e se dissesse, não faria diferença à André.

— Me arrependo de não ter sido mais cauteloso, de ter feito aquela burrice ao levar o carro com defunto e tudo para o estacionamento do hospital. Mas eu já estava tomado por uma esperança selvagem, pois... a mesma voz que me disse para comer aquele homem, também disse que eu poderia salvar Gabriel. E disso também não me arrependo, Natã.

Ainda assim era tão duro se lembrar do olhar furioso de seu alfa e do julgamento de todos os outros. E do olhar triste de Natã... ah, o olhar triste e decepcionado de Natã, que o irritava na mesma medida que o deprimia.

Ele, André, um novato que tivera a sorte de ser adotado pela alcateia mais poderosa da América Latina, tinha esnobado tudo isso e infringido as leis, e nem seu Natã poderia salvá-lo agora.

Deixou escapar um riso nervoso ao pensar em Flora.

Sim, talvez só sua mãe lobisomem o entenderia. Quem sabe...

Era o terceiro velório no Casarão Violeta em menos de um ano, e o segundo em menos de uma semana. No site não era mais possível fazer reservas de hospedagem para conhecer o famoso casarão assombrado, e assim permaneceria por tempo indeterminado.

Prestadores de serviço provisórios foram contratados para dar conta do batalhão de visitantes que chegaram para dar o último adeus ao querido David

Grenier. Era tanto o número de carros luxuosos, e até mesmo de dois helicópteros, que o vasto terreno do Casarão pareceu pequeno e amontoado.

Dessa vez foram Bianca, Ricardo e Roberto quem organizaram tudo, sob a supervisão do abatido Flávio. Letícia e Valquíria também não exibiam mais a mesma força de antes, devastadas pelo terceiro velório do ano.

Uma estrutura coberta foi montada ao ar livre, ao lado do pequeno e novo cemitério que se resumia à árvore de Daniel e a árvore com a cova recente de David. Pois sim, o velho telepata queria ser enterrado como um Valverde, mas dessa vez era um belo caixão preto com detalhes em prata, onde o velho corpo repousava, ao invés do estranho recipiente oval visto no enterro de Daniel.

Rostos tristes e pensativos, de todas as cores, gêneros e formatos se reuniam no gramado do Casarão Violeta. Muitos fingindo serem humanos, como de praxe. Um grupo de anciões da Geneoziz foi que surgiu ocupando um dos helicópteros. Eram antigos colegas que conheceram David ainda muito jovens, quando o telepata já era um membro reconhecido da organização. Além de flores, trouxeram uma antiga fotografia de David e sua amada Justine e colocaram num pequeno suporte ao lado do caixão.

André se emocionou ainda mais ao ver a fotografia, se lembrando de tudo o que o velho tinha lhe contado sobre aquela linda história de amor, assim como nas histórias que tinham morrido junto com ele. Desejando do fundo de seu coração que se existisse algum lugar para as almas irem depois de se separarem da matéria, que então David reencontrasse seu grande amor.

Todas as alcateias que tinham vindo para o enterro de Daniel, também estavam de volta para o enterro de David. Até mesmo o grupo das iaras de Maiara Verón apareceu em uma majestosa limusine branca, mas Natâniel desconfiava que a presença das intrigantes mulheres era mais por sua recente parceria e interesses para com os Valverde do que por qualquer sentimento que pudessem um dia ter sentido por David.

Moa também apareceu, belo e sedutor mesmo em seus costumeiros trajes despojados e leves, e o grupo que o acompanhava foi o que mais chamou a atenção dos outros presentes. Havia um homem tão alto que se destacaria só por isso, de traços africanos e de pele albina, com um longo cabelo liso e branco preso, em um rabo de cavalo. Se vestia com elegância como os demais, mas não era sua altura e aparência incomum que despertavam a curiosidade dos outros, e sim o fato dos lobisomens entre si comentarem que o indivíduo não possuía cheiro, batimento cardíaco ou o simples som de respiração.

Já a mulher a seu lado era basicamente o oposto. Na verdade, inicialmente a confundiram com uma criança, por ter menos de um metro e meio de altura. Usava um longo e esvoaçante vestido branco, e mais nenhum enfeite. Tinha a pele escura,

mas não como a de Moa, e sim puxando mais para o tom avermelhado dos povos da floresta, e poderia ser facilmente vista como uma índia anã se não fosse a volumosa e extravagante cabeleira vermelha, de um tom que beirava o artificial.

A mulher possuía cheiro sim, mas seu coração batia de forma diferente. E em certo momento, quando André prestou bastante atenção, a mulher assumiu outra forma: uma versão menor de si mesma, com olhos verdes muito maiores e de pupilas verticais, acima de um largo sorriso de dentes pontiagudos.

André especularia posteriormente se não tinha sido de propósito, como se a moça estivesse na verdade camuflando sua real aparência sob um poderoso feitiço de glamour, e que tivesse deixado, só por míseros dois segundos que sua verdadeira forma fosse vista por André.

Não eram vampiros. Seria impossível sob aquele sol escaldante. Então, que criaturas seriam? Apenas o matinta Moa devia ter as respostas, mas não era o momento para esse tipo de pergunta, e além disso os dois seres não permaneceram por muito tempo. De repente, após aceitarem alguns drinques e cochicharem entre si por alguns minutos, desapareceram em meio à multidão.

— Moa disse que eles vieram apenas para nos observar — André ouviu Ricardo comentar baixinho com Natâniel.

— Confesso que eles me dão calafrios, e tenho meus receios dessa iniciativa do Flávio — Natã disse em resposta. Mas André sabia que quando os mais velhos usavam aqueles cochichos entrecortados, nem adiantaria um beta mais novo buscar explicações.

Foram muitos os discursos homenageando David, calorosos e saudosos. Madame Valquíria foi uma das que subiu no pequeno palanque para falar, mas, de tão emocionada, não conseguiu concluir a fala e teve que receber ajuda de Natâniel para voltar a se sentar. Todos esperavam que Flávio fizesse o mesmo, mas isso não aconteceu, e o alfa permaneceu sentado ao lado de Bianca com o olhar triste e perdido em pensamentos.

Com a tarde se aproximando do fim, os presentes foram se retirando, fazendo o trajeto de tomar mais um último drink, dar mais uma olhada no rosto imóvel no caixão e se despedir um a um dos moradores do Casarão Violeta.

André, e principalmente Valquíria e Letícia, acharam estranho que a noite chegava e nada do enterro acontecer. Mas quando o sol enfim se pôs, Natâniel, com toda a delicadeza, acompanhou as duas humanas de volta para o Casarão, já que os rituais finais eram apenas para os seres da Noite.

Letícia aceitou, mesmo que desconfiada, e Madame Valquíria estava por demais cansada para contrariar qualquer coisa.

Sendo assim, quando o sol se pôs de vez, apenas as alcateias Valverde, Lamannara e Noguera estavam presentes, assim como o matinta Moa. Mas foi então que novos convidados surgiram.

André levou um susto ao olhar para o céu e notar cinco criaturas pálidas deslizando para o gramado. Quatro eram vampiros: dois homens e uma mulher que ele nunca tinha visto na vida, mas o quarto vampiro ele já tinha visto de relance uma vez no ano passado.

Uther Barddom, sim, esse era o nome dele. Um homem alto, trajando um sobretudo marrom, o rosto aparentava possuir no máximo uns quarenta anos, com a pele tão branca que mais parecia uma estátua de marfim. Usava o cabelo preto e curto penteado formalmente para trás, e os penetrantes olhos prateados tinham sua estranheza disfarçada por óculos ligeiramente escuros.

Mas mais impactante que o vampiro ancião era a mulher que lhe segurava a mão, sua esposa. Essa André conhecia e se enxia de espanto e reverência ao revê-la. A Senhora Elemental, a Bruxa do Ar, a esplendida mulher negra de cabelos de cachos dourados, com olhos azuis e um rosto jovem que não correspondia a sua desconhecida idade. Madalena Barddom, a criatura mais poderosa de todos os presentes.

André já tinha cansado de ouvir sobre quão poderosas eram as Senhoras Elementais, mas foi impossível não deixar escapar um arfar de espanto ao ver a beldade planando com seu longo vestido branco esvoaçante. Madalena lhe lembrava uma fada ou uma realeza élfica de Tolkien, planando como se comandasse e fosse carregada pelo vento. E talvez fosse justamente isso o que acontecia.

Flávio se levantou de onde esteve à tarde inteira e foi cumprimentar o poderoso casal, dando um rápido abraço e um beijo solene no rosto de cada um. Aparentemente, Uther era o único bebedor de sangue que o alfa tratava com um respeito que ia além das boas maneiras, como se realmente gostasse dele.

— É sempre bom revê-los... ainda que em uma situação como esta — proferiu Flávio, fazendo um gesto para que o casal se aproximasse do caixão de David.

Os outros vampiros ficaram um pouco mais distantes, sem cumprimentar ninguém. Como se fossem meros seguranças, ou algo do tipo, imaginou André.

— Ah, o Velho David Grenier — suspirou Uther, e sua voz era profunda e atemporal. — Em minha longa existência já presenciei a partida de inúmeros seres singulares, mas muito poucos eram homens como David.

Era uma criatura tão diferente dos outros vampiros. Sem a costumeira sensualidade e exuberância. Parecia sábio e pacífico, até mesmo alguém simples. Ainda assim, André tinha seus receios. Para ele, fosse amigo da alcateia ou não, vampiros eram imprevisíveis.

De repente, Uther lançou um olhar discreto em sua direção. Será que tinha lido seus pensamentos? A espinha do jovem lobisomem gelou.

Madalena fez o mesmo, mas apenas sorriu com doçura, voltando a olhar para o caixão.

— Sim, é uma enorme perda para a Noite — disse ela. — Mesmo na morte seu semblante é calmo e elegante. Parece até que morreu na tranquilidade do sono... — e então a grande bruxa fez uma pausa, ao acariciar a testa do morto.

Os olhos azuis dela cintilaram e se voltaram para Natâniel.

— Mas não isso o que aconteceu não é mesmo? — Madalena continuou. — David morreu assustado. Ele foi assassinado por uma força sobrenatural cheia de ódio.

Flávio e Natâniel começaram a chorar, e André também sentiu o coração apertar ao ouvir aquelas palavras, se lembrando do que lhe contaram. David derrubado da escada por um espírito novo e indesejado, encontrando a morte rápida com a fratura de seus frágeis ossos.

— Me perdoem por palavras tão duras neste momento de pesar, meus queridos. Às vezes as palavras me saem como se tivessem vida própria — continuou Madalena. — Ainda assim, limpem a casa de vocês. Esse não é um espírito qualquer e vocês o deixaram se fortalecer ainda mais enquanto procrastinavam.

Flávio concordou com um gesto de cabeça, ainda entregue as lágrimas.

— Não se culpe, Flávio. Independente da ameaça que habita o Casarão, e que posso sentir daqui, a hora de David já se aproximava, e ela se concretizaria de uma forma ou de outra.

— Madalena... — começou o alfa, mas ela o interrompeu.

— Não, meu querido, não peça isso para mim. Você sabe muito bem o que fazer e a quem procurar.

Flávio fechou os olhos, claramente desapontado, mas em seguida fez uma reverência a Senhora Elemental, e depois um gesto para que Natâniel enfim desse continuidade ao ritual fúnebre.

Natã, que então abraçava André pelos ombros, caminhou para o centro do círculo de presentes, ficando ao lado do caixão.

— Acho que tanto já foi dito e discursado esse dia, sobre nossas lembranças e sentimentos, que nem mesmo o próprio David, o melhor ouvinte já nascido, teria mais paciência para ouvir.

Alguns lobisomens deram sorrisos solenes.

— Agora só nos resta obedecer o desejo de David Grenier, que era morrer como um de nós. Um Valverde, e um dos melhores filhos dessa alcateia — Natã

fez uma ligeira pausa, olhando para dentro do caixão. — Então venham se despedir mais uma vez de nosso irmão David, pois o Ritual Final irá começar.

Mal ele tinha acabado de dizer essas palavras, e Bianca começou a bater palmas. Mas não eram aplausos, e sim um som ritmado feito com as mãos em concha, um ato que começou a ser imitado pelos demais, lembrando o som das batidas lentas de um coração, enquanto todos se moviam em fila para o caixão e beijavam o morto na testa.

Aquela era a primeira vez que André se aproximava de David, mas não foi a visão das faces tranquilas que o fez voltar a chorar, e sim o cair da ficha, como costumam dizer. A certeza de que nunca mais aqueles olhos bondosos e sábios se abririam novamente. Nunca mais aquela boca contaria histórias ou daria conselhos.

Assim como as gêmeas Ana e Dolores, que ele nem mesmo tinha conseguido se despedir. Assim como Luís nunca mais voltaria. Luís, seu amado melhor amigo, que André tinha covardemente ignorado enquanto entrava para o mundo da Noite, enquanto se sentia um ser superior.

Ah, tantas perdas... e se Gabriel não resistisse também? André não tinha mais forças para aguentar aquilo.

Por fim, todos voltaram a seus lugares no círculo e Natâniel recomeçou a falar, pedindo que apenas os lobisomens Valverde se aproximassem.

— Nosso David não escolheu apenas um de nós para seu Ritual Final, e sim todos nós. Sendo assim, nós todos o receberemos, sua força, sua sabedoria, e seu amor enorme, em forma de carne e sangue.

Dessa vez foi Flávio que voltou para perto do caixão, e chorava tanto que parecia que perderia as forças a qualquer momento. Deu mais uma olhada para o falecido amigo, mais um beijo em seu rosto frio, e delicadamente afundou a mão direita no peito de David e lhe arrancou o coração fora.

Mordeu um pedaço do órgão escuro e engoliu.

— Recebam a carne e o sangue de nosso irmão — disse ele, levando o coração para ser abocanhado por Bianca, depois Ricardo, Roberto, Natâniel e Lua. André foi o último, e o gosto frio da carne não lhe era agradável ao paladar, mas enquanto engolia ele pensou no que Natã havia dito sobre a sabedoria e força de David, e era disso o que André precisava, além do amor. Esses eram os pilares que o fariam se manter firme naquele mundo da Noite.

Seu antebraço ainda doía do ataque do espírito e ela teve dificuldade para dormir. Somado a isso estava a sua curiosidade para com o que acontecia no enterro de David, agora que apenas os “seres da Noite” podiam participar. Mas assim como Madame Valquíria, Letícia não se arriscou a ir a alguma das janelas para ver se conseguia espiar algo. Ambas eram da opinião de que já lhes bastavam as revelações que tinham chegado naqueles últimos dias, e que ainda precisavam de tempo para digeri-las.

Letícia estava com medo e não lutava mais para esconder isso, mesmo que aquela estranha reserva de orgulho ainda lhe impedisse de buscar os braços protetores de Ricardo. E gostava de se lembrar de como ele a protegeu no incidente, rebatendo os objetos que eram lançados pela força sobrenatural, ainda que depois, automaticamente, recordasse da terrível visão do Velho David rolando escada abaixo.

Ah, tudo tão assustador e inacreditável, como uma cena de filme de terror. O vento, os gritos sobrenaturais que lembravam os de Franciele em vida. Se tremeu sob os cobertores, puxando-os para mais perto do pescoço.

Desde o incidente, mais nenhuma manifestação do fantasma ocorreu, e isso a fez pensar que sempre houve esses momentos de calma após um evento mais drástico. Será que Franciele, se é que fosse ela mesma, exauria sua energia fantasmagórica nessas explosões de fúria e depois precisava se recuperar para assim voltar com mais força da próxima vez?

E quando seria a próxima vez? Podia ser a qualquer momento e aquela opção de manter as luzes do quarto acesas, feito uma criança apavorada, não a salvaria. Nem mesmo uma casa cheia de feras sobrenaturais seria de ajuda.

E aquela foi a primeira vez que pensou no “Dom da Fera” e em como era sedutor os benefícios que ele poderia fazer. Pois Letícia era apenas uma mulher de meia-idade, e por mais que estivesse saudável e em forma, nunca seria capaz de vencer um inimigo daqueles. Se Ricardo não estivesse ao seu lado naquele fatídico dia, talvez ela estivesse sendo enterrada junto com David.

Já pensou? Ela, naquela altura do campeonato, uma lobisomem?

Ah, o medo a estava deixando realmente ridícula. Precisava mesmo descansar com ou sem perigo de fantasma, e nisso pegou um comprimido da gaveta e só

então conseguiu fechar os olhos.

Sonhou com Franciele, mas não com a criatura cheia de ódio e envolta em chamas, e sim com a jovem amiga de outrora. Franciele chorava sob o chuveiro, e quando Letícia a abraçou, começou a notar que na verdade aquele sonho era uma lembrança.

— Quando foi que você visitou Mãe Gorete? — Letícia perguntou, notando o fluxo de sangue escuro escorrendo por entre as pernas da amiga.

— Eu não fui! Eu não queria me desfazer dele, mas eu perdi mesmo assim... é um castigo de Deus — Franciele soluçava, abraçando os joelhos.

— Não, Fran. Não pense dessa forma. Pense que foi melhor assim. Que vida essa criança teria em um lugar como esse?

— Foi melhor assim? — Franciele repetiu, se virando para ela, claramente tomada pelo ódio. — Foi melhor assim, meu filho morto por causa dos nossos pecados? Eu podia ter uma outra vida se não fosse você e Isabella!

— Fran, por favor...

— Eu pago pelos meus pecados, enquanto vocês duas esbanjam no luxo, abrindo as pernas para demônios assassinos!

O soco que recebeu no rosto foi tão forte que Letícia jurou que acordaria, mas isso não aconteceu, e nisso vieram mais golpes, tapas, arranhões e chutes.

Ela sabia que era um sonho e clamava a si mesma para acordar, mas a cena apenas prosseguia. E quando cansou de apanhar, agarrou os cabelos de Franciele e ambas iniciaram uma luta que começou no banheiro e foi terminar no meio do corredor do segundo andar.

— Eu sou a punição de Deus, e trarei o castigo devido para vossos pecados! — Franciele berrou, soltando chamas vermelhas pelos olhos e boca, enquanto derrubava a outra no chão.

Letícia puxava o cabelo de Franciele com uma mão, enquanto tentava golpeá-la com a outra, mas nada parecia surtir efeito e lhe sobrou apenas a opção de tentar gritar, enquanto o braço da rival deslizava violentamente para dentro de sua boca.

Toda a Franciele se contorceu, com sons de ossos se partindo, enquanto invadia a garganta e o estômago de Letícia, como se pretendesse despedaçá-la de dentro para fora.

E foi só então que Letícia despertou, e se viu caída no chão do quarto, tentando gritar, mas sem conseguir, pois sua garganta doía. Seus braços e pernas estavam cheios de hematomas e pequenas escoriações. Mas o pior de tudo, o que a fez correr para o quarto de Ricardo e Roberto em completo desespero, foi alguns fios de cabelo, lisos e negros, enroscados em seus dedos da mão esquerda, além das palavras gravadas em cortes precisos em seu antebraço: “Putá Traidora”.

O Casarão Violeta estava em completo estado de tensão. As ordens de Flávio era que pelo menos um lobisomem estivesse sempre próximo à Madame Valquíria e Letícia, já que ambas se recusavam a deixar o Casarão até que tudo fosse resolvido. Geralmente era Ricardo quem ficava com elas, e Lua também se juntava a eles, mesmo que esta estivesse mais preocupada com a segurança do cachorro Saruman do que com qualquer outro.

Já André, até então não tinha visto fantasma nenhum desde que voltara, e por mais que estivesse de luto e se compadecesse dos recentes machucados de Letícia, suas preocupações eram outras.

O que ainda o tranquilizava naquele momento, dois dias depois do enterro de David, e minutos antes de seu julgamento, era saber que Gabriel tinha saído finalmente do coma.

Na manhã daquele dia tinham recebido uma ligação de Roberto, e o beta detalhou que Gabriel havia acordado com o completo movimento e sensibilidade do corpo, ainda que se comportasse de modo estranho.

O jovem dançarino, se ainda sofria de algum dano era na mente. Ele não respondia às perguntas e nem falava qualquer outra coisa, se limitando a ficar sentado e olhando pela janela do quarto, com o olhar completamente perdido. Ainda assim demonstrava alguma compreensão do que lhe acontecia em volta, já que obedecia passivamente qualquer comando que lhe fizessem.

Seu comportamento era tão estranho que só comia e bebia se os outros mandassem, e estava usando fraudas já que tinha urinado na cama enquanto contemplava o nada.

De todo modo, as ordens de Flávio era que Roberto o trouxesse para o Casarão naquele mesmo dia, já que amanhã seria noite de lua cheia e sabe-se lá como a fera interior do garoto aparvalhado se comportaria.

E era isso o que confortava André. Talvez ainda houvesse esperanças para seu amigo. Afinal, quando se transformava em lobisomem, todas as enfermidades se curavam mais rápido. Talvez a mente dele voltasse também.

— Meu amor, chegou a hora — disse a voz triste e preocupada de Natâniel, lhe trazendo para o presente.

Estavam ambos em meio ao bosque do Casarão, eram por volta de três da tarde e a luz do sol escapava por entre as copas das árvores, deixando o ambiente num tom de amarelo esverdeado.

Sim, chegou a hora. André engoliu em seco, caminhando em direção a pequena clareira onde Flávio, Bianca e Leone, convidada da alcateia Lamannara,

os aguardavam. Todos usando roupas escuras e mais solenes que o normal. Ou pelo menos era assim que André percebia a coisa toda.

No fundo estava realmente apavorado, e até um pouco chocado. Afinal, tinha subestimado aquela coisa toda de julgamento e tal. Tinha acreditado que apenas receberia mais reprimendas e algumas obrigações chatas, só para reforçar a ideia de ordem e hierarquia na alcateia.

A sensação era de estar indo para um julgamento medieval.

Natâniel era o único que o olhava com compaixão, o guiando para o centro da clareira, diante de Flávio, que desde a morte de David ainda se mantinha apático e irritadiço.

— Enfim, hoje resolveremos a situação de nosso novo beta em nossa alcateia — disse ele, a voz também apática, mas os olhos, mesmo tristes, ainda lançavam faíscas ameaçadoras na direção do réu.

O coração de André voltou a retumbar apavorado.

— André, ouça-me com atenção. Além de mim, o alfa, a alcateia Valverde hoje está representada por Bianca e Natâniel, já que os outros estão ocupados como você bem sabe. E a nossa querida Leone Lamannara está aqui como testemunha, já que suas transgressões foram feitas no território que foi dado para as Lamannara protegerem.

André fez um gesto com a cabeça, demonstrando que tinha compreendido.

— Os fatos são: Você caçou desacompanhado, em um local onde poderia ser flagrado e criado problemas não só para a nossa alcateia, mas para a Noite em si. Se um número considerável de humanos comuns o tivesse visto, se celulares e outras câmeras tivessem registrado, teríamos que nos ver com a Geneoziz.

“Com a desculpa de proteger o véu da Noite, nossos inimigos já causaram muitos problemas a nós. Como da vez em que você lançou aquele livro. Compreende?”

— Sim, mas não era minha intenção caçar sozinho, e nem cometi essa transgressão com intenção de revolta ou de demonstrar alguma proeza ou independência. Eu já contei isso a Natã, e acho que ele já disse a todos vocês. — André se defendeu, buscando dominar o nervosismo e falar pausadamente. — Foi como estar na lua cheia... a fera me dominou... ou pelo menos, foi quase isso...

— Estamos cientes, e também faremos nossa *mea culpa*. Não é mesmo? — Natâniel endossou a defesa, lançando a pergunta para o alfa. — Pois também somos culpados de ter deixado um beta novato sozinho, ainda que não existisse indícios de que esse descontrole poderia acontecer.

— Sim, e levaremos isso em conta — Flávio respondeu. Ele realmente aparentava cansaço, como se desejasse que todo aquele ritual terminasse o mais rápido possível.

— Mas ainda tem a questão dele ter dado o Dom da Fera a outro sem a permissão da alcateia — e dessa vez foi Bianca que falou. A expressão dela, como sempre, era a mais enigmática, completamente desprovida de emoção.

— E não é um ato decorrido do mesmo contexto da primeira transgressão? — Natã argumentou, ligeiramente nervoso. — Ele estava sozinho, cheio de sentimentos conflitantes para com o estado de seu amigo humano. O instinto da fera interior fez o resto.

— Eu discordo — Bianca rebateu. — O instinto da fera é caçar e se alimentar, e talvez copular. Transformar outros em lobisomens é um desejo puramente humano, principalmente se o lobisomem tiver uma alcateia para lhe fazer companhia.

— Sim, dessa transgressão não podemos inocentá-lo tão facilmente. Além disso ficamos responsáveis por mais um lobisomem novato que nem sabemos se se adaptará as nossas leis — concordou Flávio.

Enquanto isso, André se mantinha mudo e pálido. No fundo queria implorar por perdão e se explicar novamente, mas temia que isso só piorasse tudo. Será que o expulsariam da alcateia?

Olhou para Leone em busca de apoio, mas essa nem mesmo olhava para ele de volta, assumindo apenas o seu papel de testemunha. As pernas de André tremiam e ele desejou poder se sentar no largo tronco de árvore caído no meio da clareira.

— Natâniel, — continuou o alfa — você claramente é o advogado de defesa de André aqui. O que acha que seria justo?

— Restringir ainda mais a liberdade dele. Dobrar a carga de treinamento dele e as obrigações para com a alcateia — começou Natâniel.

— Tirar a internet e os jogos de vídeo game dele faz parte do castigo também? — Bianca interrompeu, dando um riso debochado e tão frio quanto o resto de sua expressão. — Esse beta não é mais uma criança, Natâniel. Minha filha Lua é uma criança, e ainda assim eu não seria tão branda com ela. Seria um desrespeito com as leis da alcateia.

Natâniel rosnou e tentou argumentar, mas Flávio o impediu.

— E o que sugere, Bianca?

— André já é um de nós e sabemos que ele ama a nossa alcateia. O que falta a ele é a noção de quão dura a Noite é, de quão implacáveis nossos erros podem ser ao se voltarem contra nós. Qualquer deslize nosso pode se transformar em munição para nossos inimigos.

“Mas ele ainda não entende realmente isso, pois é um jovem lobisomem privilegiado, assim como eu fui em minha juventude, na época da nossa finada alfa. Nossa proteção o amolece, nosso amor o mima, nossa riqueza dá tudo o que ele quer. O que ele precisa entender é que não é qualquer lobisomem que possui o

que essa alcateia pode oferecer. Que por mais excitante e divertido que seja ter nossos poderes, nosso dinheiro e nossa longevidade, o mundo da Noite não é o jardim do Casarão Violeta. A Noite é brutal e impiedosa. Ele precisa entender que quando se é um Valverde, suas garras e suas presas são da alcateia, e são usadas em prol da alcateia. E se ele não pode controlar as próprias garras agora, nós a controlaremos por ele.

André estava a ponto de se entregar ao desespero, mas foi Natâniel quem fez isso por ele.

— Você não pode estar falando sério... — ele gesticulou, tão nervoso que tremia.

— Bianca tem razão, — o alfa concordou — será um lembrete que durará dias, talvez semanas, que se fixará em sua mente.

— Flávio, não...

— Já está decidido, Natâniel — Flávio encerrou o assunto, com os olhos verdes produzindo aquele brilho que intimidava todos seus betas, ao mesmo tempo em que fazia um discreto sinal com as mãos para Leone e Bianca.

— O que isso quer dizer? — André perguntou, aterrorizado. Mas nisso as duas fêmeas o agarraram com brutalidade e o forçaram a se ajoelhar.

Enquanto isso Natâniel ainda tentava argumentar, mas Flávio apenas se distanciava, indo pegar algo que Bianca disse ter trago e deixado atrás de uma árvore.

André começou a suar e sentir os arrepios da transformação, e tentava se controlar enquanto implorava que o explicassem o que estava acontecendo.

— Natâniel, pare de se lamuriar e nos ajude antes que ele se transforme — esbravejou Bianca.

E isso o macho fez, segurando as duas mãos do namorado e as posicionando sobre o tronco caído.

— Natã, o que isso? O que vai acontecer comigo? — André chorava.

— Meu amor, vai ser rápido — o outro respondeu.

E realmente foi, pois naquele instante o alfa já tinha voltado de detrás da árvore, segurando um grande facão, e com um único golpe decepou as duas mãos do escritor.

Questões do Passado

Roberto era um homem protetor e confiável, de uma postura inabalável para cumprir seus deveres – diria Flávio Valverde. Já lobisomens de outras alcateias o chamavam, com desdém ou inveja, de “beta perfeito”, por ele não demonstrava dúvidas em suas ações e realizava os comandos de seu alfa de modo certo. Por isso o taxavam de frio, ou um mero peão desprovido de consciência e empatia.

Mas isso não era a verdade. Roberto possuía sentimentos, mesmo que por um número muito restrito de seres vivos, e seu amor pela alcateia, e principalmente por seu irmão, era tão grande, que só não era maior do que o medo de perdê-los. E era deste medo que vinha sua eficiência e postura inabalável.

Se era necessário um beta para fazer o trabalho sujo, seria Roberto, e ele não perderia uma noite de sono se quer por isso. Como da vez em que Natâniel e ele encontraram um covil repleto de crianças vampiros, transformadas por um bebedor de sangue louco que se entregou ao sol após compartilhar seu sangue com aquelas tenras crianças de rua de menos de onze anos de idade e que então aterrorizavam um dos viadutos no território da Valverde, em São Paulo.

As crianças, confusas e assustadas, esfomeadas por sangue, ao serem perseguidas e brutalizadas, deram berros agudos que causaram pesadelos por um mês em Natâniel, mas Roberto só precisou de um bom banho para lavar o sangue do corpo e uma grade de cerveja para relaxar no fim daquela noite.

De todo modo, queria que Flávio tivesse mandado Ricardo em seu lugar na atual missão, pois a mesma não exigia só sua eficiência e praticidade, mas também um tato social que o “beta perfeito” não possuía.

Quando chegou no hospital da Valverde em Brasília, encontrou o tal Gabriel de banho tomado e pronto para partir, mas o garoto mais parecia um manequim sem vida; bonito, de traços delicados, a pele preta parecia ter um brilho próprio, assim como os grandes olhos redondos que denunciavam o sangue de lobisomem correndo nas veias. Mas imóvel, não reagindo nem quando o chamavam pelo nome.

— É só o levantar com cuidado e o puxar pela mão que ele o acompanhará — explicou o médico dos Noguera, mas Gabriel dava passos tão curtos e lentos, por vezes parando para ficar observando os sapatos de alguém ou algum detalhe no

piso e paredes, que Roberto logo perdeu a paciência, agarrou o garoto no colo e praticamente o jogou no banco do carona do carro.

Tinham acertado com tanta força na cabeça daquele moleque que os parafusos tinham se soltado, e o Dom da Fera apenas havia piorado a loucura – Roberto julgava. E era certo que quando se transformasse ficaria ainda mais maluco.

Talvez Flávio só estivesse se dando aquele trabalho todo por causa de André, se não já teriam sacrificado o menino maluquinho.

Gabriel permaneceu mudo durante toda a viagem, e isso foi um alívio para Roberto que não saberia como lidar se o moleque comesse a chorar ou algo do tipo. Mas em dado momento da viagem, depois que já tinham passado da entrada de Luziânia, Gabriel começa a respirar apressado, fazendo uns grunhidos estranhos e a tentar desesperadamente abrir a porta do carro em movimento.

Roberto parou o carro na beira da estrada, ao lado de um gramado seco, e o garoto saiu do carro e parou, olhando igual um retardado para as nuvens, enquanto mijava na própria calça de moletom.

— Mas que merda — rosnou Roberto, se perguntando o porque não tinham colocado uma frauda no maluco antes de sair do hospital. E para deixar a cena ainda mais constrangedora, Gabriel começou a dançar na beira da estrada, fazendo movimentos lentos e dramáticos, como naqueles balés contemporâneos que Roberto lutava para não dormir quando, por alguma razão era obrigado a assistir ao se encontrar com seres da Noite metidos a besta.

Pessoas em outros carros que passavam buzinaaram e gritaram piadas pela janela, o que só deixou Roberto ainda mais nervoso. Ele tentou extrair uma gentileza que não possuía para trazer Gabriel de volta para o veículo, estivesse esse todo mijado ou não, mas por fim usou de força bruta mesmo, e quando mais tarde, já próximos de Santa Sofia, o garoto voltou a querer abrir a porta, Roberto respondeu com um tapa furioso no rosto dele.

— Se voltar a fazer mais uma de suas cenas eu arranco seus pés — esbravejou, pisando fundo no acelerador.

Gabriel pareceu se assustar com o tapa, mas mais uma vez voltou a sua inanição, olhando para a vegetação ao lado da estrada, e só voltou a dar sinal de vida quando enfim chegaram ao Casarão Violeta.

Quando Roberto estacionou o carro próximo ao jardim, foi recebido pelo irmão e Madame Valquíria, e assim que Ricardo olhou para a cara revoltada do outro começou a rir.

— Pelo jeito a viagem foi divertida, irmãozinho. O garoto tá inteiro ou você mordeu alguma parte dele? — Ricardo brincou, o abraçando.

— Deixo na sua responsabilidade agora. O moleque é pirado e tá todo mijado, e eu não vou limpar a porra desse carro — Roberto respondeu, evitando o abraço

do irmão e pisando firme para longe da cena.

Ricardo caiu na gargalhada, dando a volta no veículo, abrindo a porta e ajudando Gabriel a sair para fora.

— Bem-vindo ao Casarão Violeta, carinha, mas você precisa de um banho — disse, bagunçando os cachos crespos da cabeça de Gabriel da mesma forma que fazia com o topete de André.

E falando no escritor, Roberto topou com ele antes de entrar pelas portas duplas e se assustou com a imagem. André caminhava meio acuado, com os braços cruzados. Seus olhos estavam fundos e vermelhos de chorar, e só quando estava mais perto foi que Roberto notou que o jovem estava sem as mãos, com faixas envolvendo os pulsos mutilados.

Bem, então o castigo de Flávio foi mais duro do que ele imaginava. Mas era melhor assim, pois não era de agora que Roberto achava que estavam mimando demais aquele novato.

Os olhos cansados de André se arregalaram ao ver o amigo, mas para a surpresa de Roberto foi Gabriel quem saiu de sua apatia e tomou a iniciativa, se libertando da ajuda de Ricardo e correndo para abraçar André, enquanto caía num choro desesperado.

— Eles mataram o Luís, André! Eles mataram o Luís!

Era surreal apenas se lembrar; a dor paralisante da lâmina cortando carne e osso, suas mãos rolando para o outro lado como ridículos objetos de brinquedo, o sangue espirrando em seu rosto e nos braços de Natã. André gritando mais pelo espanto de toda aquela ação inacreditável do que pela dor em si.

Foi liberto pelas mulheres que o seguravam, gritando ainda mais ao olhar para os pulsos jorrando sangue a sua volta. Sentiu o mundo rodar e as pernas perderem suas forças. Era certo que desmaiaria.

— NATÃ! NATÃ! NATÃ! — ele berrava, tendo dificuldades para respirar.

— Se transforme — seu namorado gritava de volta. — Se transforme que vai curar o sangramento.

— Liberte a fera, André — complementou Flávio, ainda segurando o facão que gotejava sangue.

Mas a fera já estava no meio do caminho, mais rápida que nunca, rasgando roupas e destruindo tênis enquanto aprimorava o corpo de André com músculos, pelos e dentes. O lobisomem André sentiu alívio imediato da dor física, mas para seu horror as mãos continuavam ausentes, apenas tocos ridículos com uma fina camada de pele cobrindo os ferimentos.

— Não se preocupe, elas vão nascer de volta — tinha lhe dito Natâniel, tentando lhe consolar, o abraçando e o beijando no rosto.

E agora, deitado em sua cama, olhava para as extremidades amputadas e sentia novamente vontade de chorar, além de um formigamento constante no fim do pulso avermelhado, que, segundo Natã, era porque suas mãos estavam crescendo de novo. Todas as noites ele devia libertar a fera no bosque para acelerar essa cura.

Até lá seus braços deviam permanecer enfaixados, junto de uma prótese de mãos, para não assustar ainda mais as moradoras humanas do Casarão que acreditavam que ele tinha se machucado acidentalmente ao fazer suas “coisas de lobisomem”. E Natâniel estava sendo ainda mais carinhoso que de costume, o ajudando a se alimentar, tomar banho e até mesmo em ir ao banheiro (o ápice do constrangimento).

Na verdade, todos os outros lobisomens tinham voltados a serem atenciosos a seus modos, o que deixava tudo ainda mais bizarro e assustador. Até mesmo Bianca vez ou outra perguntava se ele estava bem, como se no dia anterior não tivesse lhe arrancado as mãos e enterrado as mesmas no fundo do bosque.

Talvez aquilo fosse normal para lobisomens, a resolução na simples brutalidade. Não tinha mais o que se ser discutido, e por isso não tinham mais que lhe culpar por nada. O preço tinha sido pago com sangue.

O mais estranho é que André não os odiava por aquilo. Sim, ainda os amava. Ainda se orgulhava de fazer parte daquele novo e estranho mundo. Mas ao mesmo tempo estava apavorado sim, talvez aquele velho pavor que conheceu no velório de Daniel, só que junto de um novo conceito de respeito que surgia daquela nova moralidade que se moldava em sua mente. E se a moralidade da Noite não devia ser como a do mundo humano, como ele tanto debatia com Natâniel, então por que seus sentimentos deveriam ser?

Se encolheu no colchão e chorou ainda mais. Era tanta coisa acontecendo. Estava cansado de velórios. Cansado de perder e de chorar, e as vezes cansado até mesmo da atenção de Natâniel que o cuidava com aquele olhar triste, claramente sendo o único que se sentia culpado, enquanto todos os outros se preocupavam com um tal fantasma que aterrorizava o Casarão.

Naquela mesma manhã Flávio tinha anunciado que ligara para alguém que chegaria no casarão ainda naquela semana. Não tinha dado mais detalhes, pelo menos não na frente de André, mas o importante agora era ficarem atentos a qualquer fenômeno estranho no ambiente.

Mas André não viu fantasma nenhum, não viu chamas brotarem do nada, e até mesmo duvidava se fora esse tal espírito o responsável pela morte de David. Mas tinha visto o quadro de Isabella rasgado, com os dizeres “Putá traidora”, não

sabendo bem o que pensar, e tal atitude por si só já mostrava o quanto ele não estava bem. Em qualquer outra ocasião, aquele mistério teria lhe tirado o sono.

O único fantasma que lhe preocupava era no que seu amigo Gabriel tinha se transformado: Uma coisa inanimada, de olhar morto, se movendo nem mesmo para se aliviar no banheiro, a não ser quando decidia dançar lentamente, ou para começar a gritar e chorar pela morte de Luís, como se recebesse a trágica notícia pela primeira vez.

E em pensar que a lua cheia de amanhã poderia piorar ainda mais isso, dando origem a uma besta descontrolada e que talvez devesse ser sacrificada.

E tudo isso era culpa de André.

Ah, como queria escrever! Como queria organizar toda aquela confusão em palavras que lhe fizessem sentido na tela do computador. E essa era a pior parte de seu castigo, era um escritor que não podia escrever por um bom tempo.

Chorou até os olhos doerem. Chorou até parecer que todo seu corpo derretia e se transformava em lágrimas. Chorou até mesmo em sonhos, sendo consolado por ninguém mais, ninguém menos, que Flora.

— Liberte-se da sua culpa humana, garoto. Nosso deus é a natureza, e é ela quem dita as regras — Flora dizia, ou será que era Flávio, ou Natã? Pouco importava, pois no sonho André tinha mãos e estava pronto para batucar o teclado do computador.

Só que eram mãos estranhas. Não eram suas mãos. Eram menores e mais delicadas, com unhas pintadas e sem pelo algum. Eram mãos de mulher, pois ele era uma mulher. Ele era Isabella diante do espelho, penteando os longos cabelos castanhos e ondulados. Estava linda, num vestido vermelho com um provocante decote, pronta para a missão de arrancar o máximo de dinheiro dos ricos que fumavam e bebiam no salão lá embaixo.

Na verdade, odiava aquela missão, mas era a única que possuía, ao mesmo tempo que odiava ainda mais a si mesma. E cada homem com quem deitava era uma vingança que cometia contra os próprios homens (tão ridículos e dignos de pena, desarmados entre suas pernas) e contra a si mesma, a detentora de pecados antigos.

— Você conseguiu, sua filha da puta — disse Franciele, entrando no quarto e batendo a porta.

— Qual é o problema agora, Fran? — Isabella rebateu, revirando os olhos do modo mais debochado. Não era segredo para ninguém que elas se odiavam.

Desprezava aquela pose de superior que Franciele costumava exhibir, e principalmente aquela religiosidade absurda. Onde já se viu, uma puta carola? Será que ela rezava uma ave maria enquanto trepava com os clientes? Mais

impressionante ainda era saber que existiam clientes fixos que se deliciavam com aquela encenação de santa do pau oco.

Isabella não sabia se sentia nojo ou pena da colega de trabalho.

— Você sabe muito bem qual é problema, sua desgraçada. Você destruiu tudo! Você acabou com a minha vida — respondeu Franciele, praticamente espumando de ódio. Seu cabelo liso caia na frente dos olhos dando um ar ainda mais dramático a sua ira.

Isabella gargalhou, sem se dar o trabalho de se levantar da penteadeira ou de virar o rosto para trás, ainda observando a outra pelo reflexo do espelho.

— Fran, deixa de ser idiota. Há quanto tempo você está aqui no Casarão? Quando é que vai parar de ter esses sonhos de princesa? — respondeu, ajeitando os brincos e o colar de prata. — Acha mesmo que um desses ricaços vai se apaixonar por uma de nós e nos transformar em damas valorosas? Você me faz rir mesmo.

Franciele não se segurou mais e partiu para cima da rival, e no segundo seguinte as duas beldades se embrenhavam numa luta de gatas, com os velhos artifícios de puxões de cabelos, rasgos nas roupas e arranhões.

— Parem com isso agora!

Era Madame Valquíria quem entrava no quarto, acompanhada de Letícia, com cada uma se esforçando para imobilizar uma das raivosas mulheres.

— ELE ME AMA SIM! — Franciele gritava, aos prantos. — E É DISSO QUE VOCÊ TEM INVEJA!

— Você deveria me agradecer por te fazer acordar pra vida! — Isabella também estava exaltada e descabelada, com lágrimas nos olhos, mas ainda exibia o riso debochado e cruel. — Acha mesmo que o filho do prefeito de Santa Sofia ia se casar na igreja com uma quenga? Pois é isso o que você é, Fran! É isso o que nós somos! E puta não casa, e nem vai pro céu — disse, cuspiendo e jogando parte do terço de madeira em pedaços que ela havia arrancado do pescoço de Franciele durante a briga.

— EU VOU MATAR VOCÊ! — Franciele voltou a berrar, sendo segurada pro Letícia. — VOCÊ VAI QUEIMAR IGUAL AS CRIANÇAS QUE VOCÊ MATOU! ACHA QUE NÃO SEI DOS TEUS PECADOS HORRÍVEIS?! SUA ASSASSINA! PUTA TRAIIDORA!

De repente Franciele explodiu em chamas e André acordou suado e ofegante. Que sonho mais bizarro!

Ele se sentou na cama, saindo de um pesadelo para outro, já que nem mesmo possuía mãos para enxugar o suor do rosto. Além disso, sentiu um forte cheiro de queimado e olhou em volta tentando localizar algum foco de incêndio, mas nada encontrou.

O quarto estava vazio, recebendo a luz melancólica do crepúsculo pelas janelas. Ainda assim André não se acalmou.

Não era a primeira vez que tinha um sonho daqueles. Se lembrou de quando dormiu no Casarão pela primeira vez e sonhou com aquela mulher em chamas, que agora sabia ser Franciele.

Então era assim que Letícia e os moradores do Casarão tinham se sentido enquanto André viajava pelo Brasil em seu aprendizado? Era esse o efeito que a tal assombração proporcionava, essa sensação de não saber de imediato se estava acordado ou ainda dormindo, e se as sombras ainda guardavam ameaças?

Seria agora a vez de André ser assombrado, como se não já tivesse problemas demais em seu momento atual?

Respirou com profundidade, buscando devolver a calma a seu corpo que apresentava indícios de transformação, e pensando no significado daquelas imagens que permaneciam nítidas em sua mente. Aquilo não fora um sonho, e sim uma lembrança de quando ele era Isabella. Uma faceta debochada e arrogante de Isabella, que não era assim descrita na biografia de Natâniel, que a apresentava apenas como uma mulher melancólica e romântica, envolta numa aura de mistério apaixonante.

André enfim se levantou, enfrentando o medo das sombras no quarto, e uma chavinha de atitudes girou em sua mente.

Existe esse aspecto curioso em André, se não um defeito covarde, onde, sempre em meio a suas maiores crises, ele decide voltar toda a sua atenção para qualquer coisa que entretenha seus pensamentos e assim conseguir uma fuga dos problemas mais urgentes ou irremediáveis. Foi assim quando Natâniel o abandonou após uma tentativa de suicídio fingida, e André decidiu se dedicar a escrever um livro que lhe traria problemas futuros. Foi assim quando se dedicou a um já falido relacionamento com Renan para escapar das lembranças de quase morrer nas presas de vampiros. E era assim que agora ele recolhia toda sua preocupação para com o destino de Gabriel, e o drama da morte de Luís e da ausência das próprias mãos, guardando tudo num compartimento menos urgente de seu coração, para então se dedicar a missão de desvendar seu sonho e os segredos da Isabella que ele tanto renegou, e do fantasma que agora atormentava o Casarão Violeta.

Sim, André era bom em procrastinar e iludir a si mesmo, mas tinha sobrevivido assim até então.

Tomou outro susto quando a porta do quarto abriu com certa violência, mas era Natâniel, e por sua expressão devia ser algo urgente.

— André, rápido! Vamos pro bosque.

— O que foi dessa vez? — na verdade ele quase perguntou “o que eu fiz dessa vez”, e a menção ao bosque, onde suas mãos haviam sido arrancadas, lhe causou um gelo na espinha.

— É o Gabriel — o outro respondeu, ajudando André a vestir uma camiseta.
— Parece que a fera dele não vai esperar a lua de amanhã para vir à tona.

Dançando ao Luar

A cena parecia um *flashback* de quando tinha voltado ao Casarão Violeta para ficar, mas dessa vez era Gabriel quem suava e delirava, se contorcendo nos braços de Roberto que o levava para o meio do bosque, na mesma clareira onde André tinha perdido as mãos.

Será que tinha sido ali também que recebera a fera pela primeira vez?

A lua quase cheia iluminava o caminho, assim como inúmeros vagalumes, o que, somado a visão apurada da alcateia, dava um ar de fábula ao cenário. André caminhava nervoso, com os braços cruzados, pois, além da vergonha da mutilação, sentia uma estranheza ao mover os antebraços sem mãos, como se isso afetasse seu equilíbrio.

Ricardo havia ficado no Casarão Violeta cuidando das humanas, principalmente porque Letícia parecia estar doente e ainda mais atormentada com a possibilidade do retorno do fantasma. Lua tinha ficado em casa também, pois agora até mesmo dormia com Saruman em sua cama, temendo que o cachorro pudesse ser alvo da assombração, o que André reconhecia ser muito mais do que ele, o próprio dono do animal, andava disposto a fazer ultimamente. Bem, mas Saruman agora era mais de Lua do que dele.

Já Flávio e Natâniel estavam presentes, assim como Bianca que já esperava na clareira ao lado de um grande leitão amarrado a uma árvore. A presença do majestoso suíno trouxe a lembrança da leitoa que André caçara na sua vez, e de como foi glorioso se alimentar da mesma. Mas aquele seria a refeição de seu amigo Gabriel, isso se tudo ocorresse de modo natural.

— Eu não entendo, a lua cheia é só amanhã — comentou com Natã, mas quem respondeu foi Flávio.

— É raro, mas já vi sobre casos parecidos. O que precisamos torcer é para que... — Natã fez uma pausa nervosa — que fique tudo bem.

“Que ele não fique mais louco do que já está”, André completou mentalmente. E tudo indicava que seu amigo ficara pior. Sua vontade era de correr de volta para casa, pois, um lobisomem ensandecido não poderia fazer parte da alcateia, e seria uma irresponsabilidade deixá-lo livre por si só. André não queria ver seu amigo ser sacrificado como um animal desenganado em sua frente.

Tudo era culpa sua. Se possuísse mãos agora, estariam sujas de sangue.

Percebendo a aflição do namorado, Natâniel o enlaçou os ombros, beijando-lhe a têmpora, mas nenhuma carícia dele aliviaria a tensão de André, que sentia o coração bater quase tão rápido quanto o do garoto que agora tinha as roupas removidas com delicadeza por Roberto e Flávio, sendo deitado em seguida na grama da clareira.

Gabriel tremia e falava coisas sem sentido, a pele negra brilhava de suor, e os grandes olhos piscavam sem parar. Parecia tão indefeso, tão magro e doente, uma coisa outrora bela, mas agora decaída.

Ao longe podia ser ouvido os latidos de Saruman para a noite. O bosque em sim pressentia a chegada da nova fera, e André podia escutar as criaturas noturnas fugindo ou fazendo sons de alerta. As corujas cantavam suas canções agourentas, seguidas pelos grilos e sapos, e até mesmo os vagalumes voavam em círculos em volta do garoto que se contorcia. A própria pele de André vibrava, como se sua fera estivesse excitada para conhecer a que então nascia.

De repente, Gabriel deu um grito, arqueando as costas que estalaram com os ossos das vertebras saltando para cima, as costelas esticavam a pele enquanto os músculos inchavam.

Flávio fez um gesto de cabeça para Roberto, e ambos removeram as próprias roupas, assumindo em seguida, e rapidamente, a forma dos intimidadores lobisomens, prontos para dominar ou sacrificar o novo beta. Já os demais não precisaram abandonar a forma humanas, mas mantinham a atenção redobrada.

Gabriel seguia berrando de dor, com seus membros esticando, as garras brotando nos pés e nas mãos, o maxilar alongando até se transformar no focinho grosso com a mortífera fileira de dentes afiados, as orelhas com pontas se projetando para o alto... mas foi quando os pelos começaram a cobrir o corpo que todos notaram que algo diferente estava acontecendo.

— Não pode ser... — arfou Natâniel.

— É branco! — André exclamou — O pelo dele é branco!

Sim, tão branco que refletia a luz lunar, e o lobisomem Gabriel não mais sofria com a dor, pelo contrário, parecia sentir prazer na transformação. E quando a alta e esguia fera albina se ergueu nas patas traseiras e uivou para o céu, um uivo longo e mais agudo que o comum, seus grandes olhos se abriram, exibindo um belíssimo tom de azul glacial.

— É um ômega, não é? — André perguntou, maravilhado, mas a tensão já tinha voltado ao ambiente. Ômega ou não, o destino de Gabriel ainda era uma incógnita.

Flávio rosnou para Bianca e a loira desamarrou o leitão da árvore, batendo os pés para assustá-lo. O animal guinchou e disparou para a mata fechada, mas só atraiu a atenção do lobo branco apenas por poucos segundos, e ignorando a presa,

Gabriel moveu seus olhos azuis para André, dando alguns passos na direção do amigo.

Natâniel entrou na frente do namorado e mostrou os dentes, pronto para se transformar e barrar o ataque do outro, mas o alfa deu aquele seu uivo poderoso que fazia tudo em volta vibrar, ganhando assim a atenção do ômega.

O coração de André voltou a acelerar. Pelo jeito começaria um combate, e o escritor chegou a gritar de desespero quando viu o lobisomem branco partir para cima do preto de olhos verdes. Todavia, mais uma reviravolta: Gabriel freou antes que a pata de Flávio o acertasse, e de um jeito meio infantil abaixou a cabeça e ganiu, reconhecendo a hierarquia do alfa.

André se emocionou ao presenciar a cena. Flávio respondeu o gesto se inclinando e farejando o pelo branco do outro. Só então o ômega se afastou do alfa e foi cumprimentar cada um dos outros betas, estivessem esses transformados ou não, e quando enfim chegou no escritor, o abraçou com carinho.

— Gabriel! Oh, Gabriel — André começou a chorar, sentindo o calor dos pelos claros o envolvendo e o focinho lhe farejando os cabelos.

— Pelo jeito, vou ter que ir recuperar eu mesma o nosso leitão — comentou Bianca, fingindo irritação.

— Então... está... está tudo bem não é? — André perguntou, ainda chorando.

Natâniel sorriu de volta e o puxou para outro abraço.

Enquanto isso o lobisomem branco dançava, acompanhado pelos vagalumes, e tendo como música de fundo a orquestra natural da noite.

— Ah, mas isso faz tanto tempo, e me parece algo tão pequeno diante de tudo o que aconteceu depois — suspirou Madame Valquíria, cansada, se aconchegando com sua manta preferida em uma poltrona no salão. — E por que só agora?

Parecia ter envelhecido anos naqueles últimos dias, com as feições fundas em volta do tapa olho preto, só um pouco mais escuro do que a olheira sob o único olho azul. Nem mesmo andara se maquiando como gostava, e o grisalho do cabelo cortado em estilo Dilma Rousseff parecia estar vencendo por vontade própria a tinta ruiva nas laterais.

— Então aconteceu algo assim mesmo? E eu ainda achando que tinha sido apenas mais um sonho maluco dos muitos que costumo ter — disse André, sentado no sofá à frente, também sob uma manta que servia mais para disfarçar os braços mutilados do que pelo dia que havia amanhecido com a temperatura consideravelmente baixa.

Natâniel estava ao seu lado, bebericando um copo de *whisky* junto de Flávio, prestando completa atenção na conversa. Todos estavam na verdade, desde Lua e a inseparável companhia de Saruman, à Bianca e Roberto. Até mesmo Gabriel estava presente, com seu costumeiro olhar perdido, mas calmo, e para o alívio de André tinha ido ao banheiro, feito suas necessidades e tomado banho por conta própria, chegando até a ter uma conversa rápida e descompromissada com Roberto, sobre o tempo e sobre o cheiro das coisas.

O escritor encarava as últimas ações do amigo como um presságio de que as coisas iriam melhorar. A visão fabulesca do lobisomem ômega, com sua pelagem branca, dançando ao luar, apenas reforçava esse sentimento.

Com sorte, segundo Flávio, Gabriel podia se tornar um trunfo para a alcateia, já que os ômegas possuíam misteriosas capacidades místicas, podendo acessar o dom das viagens noturnas para se comunicar em espírito com outros ômegas e anciões, ou até mesmo prever o futuro e se comunicar com encantados.

André nunca mais teria o amigo de antes, para se divertir e papear sobre qualquer coisa. Nunca mais teria aquelas longas conversas, onde Gabriel parecia exalar bom sonso e uma doçura ímpar. Teria a loucura despertado o ômega em Gabriel, ou o contrário? Seria loucura mesmo, ou apenas uma mente se adaptando a uma nova forma de enxergar e sentir a realidade?

O importante é que ele estava vivo e bem, mesmo que distante.

Apenas Ricardo não estava presente, e sim de prontidão ao lado da cama de Letícia, pois na surdina da madrugada, enquanto o lobisomem branco dançava no bosque, a assombração atacara novamente no Casarão Violeta, e era por isso que aquela reunião estava acontecendo no salão.

Ricardo disse que Letícia surgiu em seu quarto de repente, toda arranhada e prestes a ter um surto psicótico. Não conseguia falar e parecia estar engasgada com alguma coisa. Como a alcateia estava no bosque, ele pediu a ajuda de Madame Valquíria, e foi nesse momento que Letícia começou a se comportar de maneira ainda mais estranha.

— Não era Letícia naquele corpo. Eu conheço a minha menina há anos e aquele jeito, aquela voz... era Franciele purinha — afirmou Valquíria mais cedo, aos prantos.

Fosse o que o fosse a entidade que se apoderara do corpo da negra, demonstrava uma força considerável e uma irritabilidade assustadora, além de uma língua ferina que parecia conhecer todos os segredos mais desconcertantes de quem se aproximasse.

— Parecia coisa de filme — Ricardo tinha contado. — Se ela virasse a cabeça em 180° e vomitasse uma gosma verde não teria me assustado tanto. Mas até eu, com minha força de licantropo, tive certa dificuldade em dominá-la. E nada era pior do que o que ela falava! Ela sabia de coisas que eu nunca tinha dito a ninguém, e disse tantas coisas terríveis à Madame Valquíria... Não, nada podia ser pior que aquelas palavras... nem mesmo as chamuscas que ela fez brotar no lençol de cama.

E aquela era a parte mais absurda da história, que arrepiava os pelos da nuca de André, a de que a possuída podia fazer brotar chamuscas do nada. Ele se lembrava do pesadelo com Franciele em chamuscas e sentia calafrios. As próprias roupas de Ricardo chamuscaram no momento em que ela dominava, e enquanto isso um mini terremoto se iniciou no quarto, derrubando gavetas e lançando objetos para o ar.

As coisas só se acalmaram quando Madame Valquíria, aplicou umas das injeções que a alcateia guardava para algum novo provável surto de Gabriel. Desde então Letícia permanecia sedada e recebendo soro na veia, mas por vezes seu semblante derrotado ainda esboçava um sorriso cruel e pequenos focos de incêndio podiam surgir se não tivesse alguém por perto para apagar.

Foi quando André resolveu relatar seu sonho para Madame Valquíria e Natâniel, e a matriarca exigiu aquela reunião para discutir o problema e contar o que significava o sonho do jovem que, pelo jeito, não restava mais dúvidas de que era a reencarnação de Isabella.

— Essa confusão aconteceu... acho que um ano antes de eu conhecer Natâniel — Madame Valquíria começou a relatar, fazendo um certo esforço para se lembrar dos detalhes. — Se pegarem essa estrada que usamos para chegar aqui, e seguirem mais uns três quilômetros, vão encontrar os restos queimados de um casarão que outrora era tão luxuoso quanto este. Agora está coberto pelo mato e suas terras viraram pasto para gado, mas na época era algo de se admirar.

“Os Moreira Vales fizeram fortuna com café e trabalho escravo, e em certo momento chegaram a se envolver com política. Raimundo Moreira Vales, chamado por todos de Coronel Vales, era prefeito de Santa Sofia naquele ano de 1983 e na juventude tinha sido até mesmo colega de meu odiável Tio Eptácio.

Ele era o mais rico dos frequentadores do Casarão Violeta e eu acreditava que ele possuía uma certa “paixão” por mim, já que gastava cruzeiros consideráveis para ter o luxo exclusivo de se deitar com a dona do bordel, mesmo que esta não se compasse as belezas juvenis das outras moças que aqui trabalhavam. Só que era seu filho, o belo Regis, de olhos azuis e um vistoso bigode, quem praticamente vivia no Casarão Violeta, pagando o quanto fosse preciso para se divertir na cama de nossa Franciele.

Por sinal, ainda me é curioso o fascínio que Franciele causava naqueles homens. Entendam, ela era bonita, mas não se comparava as outras meninas. Franciele não era muito simpática, era esguia demais, um pouco desprovida de curvas, a não ser suas panturrilhas volumosas que se tornavam uma visão ao serem flexionadas pelos altíssimos saltos dos sapatos.

Se vestia como uma senhora de respeito indo a igreja, com vestidos belos, mas sóbrios, na altura dos joelhos, e sua postura era tão impecável que até mesmo algumas mulheres de Santa Sofia, ao verem na rua, ou indo a missa, custavam a acreditar que a moça era uma das meninas do Casarão Violeta.

A cereja do bolo eram os longos terços, de madeira ou de falso brilhante. Existia um de prata que era seu preferido, com detalhes meticulosos, mas que se perdeu no incêndio que culminou em sua morte. E esses terços eram sempre presentes em volta de seu pescoço, e agora me vem a memória dela sentada próximo a essa janela, olhando para o jardim enquanto passava os dedos pelas contas do terço e rezava por longos períodos.

Vocês estão me entendendo? Conseguem imaginar como essa imagem confundia e causava curiosidade nos clientes; uma quenga carola, uma santa pecadora. Era motivo de riso, ou de respeito, mas atiçava a curiosidade dos homens. Todos queriam saber que tipo de milagre podiam encontrar embaixo de toda aquela roupa, e sempre voltavam depois.

A questão não era Franciele possuir uma crença religiosa, pois a maioria das meninas possuía. Eu mesma sempre tive uma inclinação católica, sempre fui

devota a minha Santa Bárbara e ainda rezo em seu altar. Mas Franciele realmente acreditava ser uma mulher espiritualmente superior as demais, e algumas vezes dizia isso em voz alta.

— Deus um dia vai me abençoar, pois eu realmente creio nele — ela dizia, com aquele nariz empinado, os dedos passando pelas contas em modo automático.

— É como deflorar uma dama de respeito, mas que nunca responsabilizara você por nada — dizia os clientes.

Ah, e como Isabella a desprezava. Precisavam se manter o máximo de tempo possível longe uma da outra, se não caíam aos tapas, feito duas gatas de rua. E quando li a biografia de Natâniel percebi que ele não a conheceu como eu a conheci. Isabella não era frágil, não era só misteriosa, e uma das meninas mais lindas que já pisaram nesse Casarão. Também era irritadiça, rancorosa, e no fundo odiava a si mesma.

Todas nós, por mais sofridas, por mais sombrios que fossem nossos passados e segredos, tínhamos prazer pela vida. Já Isabella não. Isabella odiava existir, mas seguia um dia após o outro, blindada em uma armadura de rancor e orgulho, como se quisesse mostrar para a própria vida que, mesmo odiando tudo, não desistiria, não cessaria de viver, pois seria o mesmo que aceitar a derrota.

Ainda assim, não tinha como não se apaixonar por Isabella. E eu amava todas elas, mesmo que no fundo eu... eu creio que elas me odiassem. Afinal, mesmo com toda essa bela aura de cabaré folclórico de novela das nove, o Casarão Violeta era uma casa de prostituição. Algumas gostavam do ofício, outras não viam alternativa, e eu...

Eu explorava todas elas...

Mas eu mentia para mim mesma, que as tinha salvo das ruas e de locais piores. De que no Casarão Violeta elas eram melhores tratadas, elas possuíam luxos e...

Mas eu as amava. Isso não é mentira.”

Madame Valquíria fez uma pausa emocionada, enxugando as lágrimas do único olho e pedindo, num gesto, um pouco do *whisky* de Natâniel.

— A senhora está bem? — André perguntou, percebendo que também estava emocionado, como se os sentimentos para com lembranças esquecidas estivessem explodindo dentro dele.

— Sim, eu estou bem — ela continuou, forçando um sorriso. — Só estou velha, e perdendo o foco do assunto.

“Enfim, Regis Moreira Vales, o galanteador filho do prefeito de Santa Sofia, viveu um romance tórrido com Franciele. Muitas foram as vezes que ele dormiu escondido no quarto dela, ou se encontravam em segredo fora do Casarão Violeta.

Ele fazia juras de amor a ela, de que estava indo para o Rio de Janeiro cursar medicina e que queria que ela fosse junto, sendo sua noiva secreta.

Ah, imagino o efeito dessas promessas em Franciele. Ela realizaria seu sonho de ser uma verdadeira senhora de respeito. Franciele chegou a parar de se proteger e logo se viu grávida. Mas isso não seria um problema, já que em seus planos já se imaginava a nova Senhora Moreira Vales.

Tudo isso me foi contado por Letícia, que era a melhor amiga de Franciele e Isabella. A ponte que ligava os dois extremos.

Já Isabella descobriu aquilo por acaso, ao ver os pombinhos se encontrando na calada da noite no bosque, e a simples possibilidade de ver a rival feliz tirava o sono de Isabella, que planejou contar as aventuras e promessas de Regis para o próprio Coronel Vales.

A sorte é que, sabendo de antemão os planos ardilosos da amiga, Letícia veio até mim e contou tudo, me deixando entra a cruz e a espada.

Ora, eu não acreditava nas promessas de Regis, e não impediria se ele quisesse realmente levar Franciele consigo para o Rio de Janeiro, mas se aquela historinha de amor chegasse de maneira errada aos ouvidos do Coronel, poderia surtir um efeito devastador sobre todas nós.

O Casarão Violeta se mantinha no luxo graças aos nossos ricos clientes, e se eu comprasse briga com o mais poderoso deles, todos os outros poderiam se voltar contra mim. Ah, e eu sei bem como a raça dos homens facilmente se alia para destruir nós mulheres. Eu só sobrevivi até hoje porque sempre estive um passo afrente deles.

Eu mesma contei ao Coronel Vales a história, mas do meu jeito, em tom de confissão amigável, de companheirismo. Ressaltando o quanto aquelas ideias juvenis eram absurdas e que eu ‘nunca abriria mão’ da minha menina.

Resultado, no dia seguinte o próprio Coronel Vales colocou o filho no carro e o conduziu até Goiânia, para de lá pegar um avião particular para o Rio e não voltar tão cedo, com a ameaça de ser deserdado se o desobedecesse.

E foi assim que, antes mesmo de chegar à Goiânia, pai e filho morreram esmagados por um caminhão de tijolos que tombou sob uma forte tempestade, e toda a fortuna dos Moreira Vales ficou na mão da filha, Gretchen, que também morreu de forma trágica recentemente... acho que há um ou dois anos. O casarão pegou fogo acidentalmente durante a noite e matou todos que lá dormiam, com exceção da filha dela... ou era filho? Enfim, do filho e da namorada...

Mas estou perdendo o foco novamente, me perdoem.

O que tivemos que lidar depois foi com as explosões de fúria e depressão de Franciele, principalmente depois que ela abortou espontaneamente após uma briga feia com Isabella, que a derrubou de alguns lances de escada.

Mas aos trancos e barrancos a normalidade da rotina voltou, mesmo que vez ou outra explodisse uma briga violenta entre as rivais, onde o máximo que eu podia fazer era apartar e por de castigo como se fossem crianças, já que, junto de Letícia, eram as minhas meninas mais rentáveis.

Um ano depois eu fui rendida por uns bandidos na estrada perto de Santa Sofia e salva por um jovem vagabundo e de olhar amável chamado Natâniel, e o resto dessa história vocês conhecem. Mas quero relembrar que foi graças a chegada dos lobisomens no Casarão Violeta, que quase todas nós morremos.

Foi após a chacina feita nesse mesmo salão, quando Natâniel e aquela outra fera nos atacaram, que a loucura de Franciele explodiu, fazendo com que a mesma posteriormente ateasse fogo a si mesma, quase levando todo o Casarão consigo.”

Valquíria fez mais uma pausa, olhando diretamente para um culpado Natâniel, que chorava com os olhos baixos. Mas não parecia haver rancor nos olhos da matriarca, e sim apenas tristeza, como se buscasse o reconhecimento das emoções do outro.

— Agora, — ela pigarreou — voltando ao sonho que você me contou, André, e somando aos sonhos que Letícia e eu andamos tendo nesses últimos trágicos dias, creio que essa pode ser a fonte do ódio desse espírito.

— Mas... — André começou, mas foi interrompido.

— Eu sei, parece tão pouco para isso tudo. Isso foi há tanto tempo, e já faz mais de vinte anos que Franciele se matou. Então por que só agora? Será que o espírito levou isso tudo de tempo para conseguir se manifestar? Eu só estou especulando, é claro. Se nem vocês, que se transformam em bicho de madrugada, compreendem esses mistérios, quem sou eu?

“O fato é que Franciele odiava Isabella, e a culpava, assim como culpava Letícia, pela morte de seu amado e da criança que carregava no ventre. Outro fato é que foi por causa de lobisomens que Franciele enlouqueceu e se entregou as chamas. E agora, anos depois, é Isabella, reencarnada nesse corpo de rapaz quem desfruta dos luxos desse Casarão Violeta, que se tornou uma casa de feras. Das mesmas feras que a destruíram.

— Compreendo onde a senhora quer chegar, mas ainda assim...

— Sim, por que só agora?

Uns três segundos pairaram agourentos sobre as cabeças da matriarca e da alcateia Valverde, parecendo durar mais do que o normal. Sendo quebrado de repente pela voz melodiosa e perdida de Gabriel, que ainda mantinha o olhar na janela.

— Ela vai saber. A bruxa está chegando — ele sorria para a janela, com os olhos negros ganhando aquele brilho glacial. — A bruxa vermelha está chegando.

E em seguida a vitrola assombrada de Madame Valquíria começou a tocar sozinha.

Aquela Que Comanda As Chamas

Durante todo aquele dia frio o céu escuro ribombou trovões ameaçadores nas proximidades de Santa Sofia, mas a chuva prometida só chegou no fim da tarde, próxima ao crepúsculo, despencando com fúria sobre as copas das árvores do bosque e produzindo um tamborilar escandaloso nos telhados do Casarão Violeta.

Fazia ainda mais frio, mas Letícia sentia o contrário, como se seu corpo inteiro ardesse em febre. Um corpo que não era apenas mais seu. E quanto mais ela afundava dentro de si mesma, mais quente ficava.

A sensação, poderia ser comparada a um sonho terrível, onde ela permanecia como uma passiva e impotente expectadora de seu próprio corpo, sentindo seus membros se moverem sem seu consentimento, ouvindo sua própria boca gritar coisas cruéis. Seu corpo era um mero fantoche controlado por aquela força furiosa que ela não conseguia mais chamar de Franciele, pois claramente, se um dia tinha sido sua falecida amiga, agora tornara-se outra coisa.

A coisa era um animal raivoso, feita apenas de ódio e vingança. E encolhida dentro de sua própria carne, Letícia sentia um pouco do que a coisa sentia, e o ser queria matar todos sob aquele teto, queria transformar cada tijolo e madeira das paredes do Casarão em brasa. Queria expandir o rancor que consumiria tudo, até mesmo o próprio ser.

E o motivo? Nem mesmo a coisa sabia mais o que era direito.

Ah, e o calor era tanto, com o poder para criar as chamas se reunindo dentro de seu corpo dopado. Um poder que demorou um longo tempo para ser reunido e dominado, como qualquer ação daquele espírito.

Mas, de repente, algo mudou no ar em volta. Ou seria no próprio ser? Algo que manteve o espírito alerta, até mesmo preocupado, como se pressentisse algum perigo se aproximando e temesse isso

Só que nada disso importava. Uma hora aquele corpo despertaria novamente, e então o espírito traria a justiça divina em forma de fogo para aquela casa maldita.

Os moradores do Casarão Violeta esperavam praticamente em silêncio no salão, sentados nos sofás e cadeiras, enquanto tomavam bebidas quentes e ouviam

a sinfonia da tempestade que reinava lá fora.

Gabriel foi o primeiro a sentir, sorrindo para a janela embaçada, seguido de Saruman que levantou as orelhas e saiu de debaixo das pernas de Lua e foi ficar de prontidão diante das portas do casarão. A vitrola assombrada parou de tocar sozinha, e por alguns segundos, os mais atentos, puderam ouvir o fantasma de Tia Évelim cantando no sótão.

E foi nesse instante, quando o último resquício de raio de sol desapareceu no crepúsculo chuvoso, que a bruxa enfim chegou.

O carro esporte elegante e preto deu a volta no jardim e estacionou bem em frente à entrada da casa. E quando Flávio Valverde saiu solenemente para receber a convidada com um enorme guarda-chuva, André correu para disputar a janela com Gabriel, pois não perderia aquele reencontro por nada.

Mas a cena acabou sendo meio decepcionante, com a mulher, que dirigia o próprio veículo, se encolhendo sob o guarda-chuva sem nem mesmo olhar para o homem que o manejava.

Quando a bruxa chegou ao salão, todos meio que prenderam a respiração, principalmente André, e mesmo após todos os elogios que Flávio tinha feito ao antigo amor de sua vida, nada poderia ter preparado André para a presença marcante de Alice Breck'of.

Foi como quando ele viu Madalena Barddom pela primeira vez. Uma força poderosa e magnética em forma de mulher, de cabelos ruivos que cascadeavam exuberantes em seus elegantes ombros descobertos. Bela sim, belíssima! Mas diferente da Senhora Elemental do Ar, que parecia uma elfa de Tolkien, esguia, com seus movimentos languidos e delicados, uma figura quase diáfana, que parecia flutuar, a Senhora Elemental do Fogo era uma mulher intimidante, ereta, de gestos práticos e simples, e com uma presença muito maior do que sua pouca estatura.

Usava *scarpins* escarlates, junto de um justo vestido preto um pouco acima dos joelhos que realçava suas curvas e cintura marcada. Seus seios eram fartos, emoldurados pelo decote de renda preta. No pescoço, uma gargantilha de renda exibindo um delicado camafeu de esmeralda.

Seu rosto parecia uma pintura de tão simétrico, com a pele branca, nariz arrebitado, sobrancelhas bem marcadas e uma voluptuosa boca carnuda pintada de vermelho, que só não chamava mais atenção do que seus poderosos olhos azuis índigo, que realmente pareciam cintilar de vez em quando, mas não como o dos lobisomens cintilam, e sim como se chamadas azuis tremulassem dentro deles.

Ah, e lá estava a pintinha escura no canto abaixo do olho esquerdo, como Flávio tinha descrito, que dava todo um charme a mais a sua figura.

Que visão! Até mesmo André, que nunca fora de se atrair por mulheres se sentia meio que apaixonado.

— Madalena estava certa sobre a beleza deste lugar — comentou ela, a voz grave e também sensual, mais para si mesma do que para Flávio que parecia ter diminuído na presença dela.

— Estamos todos muito felizes que você tenha vindo, Alice — ele fez uma mesura.

Mas parecendo não dar muita atenção a ele, Alice se adiantou para onde os outros estavam.

— Alguns de vocês eu conheço de vista — disse ela, olhando para Bianca e Roberto, antes de começar a cumprimentar um por um.

Ela não era o que chamam de simpática, não lançava sorrisos de relações públicas, mas também não era nenhum pouco desagradável ou deselegante. Nesse aspecto era parecida demais com Flávio. E atraía todos ao seu redor de forma não intencional, assim como o fogo atrai as mariposas.

Nesse momento, André sentiu uma tremenda vergonha por não poder aceitar o cumprimento de mão da bruxa, mantendo os braços mutilados por baixo da manta que ainda estava envolta de seus ombros.

Alice pareceu entender a situação no mesmo instante, dando aquele ligeiro sorriso de canto de boca que foi tão apaixonadamente descrito por Flávio, enquanto passava para cumprimentar Gabriel, que pela primeira vez parecia estar focado em algo que não fosse a chuva.

— Posso me sentar? — Alice perguntou, assim que terminaram as apresentações. — Acho melhor irmos direto ao ponto.

— Por favor — Valquíria respondeu, apontando para uma das confortáveis cadeiras do salão. Ela também demonstrava estar deslumbrada pela mulher, e principalmente por se tratar de uma bruxa. Sim, uma bruxa como nas histórias.

— A mulher que precisa de minha ajuda está no andar superior, não é? — Alice continuou, e dessa vez a pergunta veio em tom de afirmação. — Sinto a presença de outras energias nesta casa, mas são entidades tranquilas, creio, diferente da que vem dessa energia forte e quente no andar de cima, como uma caldeira prestes a explodir.

— Sim, é a nossa Letícia! Acho que está possuída... na verdade eu tenho certeza! É um fantasma... Meu Deus, e já tentamos de tudo... — Madame Valquíria explodiu em lágrimas, como se finalmente o encantamento causado pela beleza da bruxa tivesse sessado, levando junto o controle das emoções da matriarca.

Alice Breck'of estava sentada ao lado dela, e tocou sua mão carinhosamente sobre o braço da cadeira. Madame Valquíria suspirou, retomando o fôlego, como se o toque da bruxa a tivesse aplicado uma dose de energia calmante, além de foco.

— Ao telefone, Flávio me disse que a senhora é a grande dama e matriarca deste belo casarão — disse Alice, em tom calmo e apaziguador. — A senhora

conhece a história deste lugar, a história do provável fantasma, e também presenciou os últimos incidentes. Então quero que me conte tudo que achar necessário.

Após respirar fundo, Madame Valquíria começou o relato, contando de modo muito resumido como herdara o Casarão Violeta de seu Tio Epitácio, e como com o tempo o local se transformou numa casa de diversão de ricos clientes. Contou sobre as moças que lá moraram, dizendo o nome de todas elas: Isabella, Franciele, Joana, Jéssica, Natacha, Angélica... e Letícia, que era quem precisava de ajuda agora.

Alice ouvia tudo com perfeita atenção, deixando que a outra levasse o tempo que fosse preciso, e assim se manteve por quase uma hora, se movendo apenas para aceitar uma taça de vinho oferecida por Roberto, enquanto Valquíria contava sobre a chegada dos lobisomens ao Casarão e a chacina de suas meninas, acrescentando detalhes que ela agora sabia graças a biografia de Natâniel.

O relato avançou rapidamente, contando o retorno de Natâniel para o casarão, onde trouxe toda a Valverde junto. Do surgimento de André, que acreditavam ser a reencarnação de Isabella, às recentes manifestações do fantasma de Franciele.

— E é isso o que acho que está acontecendo, — disse Valquíria — que é mesmo o espírito de Franciele que está com ódio de todos nós: de mim, de Isabella e de Letícia, por destruirmos seu sonho de ser uma “mulher de respeito”. Ódio pelo Casarão agora ser uma casa das mesmas feras que a destruíram.

“Mas, tudo me parece tão... superficial, entende? E por que ela esperou todos esses anos para enfim se manifestar? E como um fantasma pode ter tanto poder de uma hora para outra? O Casarão Violeta é cheio de fantasmas... a senhorita pode sentir, não é mesmo? Mas nenhum desses fantasmas, nem o desgraçado e raivoso do meu Tio Epitácio demonstrou tanta fúria e poder.”

— Entendo o que quer dizer, — disse enfim Alice, tomando mais um gole de vinho e se recostando na cadeira. — Sendo assim, quero que todos vocês entendam que os espíritos não possuem uma ciência exata. Pelo menos não até hoje. É claro que médiuns, bruxas e ocultistas sempre lidaram com essas forças, mas a compreensão das mesmas varia com a sua própria percepção da realidade e principalmente de suas crenças.

André se mexeu inquieto no sofá, amaldiçoando o fato de não ter trago pelo menos um celular para pedir a Natã para gravar aquela conversa. Afinal, era uma Senhora Elemental falando. Pior ainda era saber que quando tudo acabasse não poderia escrever nada daquilo.

— Será mesmo o espírito de Franciele? Aparentemente sim — a bruxa continuou. — O que se acredita é que o tempo dos espíritos não é como o nosso. Será que Franciele passou todos esses anos vagando em silêncio pelos cômodos

dessa casa, até reunir forças suficientes para enfim atacar os vivos? Será que mais de vinte anos dos vivos se passaram como segundos para ela?

“Vocês sabiam que essa região onde o Casarão Violeta se encontra possui uma energia espiritual forte? Algo que parece brotar da própria terra e que talvez esteja aqui desde antes da humanidade chegar por essas bandas?

Ainda assim a maioria dos espíritos presentes nesse lugar são fracos, ou nem mesmo são entidades, não passando de impressões gravadas nas paredes desta casa. Registros espectrais que se repetem, sem consciência ou propósito. Será que Franciele teria se alimentado dessa energia mais do que os outros fantasmas? Será que no plano em que ela se encontra existem outros seres que compraram sua briga, ou será que ela está na mais completa solidão, consumida em ódio e vingança?

Geralmente espíritos ligados a religiões específicas são facilmente expulsos ou dominados por rituais da mesma crença, mas mesmo Franciele sendo uma fervorosa cristã, nenhum ritual cristão parece tê-la afetado. Por quê? Não sei.

Muitas perguntas e quase nenhuma resposta.

Se querem minha opinião pessoal, é a de que a vontade desse espírito é tão grande que até mesmo o deus no qual ele acredita, ou acreditou (se é que esse deus existe), teria dificuldades de fazer o espírito mudar de ideia.

Mas como eu disse, seriam apenas as *minhas* percepções.”

— Mas o importante é — e dessa vez foi a voz de Flávio que ecoou no salão — que você tem poder para expulsar esse espírito, não é mesmo?

Será que tinha uma pontada de raiva na voz do alfa, ou era apenas impressão de André?

— Tenho — ela respondeu, olhando fixamente para ele, o que durou uns segundos consideráveis. — Mas o que me preocupa é a mulher, a Letícia. Não ouço a mente dela, e talvez o espírito a tenha trancafiado dentro de si mesma, para ter controle total do corpo. Ou talvez a própria Letícia tenha se deixado dominar por culpa e medo, tanto faz.

— Um exorcismo é arriscado? — Natâniel perguntou.

— Sempre é. É agressivo para o invasor e para o hospedeiro.

— Mas é preciso que façamos algo — começou Valquíria, aflita.

— Sim, mas eu preciso que vocês...

De repente um ligeiro tremor sacudiu os copos e cristais do salão, o que fez Madame Valquíria se levantar num pulo e Saruman começar a latir. Todos os lobisomens fungaram, sentindo cheiro de fumaça.

No mesmo instante ouviram o grito de Ricardo vindo lá de cima, pedindo socorro. Todos se preparavam para atender ao chamado, mas Alice os impediu, tomando a dianteira.

— Que pena, achei que tinha mais tempo. Vocês esperam aqui — disse ela, colocando a taça de vinho na mão de Flávio e se apressando para a escadaria. — Menos você — completou, apontando para André. — Vou precisar de uma ajudinha sua.

O jovem lobisomem titubeou um pouco, olhando confuso para todos em volta, mas vendo que a bruxa já subia praticamente correndo as escadas, ele largou a manta no sofá e foi atrás dela.

— Mas... como eu posso ajudar? — ele perguntou, mostrando os tocos dos pulsos.

Ela não respondeu, e no lugar veio o som dos gritos de Ricardo. Quando André e a bruxa chegaram no quarto, se depararam com a cama de casal em chamas. O fogo subia até o teto, lambendo o gesso e a lâmpada, que explodiu com o calor. O corpo de Letícia berrava e se contorcia na cama, sendo segurado por Ricardo, que não a soltava mesmo tendo a pele queimada pelas chamas vermelhas.

Mas quando Alice Breck'of entrou destemida no quarto, toda a fogueira que era o colchão de Letícia desapareceu, como que tragado pela mão direita da Senhora Elemental, deixando o quarto iluminado apenas pelas luzes que vinham do corredor e das janelas.

Ricardo cambaleou e caiu de joelhos, com um dos braços ainda segurando a mulher na cama. A maior parte de sua camisa tinha virado cinzas, assim como suas sobrancelhas e cabelo, e a parte superior de seu corpo sangrava em queimaduras gravíssimas.

— Não se preocupe, deixe conosco agora — Alice falou, afastando o lobisomem queimado da cama. — Desça para onde estão os outros e cure essas feridas.

— Mas... mas ela... — choramingou ele, apontando para uma Letícia que mais parecia um boneco de carvão animado.

— Saia — os olhos da bruxa se incendiaram, e Ricardo recuou para o corredor, assustando André com o estado das queimaduras.

— Vai ficar tudo bem, Rick — afirmou André a ele, mesmo não tendo tanta certeza disso, ainda mais quando se aproximou da cama e viu o estado de Letícia.

De repente, não via mais salvação. Para Ricardo bastaria uma transformação em fera para curar aquelas queimaduras, mas o que fariam com Letícia?

— E diga para alguém por uma panela grande com água para ferver — a bruxa completou. — No banco do carona do meu carro tem um bolsa com ervas, peguem e coloquem as ervas para ferverem com a água.

Ricardo concordou com um gesto dolorido de cabeça e saiu de vista.

Já a coisa queimada que era Letícia berrou e avançou para a Senhora Elemental do Fogo, que a repreendeu com um sonoro tapa no rosto, fazendo a

coisa cair de volta no colchão esturricado como se estivesse paralisada.

— Garoto, fique aqui ao meu lado — ordenou Alice e André obedeceu. — Me escute bem. O corpo dela está muito queimado, mas eu sou a Senhora do Fogo e vou amenizar essas queimaduras, assim como não permitirei que nenhuma combustão aconteça.

André moveu a cabeça para mostrar que estava prestando atenção, evitando ao máximo olhar para a criatura queimada que rosnava e cuspiu sangue.

— O problema — continuou ela — é que o invasor está muito dominante sobre o corpo, e quando eu o expulsar isso poderá levar o corpo a morte. A única forma de garantir que essa mulher sobreviva é trazer a alma dela de volta ao controle do próprio corpo, e esse será o seu trabalho.

— Mas...

— Eu sei, você não é tão íntimo dela, mas a sua alma é. A Isabella a conhece. Madame Valquíria tem uma ligação maior, é verdade, mas você é um lobisomem, sua mente é mais resistente a dominação exterior, fora que lá no fundo todos vocês possuem uma inclinação para viagens astrais.

— Viagem astral?!

A criatura queimada pareceu rir da entonação assustada de André.

— Sim, sua alma vai entrar na mente de Letícia e trazê-la à luz — Alice respondeu, como se tivesse dito a coisa mais simples do mundo.

O que mais André queria era sair correndo daquele quarto. Viagem astral? Sair do corpo? Ele não era capaz daquilo, e nem confiava que faria um bom trabalho.

— Mas nós temos... nós temos um ômega, você sabia? Eles não são melhores nessas coisas... coisas astrais?

E como que tivesse esperado a deixa, Gabriel entrou no recinto.

— Só que minha função será outra, não é mesmo, senhora? Eu vi a mim mesmo aqui, ajudando, ou será que foi a senhora quem me chamou mentalmente?

— perguntou o lobo branco, com aquele sorriso tranquilo e olhar sonhador.

Alice apenas deu seu sorriso de canto de boca como resposta.

Já André olhou aterrorizado para os próprios pulsos ausentes de mãos.

Como ele poderia ajudar se era um incompetente que só fazia merda?

— André, eu não tenho paciência para lamúrias e nem estou aqui para fazer as pessoas enxergarem o melhor de si mesmas. Eu estou aqui para resolver — Alice arfou, impaciente. — Então se decida, você vai ajudar, ou vai deixá-la morrer?

André fechou os olhos e respirou fundo.

Alice segurou o antebraço de André com a mão direita, enquanto com a esquerda segurou a cabeça da criatura que berrou ainda mais enfurecida.

Gabriel se aproximou e beijou o rosto do amigo nervoso.

— Na volta, amigo, segue minha luz — o ômega sussurrou em seu ouvido, e antes que André pudesse dizer qualquer coisa em resposta, sentiu um tremendo calafrio pelo corpo todo, como se despencasse numa montanha russa.

O cenário em volta desapareceu, enquanto André se movia em queda livre, rumo ao brilho e chamas vermelhas.

Um Coração Ferido e Rodeado Por Chamas

A visão daquele quarto de hospital era uma memória distante, uma fotografia desbotada pelo tempo e ofuscada por todo um álbum de cores posteriores e mais interessantes. Uma imagem nada agradável, soterrada por outras lembranças, assim evitada, mas não esquecida.

A mera percepção daquela silhueta desfocada de cenário; a cama, a janela só um pouquinho aberta, a TV sintonizada em algum canal mudo, a bandeja de comida intacta e fria, a mangueira de soro enfiada em seu braço, o incômodo no estômago e garganta após passar pela assustadora lavagem gástrica para remover os perigosos comprimidos.

“Ele não queria morrer”, André tinha dito a si mesmo. Não fora um ato de suicídio. Não queria acabar com a própria vida, pelo contrário, queria ter a vida de volta. Aquela vida que ele apenas vislumbrara por meio de Natâniel, todo aquele mundo fantástico e sensual, cheio de possibilidades.

Mas o pior era a ansiedade, a espera, junto da certeza de que fizera a coisa mais idiota de sua vida ao engolir todos aqueles comprimidos. Que vergonha. Que tipo de retardado infantil faria aquilo consigo mesmo, e para que? Para chamar atenção?

Sim, e era isso o que importava naquela noite, naquele quarto de hospital, que ele tinha sido enfim notado. Que Natâniel estava voltando com pressa, e que compreenderia toda a dor de André, todo o amor expressado em sua dependência.

Natâniel e os mistérios da Noite eram luz e cores para embelezar aquela fotografia cinza e desbotada. Quando Natã negava acolhê-lo, lhe negava também aquela luz.

Mas quando esse enfim chegou estava com olhos tão apavorados, tão cheios de repúdio à André e a si mesmo.

— Você não percebe como derrotou a si mesmo? — disse Natâniel, sem conseguir olhar para ele. — Não percebe que você não é mais o André que eu conheci? Você está jogando fora tudo o que fazem os outros admirá-lo. Isso é loucura.

“Não. Não me deixa, pelo amor de Deus.”

— Eu o amo, André. Talvez meu amor por você seja ainda maior do que eu sentia antes, na sua outra vida. Acredito que nunca me doeu tanto quanto agora

fazer o que tenho que fazer.

André queria gritar que ele voltasse, mas não conseguia. Era como se Natâniel puxasse suas entranhas enquanto se afastava e saía pela porta do leito de hospital sem olhar para trás.

Ah, o que era a dor da rejeição? O mundo se desmanchando por completo. A impotência e o desespero de perceber que nada do que você faça impedirá a partida do outro. Todos os seus sentimentos, todo seu amor, sua dor, seus sonhos, de repente não significam nada.

André não era nada.

“Natã! Por favor, Natã! Não me deixe! Não me despreze!”

E não era só Natâniel, não era mesmo?

Eram as outras crianças sorrindo do jeito que André falava, de sua fala mansa e delicada, de sua falta da agressividade e crueldade natas em todas as outras crianças.

Eram os olhos envergonhados de sua mãe quando ele se assumiu.

Os olhos cheios de desejo depravado e ódio dos homens fétidos, quando o possuíam a força... seus próprios olhos se encarando no espelho, com nojo de si mesma...

Mas de quem eram aquelas lembranças, de André, ou de Isabella?

— Franciele também é da mesma opinião, isso porque nunca aconteceu com ela. — disse Isabella, seu espelho, sentada ao lado da cama. — Ela não diz nada, mas eu sei o que ela pensa, sei como ela olhou para mim esta manhã, aquela católica de araque. Eles falam em proteger a vida, mas só protegem a vida até que você nasça, depois e por sua conta. É fácil se opor, principalmente quando não é com você, principalmente quando não se é mulher.

— Mas é mentira, não é? — André questionou seu reflexo. — Isso já aconteceu com Franciele antes, e você se sentiu vingada quando Letícia lhe contou que ela perdeu o bebê. Você lentamente foi envenenando ela com o remédio de Mãe Gorete, não foi, Isabella? E Letícia a ajudou.

Um sorriso alucinado surgiu no rosto choroso de seu reflexo.

— Sim, eu me vinguei, assim como me vinguei dos desgraçados que me machucaram. E fiz com que todos queimassem. O inferno deles começou aqui na terra — Isabella respondeu. Cada flexão em sua voz transbordava ódio. — E a realidade é que eu desejava que ela morresse. Letícia queria apenas matar o bebê na barriga dela, mas eu queria ambos mortos. Se Franciele morresse não me olharia mais com aquele desprezo e aquele nariz empinado.

André gemeu, assustado. Era terrível saber que ele mesmo fora aquela mulher cheia de rancor e maldade latentes. E mais terrível ainda era perceber que compreendia os sentimentos dela.

Que tipo de vida terrível Isabella teria vivido para ter um coração moldado daquela forma?

Mas ele não conseguia ficar completamente focado naquela história, pois enquanto isso Natâniel continuava indo embora, levando as entranhas de André consigo. Levando a possibilidade de viver.

— Não me deixa, pelo amor de Deus.

— Todos eles vão embora, ou nos matam — Isabella continuou, dessa vez abraçando André. — Todos eles nos desprezam.

O desprezo velado nos olhos de Natâniel após o rito de iniciação de André. O rito onde o lobisomem André se deleitou com todas aquelas mortes, assim como Isabella se deleitou com os adultos e crianças queimando no velho e sujo prostíbulo.

— Sim, nos trazemos o inferno na terra, e eles merecem queimar — sussurrou Isabella, e seu corpo de repente ficou tão quente que os lençóis da cama chamuscaram e a mangueira do soro no braço de André derreteu.

“Onde está Letícia, André? Lembre-se de Letícia”, ecoou a voz de Gabriel em sua volta, e o quarto de hotel se dissolveu.

— Eu não sei — André respondeu, notando que havia perdido novamente as mãos. — Eu não sei onde estou.

“Sabe sim, lembre-se! Ouça a dor de Letícia. Ligue a dor dela a sua. Um coração ferido e rodeado por chamas”.

O Casarão Violeta estava tomado pelo incêndio e André o contemplava do lado de fora. Ainda assim as pétalas violetas resistiam no jardim em brasa, e aquilo parecia significar algo.

As flores choravam?

Não, elas apenas indicavam o caminho, se alastrando do jardim para invadir a casa.

O choro vinha de dentro do casarão, e André seguiu o som e as flores violetas, sentindo a temperatura subir vertiginosamente. O piso de mármore do salão tão quente que feria seus pés descalços. Ele estava nu em meio as chamas que consumiam os móveis, as cortinas, o velho *jukebox* que ecoava a voz de Zé Ramalho distorcida, ganhando nuances macabras.

Agora vem à tona

Sua ira é intensa

E você deseja saber

Se há algo

Que possa acalmá-lo outra vez

Destroços caíam do teto, e André precisou esquivar com destreza, mas ele seguia em frente, subindo as escadas, em direção ao choro, onde as chamas iam se tornando negras e ainda mais desesperadoras.

— Letícia! — ele gritou na escuridão. Sua pele, ou aquilo que ele entendia como sendo sua pele, ardia, esturricando ao ser lambida pelas chamas negras.

O choro ficou mais forte, e lá estava a pobre Letícia, deitada em posição fetal nas trevas, tão esturricada quanto seu corpo físico. Ela não parecia reconhecê-lo, completamente assustada quando André a sustentou pelos ombros.

— Letícia, venha comigo — disse, colocando-a nos braços, chocado em senti-la tão pequena, não mais a exuberante e robusta Letícia, e sim uma coisinha frágil, machucada e quebrada.

— Não, — ela se debatia — não podemos fazer isso de novo! Ela sabe! Franciele sabe o que fizemos!

— Isso não importa mais.

Onde era a saída? Por onde André olhava existia apenas o breu, assim como as chamas negras destruindo tudo.

— Importa sim, Isabella! Nós matamos o bebê dela! Matamos os sonhos dela — Letícia chorava.

“E ela merecia muito pior, a maldita. Pois eu sofri muito mais, a minha vida toda”, disse Isabella, mas apenas André escutou. Agora era a vez dele lutar contra si mesmo, contra aquele seu lado antigo, perverso e rancoroso. Fosse qual fosse as dores de Isabella, não importava mais. Ele era apenas André agora.

— Gabriel! Gabriel, como eu saio daqui?

E lá estavam as flores, o violeta brilhando como constelações formando um caminho.

— Não importa nossos erros, Letícia — ele a tranquilizava enquanto corria para fora das trevas e das chamas negras. — Você a amava e queria o melhor pra ela. Assim como todos nós te amamos e a esperamos lá fora. Madame Valquíria está te esperando. Natâniel e Ricardo também. Todos nós! Todos nós estamos.

Estava pronto para descer as escadas ardentes quando uma nova explosão ocorreu, causando um tremor por todo o cenário espectral. E lá estava Franciele, um espectro enegrecido com cabelos flamejantes, os olhos como brasas tenebrosas. Franciele era o próprio inferno manifestado, e o inferno é nada mais que toda o sofrimento e ódio de uma vida humana.

— EU SOU O FOGO DE DEUS! O FOGO PURIFICADOR! — a criatura bradava — EU SOU A IRA SAGRADA! EU SOU A FOGUEIRA QUE CONSOME O PECADO E OS IMPUROS! EU SOU A JUSTIÇA FLAMEJANTE!

Letícia se desesperou ainda mais, berrando e se entregando a espasmos violentos. E algo em André também estremeceu, quase se entregando aos mesmos sentimentos, mas para sua surpresa foi Isabella quem o impediu de se submeter à fúria do espírito flamejante.

De repente veio a lembrança que tanto traumatizou Letícia quanto Franciele, a visão do lobisomem Natâniel subindo aquelas mesmas escadas. Os gritos das garotas, o sangue quente jorrando. O sangue da própria Isabella se espalhando junto com suas entranhas quando ela foi partida ao meio pelas garras de seu amado.

Letícia berrou ainda mais alto e Franciele perdeu um pouco de intensidade das chamas.

— DEMÔNIO! O FOGO DIVINO O CONSUMIRÁ! — a coisa em chamas gritou, como que para recuperar a própria coragem. — EU SOU A CHAMA DOS CONDENADOS! EU SOU...

— Apenas uma puta — Isabella respondeu, debochada, mas foi André em forma de fera quem avançou e atacou, perfurando Franciele com uma das mãos, enquanto carregava Letícia com a outra. Ambas se debatiam e gritavam, mas o lobisomem seguia impassível para fora do incêndio, seguindo a luz das violetas, a luz de Gabriel.

De repente, André se viu de volta ao quarto. A chuva ainda caía forte lá fora. Estava com as roupas rasgadas, pois também havia se transformado em fera no mundo físico, e em outra situação ele teria se impressionado muito mais com o protótipo de mãos ossudas e nodosas que tinham brotado em seus pulsos. Mas ele apenas chorava nos braços de Gabriel, após ter contemplado suas próprias trevas.

Acima deles, Alice Breck'of parecia alta e ainda mais imponente, segurando um pequeno espelho redondo na mão direita. E por um mísero segundo André pode ver o rosto fantasmagórico e furioso de Franciele preso no reflexo do espelho.

— Agora tragam a mistura que eu mandei ferver — ordenou ela, sem desviar os olhos do espelho na palma da mão. — Rápido. Letícia está morrendo.

A Fera Que Nasce das Cinzas

Quando Natãniel veio correndo da cozinha, segurando a grande panela com a mistura fervente da bruxa, levou um pequeno susto ao chegar na sala. Por um momento pensou ter visto Isabella descendo as escadas com a ajuda de Gabriel, mas era apenas André, aparentando cansaço e com as roupas chamuscadas.

— O que aconteceu? Você está bem? — Natãniel perguntou, com sua costumeira preocupação exagerada, logo após depositar a panela no chão, sobre o tapete que ficava no centro do salão.

Um alívio, já que o cheiro da mistura era tão forte que feria o sensível olfato dos licantropos.

— Estou bem sim — André respondeu, meio trêmulo, se deixando ser envolvido pelos braços do namorado. — Mas a Letícia... eu não sei...

O jovem chorava, mesmo que fizesse claramente um esforço para se manter calmo. E foi só então que Natã notou as mãos novas de André. Não eram as mesmas mãos de antes, e sim membros frágeis, pálidos e magros, praticamente pele esticada sobre ossos e veias.

Mas antes que pudesse perguntar sobre aquilo, um grito ecoou vindo também das escadas. Era Letícia, terrivelmente queimada. Uma visão medonha, tendo espasmos de dor enquanto era carregada por um apavorado Ricardo. Madame Valquíria também se desesperava em volta deles, sendo amparada por Roberto e Flávio.

— Ela vai morrer! — berrava a matriarca. — Não deixem minha Letícia morrer, por favor! Meu Deus, por favor!

Saruman latiu, estranhando a comoção, mas Lua, sem sair do lado da mãe, o abraçou e o fez se calar.

— Abram as janelas e portas, deixem a chuva entrar — era a voz de comando de Alice, vindo logo atrás, andando daquele jeito imponente como se até mesmo os objetos da casa tivessem que sair por conta própria de seu inexorável caminho.

Gabriel e lua correram para abrir as portas duplas e todas as janelas, trazendo uma rajada de vento e pingos da chuva furiosa que caia lá fora.

— Ponham-na no tapete e me ajudem a cobrir o corpo dela com o conteúdo da panela — a bruxa continuou, se ajoelhando ao lado da panela fumegante, que com um simples gesto seu esfriou, caindo drasticamente de temperatura. — Quero

apenas vocês dois aqui comigo, — ela ordenou para Ricardo e Valquíria — o resto se afaste.

— Você pode salvá-la, não é? Pode salvar minha menina? — choramingou a matriarca, com seu único olho azul cintilando em lágrimas.

Alice não a encarou de volta quando murmurou: — Assim eu espero.

A medida que as seis mãos untavam o corpo ferido de Letícia com a pasta esverdeada e de cheiro forte, a mesma foi se acalmando, anestesiada, mas estava à beira de perder a consciência novamente. Algumas partes de seu corpo estavam tão queimadas que a pele tinha se rompido e sangrava.

— Me perdoe, Fran — ela murmurava. — Eu não queria...

A bruxa afastou com certa brusquidão seus ajudantes e fechou os olhos em busca de concentração. Nisso todos em volta prenderam a respiração. As luzes do salão piscaram até se apagarem de vez, e a ventania ficou mais forte, inflando as cortinas e até mesmo derrubando uma leve mesinha de canto. Mas a temperatura do lugar pareceu subir, e Alice Breck'of era fonte desse calor. O vermelho de seus cabelos parecia que emanava certa luminescência, assim como seus poderosos olhos de chamas azuis.

— Espíritos das chamas, comandantes do Sul, ouçam o meu chamado — a voz da bruxa soava mais alta que o normal. — Hostes do fogo eterno, ouçam meu chamado! Monarcas do centro do mundo, ouçam meu chamado! Que a grande serpente de fogo me reverencie, que até o Rei Djin atente ao meu comando, pois sou a sua Senhora e não posso ser ignorada!

Natâniel sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha e sua fera interior encolher, e sabia que todos os outros lobisomens sentiram o mesmo, como animais receosos do brilho de uma fogueira acesa de repente. André estremeceu em seus braços. O próprio Casarão Violeta pareceu expandir e respirar assustado.

Se aquela mulher poderia curar Letícia, ele não tinha certeza, mas não duvidava que ela conseguiria destruir todos naquele salão se assim quisesse.

Olhou para Flávio, um pouco distante, tentando inutilmente tentar compreender os sentimentos que a expressão dele escondia.

— Governantes das chamas, obedeçam sua Senhora! — Alice continuou. — Que o que o fogo consumiu seja restituído, e que a chama da vida dessa alma sofredora cresça como nunca antes!

De repente, uma cobra preta, de tamanho considerável, deslizou para dentro do salão, vindo da chuva, assustando a todos. André rosnou, se agarrando mais à Natâniel. Madame Valquíria se encolheu atrás de Ricardo. Gabriel sorriu, maravilhado, e Saruman ganiu de medo nos braços de Lua.

A serpente ergueu a cabeça lustrosa, deixando os olhos vermelhos na mesma altura dos da Senhora Elemental.

— Baê-tatá, seja bem-vindo, encantado — saudou Alice com um ligeiro cumprimento de cabeça. — e em troca, aceite esse pequeno presente de sua Senhora.

— O espelho... — sussurrou André, surpreso, quando a bruxa estendeu o pequeno espelho de mão para a cobra, que tocou rapidamente o objeto com a língua bifurcada.

A criatura sibilou e Alice pareceu entender aquilo como uma resposta.

— Entendo... — disse ela, pensativa. — Mas eu aceito, faça o que for possível.

No segundo seguinte a cobra deu um bote no espelho e o engoliu. Seu corpo se ergueu ainda mais e chamas vermelhas e verdes brotaram de seus olhos e se espalharam por todo seu corpo esguio.

— Estamos acertados. Que assim seja, e assim eu determino — Alice finalizou.

A cobra deu um segundo bote, dessa vez no seio esquerdo de Letícia, que se arqueou e voltou a gritar. Madame Valquíria também gritou, avançando em direção a ela, sem se preocupar se uma cobra de fogo estava sem eu caminho.

Mas no mesmo instante Baê-tatá tinha ido embora, desaparecendo na ventania feito cinzas de origami queimado. E nisso Letícia voltava a se acalmar, na medida em que suas cicatrizes lentamente se curavam.

Como se fizesse parte do ritual, a chuva lá fora também começou a amainar.

— Oh, minha Santa Bárbara, está dando certo! — Valquíria exclamou, enquanto segurava com força a mão da amiga no chão. — Isso é um milagre!

— Não completamente — respondeu Alice, meio pesarosa. — O fogo destrói e purifica, mas nunca reconstrói. Ainda assim aquele baê-tatá fez mais do que devia.

— O que quer dizer com isso?

— Que Letícia viverá, mas carregará as cicatrizes.

E isso era verdade. Os ferimentos no corpo dela se fechavam e cicatrizavam, provocando um alívio tão forte que Letícia parecia estar sob o efeito de um forte anestésico, mas seu cabelo não havia voltado, e terríveis deformidades e cicatrizes grotescas permaneciam em seu corpo.

— Não! Não! — Valquíria voltou a chorar, agarrando em desespero o braço de Alice. — Ela é bonita demais... vaidosa demais... não... não pode ficar assim! Você tem que fazer alguma coisa! Você é uma bruxa, não é? Recorra novamente a sua magia!

— A magia tem seus limites, Dona Valquíria, mas... — e nisso ela se virou para Flávio Valverde. — Se a magia que a recupera agora se unir ao sangue dos lobisomens...

— Quer dizer... transformá-la em um...

— Sim, é a única saída que enxergo — Alice respondeu, ainda olhando para Flávio.

Ricardo e Roberto também olhavam fixos para ele, afinal, pelas leis da alcateia, aquela decisão cabia somente ao alfa decidir. Mas o alfa se manteve mudo, e foi a objetiva Bianca quem quebrou o silêncio.

— Mas será que Letícia quer ser uma de nós? Como saberemos que ela não nos odiará ainda mais se a transformarmos?

Natãniel tinha pensado o mesmo, e ficou grato pela fêmea ter mais coragem do que ele para dizer o que pensava.

Mas para a surpresa de todos, Letícia não estava tão desprovida dos sentidos assim, e virando o rosto de expressão sonolenta na direção dos presentes, ergueu a mão direita para Ricardo.

O beta soluçou com aquele gesto, voltando a encarar o alfa com olhos suplicantes.

— Que assim seja, e assim eu determino — disse Flávio, imitando a fala de Alice mais cedo.

E sem pensar duas vezes, Ricardo correu até Letícia e a sustentou nos braços com delicadeza.

— Meu amor, vai ficar tudo bem — sussurrou ele, beijando rapidamente os lábios dela, antes de assumir a forma de lobisomem e crava as presas na carne de sua amada.

Seguiu-se o ritual como de costume, sendo feita a troca de sangue e carne, na comunhão das feras, mas com a diferença de que a Senhora Elemental do Fogo estava por perto, sibilando seus encantamentos secretos. Todos os presentes formavam um círculo em volta da cena, tomados pela expectativa.

Por fim, o lobisomem Ricardo se afastou, deixando Letícia deitada no mesmo lugar, dessa vez sedenta por mais sangue do licantropo, e logo em seguida ela começou a ter os espasmos já esperados. A mágica da transformação acontecia, com o Dom da Fera modificando e aprimorando cada célula dela.

Alice proferia seus encantamentos de um jeito ainda mais rápido e intenso, e nisso as cicatrizes de Letícia se dissolveram em cinzas, dando lugar a uma pele nova e reluzente. Nem mesmo as antigas cicatrizes de arranhões nas costas sumiram. Seu cabelo voltou a crescer, negro e brilhante, com aquela textura crespa se avolumando de forma majestosa.

Madame Valquíria arregalou os olhos, maravilhada.

E por fim Letícia se ergueu, ascendida, se tornando uma versão ainda mais fascinante de si mesma. Seus olhos outrora castanhos, agora eram de um curioso

tom de mel, mas que vez ou outra cintilavam avermelhados, como se o fogo que tanto a ferira agora estivesse aprisionado dentro dela.

Seu primeiro passo foi meio cambaleante, inseguro, mas antes que alguém ousasse ajudá-la, Letícia avançou na direção de André como se fosse atacá-lo. Mas ela apenas o abraçou com força.

— Obrigada — disse ela.

Já era mais de três da manhã e a chuva ainda teimava em continuar, fina e melancólica, mas a bruxa recusou todos os convites cheios de gratidão para que passasse o resto da noite no Casarão Violeta, e após se despedir rapidamente de todos, ela entrou em seu carro e acelerou para fora do estacionamento, dirigindo mais rápido do que seria prudente.

Suspirou aliviada, dando *play* no aparelho de som para escutar suas músicas clássicas preferidas, e a Sonata ao Luar de Beethoven a envolveu de imediato. Finalmente estava só consigo mesma e seus próprios sentimentos.

Se lembrou das palavras de sua amiga Madalena Barddom, dizendo que ajudar os Valverde naquele caso lhe faria bem, mas Alice não tinha tanto certeza disso agora. A sensação era de ter remexido em um vespeiro dentro de seu peito, e as vespas nunca mais a deixariam em paz.

Já estava se preparando para iniciar uma ligação para Madalena no celular, quando uma enorme criatura surgiu na estrada de repente. Teria sido impossível frear a tempo, ainda mais naquela velocidade, e o carro acertou em cheio o animal que rolou por cima do teto do veículo e caiu de qualquer jeito na estrada enlameada.

Ainda assim, se alguém pudesse vê-la, julgaria Alice bastante calma, até mesmo indiferente, e só ela própria saberia dizer o quanto seu coração estava apertado.

Ela saiu do carro, tirando os sapatos para pisar descaça na lama da estrada. Sabia que não era um animal comum quem se levantava sem nenhum machucado realmente grave. Sabia quem era o grande lobisomem de pelo negro, com aqueles intimidadores olhos verdes. E não o temia.

Temia a si mesma.

Já Flávio voltou a forma humana, tremendo, mas não pela chuva fria em seu corpo nu, e sim por finalmente se entregar as sensações que segurara durante toda aquela noite.

— Alice... — rosnou, ameaçador.

Estava com ódio? Não, a raiva era só um disfarce, sempre fora. A mágoa era uma muleta que ele se apoiou para seguir em frente, e desde que contara sua história à André, não parava mais de pensar naquilo. Não parava mais de pensar *nela*.

Mas o que diria a ela? Já tinha imaginado aquele momento muitas vezes antes, e em sua imaginação sempre se via cuspindo todo o rancor, culpa e raiva que sentia por ela. Só que agora não conseguia dizer nada, se limitando a vê-la se aproximar pela chuva fina, descalça e imponente como sempre fora.

Droga, e ele estava chorando! Por que raios estava chorando? O lobisomem alfa da alcateia mais poderosa do país chorando, nu e caído de joelhos, em uma estrada enlameada.

“Diga algo”, pensou ele, sem se importar se a outra podia ler seus pensamentos ou não. “Diga algo terrivelmente insensível. Vamos, me enfureça! Me faça sentir aquele ódio de antigamente! Ou me destrua... isso, me destrua de uma vez, sua maldita”.

Alice estava chorando, ou era apenas a chuva molhando seu rosto misterioso e impassível? Ela chegou mais perto, e os olhos eram brasas azuis no escuro.

Flávio voltou a rosar, mostrando as presas que cresciam. Seu coração batia forte e ensurdecador, abafando todos os sons envolta.

A bruxa o agarrou com velocidade e o calor repentino foi tanto que ele achou que ela enfim o transformaria em cinzas, mas eram apenas os lábios dela nos seus. Era apenas aquele corpo pequeno e curvilíneo em seus braços mais uma vez, depois de tantos anos. Era aquele cheiro poderoso que o dominava por completo.

Não saberia dizer quanto tempo ficaram ali, se beijando na chuva, abraçados com a força de uma fome antiga. Até que por fim Alice se afastou com visível dificuldade, arfando, e ainda sem dizer nada, voltou para o carro, deu a partida e acelerou.

Flávio permaneceu na estrada, observando os faróis sumindo na escuridão. Ele não sabia o que toda aquela cena tinha significado, mas pela primeira vez em anos estava sorrindo de verdade.

A Noite dos Encantados

André sorriu, e esticou os dedos das mãos como se os notasse pela primeira vez, o que fazia agora quase de forma ritualística antes de começar a teclar no computador com satisfação:

“O ano ainda é o turbulento 2013.

É primavera e novembro se aproxima.

Estou animado não só porque irei com toda a alcateia para a estimada celebração no Templo de Anhangá, onde verei com meus próprios olhos tudo aquilo que Flávio me contou, mas principalmente porque está é a primeira vez que volto a escrever desde que recebi meu castigo.

Minhas mãos não são mais os gravetos fracos e nodosos que ganhei durante o ritual da Senhora Elemental do Fogo. Elas recuperaram seus tendões, músculos e mobilidade por completo. Ainda assim, confesso que minhas mãos por vezes me causam estranheza. Parecem “novas demais”, se é que me entendem? Sumiram as manchas, as marcas de infância, a grande cicatriz que eu possuía no polegar direito ao me cortar aos seis anos de idade.

Felizmente, minhas mãos novas escrevem bem, e junto da mobilidade na escrita me veio a inspiração; coisa que parecia meio morta nos últimos meses, e finalmente posso registrar aqui neste computador os últimos acontecimentos da Casa das Feras, como ultimamente Lua e eu apelidamos nosso famoso Casarão.

Acho certo eu começar por Leticia, a nossa mais nova beta, renascida das cinzas como uma verdadeira fênix de presas e garras, e nunca esta metáfora se encaixou tão bem em alguém.

Ela já era uma mulher jovial antes, talvez a mulher acima dos quarenta mais atraente das redondezas de Santa Sofia. Todavia, as chamuscas e a licantropia a rejuvenesceram uns dez anos, além de aparentemente a terem purificado de toda a tristeza, mágoa, culpa e antigos ressentimentos. Parece ter abraçado sua fera interior com ainda mais facilidade do que eu.

Assim que ganhou permissão do alfa, criou o costume de quase toda noite sair um pouco antes da 23h para andar sozinha pelas estradas de terra próximas ao Casarão. Acredito agora que ela extrai um prazer incrível de liberdade e segurança que a sua condição de mulher nunca pode ter antigamente, um prazer que nem mesmo eu, que já temi a homofobia do mundo, poderia conceber.

Ricardo e ela ainda são um casal, e ele se mudou definitivamente para o quarto dela, mas ele nunca a acompanha nesses momentos. Nenhum de nós na verdade a acompanha, a não ser Bianca. E isso foi algo que chamou ainda mais a minha atenção.

Entenda que ambas nunca foram próximas, mesmo vivendo sob o mesmo teto há bastante tempo. Na verdade, Bianca nunca foi próxima de ninguém além de seu falecido esposo e de sua filha, mas agora ambas costumam serem vistas tendo longas conversas, com Bianca passando todo seu conhecimento do mundo da Noite para a novata.

Madame Valquíria está ainda mais próxima da amiga, e ambas administram o Casarão Violeta com ainda mais vigor que antes. E até aconteceu de Letícia, durante um jantar, cogitar a possibilidade de darem o Dom da Fera para a matriarca do casarão, mas, para a minha surpresa, Valquíria desprezou a ideia.

‘Nada contra o que vocês são’, ela disse ‘mas eu nasci assim e vou morrer assim. Além disso esse lugar precisa de uma pessoa de verdade para manter vocês na linha’.

Essa declaração dela me fez lembrar de David, e eu cheguei a comentar isso na hora, o que culminou em um brinde emocionado para nosso querido amigo que partiu de forma tão cruel.

Por sinal, David não fez contato nenhum do outro lado, então gosto de acreditar que ele está muito bem lá, com sua amada Justine, para se lembrar de nós.

Outra coisa que ficou decidida nesse jantar é que o Casarão Violeta não voltaria mais com seus serviços de hospedagens, o que desanimou antigos clientes e principalmente os caçadores de fantasmas que imploraram por uma última visita. Ainda assim, devido a calorosos pedidos dos moradores de Santa Sofia e redondeza, como também de alguns de nós, o alfa permitiu que próximo ano déssemos mais uma avassaladora festa de São João. No mais, Flávio queria o mínimo de envolvimento de humanos comuns com a propriedade e todos concordaram com a ideia.

Ainda falando sobre Letícia, um detalhe fascinante é a aparência dela ao se transformar, se tornando uma lobisomem de porte mais esguio como a fera de Gabriel, mas tão implacável quanto Bianca. Com enormes olhos vermelhos, e sua pelagem castanha parece ganhar um tom de ruivo escuro dependendo de como a iluminação bate.

Gabriel, em um daqueles seus momentos de falar coisas misteriosas e repentinas, olhando para o nada, disse que aquilo era um presente do encantado que foi invocado no ritual, mas o que isso significa em termos práticos, creio que nem o aluado ômega sabe responder.

E já que estou falando deste meu querido amigo, só posso acrescentar que ele permanece sem muitas novidades. Gabriel se tornou a criatura mais misteriosa da alcateia. É uma ótima companhia silenciosa, falando apenas quando indagado sobre algo, ou quando solta suas frases misteriosas do nada. Acontece de as vezes ele reviver a noite em que Luís foi morto e precisar ser amparado, pois cai numa choradeira de dar dó. Mas felizmente parou de se mijar nas próprias calças e agora vai ao banheiro por si só.

Não me sinto bem em afirmar isso, mas acredito que perdi um amigo. Até mesmo Saruman é uma companhia mais amistosa.

Talvez seja por isso que, por incrível que pareça, ele está se dando tão bem com Roberto. É fofo, e no mínimo inusitado, quando vejo ambos sentados no jardim ou próximo ao bosque, lado a lado, ou passeado em completo silêncio.

*Natã deixou vazar que os dois estão se relacionando **intimamente**, mas só de imaginar aqueles dois caladões enlaçados me deu um tédio tão grande que preferi ocupar minha mente com qualquer outra coisa.*

Já o oposto do tédio, são as ideias maluca que Lua teima em me confessar e me fazer prometer que não contarei a mais ninguém. Ela está empenhada em realizar seu Rito de Passagem por conta própria. Suas ideias me deixam apavorado, não só pelo risco e por serem contra as regras da alcateia, mas porque me transformam em cúmplice.

Há alguns meses a danada da menina tomou conhecimento, sabe-se lá como, de uma quadrilha de traficantes de seres humanos que age no estado de Goiás, e está traçando um meticuloso plano para atacá-los, disfarçada de uma frágil criança inocente.

O problema é que Lua tem um dom diabólico de me convencer a fazer as coisas que ela quer, e sei que quando janeiro do próximo ano chegar, eu estarei atolado até o pescoço nessa empreitada, e já rezo de antemão para que Flávio não corte outras partes do meu corpo no processo.

Até porque nosso amado alfa anda mais carrancudo do que o natural, marcando ainda mais viagens urgentes com betas mais velhos para reafirmar parcerias e tentar novas, e acredito que isso é devido a indesejada mudança de Adrian Aigro e sua vampiresca casa de festas para Brasília no próximo ano. Fora os preparativos misteriosos que ele anda fazendo para o Festival de Primavera e que todos os mais velhos preferem me deixar na curiosidade sobre do que se trata.

Uma outra fofoca que consegui arrancar de Natã, foi a de que os únicos momentos em que Flávio Valverde aparenta estar mais relaxado é quando faz discretas viagens para o sul do país, indo visitar uma velha “amiga”.

Já Natâniel... bem, ele segue sendo o meu Natâniel de sempre. O coração da alcateia e do Casarão Violeta. O ser mais romântico da face da terra e o mais

lindo aos meus olhos. O gigante pensativo e carinhoso, me apertando em seus braços como se eu fosse ainda o frágil ser humano de antes. Sereno e absolutamente confiável, até mesmo previsível. O homem que consegue me deleitar e entorpecer com o sexo mais brutal e delicioso que meu corpo aprimorado é capaz de conceber, assim como consegue me irritar com seus lapsos de melancolia e moralismo lamurioso.

É... eu o amo demais!

Amo até sua chatice, que me faz me estressar, praguejar e bater portas. Amo quando nos transformamos e corremos pela mata como se o mundo inteiro fosse nosso...

Ah, eu escreveria parágrafos e mais parágrafos sobre Natã, e é por isso que vou parar por aqui e falar enfim sobre eu mesmo, pois é isso o que a escrita faz pelo autor no fim das contas; faz ele olhar para si mesmo.

O que é o André agora? O que ele aprendeu?

Achei que seria mais fácil de responder tais questões, mas não, me vejo apenas no início dessa descoberta.

*O que sei é que sou **André, o Lobisomem** (se me permitem parafrasear meu namorado). Sou André, o escritor, que gosta de ouvir, registrar e contar histórias, e finalmente a minha realidade me soa mais interessante que a ficção que eu romanceava.*

Sou um beta da alcateia mais poderosa do Brasil, e só começo a reconhecer meus privilégios, assim como acredito que nem faço ideia ainda dos perigos que ganharei de brinde ao povoar um mundo de criaturas míticas e politicagens delicadas.

Sou o filho gay incompreendido e subestimado que sempre que pode vai visitar sua família, onde mente descaradamente, e pela qual nutre um caldeirão de sentimentos conflituosos, e onde o amor reside apesar dos pesares.

Sim, o amor reside e resiste. Acho que é isso o que aprendi.

Sou também a reencarnação de Isabella, e hoje em dia a respeito da mesma forma que respeito minhas trevas, minha fera interior e sua sede de sangue. E até mesmo já cheguei a especular se esta não foi a grande motivação de Isabella ao ter reencarnado, a de deixar de ser vítima para ser a predadora que sempre desejou ser.

Se foi isso mesmo, querida Isabella, então deleite-se, pois desejo ser o melhor lobisomem que eu puder.

E se as lamúrias infundáveis de Natãniel estiverem corretas, de que vivo em uma bolha protegida e que eu sou novo demais na Noite para entender o que são essas trevas, também não descarto tal possibilidade.

Ora, a Noite ainda me confunde. Pelo pouco que já conheço, é capaz de me deixar tão excitado, quanto apavorado. Na maioria das vezes me sinto poderoso e invencível, enquanto certos dias luto contra uma ansiedade tenebrosa.

Mas o importante é que me ergo desses conflitos e permaneço.

O amor reside e resiste. Eu resisto, e amo tudo isso.”

Não tinha ocorrido nada de verdadeiramente incomum na viagem até lá, mas não deixou de ser uma baita aventura digna de ser registrada nos arquivos de André. Depois do avião até Manaus, uma balsa, depois trilhas em dois *jeeps 4x4* e uma lancha, além de marcharem quase uma madrugada inteira por meio da grande e deslumbrante floresta. Quando a manhã daquele dia raiou eles enfim se deslumbraram com a visão das cachoeiras despencando pelos majestosos paredões de pedra.

André ficou simplesmente encantado, tanto que se manteve mudo, de boca aberta e olhos arregalados, vendo que realmente havia uma formação rochosa no alto em forma de meia-lua. E de uma forma que parecia mágica, tudo aquilo conseguia se ocultar vista de cima, mas quanto mais desciam pelo caminho na rocha, mais as escadarias escavadas na pedra surgiam aqui e ali, assim como portais. Ah, e lá estava a espetacular e antiquíssima pirâmide sul-americana e o lago circular formado pelas cachoeiras, refletindo belissimamente o azul do céu.

Foram recebidos por imponentes e nuas mulheres indígenas, todas lobisomens em forma humana, claro, e algumas bem velhas e misteriosas em seus olhares introspectivos e pinturas corporais.

Com exceção da pequena Lua, que havia ficado no casarão com Madame Valquíria, Ricardo e Letícia, todo o restante de alcateia estava presente, até mesmo Gabriel que deveria ser apresentado as místicas Esposas de Anhangá para ser avaliado por outros ômegas como ele.

Albertina foi a única da alcateia Lamannara que veio junto, assim como Leônidas, dos Noguera. Outros quatro lobisomens que André não conheciam, de sotaque pernambucano carregado, já estavam lá e vieram cumprimentar os Valverde.

Mais parecia um dos locais de nudismo que André sempre sentiu uma íntima vontade de conhecer, mas que quando humano possuía vergonha demais para isso. Roupas e tecnologia mundana eram uma ofensa ao deus das feras, e mais uma vez André refletiu sobre a completa inibição dos lobisomens. Ele mesmo, desde que se transformará pela primeira vez, nunca mais se incomodou em estar nu na frente de quem quer que fosse.

Durante o dia que se seguiu eles dormiram e passearam para conhecer o que lhes era permitido. As fêmeas não possuíam restrição, e logo Bianca, Albertina e uma lobisomem nordestina sumiram de vista, mas aos homens só era permitido certas áreas do templo, e Flávio avisou para André obedecer essas leis, pois alguns locais eram tão sagrados que o macho que pusesse os pés seria morto no mesmo instante e ninguém iria se opor.

Gabriel foi levado pelas anciãs para participar de rituais secretos que o preparariam para o festival do dia seguinte. Flávio e Roberto começaram sua ladainha política com os outros lobisomens, enquanto André e Natâniel se banharam no lago cristalino.

Durante todo aquele dia as perguntas de André foram ininterruptas, e Natâniel fez um esforço considerado para respondê-las, mas o que ficou compreendido era quem nenhum daqueles lobisomens sabia a real origem daquele templo, e todas as respostas eram envoltas em lendas e crenças.

Foi só no crepúsculo que os Andarilhos da Lua chegaram, pelo menos uns dez homens indígenas, musculosos e enfeitados com pinturas de jenipapo. Causaram uma sensação intimidadora em André por estarem trazendo humanos raivosos e assustados, amarrados por cordas.

— O banquete — comentou Natã, em tom solene, e André foi acometido por alguns conflitantes sentimentos, resquícios da antiga moralidade, mas fingiu não se importar e voltou a mergulhar na água.

Quando a última lua crescente de novembro enfim surgiu deslumbrante no céu da floresta amazônica, a luz de uma fogueira brilhou próximo ao topo da cachoeira central, indicando o local que seria o evento e convidando a todos para se aproximarem.

Os Andarilhos da Lua tocavam seus tambores e cantavam uma solene canção em sua língua nativa, enquanto as Irmãs da Lua traziam as tintas brancas especiais para enfeitar os corpos dos lobisomens visitantes.

Naquela noite ocorreria apenas a saudação à Anhangá, agradecendo por mais um ano de fartura e vida na mata, e apenas na próxima noite, quando a lua enfim estivesse verdadeiramente cheia, é que os festejos aconteceriam. As comidas seriam apenas frutas para manter o jejum sagrado, e ninguém deveria assumir a forma de fera.

Mas aquela noite tinha seu alto grau de importância para os Valverde, pois, todas as principais ações de Flávio naquele ano visaram aquele momento, onde o alfa faria uma jogada arriscada e inusitada. Um assunto que André apenas pescou aqui e ali durante seu aprendizado, mas que até já havia desistido de fazer com que algum dos outros betas o explicasse do que se tratava.

Sendo assim, após as vozes das fêmeas entoarem canções de adoração ao deus Anhangá, e após os machos dançarem para Manduka, uma reunião teve início e novos e inéditos visitantes foram aceitos no sagrado templo dos lobisomens.

Das águas do rio vieram Maiara Verón e Amana, junto de um iara macho. Não disfarçaram sua real aparência, com exceção das caldas que se tornaram pernas para subir as longas escadas. Os pelos da nuca de André se arrepiaram com a visão sinistra das criaturas pálidas se aproximando, lhe fazendo lembrar dos fantasmas de filmes japoneses, com aqueles cabelos longos e molhados caídos na frente do rosto.

As iaras fizeram uma respeitosa reverência aos presentes, com ainda mais empenho para as Esposas de Anhangá.

— Eu, Maiara Verón, mãe das águas, agradeço vosso convite — disse a líder das iaras. — E em respeito ao vosso deus, ofereço um pequeno sacrifício.

E para o espanto e dó de André (que possuía um sentimento bem particular com a cena que se seguiu), o delicado iara macho estendeu o braço direito, que foi golpeado várias vezes pelas garras de Amana até que a mão direita se separou do antebraço.

O pobre macho gemeu de dor e se encolheu, sem nunca levantar os olhos, completamente submisso, segurando a ferida com força, enquanto Maiara pegava a mão decepada e jogava com todo respeito na fogueira de Anhangá, e indo, junto de Amana, se acomodar no chão de pedra do templo, se juntando ao círculo dos lobisomens.

Claramente os licantropos nativos não estavam nada felizes com a presença delas, mas o máximo que fizeram foram lançar olhares desconfiados. Flávio tinha gastado um bom tempo tentando convencê-los a aceitar as iaras, e só conseguiu porque prometeu que as mesmas não ficariam para as festividades sagradas da noite seguinte.

O outro visitante veio do céu, planando com enormes asas azuis, e André logo reconheceu o ser antropomórfico, *meio-homem-meio-coruja*, que pousou com graciosidade no círculo de pedra. Mas diferente das iaras, Moa não só foi recebido com animação pelas Filhas da Lua, como ganhou um local de destaque ao lado da lobisomem mais velha.

O sedutor matinta fez uma rápida saudação para a fogueira sagrada, se virando depois e dando piscadelas animadas quando viu André e Natã no círculo.

— E ele não veio só, como prometeu — Natã comentou baixinho, apontando para que André olhasse para o alto, onde outras silhuetas aladas surgiam, mas esses outros matintas não ousaram se aproximar, permanecendo nas sombras das rochas, ou empoleirados em árvores próximas.

Tantos daqueles matintas reunidos em um mesmo lugar era algo raro, se não inédito. Pelo jeito Moa, que não era muito mais velho que André na Noite, tinha

despertado algo novo em sua própria espécie.

De repente, André foi acometido por novos arrepios, ao notar que mais criaturas se esgueiravam nas sombras da vistosa vegetação que subia pela encosta dos paredões e rodeava o círculo de rocha. Seres de diferentes formas, que conseguiam se manter meio ocultos mesmo para sua visão de licantropo. Tais seres não possuíam cheiros, ou então emanavam aromas que confundiam o olfato do novato. Possuíam inúmeras formas, algumas humanoides e outras animais, ou até mesmo trocando de forma constantemente. Alguns eram enormes, com membros grossos e musculosos, e já outros eram pequeninos, coisinhas que saltitavam ou voavam aqui e ali, lembrando fadas tenebrosas.

Alguns dos pequeninos estavam sorrindo e brincando com uma cabeça humana em decomposição? Sim, e eram mais de uma cabeça, com a pele dos rostos esfolada, e uma das cabeças escapou da vegetação, sendo parada por um pé esquisito que se manteve na posição.

André olhou para o ser dono do pé, e o reconheceu, assim como o outro encantado ao seu lado. Não tinha como esquecer a visão marcante daqueles dois, os menos tímidos, que não se importavam em serem revelados pela luz da fogueira; um homem albino e altíssimo e a moça pequenina, que apoiava o pé na cabeça decepada.

Lembrava deles do velório de David, e se mesmo vestidos com roupas elegantes disfarçavam muito mal o fato de não serem humanos, ali, nus, não deixam dúvidas.

O homem, de semblante solene e tenebrosos olhos verde-florescentes com as laterais pretas, aparentava ser ainda mais alto do que André se lembrava, talvez mais de dois metros e meio. Possuía braços mais longos do que o normal e cobertos por uma vegetação que parecia brotar dos próprios antebraços. Folhagens verdes escuras também lhe cobriam os ombros e pernas. Seu corpo de músculos poderosos lembrava a textura rígida e de uma árvore de casca branca e lisa, e os pés enormes pareciam ter enraizado na terra. Seu cabelo liso e prateado estava solto, caído pelo tórax até a altura da cintura, e entre as pernas podia ser encontrado um membro sexual tão longo que mais parecia uma serpente branca.

Já a figura ao lado do “homem” lembrava uma mulher indígena jovem, de curvas voluptuosas e seios pequenos, mas encolhida ao ponto de aparentar ser uma criança de dez anos. A pele estava enfeitada com pinturas indígenas vermelhas, quase da mesma cor que seus revoltos cabelos volumosos. Não usava mais o *glamour* que disfarçava suas feições selvagens como quando foi ao velório, exibindo olhos verdes duas vezes maiores que o normal, uma boca larga com um sorriso sinistro de dentes pontiagudos aparentemente tão afiados quanto a faca pendurada no cinto feito de cipó. E os pés bizarramente posicionados para trás

fazia André especular um nome folclórico para a criatura que uma vez ele tinha até mesmo zombado.

A caipora olhou direto para ele e abriu ainda mais o sorriso, como se dissesse “eu também me lembro de você”, o que fez André sentir o sangue gelar.

Na verdade, André notava que só a presença dos encantados intimidava em algum grau todos os lobisomens, e até mesmo as iaras, que mantinham uma expressão tensa. Algo no cheiro das criaturas, ou na ausência deste, causava reações conflitantes em André, que mexia intimamente com a sua fera interior, ao ponto dele se ver fazendo os exercícios básicos de respiração para se acalmar.

Todos no círculo estavam sentados no chão, e em silêncio, e apenas o som natural da floresta, o crepitar da fogueira e a risada abafada de alguns encantados impediam o silêncio absoluto. E foi então que Flávio Valverde se levantou, assumindo aquele ar de comando automático, como se sair da tensão para a imponência fosse apenas o ato de ligar um botão invisível em sua cabeça.

— Eu, Flávio Valverde, lobisomem alfa da prestigiada e respeitada Alcateia Valverde, saúdo meus irmãos e irmãs de lua — começou ele, com a voz calma e eloquente. — Saúdo meus irmãos e irmãs da Noite — disse, direcionando o olhar para as iaras e para Moa. — E saúdo com indizível satisfação e respeito os seres da mata.

Era a primeira vez que André via seu alfa se curvar para alguém, e por algum motivo isso o incomodou, principalmente quando a saudação foi recebida por risinhos debochados das criaturas sinistras nas sombras.

— Juma com sono — a caipora comentou em deboche, falando de si mesma enquanto fingia um bocejo, o que arrancou outros risinhos das sombras.

Alguns dos encantados se dispersaram, desaparecendo no ar ou se embrenhando ainda mais na mata, como se tivessem perdido o interesse no evento. Mas Flávio aparentou não se importar, e quando sua cabeça voltou a se erguer, seus olhos verdes faiscavam com a velha autoridade.

Já o gigante albino fez um discreto gesto pedindo silêncio.

— Perdoe o nosso comportamento, sr. lobisomem alfa. A maioria de nós não é o que vocês consideram como “civilizados”, e nem mesmo nos preocupamos em ser — disse o albino, e sua voz gutural era profunda e quase tão eloquente quando a de Flávio.

Juma balançou a cabeça e proferiu um som de deboche.

— Pronto, um Ataíde Pai do Mato falando como gente — ela zombou.

— Aquele matinta — o gigante Ataíde continuou, indicando Moa com um gesto — conseguiu algo raro: a nossa atenção para seus assuntos mundanos. Ele usou seu privilégio de meio-encantado para espalhar que um lobisomem da cidade

tinha uma proposta que poderia nos interessar. A maioria dos encantados ficaram ofendidos, é claro. O que poderia nos oferecer um lobisomem da cidade?

— *Deca... decadência*. Falei certo? — Juma interrompeu, rosnando. — *Decadência* é o que esses cachorros de nariz empinado podem nos oferecer. Sim, Juma se lembra de antigamente, antes dos humanos invasores chegarem com seus barcos grandes para roubar e matar os humanos que aqui já viviam, antes dos lobisomens fedorentos chegarem nos mesmos barcos, antes da praga dos vampiros se espalharem por todo canto. Quando a floresta não tinha fim. Juma se lembra de como as iaras eram fortes e bonitas, — ela cuspiu na direção de Maiara — e o que elas ganharam ao se envolver com vocês da cidade? *Decadência*. Agora fedem a fumaça e sujeira da cidade. E pelo jeito os matintas vão no mesmo caminho.

Maiara Verón fechou a cara, mas nada fez, enquanto Moa apenas devolveu um sorriso debochado para a caipora sem papas na língua. André estava tomado pelo clima tenso, mas Natâniel o abraçou discretamente.

— Ainda assim estamos curiosos — disse Ataíde. — Não me lembro de ver tantos matintas reunidos, não sem um convite da própria *Mati-Taperê*, e se a Grande Mãe das Aves estivesse aqui, eu saberia.

A afirmação do encantado fez André se lembrar do que David tinha lhe dito sobre os matintas, de que eram solitários e eremitas, sempre vagando melancólicos com a própria sina, ou buscando passá-la adiante, e isso condizia com a visão sombria e decadentes das criaturas pousadas nas árvores, com rostos velhos e cansados, muito diferente do jovial e alegre Moa.

O que seu alfa queria reunindo lobisomens, iaras, matintas e encantados em um mesmo lugar?

— E ficamos gratos por vossa curiosidade — Flávio continuou. — E agradecemos também...

Juma deu outro rosnado e chutou a cabeça descarnada para longe.

— Chega de agradecer! Juma não aguenta mais tanto agradecimento! Diga logo o que quer, lobão!

Flávio fechou os olhos por alguns segundos e respirou fundo, antes de voltar a falar:

— Como a caipora bem disse, essa floresta não parecia ter fim, e o que aconteceu para diminuir tanto?

— Aconteceu os humanos! Aconteceu vocês e as cidades e as máquinas que cospem fogo e matam árvores... — Juma rebateu.

— Sim, tudo isso. O habitat de vocês está acabando não só aqui, mas no mundo todo. E a floresta também é nossa casa, de lobisomens, iaras e matintas. E se caímos em decadência, foi para impedir o fim de lugares como esse. Somos nós, lobisomens e iaras, que estamos defendendo as matas e rios de humanos

gananciosos e vampiros. Pois os humanos são cegos para o resultado de suas próprias ações. Eles destroem o mundo onde vivem e trazem desgraça, pobreza e fome para si mesmos, e os vampiros gostam desse caos.

André se lembrou de outra lição, e tinha sido o próprio Flávio quem lhe disse, de que os vampiros incitavam a corrupção na política e em todas as áreas da sociedade. Quanto mais desigualdade social, mais miséria, mais pessoas em situações desumanas e invisíveis para uma sociedade ignorante, e que se tornavam apenas alimentos para os bebedores de sangue.

Afinal, a sociedade não se importa, ou nem mesmo nota, que a cada hora oito dessas pessoas desaparecem no país e nunca mais são vistas.

— E o que espera que façamos? — perguntou um ser humanoide coberto de pelos em um galho próximo.

— Vamos matar os humanos — Juma gargalhou.

— Ou podemos matar todos aqui — grunhiu um ser de um único olho e uma enorme língua, quase invisível nas sombras da mata.

— Não, nós podemos trabalhar em conjunto — Flávio respondeu. — Pois, o que talvez vocês, encantados e matintas, não entendam é que o mundo lá fora é governado por leis que limitam as ações de iaras e lobisomens, pois estamos presos a essas leis. A Noite se equilibra em políticas burocráticas e intrincadas, e mesmo os mais poderosos entre nós só podem avançar até certo ponto. Mas vocês não estão presos a essas leis. Encantados não precisam dar satisfações a cortes de vampiros ou aos burocratas da Geneoziz, nem muito menos aos humanos comuns.

Juma desatou a rir descontroladamente, e foi Ataíde quem tomou a palavra.

— Encantados são dispersos demais, tolos, ou não dão a mínima — disse o gigante. — Seria impossível organizá-los. Alguns aqui nem mesmo estão dando atenção ao que estamos conversando agora, pois de que importa se os humanos vão levar mais várias eras para desaparecer? E creio que durarão muito menos tempo. Este mundo é só mais um dos incontáveis que podemos estar, e somos pacientes, em dois piscares de olhos e os humanos já terão sido reduzidos a quase nada, ou até mesmo extintos.

— Ou podem reduzir essa espera a um único ou nenhum piscar — Flávio argumentou, claramente mais confiante. — O senhor não é disperso ou tolo, Sr. Ataíde, assim como sua amiga arisca não é. Com apenas alguns como vocês do nosso lado, agindo quando necessário, e em pouco tempo corrigiremos o rumo deste país, se não do mundo.

André estava boquiaberto, olhando do alfa para os seres da mata. Nunca tinha imaginado uma pessoa mais fiel as leis da Noite do que Flávio Valverde (sim, o mesmo Flávio que lhe arrancou as mãos por infringir as leis), mas agora, pelo que estava entendendo, seu líder não só estava dando uma rasteira nos vampiros e

geneozistas, como também buscando obter o controle de criaturas que poderiam pender drasticamente o equilíbrio de poder no mundo da Noite.

E as Senhoras Elementais, será que ficariam na delas com aquela iniciativa da Valverde? André se lembrou do poder de Alice Breck'of e sentiu um frio da espinha.

Já os encantados próximos à luz da fogueira ficaram pensativos. Até mesmo Juma controlava um pouco seu riso, e se as expressões de Ataíde se moviam como a dos humanos, então davam a entender que ele parecia propenso a pensar no assunto. Os matintas cochicharam entre si, e os Andarilhos da Lua mal conseguiam disfarçar a empolgação, ao ponto de um deles deixar escapar baixinho “esse é mesmo o escolhido de Manduka”.

Mas de repente, o som de palmas ecoou vindo da mata onde os encantados espreitavam, e do meio deles surgiu a criatura mais inesperada de todas. O corpo nu escultural caminhando destemido por entre os seres encantados, e com a pele negra se tornando ainda mais bela ao brilho da fogueira.

— Este é mesmo o escolhido de Manduka, ou apenas um verdadeiro político? — zombou ninguém menos que a lobisomem Flora, ainda batendo palmas. — Possui a lábia de um grande político, e as meias verdades também.

No mesmo instante as iaras se levantaram e alongaram seus dedos em forma de garras, assim como as alcateias da cidade, com alguns lobisomens até mesmo iniciando a transformação.

— O que você faz aqui? — rosnou Natãniel, instintivamente se colocando na frente de André, que mal havia se levantado, ainda sem acreditar que era a imprevisível criadora de ambos quem se aproximava do círculo de pedra, exibindo o mesmo sorriso petulante de quando ele a viu pela última vez.

— Você cometeu um erro vindo aqui, Flora — disse Flávio, ameaçador.

Flora apenas sorriu em resposta, demonstrando não ligar se todos aqueles lobisomens e iaras a estavam cercando.

Mas antes que outro qualquer movimento de ataque fosse dado, a voz da anciã das Irmãs da Lua bradou:

— Sangue de fêmea derramado na casa de Anhangá é uma ofensa ao deus e à sua face maternal e criadora. — disse, em português para que todos os presentes entendessem. — Todas as fêmeas de nossa espécie são bem-vindas no Templo de Anhangá, e neste lugar sagrado os machos nunca estarão acima delas.

Todos os lobisomens começaram a recuar, um tanto confusos. Afinal, lobisomem ou não, lá estava talvez a criatura mais transgressora da sociedade da Noite, e que a cabeça valia uma quantia exorbitante se fosse entregue para a Geneoziz.

Só Natâniel não recuou, com o corpo inteiro tremendo de fúria, e foi preciso que o alfa o puxasse para trás.

Os encantados ficaram ainda mais curiosos com a cena, e Juma precisou escalar Ataíde até os ombros possantes para cochichar algo no ouvido dele e cair em risos novamente.

Já André estava em um misto desconcertante de sensações. Quando Flora estava presente, qualquer coisa podia acontecer. Por um lado, ele temia aquela mulher linda e imprevisível, ao mesmo tempo que não conseguia negar mais a fascinação que sabia que sentia muito antes de receber o Dom da Fera pelas presas dela.

E Flora olhou direto para o novato, em um amistoso reconhecimento mudo, antes de caminhar destemida até a fogueira, fazer uma educada saudação e depois cumprimentar a anciã que tinha permitido sua entrada.

— Salve anciã irmã. Salve Esposas de Anhangá — disse ela, abraçando afetosamente a idosa, o que deixou André e Natã, que nunca tinham visto a criadora remover o ar de deboche e ser afetuosa com ninguém, um tanto perplexos.

Um considerável período de silêncio dominou o ambiente, onde até mesmo os encantados contiveram o riso, e os lobisomens buscavam se recompor. E com um gesto de Ataíde, Flávio Valverde aproveitou o momento para voltar ao assunto de antes, mas André conseguia notar a sutil mudança que se instaurou nas feições do alfa.

— Como eu disse, — recomeçou o alfa, e não parecia mais tão confiante como minutos atrás — somos nós, lobisomens e iaras, quem estão na linha de frente na guerra para manter locais como esse a salvo. Mas mesmo com nossos esforços, o capitalismo desenfreado logo não terá mais escolha a não ser consumir as últimas florestas e reservas aquíferas. Por isso precisamos mudar esse cenário...

— Mas me permite fazer uma pergunta? — Flora interrompeu, levantando o dedo.

— Não, esse assunto não lhe diz respeito! — Flávio respondeu, e pela primeira vez parecia que perderia o controle diante da alcateia. — As leis das Irmãs podem mantê-la segura aqui, Flora, mas não permitirei que você comece com seus joguinhos caóticos na minha reunião.

— Então irá me calar aqui, no Templo de Anhangá?

Flávio encarou as anciãs atrás de apoio, mas foi em vão. Apenas o olhar delas já respondia aquilo que ele mesmo sabia: uma fêmea não seria silenciada na casa das Irmãs. Flora era vista como uma ameaça pela sociedade da Noite, mas não pelas alcateias da floresta que compartilhavam com os encantados o desprezo pelas “coisas da cidade”.

— O que me deixa um tanto confusa, Flávio, — começou Flora, sem esperar por qualquer permissão dele, enquanto caminhava e gesticulava entre o círculo e próximo aos encantados — é ouvir você criticar em alto e bom som o “capitalismo desenfreado” quando a fortuna de sua alcateia e das outras aqui presentes, assim como a de nossa querida Maiara Verón, lucra sobre esse mesmo sistema econômico devastador.

Nesse meio tempo, um dos encantados pequeninos, um colorido apoiaueue, pousou no ombro de Flora quando ela passou sob o galho de uma árvore onde muitos estavam pousados.

— Afinal, não são as terras devastadas para o agronegócio que enriquecem alguns setores de ações da Valverde, assim como as filiais de automóveis e tecnologia, que produzem uma porcentagem monstruosa de lixo para ser distribuída pelo mundo todo? Quais são os rios e lagos que secaram esse ano, ou tiveram seu curso modificados pelas hidrelétricas que Dona Verón ajudou a construir?

— Flora... — Flávio tentou interrompê-la, mas ela não permitiu.

— Me faça entender, Flávio: Como vocês estão lutando para salvar o mundo, quando também ajudam a destruí-lo? Não lhe soa um tanto hipócrita?

Mas enquanto Flávio controlava a própria raiva, foi Albertina quem resolveu responder:

— E o que espera que façamos, Flora? Que joguemos o poder que adquirimos ao lixo para defendermos nosso interesse munidos só com nossas garras e dentes? Em que século você ainda vive?

— Os seres humanos constroem armas de destruição em massa inimagináveis e se rodeiam com brinquedinhos que fariam inveja aos reis antigos — foi Maiara Verón quem tomou a palavra dessa vez. — Os vampiros se aproveitam disso e absorvem o mesmo poder, e esse poder nos teria transformado em apenas lendas arcaicas para assustar criancinhas se não aprendêssemos a dominá-lo também.

— Se não pode vencê-los, junte-se a eles, é isso? — Flora debochou.

— Mas podemos vencê-los, sim — Flávio voltou a argumentar. — Está é a finalidade desta reunião que você está atrapalhando levianamente. Nossos inimigos não morrem com o tempo, e por isso possuem a mesma paciência que os encantados — e nisso ele se voltou para as criaturas que tentava convencer. — Os grandes vampiros, e outros seres nefastos naturais de outros países, fazem planos a longo prazo, e alguns conhecem as políticas da Noite antes mesmo desta existir, e nossos duzentos ou trezentos anos de vida não são nada perante a eternidade.

“Se este país hoje é a nação onde a raça licantrópica se tornou mais influente na Noite do que em qualquer outro país, foi graças a Alcateia Valverde, a mim e a todos os alfas que vieram antes. Mas é uma luta diária, pois as leis não são feitas

para nós, e a Geneoziz, que deveria ser nosso ponto de equilíbrio, de tempos em tempos é corrompida.”

O alfa discursava caminhando e gesticulando com firmeza, escolhendo com maestria qual entonação era mais correta usar em cada palavra.

— E se as leis não funcionam como deveriam, — ele continuou — então devemos forçá-las a funcionar, mas não apenas para nos dar o poder pelo poder, e sim por um bem maior. Para proteger aquilo que os antigos lobisomens sempre fizeram nas longínquas Eras de Sangue. E por isso precisamos de um fator imprevisto nesse jogo, de um aliança nunca feita, mas que é possível, pois todos nós aqui possuímos interesses em comum.

Outro momento de silêncio reinou na reunião. Mais encantados dispersos tinham ido embora entediados durante o discurso do lobisomem alfa, mas os poucos que ficaram estavam pensativos, alguns até cochichando entre si.

André, pelo pouco que conseguia absorver de toda a situação, torcia para que os estranhos seres da mata aceitassem o acordo, mas ainda assim não conseguia tirar os olhos de Flora. Ela tinha prestado completa atenção ao discurso, enquanto acariciava o belo serzinho humanoide e colorido em seu ombro, e foi ela mesmo quem resolveu voltar a falar.

— Sabe, eu quase me emocionei com suas palavras. Você sabe mesmo fazer um discurso, Flavinho. Mas eu já ouvi promessas parecidas antes. O mundo sempre gera homens como você, que sonham utopias para enganar os outros e a si mesmos, quando o intuito é apenas ter mais poder. E é isso o que você não assume, o que nenhum de vocês aqui assume, de que gostam da Noite como ela é. Gostam dos privilégios e poder que esse sistema fornece, mas no fundo precisam de mais, e para isso devem derrubar os outros que detém o mesmo poder — e após dizer isso, ela se voltou para Ataíde e Juma. — Sabe o que vai acontecer se essa união for feita? Uma verdadeira revolução será prometida, mas nunca realizada. Os encantados removerão as peças inimigas do tabuleiro, mas as engrenagens permanecerão girando como sempre giraram, sustentando o mesmo sistema impiedoso.

— E o que você entende sobre as nossas engrenagens e sistemas, Flora? — Natâniel perguntou de repente, com um desprezo evidente. — O que é você, além de uma pária, uma cadela do mato solitária que não constrói nada e não possui nada? O que foi que você aprendeu com as árvores e as pedras, e com as criaturas selvagens, que não seja apenas o caos pelo caos? O que saberia você sobre nossas políticas, quando a única coisa que você faz é causar tumultos apenas para desaparecer em seguida, da mesma forma que um filhote rebelde e sem propósito.

Mas Flora não pareceu se abalar nenhum pouco com aquelas ofensas de sua cria, mantendo seu belo sorriso em resposta.

— Se eu lhe dissesse o que as árvores e pedras me contam, se eu tentasse explicar o que as criaturas selvagens me ensinam, seria o mesmo que jogar pérolas aos porcos, meu querido Natã. Mas eu sei o que é uma revolução, pois conheci várias e nasci de uma enquanto a maioria de vocês aqui nem mesmo era vivo. E o que vocês estão pretendendo aqui não é uma revolução, é um golpe seguro e confortável. Se quisessem mesmo uma revolução, explodiriam as engrenagens e enfrentariam as consequências.

— E o que pretende, iniciar uma nova Guerra da Noite? — Bianca perguntou, de braços cruzados.

— E isso não é inevitável? — Flora respondeu. — Acreditam que essa “paz” durará para sempre? Que aquelas Senhoras Elementais estão mesmo empenhadas em manter o equilíbrio? Eu olho para o mundo além das florestas e não vejo equilíbrio nenhum, apenas esses discursos bonitos e vazios.

Novamente o silêncio, e as iaras e a maioria dos lobisomens da cidade estavam numa mudez furiosa. Natâniel mesmo ainda tremia dos pés à cabeça. Mas André sentia o coração acelerado, temeroso e confuso, pois estava completamente seduzido pelos argumentos de sua criadora.

Flávio então caminhou a passos largos na direção da inimiga, chegando tão perto que seus narizes quase se tocavam.

— Algo mais a dizer, conhecedora das árvores e pedras? — ele perguntou.

— Apenas que estarei presente quando o seu sistema ruir, e pronta para quando a mudança realmente começar a acontecer — ela respondeu, dando de ombros.

— Já chega disso. Juma vai embora — resmungou a caipora.

— Sim, já ouvimos o necessário por hoje — disse o pensativo Ataíde, descruzando os longos braços. — Eu não acredito que queira me enganar, lobisomem alfa, mas também não discordo da fêmea, e por isso preciso me recolher para a sabedoria da mata e pensar. Você terá sua resposta, mas não hoje.

E assim que terminou de dizer essas palavras, Ataíde, Juma e todo o grupo de encantados desapareceu como se nunca tivessem estado lá antes.

André deu um passo para trás, se assustando com a cena, mas ao olhar para o seu alfa, viu que ele tentava disfarçar um sorriso. Talvez ele tivesse esperanças de que conseguiria um sim como resposta.

Sem perder mais tempo, Flávio olhou para o alto, onde as matintas ainda observavam em silêncio, e com um gesto silencioso, passou a palavra para Moa, que se aproximou. O sorridente matinta era o único, além de Flora, que não parecia abalado.

— Égua, que climão, héim — Moa comentou, descontraído, para os outros de sua espécie. — Mas agora é a vez de vocês abrirem os bicos. É isso o que Flávio

pode nos oferecer; um lugar na Noite. E não seremos mais só assombrações folclóricas, seres decadentes cumprindo nossa triste sina em completa solidão, até que outros a carreguem por nós, mas sim seres que aprendem, que voltam a amar e sentir prazer na existência.

— Mas, e a Grande Mãe Pássaro? — um dos matintas nas sombras perguntou.

— Sim, cadê? Eu devolvo a pergunta a vocês — respondeu Moa. — Eu nunca vi essa Mãe, e vocês só possuem lendas sobre ela. Se a *Mati-Taperê* existe, ela não liga para o que fazemos, pois nos deixou no escuro, sem respostas e sem amparos.

Outro matinta desceu da árvore para o chão de pedra, tinha a aparência de uma velha encurvada que lembrava a típica bruxa de fábulas infantis, com verruga no nariz enorme e tudo o mais.

— Nós estamos tão confusos, Moa — ela respondeu, com a voz esganiçada, como se não tivesse costume de usá-la mais. — O que nos propõe é tentador. Viver como você, Moa, mantendo a aparência bonita e jovem... andar entre os mortais como um deles... Sim, é tentador, e assustador também. A maioria de nós não possui força para tal...

— Então se apoiem em mim. Aprendam comigo — Moa tocou nos ombros da velha, daquele jeito sedutor dele. — vocês esperaram por uma deusa que não veio, agora chega. Nós não somos amaldiçoados, minha querida. A Grande *Mati-Taperê*, se realmente existe, não nos deu a imortalidade para sofrermos.

A velha derramou lágrimas, e os outros matintas piaram melancólicos nos galhos, assim como as corujas rasga-mortalhas que os acompanhavam como animais de estimação.

— Mas não é só isso, Moa. Não é só por isso que vamos aceitar e experimentar o seu convite — e ao dizer isso ela olhou para os lobisomens também. — Os matintas mais velhos sonharam presságios, e por isso nos juntamos e viemos até aqui, atrás dos lobisomens brancos.

— Que sonho foi esse? — Moa perguntou, intrigado, assim como todos os outros.

— No sonho, eles viram que um tempo sombrio se aproxima. Os humanos desta terra já estão dominados por intrigas, motivados por ódio e ignorância. Florestas, bichos, rios e lagos, serão destruídos por lama impura e fogo. A Grande Floresta arderá em chamas enquanto um rei tolo governa num trono de mentiras. Uma praga mortal se alastrará pelo mundo, e bichos e árvores se sentirão vingados...

— Mas nada disso se comparará ao retorno da dama da destruição — disse outra voz, e todos se viraram intrigados na direção dela. Era o ômega Gabriel, que durante todo o tempo esteve sentado entre as Irmãs da Lua, e ele apresentava sua

costumeira expressão fazia, com o rosto virado para as estrelas, mas dessa vez um rosto assustado.

— O que isso quer dizer? — Flávio indagou, ainda mais intrigado, e a acima de tudo incomodado, pois seu jeito prático nunca sabia lidar direito com os místicos e suas alucinações sobre o futuro.

Nisso o restante dos matintas desceram dos galhos e começaram a relatar seus sonhos com mais detalhes, enquanto as lobisomens anciãs se aproximavam, mas, por incrível que pareça, André não prestava atenção nesse pequeno tumulto que tomou conta do círculo, pois foi um dos únicos que notou Flora saindo à francesa pela mesma mata no qual havia chegado. Tão discreta e silenciosa que alguns poderiam julgar que a lobisomem tivesse o dom de desaparecer no ar como os encantados.

André fez o mesmo, aproveitando a distração de Natâniel, e se apressou a segui-la. Teve uma certa dificuldade na perseguição, principalmente quando a mulher escalou com uma eficiência admirável o paredão e seguiu em direção à pedra com formato de meia-lua.

Era como se Flora o esperasse lá em cima, admirando as quedas d'águas que desciam ruidosas pelos paredões do templo. Mas ela não disse nada quando ele enfim a alcançou, e nem mesmo se virou para vê-lo, enquanto o coração de André retumbava em meio ao nervosismo, tão forte que seu som competia com o das cachoeiras.

Por fim, ele conseguiu a coragem necessária.

— Me conte sua história — pediu, e sua voz saiu mais firme do que ele esperava.

Flora riu, surpresa, e enfim se virou, com uma expressão confusa.

— Me conte sua história, como é dever dos mais velhos para com os mais novos — André começou a se sentir um pouco tolo e intimidado, mas resolveu não desistir.

— Ah, a velha tradição... — Flora voltou a sorrir. — Mas não sou uma Valverde, filhote.

— Mas é a minha criadora, a minha mãe lobisomem. A sua fera gerou a minha, e eu estou cansado de fingir que odeio você, assim como Natâniel no fundo finge — ele gaguejou um pouco quando disse isso, mas não se importava. — Estou cansado de fingir que você não me fascina e que não quero saber tudo sobre você. Esse ano, nos momentos mais difíceis, eu costumava me questionar “o que será que Flora acharia disso?”. Então quero aprender com você. Quero saber o que as árvores e as pedras tem para ensinar. E como seu filho, eu não aceitarei um não como resposta.

Flora então desatou a gargalhar, chegando a se dobrar com as mãos na barriga.

— Você é mais corajoso do que eu pensei — ela disse, em meio ao riso. — Nem os mais fortes ali embaixo me peitariam sozinhos com tanta audácia, seu moleque.

E ao ouvir aquilo o pouco da coragem de André se amainou e ele fez um considerável esforço para impedir os joelhos de tremerem. Principalmente quando ela se aproximou da mesma forma que um predador se aproxima de uma presa indefesa, segurando a cabeça dele com as duas mãos.

— Como prêmio pela sua valentia, pensarei no assunto — Flora respondeu, colando rapidamente os lábios nos de André, apenas para empurrá-lo de repente e com toda força para o rio.

André afundou assustado na água gelada, sendo tragado furiosamente pela correnteza. Mesmo com a força sobre-humana de seu corpo aprimorado, ele não era páreo para a força da cachoeira, e quando enfim começou a se transformar já era tarde demais.

A queda era tamanha que mesmo em forma de lobisomem ele engoliu água quando atingiu o lago lá embaixo, além de um ombro que se deslocou e a perna direita que se quebrou em vários pontos quando acertou uma pedra em meio a queda.

Quase perdeu os sentidos também, mas conseguiu nadar com dificuldade até a margem. E nisso se forçou a voltar a forma humana, berrando ao sentir os ossos e carnes se juntando no lugar.

— ANDRÉ! ANDRÉ! — era a conhecida voz desesperada de Natâniel, descendo as escadarias em sua direção. Atrás dele vinha um dos Andarilhos da Lua.

Mas a metamorfose não tinha sido o suficiente para curar as feridas, e André precisou se transformar de novo em fera e de novo voltar para a forma humana, gritando de dor a cada estalar de membros.

— Meu amor, o que ela fez com você? — Natâniel chorava enquanto o puxava e o apalpava pelo corpo todo em busca de mais ferimentos.

Já André passou subitamente do grito de dor para uma gargalhada descontrolada, rindo ao ponto de assustar o preocupado namorado, pois apesar de tudo André estava radiante com a própria coragem, e no fundo esperançava que sim, que não demoraria e teria a história que mais desejava ouvir.

— Você enlouqueceu? Fala comigo, André.

— Eu estou bem, meu amor — e parafraseando a biografia de Natâniel ele completou: — Sou o seu André, de volta para você.

SOBRE O AUTOR

Fabio Alex é escritor e ilustrador, formado em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília.

Desenha desde criança e teve nos livros e na ilustração uma forma de extravasar sua capacidade criadora. Desde essa época nutre especial gosto por filmes e leitura de histórias de horror e fantasia, sendo Anne Rice uma de suas autoras preferidas.

Publicou pelo Clube de Autores e Amazon Kindle a trilogia “As Crônicas sobrenaturais de Sofia” e mais recentemente “A Casa da Feras”, sequência de “Natâniel, o Lobisomem”.

Seu conto “A Oferta da Madrugada” foi publicado na coletânea “Memento Mori – uma antologia” pela Editorial Hope. E o conto “A Hora da Visita” foi um dos 5 finalistas do concurso Autoramente 2018.

Curiosidade: Todos os demais romances e contos escritos pelo autor são imaginados no mesmo universo, geralmente com discretas referências uns aos outros, mesmo que alguns personagens e histórias possam nunca se cruzarem. O matinta Moa, por exemplo, foi inicialmente introduzido no conto “A Oferta da Madrugada”.

ROMANCES E CONTOS DO AUTOR

ROMANCES:

A Estrada Morta

Viagens Noturnas

A Mãe dos Deuses

Natâniel, o Lobisomem

O Arranca-línguas

A Casa das Feras

CONTOS:

A Maldição de João Judas

O Servidor da Noite

Aquele Que Espera Nas Sombras

Uma Fábula de Sangue e Pesar

O Sacrifício da Chuva

A Hora da Visita

A Casa dos Suspiros

Não Frágil

A Mariposa de Fogo

A Oferta da Madrugada

Maternal

Para ficar por dentro das novidades e conferir esses e muitos outros trabalhos (alguns disponíveis inteiramente grátis), assim como quadrinhos e ilustrações, sigam as páginas:

- www.facebook.com/fabioalexworldart
- www.artstation.com/fabioalex
- www.instagram.com/fabioalexworld/